APENAS UMA GAROTA LEVARÁ A COROA



A ESCOLHA

livro 3 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

SEGUINTE



A ESCOLHA

livro 3 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Para Callaway.
O garoto que subiu na casa da árvore do meu coração
e me deixou reinar sobre o dele.



1

NAQUELE DIA ESTÁVAMOS NO GRANDE SALÃO aturando mais uma aula de etiqueta quando os tijolos começaram a voar através da janela. Elise se jogou no chão imediatamente e começou a rastejar em direção à porta lateral, choramingando. Celeste soltou um grito agudo e disparou para o fundo do salão, escapando por pouco de uma chuva de estilhaços de vidro. Kriss me puxou pelo braço, e começamos a correr juntas até a saída.

— Rápido, senhoritas! — Silvia gritou.

Em questão de segundos, os guardas se alinharam nas janelas e começaram a atirar. Os estalos ecoavam em meus ouvidos enquanto fugíamos. Não importava mais se as armas usadas pelos rebeldes eram revólveres ou pedras: qualquer um que demonstrasse o menor grau de agressividade nos arredores do palácio iria morrer. Já não havia tolerância com esse tipo de ataque.

— Odeio correr com esses sapatos — Kriss murmurou, com um pedaço do vestido enrolado no braço e os olhos fixos no fim do corredor.

— Uma de nós terá que se acostumar com isso — Celeste comentou, respirando com dificuldade.

Suspirei.

— Se for eu, vou usar tênis todo dia. Não aguento mais isso.

— Conversem menos e corram mais! — Silvia gritou.

— Como podemos chegar ao andar de baixo por aqui? — Elise perguntou.

— E Maxon? — Kriss sussurrou.

Silvia não respondeu. Nós a seguimos por um labirinto de corredores em busca de um caminho para o porão, enquanto guardas e mais guardas corriam no sentido oposto ao nosso. Senti muita admiração por eles, imaginando a coragem necessária para ir *de encontro* ao perigo para proteger outras pessoas.

Os guardas que passavam por nós eram quase todos iguais, mas os olhos verdes de um deles estavam fixos em mim. Aspen não parecia estar com medo, nem sequer preocupado. Havia um problema, e ele iria resolvê-lo. Era o jeito dele.

Nosso olhar foi breve, mas suficiente. As coisas funcionavam assim com Aspen. Em frações de segundo, pude dizer a ele, em silêncio: *Tenha cuidado e fique atento*. E, sem uma palavra, ele respondeu: *Pode deixar, apenas se cuide*.

Apesar de lidar bem com essas coisas que não precisavam ser ditas, eu não tinha a mesma facilidade quando conversávamos de fato. Nossa última conversa não tinha sido das mais felizes. Eu estava prestes a deixar o palácio e tinha pedido a ele um tempo para superar a Seleção. Mas, no fim, acabei ficando e não lhe dei qualquer explicação.

Talvez sua paciência comigo estivesse se esgotando; talvez ele já não conseguisse ver apenas o que eu tinha de melhor. Eu precisava resolver essa situação de algum jeito. Não podia imaginar minha vida sem Aspen. Mesmo naquele momento, em que eu esperava ser escolhida por Maxon, um mundo sem Aspen parecia inconcebível.

— Aqui está! — Silvia exclamou, empurrando uma tábua misteriosa na parede.

Seguimos escada abaixo, com Elise e Silvia à frente.

— Caramba, Elise, dá para ir mais rápido? — Celeste gritou.

Queria muito ter ficado irritada com ela por ter dito aquilo, mas sabia que todas estávamos pensando a mesma coisa.

À medida que descíamos pela escuridão, tentava me preparar para as horas que desperdiçaríamos, escondidas como ratos. Continuamos a correr. O som

da nossa fuga abafava os gritos, até que uma voz masculina ecoou acima de nós.

— Parem! — ordenou.

Kriss e eu viramos ao mesmo tempo e enxergamos o uniforme claramente.

— Esperem! É um guarda — ela disse para as outras.

Paramos onde estávamos, resfolegando. Finalmente ele nos alcançou, também quase sem fôlego.

— Perdão, senhoritas. Os rebeldes fugiram assim que atiramos. Acho que não estavam a fim de briga hoje.

Silvia, alisando o vestido com as mãos, falou por nós:

— O rei concorda que é seguro? Se não for, você estará pondo a vida destas garotas em risco.

— O chefe da guarda liberou. Tenho certeza de que Sua Majestade…

— Não fale pelo rei. Venham, senhoritas, continuem.

— Você está falando sério? — perguntei. — Vamos descer para nada.

Silvia me encarou de um jeito que faria até um rebelde tremer de medo, e achei melhor ficar quieta. Silvia e eu tínhamos construído uma espécie de amizade quando ela, sem saber, me ajudou a tirar Maxon e Aspen da cabeça com suas aulas particulares. Porém, depois do meu showzinho no *Jornal Oficial*, alguns dias antes, nossa amizade parecia ter ido por água abaixo. Voltando-se para o guarda, ela continuou:

— Consiga uma ordem oficial do rei e voltaremos. Continuem andando, senhoritas.

Eu e o guarda trocamos um olhar de frustração e seguimos por caminhos opostos.

Silvia não demonstrou qualquer remorso quando, vinte minutos mais tarde, outro guarda veio avisar que estávamos livres para voltar ao andar de cima.

Estava tão nervosa com aquela situação que nem esperei Silvia e as outras garotas. Subi as escadas até o primeiro andar e segui direto para o meu quarto, ainda levando os sapatos pendurados nos dedos. Minhas criadas não estavam,

mas havia uma bandejinha de prata com um envelope sobre a cama.

Na hora reconheci a caligrafia de May. Abri a carta e devorei suas palavras:

Ames,

Somos tias! Astra é maravilhosa. Queria que você estivesse aqui para conhecê-la pessoalmente, mas sabemos que você precisa ficar no palácio por enquanto. Você acha que passaremos o Natal juntas? Está chegando! Preciso voltar para ajudar Kenna e James. Ela é tão bonita que nem dá para acreditar! Aqui vai uma foto! Amamos você!

May

Puxei a foto brilhante de trás da carta. Estavam todos lá, menos Kota e eu. James, o marido de Kenna, estava radiante, em pé atrás da esposa e da filha, com os olhos inchados. Kenna estava sentada na cama, com um embrulhinho rosa entre os braços, parecendo ao mesmo tempo emocionada e exausta. Meus pais irradiavam orgulho, e o entusiasmo de May e Gerad saltava da foto. Claro que Kota não aparecia; ele não ganharia nada estando presente. Mas eu deveria estar lá.

Só que não estava.

Estava no palácio. E, às vezes, nem sabia por quê. Maxon ainda passava muito tempo com Kriss, mesmo depois de tudo que tinha feito para eu ficar. Do lado de fora, os rebeldes atacavam sem descanso; ali dentro, as palavras frias do rei destruíam minha confiança. Em meio a tudo isso, Aspen ainda me rodeava — um segredo que eu precisava guardar. E as câmeras iam e vinham, roubando pedaços de nossas vidas para entreter as pessoas. Eu estava encurralada por todos os lados, perdendo tudo o que sempre fora importante para mim.

Engoli minhas lágrimas de raiva. Estava cansada de chorar.

Em vez disso, comecei a elaborar um plano. A única maneira de resolver esses problemas era acabar com a Seleção.

Embora de vez em quando ainda questionasse minha vontade de ser princesa, eu não tinha dúvidas de que queria ficar com Maxon. Para isso acontecer, não podia simplesmente cruzar os braços e esperar. Enquanto lembrava minha última conversa com o rei, comecei a andar em círculos, esperando as criadas.

Eu mal conseguia respirar, então sabia que tentar comer seria uma perda de tempo. Mas valeria o sacrifício. Precisava fazer algum progresso — e rápido. De acordo com o rei, as outras garotas estavam mais próximas de Maxon — fisicamente falando —, e ele tinha dito que eu era muito comum para ganhar delas naquele quesito.

Como se minha relação com Maxon já não fosse complicada o bastante, ainda precisava reconquistar sua confiança. E eu não sabia se isso significava fazer perguntas ou não. Apesar de ter quase certeza de que a intimidade com as outras garotas não tinha ido tão longe, não conseguia parar de pensar no assunto. Nunca tinha tentado ser sedutora — praticamente todos os momentos íntimos que tivera com Maxon não foram intencionais —, mas eu esperava que, se fosse mais direta, poderia deixar claro que estava tão interessada nele quanto as outras.

Respirei fundo, ergui a cabeça e entrei na sala de jantar. Cheguei um ou dois minutos atrasada de propósito, na esperança de que todos já estivessem sentados. Meus cálculos deram certo. Mas a reação foi ainda melhor do que eu imaginava.

Fiz a reverência cruzando uma perna na frente da outra, para que a fenda do vestido se abrisse e revelasse até a minha coxa. O vestido era vermelho-escuro, tomara que caia, e deixava as costas totalmente expostas. Tinha certeza de que

as criadas tinham feito alguma mágica para que ele parasse no lugar. Me endireitei, olhando fixamente para Maxon. Percebi que ele tinha parado de mastigar. Alguém derrubou um garfo.

Baixei os olhos e fui para o meu lugar, ao lado de Kriss.

— Francamente, America… — ela sussurrou.

Inclinei a cabeça na direção dela e perguntei, fingindo não ter entendido:

— O que foi?

Ela pousou os talheres no prato e nos encaramos.

— Você está vulgar.

— E você está com inveja.

Se não acertei na mosca, cheguei muito perto: ela corou um pouco e voltou a comer. Dei umas poucas beliscadas na comida, pois o vestido estava tão apertado que não dava para engolir muita coisa. Quando serviram a sobremesa, resolvi parar de ignorar Maxon, que, como eu esperava, tinha os olhos fixos em mim. Ele imediatamente ergueu a mão e mexeu na orelha; discretamente, fiz o mesmo. Dei uma olhada rápida no rei Clarkson, me segurando para não rir. Ele estava irritado — o que também fazia parte do plano — e não podia fazer nada a respeito.

Pedi licença para me retirar antes de todo mundo, dando a Maxon a chance de admirar a parte de trás do vestido. Corri para o quarto. Mal fechei a porta e tratei logo de abrir o zíper. Estava desesperada para respirar.

— Como foi? — Mary perguntou, se apressando para me ajudar.

— Ele ficou embasbacado. Todo mundo ficou.

Lucy soltou um gritinho e Anne se apressou para ajudar Mary.

— Vamos segurar o vestido. Apenas ande — foi sua ordem, e obedeci. — Ele vem esta noite?

— Sim. Não sei bem a que horas, mas com certeza vai aparecer.

Sentei na beirada da cama, com os braços cruzados na barriga para que o vestido aberto não caísse.

Anne fez uma cara triste.

— É uma pena que a senhorita tenha de sofrer por mais algumas horas. Mas estou certa de que valerá a pena.

Sorri, tentando dar a impressão de que não me importava com a dor. Tinha dito a elas que queria chamar a atenção de Maxon, mas não mencionara minha esperança de que, com um pouco de sorte, o vestido logo estaria jogado no chão.

— Quer que a gente fique até ele chegar? — Lucy perguntou, entusiasmada.

— Não, só me ajudem a fechar isto aqui de novo. Preciso pensar sobre algumas coisas — respondi, levantando para que elas pudessem me ajudar.

Mary segurou o fecho.

— Prenda a respiração, senhorita.

Obedeci, e mais uma vez fui espremida pelo vestido. Pensei em um soldado que se preparava para a guerra. A armadura era diferente, mas a ideia, a mesma.

Naquela noite, eu ia derrotar um homem.



2

ABRI AS PORTAS DA SACADA e deixei o ar entrar no quarto. Embora fosse dezembro, uma brisa leve fazia cócegas na minha pele. Não tínhamos mais permissão para ficar do lado de fora sem a presença de guardas, então a sacada teria de servir.

Andei pelo quarto e acendi algumas velas, na tentativa de tornar o espaço mais aconchegante. Quando ouvi uma batida na porta, apaguei o fósforo, peguei um livro, voei para a cama e ajeitei o vestido. *Ora, Maxon, é assim que eu fico quando estou lendo alguma coisa.*

— Entre — convidei, com uma voz que mal dava para escutar.

Maxon entrou. Levantei a cabeça graciosamente e percebi que ele ficou maravilhado ao encontrar o quarto à meia-luz. Então focou sua atenção em mim, correndo os olhos pela minha perna à mostra.

— Aí está você — eu disse, fechando o livro e me levantando para cumprimentá-lo.

Ele fechou a porta e avançou, o olhar cravado nas minhas curvas.

— Queria dizer que você está maravilhosa esta noite.

Joguei o cabelo para trás.

— Ah, por causa deste vestido? Estava escondido no fundo do armário.

— Fico feliz que tenha tirado de lá.

Enlacei meus dedos nos dele.

— Sente-se aqui comigo. Não tenho visto você com muita frequência ultimamente.

Ele soltou um suspiro e me acompanhou.

— Sinto muito por isso. As coisas ficaram um pouco tensas depois das baixas que tivemos naquele ataque, e você sabe como é o meu pai. Enviamos vários guardas para proteger as famílias de vocês, o que diminuiu nossas forças, então ele está pior do que nunca. E também está me pressionando para que eu termine a Seleção, mas continuo firme. Quero ter tempo para pensar bem sobre as coisas.

Fomos até a cama e nos sentamos na beirada, bem perto um do outro.

— Claro. Quem deve controlar isso é você — comentei.

Ele concordou com a cabeça.

— Exatamente. Sei que já disse isso mil vezes, mas fico louco quando as pessoas me pressionam.

— Eu sei — confirmei, fazendo uma cara triste.

Ele fez uma pausa, e não consegui interpretar sua expressão. Tentava pensar num jeito de avançar sem parecer oferecida, mas não sabia exatamente como criar um momento romântico.

— Sei que é uma coisa boba, mas minhas criadas escolheram um perfume novo hoje. É muito forte? — perguntei, aproximando meu pescoço para que ele pudesse sentir.

Ele aproximou o rosto, seu nariz tocando minha pele.

— Não, querida. É ótimo — Maxon respondeu, com a cabeça entre meu ombro e meu pescoço, onde, então, me beijou.

Engoli em seco, tentando me concentrar. Precisava manter um mínimo de controle.

— Que bom que gostou. Estava com saudade.

Senti sua mão se esgueirar pelas minhas costas e baixei o rosto. Ali estava ele, os olhos cravados nos meus, nossos lábios separados por poucos milímetros.

— Quanta saudade você sentiu? — ele sussurrou.

Aquele olhar, somado ao sussurro, fazia meu coração bater depressa.

— Muita — respondi, também sussurrando. — Muita mesmo.

Inclinei o corpo para a frente, morrendo de vontade de beijá-lo. Maxon estava confiante. Ele me puxava para mais perto com uma mão e acariciava meus cabelos com a outra. Meu corpo queria se desfazer em um beijo, mas o vestido me impedia. De repente, fiquei nervosa de novo, lembrando do meu plano.

Escorreguei as mãos pelos braços de Maxon e conduzi seus dedos até o fecho do vestido, na esperança de que isso bastasse.

Suas mãos se detiveram ali por alguns instantes. Eu estava a ponto de simplesmente pedir que Maxon baixasse o zíper quando ele caiu na gargalhada.

Sua risada me fez voltar à realidade imediatamente.

— O que é tão engraçado? — perguntei, horrorizada, tentando pensar em um jeito discreto de sentir meu hálito.

— De todas as coisas que você já fez, essa foi de longe a mais divertida! — Maxon exclamou, rindo tanto que dava tapas no joelho.

— Como é?

Ele estalou um beijo na minha testa e disse:

— Sempre imaginei como seria quando você tentasse. — E voltou a gargalhar. — Desculpe, preciso ir — completou. Até seu jeito de levantar dava mostras de que estava se divertindo muito. — Vejo você amanhã.

E saiu. Simplesmente saiu!

Fiquei lá, sentada, completamente arrasada. Onde eu estava com a cabeça quando pensei que aquilo daria certo? Maxon podia não saber tudo sobre mim, mas pelo menos conhecia meu caráter. E aquela… aquela não era eu.

Baixei os olhos para aquele vestido ridículo. Era demais. Nem Celeste teria ido tão longe. Meu cabelo estava perfeito demais; minha maquiagem, carregada demais. Ele tinha entendido minhas intenções desde o primeiro segundo em que pôs os pés no quarto. Suspirando, apaguei as velas uma por uma e fiquei imaginando como iria encará-lo no dia seguinte.

3

PENSEI EM FINGIR UMA GASTRITE. Ou uma enxaqueca arrasadora. Ataque de pânico. Sério, qualquer coisa que me livrasse do café da manhã.

Então pensei em Maxon e no que ele sempre dizia sobre encarar as dificuldades com a cabeça erguida. Talvez não fosse meu ponto forte, mas se ao menos eu descesse até a sala de jantar, se ao menos estivesse presente… quem sabe ele me daria algum crédito.

Na esperança de consertar pelo menos parte do que fizera, pedi às criadas que me vestissem com a roupa mais discreta que eu tivesse. Só por esse pedido elas entenderam que não deviam perguntar nada sobre a noite anterior. O decote do vestido era um pouco mais fechado do que costumávamos usar no clima quente de Angeles, e as mangas chegavam quase até o cotovelo. Era florido e alegre, o oposto do visual da noite anterior.

Mal consegui olhar para Maxon quando entrei na sala de jantar, mas pelo menos mantive a postura ereta.

Quando finalmente dei uma espiada em sua direção, lá estava ele me observando, com um sorriso irônico nos lábios. Enquanto comia, Maxon piscou para mim, e voltei a baixar a cabeça, fingindo estar muito interessada na minha quiche.

— Bom ver você com roupas de verdade hoje — Kriss disparou.

— Bom ver você de bom humor.

— O que deu na sua cabeça? — ela perguntou.

Desanimada, não quis prolongar a conversa.

— Estou sem paciência para isso hoje, Kriss. Só quero que você me deixe em paz.

Por um instante, achei que ela fosse reagir, mas aparentemente eu não valia o esforço. Ela se ajeitou na cadeira e continuou a comer. Se eu tivesse obtido um mínimo de sucesso na noite anterior, poderia justificar minhas ações. Mas do jeito que as coisas tinham ido, sequer podia fingir orgulho.

Arrisquei outro olhar para Maxon. Apesar de não estar mais me observando, dava para perceber que ainda se segurava para não rir enquanto cortava a comida. Era demais. Eu não suportaria um dia inteiro daquele jeito. Já estava me preparando para desmaiar, fingir uma dor de barriga ou tentar qualquer outra coisa para sair dali o mais rápido possível quando um mordomo entrou na sala. Trazia um envelope em uma bandeja de prata e fez uma reverência antes de colocá-la diante do rei Clarkson.

O rei pegou a carta e leu-a no ato.

— Malditos franceses! — resmungou. — Desculpe, Amberly, mas parece que terei de partir dentro de uma hora.

— Mais um problema com o tratado de comércio? — a rainha perguntou tranquilamente.

— Sim. Pensei que tivéssemos acertado tudo meses atrás. Precisamos ser firmes desta vez.

O rei atirou o guardanapo na mesa, levantou e seguiu em direção à porta.

— Pai! — Maxon chamou, também se levantando. — Não quer que eu vá junto?

De fato, eu tinha achado estranho o rei não vociferar nenhuma ordem para que o filho o seguisse quando se levantou. Afinal, era esse o seu método de ensino. Desta vez, porém, ele se voltou para Maxon e, com o olhar frio e a voz cortante, disparou:

— Quando você estiver pronto para se comportar como um rei, poderá

vivenciar o que um rei faz. — E se retirou, sem dizer mais nada.

Maxon permaneceu de pé por alguns instantes, chocado e envergonhado pela bronca que levara na frente de todo mundo. Sentou novamente e se dirigiu à mãe:

— Para ser sincero, não estava muito animado com o voo — comentou, para aliviar a tensão com uma piada. A rainha sorriu, como obviamente era sua obrigação, e nós ignoramos o ocorrido.

As outras garotas terminaram o café da manhã e pediram licença para ir ao Salão das Mulheres. Quando restávamos apenas Maxon, Elise e eu, levantei os olhos para ele. Mexemos na orelha ao mesmo tempo e sorrimos. Elise finalmente saiu, e nos encontramos no meio da sala de jantar, sem nos importarmos com as criadas e os mordomos que chegavam para limpar a mesa.

— Ele não vai levar você por minha causa — lamentei.

— Talvez — Maxon provocou. — Acredite, não é a primeira vez que ele tenta me colocar no meu lugar, e, na cabeça dele, tem milhares de motivos para isso. Não me surpreenderia se o principal motivo agora fosse despeito. Ele não quer deixar o poder, mas quanto mais perto eu chego de escolher uma esposa, maior a probabilidade de que isso aconteça. Apesar de ambos sabermos que ele nunca abrirá mão do governo.

— Você deveria me mandar para casa de uma vez. Ele nunca vai deixar que me escolha.

Eu ainda não contara a ele que seu pai havia me encurralado e me ameaçado no meio do corredor depois que Maxon o convencera a me deixar ficar. O rei Clarkson deixara bem claro que era para eu ficar de boca fechada sobre aquela conversa, e eu não pretendia contrariá-lo. Ao mesmo tempo, odiava guardar segredos de Maxon.

— Além disso — acrescentei, cruzando os braços —, depois de ontem à noite, não acho que você me queira por aqui mesmo.

Ele mordeu os lábios.

— Desculpe pela minha reação, mas, sério, o que mais eu podia fazer?

— Eu tinha várias ideias — murmurei, ainda envergonhada por ter tentado seduzi-lo. — Agora me sinto uma idiota — completei, escondendo o rosto entre as mãos.

— Pare com isso — ele disse gentilmente e me abraçou. — Acredite, foi muito tentador, mas você não é assim.

— Mas não deveria ser? Isso não deveria fazer parte do que somos? — lamentei, apoiando a cabeça em seu peito.

— Você não se lembra da noite no abrigo? — Maxon perguntou baixinho.

— Sim, mas aquilo era basicamente a nossa despedida.

— Teria sido uma despedida fantástica.

Recuei, dando um leve empurrão nele. Ele achou graça, feliz por ter amenizado o desconforto da situação.

— Vamos esquecer esse assunto — propus.

— Ótimo — concordou. — Além do mais, temos um projeto para pôr em prática, você e eu.

— Temos?

— Temos. Como meu pai está fora, este é o momento ideal para começarmos a bolar estratégias.

— Certo — eu disse, empolgada por fazer parte de algo só entre nós dois.

Maxon respirou fundo, me deixando ansiosa para descobrir o que estava tramando.

— Você tem razão. Meu pai não a aprova. Mas ele pode ser obrigado a ceder se conseguirmos uma coisa.

— Que coisa?

— Precisamos fazer de você a favorita do povo.

Fiz uma careta.

— *Esse* é o nosso projeto, Maxon? Nunca vai acontecer. Vi uma pesquisa em uma das revistas da Celeste depois que tentei salvar Marlee. As pessoas não me suportam.

— As opiniões mudam. Não deixe um momento isolado desanimá-la.

Eu ainda achava que era impossível, mas o que poderia dizer? Se aquela era minha única opção, pelo menos deveria tentar.

— Tudo bem — eu disse. — Mas já vou avisando que não vai funcionar.

Com um sorriso travesso no rosto, Maxon chegou bem perto e me deu um beijo longo e demorado.

— Pois eu digo que vai.



4

ENTREI NO SALÃO DAS MULHERES com o plano de Maxon na cabeça. A rainha ainda não havia chegado e todas as meninas riam juntas perto da janela.

— America, venha aqui! — chamou Kriss, como se fosse urgente. Até Celeste se virou para mim com um sorriso e um gesto para que me aproximasse.

Desconfiei um pouco do que me esperava, mas me juntei ao grupo mesmo assim.

— Meu Deus! — exclamei.

— Pois é — suspirou Celeste.

Lá estava metade dos guardas do palácio, sem camisa, correndo em volta do jardim. Aspen tinha me contado que todos os guardas tomavam uma injeção para ficarem fortes, mas aparentemente eles também faziam um monte de exercícios para manter o corpo em forma.

Apesar de sermos todas leais a Maxon, não dava para ignorar tantos garotos lindos.

— O loiro… — Kriss comentou. — Bom, acho que é loiro. O cabelo está tão curto!

— Eu gosto deste aqui — cochichou Elise quando outro soldado passou pela janela.

Kriss segurou o riso.

— Não acredito que estamos fazendo isso!

— Ali, ali! Aquele cara de olhos verdes — disse Celeste, apontando para Aspen.

Kriss deixou escapar um suspiro.

— Dancei com ele no Halloween. Além de bonito, é divertido.

— Também dancei com ele — gabou-se Celeste. — O guarda mais lindo do palácio, fácil.

Tive que dar uma risadinha. Imaginei como ela se sentiria se soubesse que Aspen tinha sido um Seis antes de se tornar guarda.

Enquanto o observava correr, pensei nas centenas de vezes em que fora envolvida por aqueles braços. A distância cada vez maior entre nós parecia inevitável, mas mesmo assim me perguntava se havia uma maneira de preservar uma parte do que vivemos. E se eu precisasse dele?

— E você, America? — Kriss perguntou.

Aspen era o único que me atraía e, depois de sofrer tanto por ele, parecia idiota escolher alguém. Achei melhor me esquivar da pergunta.

— Não sei. São todos bonitinhos.

— Bonitinhos? — repetiu Celeste. — Você está de brincadeira! Estão entre os caras mais lindos que já vi.

— São só uns caras sem camisa — repliquei.

— Então aproveite a vista porque daqui a pouco só vai poder olhar para nós três aqui dentro — Celeste disse em tom grosseiro.

— Sei lá. Maxon fica tão bem sem camisa quanto qualquer um desses caras.

— O quê? — bravejou Kriss.

Só percebi o que tinha dito um segundo depois de as palavras escaparem da minha boca. As três olhavam fixamente para mim.

— Quando exatamente você e Maxon ficaram sem camisa? — Celeste quis saber.

— Eu não fiquei!

— Mas ele ficou? — Kriss perguntou. — Foi por isso que você usou aquele

vestido péssimo ontem à noite?

Celeste estava em choque:

— Sua vadia!

— Como é? — gritei.

— Bom, o que você esperava? — ela emendou, cruzando os braços. — A não ser que você queira nos contar o que aconteceu e provar que estamos erradas.

O problema é que não havia como explicar o assunto. Despir Maxon não tinha sido exatamente um momento romântico, mas eu não podia contar que tinha cuidado de feridas nas costas dele causadas justamente por seu pai. Maxon guardaria esse segredo a vida inteira. Se o traísse agora, seria o fim da nossa relação.

— Celeste estava seminua com ele nos corredores! — acusei, com o dedo apontado para ela.

O queixo dela caiu.

— Como você sabe?

— Quer dizer que todo mundo já ficou sem roupa com Maxon? — Elise perguntou, horrorizada.

— Não ficamos sem roupa! — gritei.

— Chega — disse Kriss, levantando os braços. — Precisamos tirar isso a limpo. Quem fez o que com Maxon?

Todas se calaram por alguns instantes. Ninguém queria ser a primeira a falar.

— Eu o beijei — revelou Elise. — Três vezes e só.

— Eu nunca o beijei — confessou Kriss. — Mas foi escolha minha. Ele me beijaria se eu deixasse.

— Sério? Nenhuma vez? — perguntou Celeste, chocada.

— Nenhuma.

— Bom, eu o beijei várias vezes — Celeste falou, jogando o cabelo para trás, orgulhosa em vez de envergonhada. — A melhor foi naquela noite no corredor.

E, com os olhos em mim, completou:

— Ficamos cochichando sobre como era emocionante saber que podíamos ser pegos no flagra.

Então todas se viraram para mim. Lembrei das palavras do rei, quando insinuou que talvez outras garotas estivessem dispostas a ser mais atiradas do que eu. Mas eu sabia que essa era apenas mais uma de suas armas, uma tentativa de me fazer sentir insignificante. Decidi ser honesta.

— O primeiro beijo de Maxon foi comigo, não com Olivia. Eu não queria que ninguém soubesse. E depois houve outros… momentos mais íntimos. Em um deles, Maxon ficou sem camisa.

— Ficou sem camisa? Assim, num passe de mágica, ela saiu? — pressionou Celeste.

— Ele tirou — admiti.

Ainda não satisfeita, Celeste continuou a forçar a barra.

— Ele tirou ou *você* tirou?

— Acho que os dois.

Depois de alguns instantes tensos, Kriss retomou a palavra:

— Muito bem, agora sabemos a posição de cada uma.

— E qual é? — Elise perguntou.

Ninguém respondeu.

— Só queria dizer… — comecei — que todos esses momentos foram muito importantes para mim, e que realmente me importo com Maxon.

— Você quer dizer que a gente não se importa? — vociferou Celeste.

— Sei que *você* não se importa.

— Como ousa?!

— Celeste, todo mundo sabe que você quer alguém com poder. Até apostaria que você gosta um pouco dele, mas não é apaixonada. Você quer a coroa.

Sem negar, ela se voltou para Elise.

— E essa aqui? Nunca vi qualquer traço de emoção em você!

— Sou reservada. Você devia tentar de vez em quando — Elise rebateu no ato. Aquela faísca de raiva me fez gostar dela um pouco mais. — Na minha família, todos os casamentos são arranjados. Eu sabia que comigo também seria assim. Posso não estar completamente apaixonada, mas respeito Maxon. O amor pode vir depois.

Kriss falou, em tom amigável:

— Isso parece meio triste, Elise.

— Não é. Há coisas maiores do que o amor.

Todas encaramos Elise, digerindo suas palavras. Eu tinha lutado pela minha família em nome do amor e, também em nome do amor, tinha feito o mesmo por Aspen. E agora, apesar de a simples ideia me assustar, estava certa de que todas as minhas ações em relação a Maxon — mesmo as mais bobas — também eram motivadas por esse sentimento. E se houvesse algo mais importante?

— Bom, eu admito: amo Maxon — Kriss desabafou. — Amo e quero que se case comigo.

De volta à discussão, minha vontade era de derreter pelo carpete. O que eu tinha começado?

— Muito bem, America, desembuche — exigiu Celeste.

Gelei e comecei a respirar com dificuldade. Demorei um pouco para encontrar as palavras certas.

— Maxon sabe o que eu sinto, e é isso o que importa.

Ela fez uma cara de decepção, mas não me pressionou mais. Sem dúvida estava com medo de que eu fizesse o mesmo com ela.

Permanecemos lá, nos entreolhando. A Seleção já durava meses, e agora finalmente podíamos enxergar os verdadeiros objetivos de cada uma na competição. Agora todas sabíamos qual era a relação das concorrentes com Maxon — pelo menos em parte —, e era possível compará-las.

A rainha chegou momentos depois e nos desejou bom-dia. Depois de cumprimentá-la com uma reverência, nos afastamos. Para os cantos do salão,

para dentro de nós mesmas. Talvez tudo se resumisse a isso mesmo. Havia um príncipe e quatro garotas, três das quais voltariam para casa com pouco mais que uma história interessante sobre como passaram o outono.

5

EU DAVA VOLTAS PELA BIBLIOTECA do primeiro andar, retorcendo as mãos e tentando organizar as palavras que ia dizer. Sabia que precisava explicar o que tinha acabado de acontecer antes que ele ouvisse da boca das outras meninas, mas isso não queria dizer que estava ansiosa pela conversa.

— Toc, toc — ele disse enquanto entrava. Logo notou a preocupação em meu rosto. — O que houve?

— Não fique bravo — avisei enquanto ele se aproximava.

Maxon desacelerou o passo. Sua expressão apreensiva agora era de cautela.

— Tentarei.

— As garotas sabem que vi você sem camisa.

Ao ver a pergunta se formar em sua boca, emendei:

— Não contei nada sobre as suas costas — jurei. — Até quis, porque agora elas simplesmente acham que passamos a noite no maior amasso.

Maxon sorriu.

— Mas foi assim no final das contas.

— Sem gracinhas, Maxon! Elas me odeiam agora.

Ele me abraçou sem perder o brilho nos olhos.

— Se serve de consolo, não estou bravo. Não me importo, desde que você guarde meu segredo. Só estou um pouco chocado que você tenha contado a elas. Aliás, como esse assunto surgiu?

Deitei a cabeça em seu peito.

— Acho que não posso contar.

— Humm… Pensei que estivéssemos trabalhando nossa confiança — ele disse, correndo o polegar pelas minhas costas.

— E estamos. Peço que confie em mim quando digo que as coisas só vão piorar se eu contar o resto.

Talvez eu estivesse enganada, mas algo me dizia que revelar a Maxon o episódio dos guardas suados e sem camisa traria algum tipo de problema para todas nós.

— Certo — ele disse enfim. — Então as garotas sabem que você me viu parcialmente despido. Algo mais?

— Elas sabem — comecei, depois de um pouco de hesitação — que seu primeiro beijo foi comigo. E eu sei tudo o que você fez ou deixou de fazer com elas.

Maxon deu um pulo para trás.

— O quê?

— Depois que deixei escapar a história de você sem camisa, começou uma sessão de acusações e resolvemos falar a verdade. Sei que você já beijou Celeste várias vezes e que já teria beijado Kriss há tempos se ela tivesse deixado. Tudo veio à tona.

Ele levou a mão ao rosto e deu alguns passos enquanto processava as informações.

— Então não tenho mais nenhuma privacidade? Nenhuma? Porque vocês quatro resolveram comparar os placares?

Sua frustração era evidente.

— Para alguém tão preocupado com a honestidade, você deveria agradecer.

Maxon parou e me encarou.

— Como é?

— Tudo está às claras agora. Todas nós temos uma boa ideia da situação de cada uma. Eu, por exemplo, estou grata.

Maxon contorceu o rosto.

— Grata?

— Se você tivesse me contado antes que Celeste e eu tínhamos quase a mesma intimidade física com você, eu não teria tentado nada na noite passada. Você tem ideia da humilhação que passei?

O príncipe deu uma risada irônica e voltou a andar.

— Por favor, America. Você já disse e fez tantas coisas estúpidas que para mim seria uma surpresa descobrir que você ainda é capaz de sentir vergonha.

Talvez por ter recebido uma educação menos sofisticada, demorei um pouco para sentir todo o impacto daquelas palavras. Maxon sempre gostara de mim. Ao menos era o que dizia. E sentia isso apesar da opinião dos outros. Seria também apesar de sua própria opinião?

— Vou me retirar — eu disse com a voz calma, incapaz de encará-lo nos olhos. — Me desculpe por contar a história da camisa.

Segui em direção à porta, me sentindo tão pequena que me perguntava se ele teria notado o movimento.

— Vamos, America. Não quis dar a entender que…

— Não, tudo bem — balbuciei. — Vou prestar mais atenção às minhas palavras.

Subi as escadas. Não sabia ao certo se queria ou não que Maxon me seguisse. Ele ficou.

Quando cheguei ao quarto, encontrei Anne, Mary e Lucy, que trocavam os lençóis e espanavam as prateleiras.

— Olá, senhorita — cumprimentou Anne. — Deseja um chá?

— Não. Só quero sentar na sacada um pouquinho. Se alguém me procurar, diga que estou descansando.

Anne franziu a testa, mas concordou.

— Claro.

Passei um tempo tomando ar fresco. Depois dei uma lida no texto que Silvia tinha preparado para nós. Tirei um cochilo e toquei um pouco de violino.

Desde que eu conseguisse ficar longe das outras meninas e de Maxon, não me importava de fazer absolutamente qualquer coisa.

Com o rei fora, tínhamos permissão para fazer as refeições no quarto. Foi o que fiz. Quando estava na metade do meu frango ao molho de pimenta e limão, ouvi baterem à porta. Talvez estivesse paranoica, mas tinha certeza de que era Maxon. Não tinha condições de vê-lo naquele momento. Agarrei Mary e Anne e fui ao banheiro.

— Lucy — sussurrei —, diga a ele que estou no banho.

— Ele? Banho?

— Sim. Não o deixe entrar — foi minha instrução.

Fechei a porta e grudei o ouvido nela.

— O que significa isso? — Anne perguntou.

— Conseguem ouvir alguma coisa? — perguntei.

As duas também encostaram o ouvido na porta, à espera de algum som inteligível.

Eu só escutava a voz abafada de Lucy, mas quando me aproximei do vão da porta, pude ouvir claramente a seguinte conversa:

— Ela está no banho, Alteza — Lucy respondeu com tranquilidade. Era mesmo Maxon.

— Ah, tinha esperança de que ela ainda estivesse comendo. Pensei que talvez pudéssemos jantar juntos.

— A senhorita decidiu tomar um banho antes de comer.

A voz de Lucy vacilava um pouco, se sentindo mal com a mentira.

Vamos, Lucy. Aguente firme, pensei.

— Entendi. Bom, você poderia pedir para America me chamar quando terminar? Gostaria de falar com ela.

— Humm… Talvez o banho seja demorado, Alteza.

Maxon se calou por um momento.

— Ah. Tudo bem. Então você pode, por favor, dizer a ela que estive aqui e que ela pode me chamar se quiser conversar? Diga também para não se

preocupar com a hora. Eu virei.

— Sim, senhor.

Houve um longo silêncio. Comecei a achar que ele já tinha saído.

— Bem… Obrigado — Maxon disse afinal. — Boa noite.

— Boa noite, Alteza.

Fiquei escondida por mais alguns instantes para ter certeza de que ele tinha ido embora. Quando saí, Lucy ainda estava ao lado da porta. Percebi a expressão de interrogação nos olhos das criadas.

— Só quero ficar sozinha esta noite — expliquei vagamente. — Aliás, acho que já estou pronta para dormir. Por favor, levem a bandeja com o jantar. Vou me preparar para deitar.

— A senhorita quer que uma de nós fique? — perguntou Mary. — Caso deseje chamar o príncipe?

Dava para perceber a esperança nos olhos delas, mas tive que desapontá-las.

— Não. Só preciso descansar. Vejo Maxon pela manhã.

Era estranha a sensação de me deitar sabendo que existia uma pendência entre mim e Maxon, mas não sabia o que dizer a ele naquele momento. Não fazia sentido. Já tínhamos passado por tantos altos e baixos, por tantas tentativas de transformar o que havia entre nós em uma relação de verdade. Estava claro, porém, que, se isso fosse acontecer, ainda teríamos um longo caminho pela frente.

Fui acordada bruscamente antes do amanhecer. A luz do corredor invadiu meu quarto e, enquanto eu ainda esfregava os olhos, um guarda entrou.

— Senhorita America, acorde, por favor — disse ele.

— O que houve? — perguntei com um bocejo.

— Uma emergência. A senhorita precisa descer até o primeiro andar.

Senti meu coração parar na hora. Minha família tinha morrido; eu sabia. Guardas haviam sido enviados; tínhamos avisado nossos familiares que isso era

possível, mas havia rebeldes demais. O mesmo acontecera com Natalie. Ela deixara a Seleção depois que os rebeldes mataram sua irmã mais nova. Nossas famílias não estavam seguras.

Joguei os cobertores no chão e vesti o roupão e pantufas. Atravessei o corredor e a escadaria o mais rápido que pude. Quase caí duas vezes nos degraus.

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei Maxon conversando seriamente com um guarda. Corri até ele, sem nem me lembrar do que tinha acontecido nos dias anteriores.

— Como eles estão? — perguntei, tentando segurar o choro. — Foi muito grave?

— O quê? — ele perguntou, com um abraço inesperado.

— Meus pais, meus irmãos! Como eles estão?

Maxon me segurou pelos braços e me olhou bem sério.

— Eles estão bem, America. Desculpe; eu devia ter imaginado que essa seria a primeira coisa a vir à sua cabeça.

Quase chorei de alívio.

Maxon parecia um pouco confuso, mas continuou:

— Os rebeldes estão no palácio.

— O quê? — exclamei. — E por que não vamos nos esconder?

— Não estão aqui para atacar.

— Então, *por que* estão aqui?

O príncipe soltou um suspiro.

— São apenas dois rebeldes nortistas. Não vieram armados e querem falar especificamente comigo… e com você.

— Por que eu?

— Não sei ao certo. Vou falar com eles agora e pensei em chamar você para participar da conversa também.

Olhei para a minha roupa e passei a mão no cabelo.

— Estou de camisola.

Maxon sorriu.

— Eu sei, mas vai ser bem informal. Não tem problema.

— *Você* quer que eu fale com eles?

— A escolha é sua, mas estou curioso para saber por que esses rebeldes pediram para falar com você em especial. E não sei se vão contar o motivo se você estiver ausente.

Baixei a cabeça e comecei a ponderar a situação. Não tinha certeza de que queria conversar com os rebeldes. Com ou sem armas, eles eram muito mais letais do que eu jamais seria. Mas se Maxon achava que eu podia, talvez devesse tentar…

— Tudo bem — eu disse, endireitando o corpo. — Tudo bem.

— Você não vai se machucar, America. Prometo.

Ele ainda segurava minha mão e apertou de leve meus dedos.

— Vá na frente — Maxon disse ao guarda. — Mantenha o coldre aberto por precaução.

— Claro, Alteza — respondeu o guarda, e depois nos guiou pelo corredor até o Grande Salão, onde duas pessoas estavam de pé, cercadas por mais guardas.

Em segundos encontrei Aspen na multidão.

— Você poderia dispensar seus cães de guarda? — pediu um dos rebeldes. Ele era alto, magro e loiro. Suas botas estavam cobertas de lama e sua roupa parecia de um Sete: calças grosseiras mais ou menos justas, uma camisa remendada e uma jaqueta de couro surrada. Uma bússola enferrujada pendia de seu pescoço por uma longa corrente e movia-se quando ele mexia o pescoço. Tinha uma aparência bruta sem ser assustador, e isso não era bem o que eu esperava.

Muito mais inesperado era ele estar acompanhado por uma moça. Ela também calçava botas. No entanto, como se quisesse parecer preparada e estilosa ao mesmo tempo, vestia uma legging e uma saia feita do mesmo tecido que a calça do rapaz. Suas mãos repousavam confiantes nos quadris, apesar de

todos os guardas que a cercavam. Mesmo que eu não tivesse reconhecido seu rosto, teria lembrado de sua jaqueta. Era jeans, acinturada e com flores bordadas.

Para confirmar que eu sabia quem ela era, a moça fez uma pequena reverência. Deixei escapar algo entre um riso e um arquejo.

— O que foi? — Maxon perguntou.

— Depois — cochichei.

Ele estava confuso, mas calmo, e apertou novamente minha mão. Então, voltamos nossa atenção aos convidados.

— Viemos conversar em paz — anunciou o homem. — Estamos desarmados e fomos revistados por seus guardas. Sei que talvez seja inadequado pedir privacidade, mas gostaríamos de discutir assuntos que ninguém mais deve ouvir.

— E America? — perguntou Maxon.

— Queremos falar com ela também.

— Com que finalidade?

— Mais uma vez — o jovem respondeu, quase com desdém —, precisamos conversar a sós, longe desses caras — e, com um sorriso cínico, estendeu o braço na direção dos soldados.

— Se você acha que pode machucá-la…

— Sei que vocês não acreditam em nós, e por um bom motivo. Só que não temos por que machucar vocês. Queremos apenas conversar.

Maxon refletiu por um instante.

— Você — ordenou a um dos guardas —, traga uma mesa e quatro cadeiras para cá. Depois, afastem-se para dar espaço aos nossos visitantes.

Os soldados obedeceram, e permanecemos calados por alguns poucos e desconfortáveis minutos. Quando finalmente trouxeram uma mesa de uma pilha no canto e puseram um par de cadeiras de cada lado, Maxon indicou aos dois rebeldes que se sentassem conosco.

À medida que caminhávamos, os guardas se afastavam e, em silêncio,

formavam um círculo ao redor do salão. Com os olhos fixos nos rebeldes, pareciam prontos para atirar sem pensar duas vezes.

Ainda em pé junto à mesa, o rebelde estendeu a mão.

— Não acha que é hora de fazer as apresentações?

Maxon olhou para ele com cuidado, mas depois cedeu.

— Maxon Schreave, seu soberano.

O jovem conteve o riso.

— É uma honra, senhor.

— E você, quem é?

— August Illéa, a seu serviço.

6

MAXON E EU NOS ENTREOLHAMOS, e depois voltamos a atenção para os rebeldes.

— Você ouviu bem. Sou um Illéa, e legítimo. E minha companheira aqui também será, mais cedo ou mais tarde, quando nos casarmos — disse August, apontando para a moça.

— Georgia Whitaker — ela se apresentou. — E, claro, sabemos tudo sobre você, America.

Ela abriu outro sorriso para mim, que retribuí. Eu não sabia bem se confiava nela, mas com certeza não a odiava.

— Então meu pai tinha razão — Maxon suspirou. Arregalei os olhos, confusa. Ele sabia que havia descendentes diretos de Gregory Illéa por aí? — Ele me avisou que vocês viriam atrás da coroa algum dia — completou.

— Não quero sua coroa — August garantiu.

— Que bom, porque pretendo governar este país — Maxon disse. — Fui criado para isso. Se você acha que pode chegar aqui alegando que é tataraneto de Gregory…

— Não quero sua coroa, Maxon! Destruir a monarquia faz mais o estilo dos rebeldes do sul. Nós temos outras metas.

August sentou-se à mesa e reclinou a cadeira. Em seguida, como se estivéssemos em sua casa, indicou as cadeiras do lado oposto, nos convidando a

sentar.

Maxon e eu nos entreolhamos mais uma vez, mas sentamos; Georgia logo fez o mesmo. August nos encarou por um instante, como se estivesse nos avaliando ou decidindo por onde começar.

Maxon, talvez para lembrar a todos quem mandava ali, quebrou o silêncio.

— Vocês querem chá ou café?

Georgia ficou radiante:

— Café?

Maxon não conteve o sorriso diante do entusiasmo dela e se virou para chamar um dos guardas.

— Você poderia pedir a uma das criadas para trazer café? E bem forte, por favor — ele disse, e depois voltou a se concentrar em August. — Não consigo imaginar o que deseja de mim. Você fez questão de vir enquanto o palácio dormia. Suponho que queira manter a visita o mais discreta possível. Diga o que quer. Não posso prometer atendê-lo, mas escutarei.

August assentiu e se aproximou mais da mesa.

— Há décadas temos procurado os diários de Gregory. Faz tempo que sabemos de sua existência e recentemente conseguimos uma confirmação de uma fonte que não posso revelar.

Depois, olhando para mim, prosseguiu:

— Não foi através da sua apresentação no *Jornal Oficial* que ficamos sabendo.

Respirei aliviada. Assim que ele mencionou os diários comecei a me xingar mentalmente e me preparar para quando Maxon acrescentaria esse fato à lista de coisas estúpidas que eu já tinha feito.

— Nunca quisemos derrubar a monarquia — August disse a Maxon. — Apesar de ela ter surgido de maneira corrupta, não vemos problema em ter um líder soberano, principalmente se esse líder for você.

Maxon permaneceu imóvel, mas pude sentir seu orgulho.

— Obrigado.

— Gostaríamos, sim, de outras coisas. De algumas liberdades específicas.

Queremos poder assumir cargos públicos e o fim das castas.

August disse tudo aquilo como se fosse fácil. Se tivesse visto o caos que aconteceu quando minha apresentação foi cortada no *Jornal Oficial*, saberia que era bem mais complicado.

— Você fala como se eu já fosse o rei — Maxon respondeu, visivelmente frustrado. — Mesmo que fosse possível, simplesmente não tenho como atender sua reivindicação.

— Mas você está aberto à ideia?

Maxon levou as mãos à cabeça e depois as deixou cair sobre a mesa.

— É irrelevante se estou ou não aberto à ideia — afirmou, inclinando-se para a frente. — Eu não sou o rei.

August soltou um suspiro e olhou para Georgia. Eles pareciam se comunicar sem precisar de palavras; fiquei impressionada com aquela intimidade tão natural. Ali estavam em uma situação muito tensa — em que haviam se metido sem saber se sairiam —, e o sentimento que havia entre os dois era evidente.

— Por falar em reis — Maxon acrescentou —, por que não explica a America quem você é? Tenho certeza de que o faria muito melhor do que eu.

Eu sabia que Maxon estava tentando ganhar tempo para pensar em como controlar a situação, mas nem me importei. Estava morrendo de vontade de saber.

August abriu um sorriso insosso.

— Essa é uma história interessante — começou, seu tom de voz dando indícios de como seria empolgante. — Como você sabe, Gregory teve três filhos: Katherine, Spencer e Damon. Katherine teve um casamento arranjado com um príncipe, Spencer morreu e Damon herdou o trono. Depois, quando o filho de Damon, Justin, morreu, seu primo, Porter Schreave, tornou-se príncipe e se casou com a viúva de Justin, que vencera a Seleção meros três anos antes. E desde então os Schreave se tornaram a família real. Não deveriam existir descendentes de Illéa. Mas nós existimos.

— Nós? — indagou Maxon, como se quisesse saber números.

August apenas concordou com a cabeça. Passos ressoaram no salão, anunciando a chegada da criada. Maxon levou um dedo aos lábios, pedindo a August que não dissesse nada na frente dela, como se ele já não fosse fazer isso. A criada pôs a bandeja sobre a mesa e serviu café para todos. Georgia agarrou sua xícara imediatamente, ansiosa para que fosse cheia. Eu não ligava muito para café — amargo demais para o meu gosto —, mas como sabia que me manteria acordada, resolvi tomar.

Antes que eu desse o primeiro gole, Maxon me passou o açucareiro, como se soubesse que eu ia precisar.

— Você dizia? — retomou Maxon, tomando o café puro.

— Spencer não morreu — August disse sem cerimônias. — Ele sabia o que o pai tinha feito para tomar o país. Sabia que sua irmã havia sido praticamente vendida para se casar com uma pessoa que odiava e sabia que o mesmo aconteceria com ele. Mas ele não poderia suportar. Então resolveu fugir.

— Para onde ele foi? — perguntei, na minha primeira intervenção na conversa.

— Escondeu-se com amigos e parentes. Acabou por criar um acampamento no norte, para pessoas que partilhavam das suas ideias. A região é fria, úmida e bem mais difícil de navegar, então ninguém se arrisca a ir para lá. Vivemos em paz a maior parte do tempo.

Georgia, um tanto chocada, lhe deu um cutucão.

August caiu em si.

— Parece que acabei de dar as coordenadas para que vocês nos ataquem. Quero apenas lembrá-lo de que nunca matamos nenhum conselheiro ou funcionário real e evitamos feri-los a todo custo. Nosso objetivo sempre foi acabar com as castas. Para isso, precisávamos de uma prova de que Gregory fora o homem que sempre nos contaram que tinha sido. Temos essa prova agora, e America deu pistas suficientes para nos sentirmos seguros em usar isso a nosso favor. Mas não queremos. A não ser que seja extremamente necessário.

Maxon virou sua xícara de café e a pôs de lado.

— Honestamente, não sei o que fazer com essa informação. Você é um descendente direto de Gregory Illéa, mas não quer a coroa. Veio em busca de coisas que apenas o rei poderia oferecer, mas pediu uma audiência comigo e com uma das garotas da Elite. O rei nem sequer está no palácio.

— Nós sabemos — disse August. — Foi tudo planejado.

Maxon bufou.

— Se vocês não querem a coroa e só pedem coisas que não estão ao meu alcance, por que estão aqui?

August e Georgia se entreolharam, talvez se preparando para revelar o objetivo principal daquela conversa.

— Viemos fazer esses pedidos a você porque sabemos que você é sensato. Nós o observamos durante sua vida inteira. Podemos ver isso em seus olhos. Vejo isso agora.

Tentei ver discretamente qual era a reação de Maxon a essas palavras. August prosseguiu:

— Você também não gosta das castas. Não gosta da forma como seu pai manda e desmanda no país. Não quer participar de guerras que sabe que não passam de distrações. Mais do que isso, você deseja viver um período de paz.

"Imaginamos que, quando você for rei, as coisas podem mudar de verdade. E há muito tempo esperamos por isso. Estamos preparados para esperar um pouco mais. Os nortistas estão dispostos a nunca mais atacar o palácio e a fazer o possível para deter ou diminuir os ataques sulistas. Nós sabemos de muitas coisas que acontecem fora dos muros do palácio às quais você não tem acesso. Vamos jurar fidelidade caso você se comprometa a trabalhar para que cada habitante de Illéa finalmente tenha a chance de viver sua própria vida."

Maxon parecia não saber o que dizer, então decidi me intrometer:

— E o que os rebeldes do sul querem, afinal? Matar todos nós?

August balançou a cabeça, sem concordar nem negar.

— Em parte sim, mas só para que não haja ninguém para combatê-los. Uma

parcela muito grande da população é oprimida, e essa parcela, cada vez maior, chegou à conclusão de que poderia administrar o país com as próprias mãos. America, você é Cinco; conhece gente que odeia a monarquia.

Maxon virou discretamente para mim. Inclinei levemente a cabeça para confirmar.

— Claro que conhece. Porque a única opção de quem está por baixo é culpar quem está no topo. No caso deles, os motivos para isso são mais que suficientes. Afinal, foi alguém da primeira casta que os condenou a uma vida sem esperança de melhora. Os comandantes do sul convenceram seus seguidores de que o jeito de recuperar o que acreditam ser deles é tomar tudo da monarquia. Mas há pessoas que desertaram do comando rebelde do sul e agora estão comigo. Para mim está claro que, caso os sulistas assumam o poder, não teriam intenção nenhuma de distribuir a riqueza. Quando na história isso aconteceu?

"O plano deles é destruir Illéa, tomar o poder, fazer um punhado de promessas e manter todos onde já estão agora. Para a maioria das pessoas, a situação certamente iria piorar. Quem for Seis ou Sete não vai ascender, com exceção de alguns rebeldes selecionados em nome do espetáculo. Os Dois e Três terão todos os bens confiscados. Muita gente vai se sentir vingada, mas isso não vai solucionar tudo.

"Se não houver estrelas do pop vomitando aquelas canções imbecis, não haverá músicos trabalhando no estúdio durante as gravações nem funcionários de um lado para o outro com as mídias nem comerciantes para vender os álbuns. Tirar uma pessoa do topo destrói milhares que estão embaixo."

August fez uma pausa. Parecia consumido por essas preocupações. Em seguida, prosseguiu:

— Será como ter Gregory de novo, mas pior. Os sulistas podem ser mais sanguinários do que vocês jamais seriam. As chances de o país reagir são quase nulas. Será a velha opressão de sempre, apenas com um novo nome… e seu povo sofrerá mais do que nunca.

Ele olhou fixamente para Maxon. Eles pareciam se entender, talvez por ambos terem nascido para liderar.

— Tudo o que precisamos é de uma garantia, e faremos o máximo possível para ajudá-lo a mudar as coisas, com paz e justiça. Seu povo merece uma chance.

Maxon baixou o olhar. Eu não conseguia imaginar o que se passava na cabeça dele.

— Que tipo de garantia? — perguntou enfim, um pouco hesitante. — Dinheiro?

— Não — August respondeu, quase rindo. — Temos mais recursos do que você imagina.

— E como isso é possível?

— Doações — explicou o rebelde com simplicidade.

Maxon assentiu, mas para mim aquilo era uma surpresa. As doações indicavam que havia pessoas — sabe-se lá quantas — que apoiavam a causa dos rebeldes nortistas. Qual seria a força deles se esses doadores fossem considerados? Quantos cidadãos de Illéa desejavam exatamente a mesma coisa que aqueles dois tinham ido ao palácio pedir?

— Se não é dinheiro — Maxon disse afinal —, o que vocês querem?

August se virou para mim.

— Escolha ela.

Escondi o rosto entre as mãos. Sabia como Maxon ia reagir àquilo.

Houve um longo silêncio antes de ele perder a paciência.

— Não vou mais tolerar ninguém dizendo com quem devo ou não me casar! É com a minha vida que vocês estão brincando!

Levantei os olhos e vi August levantar do outro lado da mesa.

— E já faz anos que o palácio brinca com a vida dos outros. Cresça, Maxon. Você é o príncipe. Se você quer a maldita coroa, então fique com ela. Só que esse privilégio traz responsabilidades.

Os guardas começaram a vir em nossa direção cautelosamente, alarmados

com o tom de voz de Maxon e a postura agressiva de August. De onde estavam, com certeza já conseguiam ouvir tudo.

Maxon se levantou para responder:

— Vocês não vão escolher minha esposa e ponto final.

August, sem baixar a cabeça, recuou e cruzou os braços.

— Está bem! Temos outra opção se esta aqui não funcionar.

— Quem?

August fez uma cara de tédio.

— Não vou dizer depois da reação que você teve com a nossa primeira proposta.

— Vamos, fale!

— Esta aqui ou aquela, pouco importa. Só precisamos da garantia que você escolherá uma companheira que concorde com o plano.

— Meu nome é America — eu disse, irritada. Em seguida, levantei e o encarei direto nos olhos. — Não sou *esta aqui*. Não sou um brinquedo da sua revoluçãozinha. Você fala muito de dar a todos de Illéa a chance de viver a vida que quiserem. E eu? E o meu futuro? Não entra no plano?

Fiquei olhando para eles, à espera de uma resposta. Em vão. Os dois rebeldes permaneceram calados. De esguelha, pude ver os guardas nos cercarem. Baixei a voz e prossegui:

— Sou totalmente a favor de acabar com as castas, mas não sou um fantoche. Se é isso que você quer, há uma moça no andar de cima completamente apaixonada que atenderia a qualquer pedido só para se casar com o príncipe. E as outras duas… entre o dever e o prestígio, também fariam seu jogo. Vá atrás de uma delas.

Sem pedir licença, dei as costas para ele e saí pisando o mais firme possível para uma pessoa de pantufas e roupão.

— America, espere! — Georgia gritou. Eu já tinha cruzado a porta quando ela me alcançou. — Só um minuto! — insistiu.

— O que foi?

— Sentimos muito. Pensávamos que vocês dois estivessem apaixonados. Não fazíamos ideia de que ele se oporia à proposta. Tínhamos certeza de que Maxon iria concordar.

— Vocês não entendem. Ele está cansado de ser controlado e maltratado… Vocês não sabem pelo que Maxon passou.

Senti as lágrimas brotarem. Pisquei para não chorar e resolvi prestar atenção nos desenhos da jaqueta de Georgia.

— Sei mais do que você pensa — ela disse. — Talvez não tudo, mas muita coisa. Temos acompanhado a Seleção de perto e vocês dois sempre pareceram se dar tão bem. Ele fica tão feliz ao seu lado. Além disso… sabemos que você salvou suas criadas.

Levei um segundo para entender exatamente o que aquilo significava. Quem estaria nos observando a mando deles?

— E vimos o que fez por Marlee. Vimos você lutar. E também teve sua apresentação alguns dias atrás. — Georgia riu. — É preciso ter muita coragem para fazer o que você fez — continuou. — Uma garota corajosa seria de grande ajuda para nós.

Discordei dela.

— Não tentei bancar a heroína. Na verdade, na maior parte do tempo não me sinto nem um pouco corajosa.

— E daí? Não importa o que você pensa do seu caráter. Só importa o que você faz com ele. Você, mais que as outras, faz o que é certo antes de pensar nas consequências para si mesma. Maxon tem outras ótimas candidatas lá em cima, mas elas não sujariam as mãos para mudar as coisas. Não como você.

— Boa parte do que fiz foi egoísta. Marlee era importante para mim, e as minhas criadas também.

Georgia chegou mais perto.

— Mas essas ações não tiveram consequências?

— Sim.

— E você provavelmente sabia disso. Mas agiu mesmo assim, para ajudar

quem não podia se defender. Isso é especial, America.

Foi um elogio diferente dos que eu costumava ouvir. Sabia lidar com meu pai dizendo que eu era uma ótima cantora, ou com Aspen falando que eu era a coisa mais linda que ele já vira… mas isso? Era quase atordoante.

— Para ser sincera, depois de certas coisas que você fez, é inacreditável que o rei a tenha deixado ficar. Toda aquela história no *Jornal Oficial*… — ela comentou.

Dei risada.

— Ele ficou tão bravo — respondi.

— Fiquei impressionada por você ter saído viva de lá!

— Foi por um fio, para falar a verdade. E quase todos os dias me sinto a ponto de ser enxotada.

— Mas Maxon gosta de você, certo? O jeito como ele te protege…

Dei de ombros.

— Há dias em que tenho certeza e outros em que não tenho ideia. Hoje não é um bom dia. Ontem também não foi. Nem anteontem, na verdade.

Ela concordou com a cabeça.

— Bom, de qualquer jeito continuamos na torcida por você.

— Por mim e por outra — corrigi.

— Verdade.

Mais uma vez, ela não deu pistas sobre a outra favorita.

— Qual o motivo daquela reverência na floresta? Só tirar sarro da minha cara? — perguntei.

Georgia abriu um sorriso.

— Sei que às vezes pode não parecer, mas a família real é realmente importante para nós. Sem ela, os rebeldes do sul vão vencer. E se eles assumirem o poder… Bom, você ouviu o que August disse. — Georgia sacudiu a cabeça. — Em todo caso — continuou —, eu tinha certeza de que estava diante da minha futura rainha, então achei que você merecia ao menos uma reverência.

O raciocínio dela era tão simples que me fez rir mais uma vez.

— Você não imagina como é bom conversar com uma garota que não é minha concorrente.

— Está ficando de saco cheio? — perguntou, solidária.

— Quanto menos gente, pior. Quer dizer, eu sabia que seria assim, mas… acho que tenho me preocupado mais com garantir que as *outras* não sejam escolhidas, em vez de tentar ser a garota que Maxon vai escolher. Não sei se faz sentido.

Ela concordou com a cabeça.

— Faz. Mas, ei, foi você quem se inscreveu.

Achei graça.

— Na verdade, não. Fui meio que… encorajada a pôr meu nome. Não queria ser princesa.

— Sério?

— Sério.

Georgia sorriu.

— Não desejar a coroa talvez a torne a melhor pessoa para usá-la.

Olhei para ela. Seus olhos muito vivos me convenceram de que ela acreditava naquilo de verdade. Queria ter perguntado mais, mas Maxon e August saíam do Grande Salão. Os dois surpreendentemente calmos. Somente um guarda os seguia, à distância. August olhava para Georgia como se tivesse sofrido por ficar longe dela, mesmo que apenas por alguns minutos. Talvez essa tenha sido a única razão para ela ter ido ao palácio junto com ele naquela noite.

— Está tudo bem, America? — Maxon perguntou.

— Sim. — Minha capacidade de olhar diretamente para ele tinha desaparecido mais uma vez.

— É melhor você ir se arrumar — comentou. — Os guardas juraram segredo, e gostaria que você fizesse o mesmo.

— Claro.

Ele parecia não ter gostado da maneira fria como respondi, mas o que mais eu poderia fazer naquele momento?

— Sr. Illéa, foi um prazer. Falaremos novamente em breve — Maxon disse para August, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

— Se precisar de algo, não hesite em pedir. Estamos realmente ao seu lado, Alteza.

— Obrigado.

— Vamos, Georgia. Os guardas parecem estar se segurando para não atacar.

A moça riu.

— Nos vemos por aí, America.

Concordei com a cabeça, certa de que nunca mais a veria e triste por isso. Ela passou por Maxon e deu a mão para August. Com um guarda na escolta, os dois cruzaram a imensa porta do palácio, deixando Maxon e eu a sós no vestíbulo.

Então ele olhou para mim. Balbuciei algo e apontei para as escadas, me dirigindo para lá. Sua rápida objeção para me escolher apenas trouxera de volta a mágoa que suas palavras tinham me causado no dia anterior, na biblioteca. Pensei que estivéssemos entendidos depois do abrigo. Mas parecia que tudo tinha ficado mais complicado do que antes, quando eu ainda tentava decidir o quanto gostava dele.

Eu não sabia o que isso significava para nós. Nem se ainda havia um *nós* com que valesse a pena me preocupar.



7

NÃO IMPORTAVA O QUÃO RÁPIDO eu tentasse chegar ao meu quarto: Aspen foi mais rápido. Eu não deveria ficar surpresa. Ele conhecia o palácio tão bem que isso não era nada para ele a essa altura.

— Ei — eu disse, sem saber direito por onde começar.

Ele me deu um abraço rápido e depois recuou.

— Essa é a minha garota.

Achei graça.

— É?

— Você pôs essa gente em seu devido lugar, Meri. — Arriscando a vida, Aspen acariciou minha bochecha. — Você merece ser feliz. Todos merecemos.

— Obrigada.

Com um sorriso, segurou meu pulso. Deslocou o bracelete que Maxon tinha trazido da Nova Ásia para tocar o que havia embaixo: a pulseira que eu fizera com o botão que ele me dera. Seus olhos se entristeceram ao contemplar aquela nossa pequena recordação.

— Vamos conversar em breve. Conversar de verdade. Temos muita coisa para resolver.

Depois de dizer isso, Aspen seguiu pelo corredor. Respirei fundo e levei as mãos à cabeça. Por acaso ele tinha entendido que a minha reação no Salão

significava que eu havia desistido de Maxon para sempre? Será que estava pensando que eu queria dar outra chance à nossa relação?

Mas, justamente, eu não tinha *acabado* de rejeitar Maxon?

Não tinha pensado no dia anterior que precisava de Aspen na minha vida?

Então por que estava com aquela sensação horrível?

O clima estava pesado no Salão das Mulheres. A rainha Amberly estava sentada, escrevendo cartas. De tempos em tempos, levantava a cabeça e olhava para nós. Depois da conversa do dia anterior, estávamos evitando fazer qualquer coisa que nos obrigasse a interagir. Celeste estava deitada no sofá com uma pilha de revistas ao lado. Muito esperta, Kriss levara seu diário e agora escrevia, próxima à rainha mais uma vez. Por que eu não tinha pensado nisso? Elise tinha arranjado uma caixa de lápis de cor e trabalhava em algo perto da janela. Eu estava em uma poltrona perto da porta, lendo um livro.

Desse jeito, não precisávamos fazer contato visual.

Eu tentava me concentrar no que lia, mas na maior parte do tempo me perguntava quem os rebeldes queriam que fosse princesa além de mim. Celeste era muito popular; seria fácil o povo segui-la. Imaginava se os rebeldes tinham noção de como ela era manipuladora. Talvez sim; eles sabiam coisas sobre mim. Será que havia mais coisas sobre ela de que eu não desconfiava?

Kriss era doce e, de acordo com uma pesquisa recente, uma das favoritas do povo. Sua família não tinha muito nome, mas ela era mais princesa que qualquer uma de nós. Tinha uma postura de nobreza. Talvez esse fosse seu grande atrativo: não era perfeita, mas era muito amável. Havia dias em que até eu torcia por ela.

A menos suspeita para mim era Elise. Ela admitira que não amava Maxon e que estava no palácio apenas pelo dever. E eu realmente achava que, quando ela falava em dever, referia-se à sua família ou às suas raízes na Nova Ásia, não aos rebeldes do norte. Além disso, ela era tão calma e resignada. Não dava

qualquer sinal de rebeldia.

Então, pensando sobre isso, tive certeza absoluta de que era ela a outra favorita dos rebeldes. Elise mal tentava competir e já tinha confessado sua indiferença em relação a Maxon. Talvez não *precisasse* tentar, pois contava com um exército silencioso de apoiadores que lhe entregaria a coroa de qualquer jeito.

— Já chega — a rainha disse de repente. — Venham todas aqui.

Ela afastou a mesinha que usava e levantou, enquanto nos aproximávamos, nervosas.

— Algo está errado aqui. O que é?

Nos entreolhamos. Ninguém queria explicar. Por fim, Kriss, sempre perfeita, resolveu falar:

— Majestade, só agora tomamos consciência de como a competição é acirrada. Temos um pouco mais de noção da posição de cada uma de nós em relação ao príncipe, e é difícil absorver tudo isso e ainda conversar neste momento.

A rainha assentiu, como se entendesse a questão.

— Vocês pensam muito em Natalie? — perguntou.

Fazia menos de uma semana que ela havia partido. Eu pensava nela quase todos os dias. Também pensava em Marlee o tempo todo. E, às vezes, alguma das outras garotas vinha à minha cabeça do nada.

— Sempre — Elise respondeu com tranquilidade. — Ela era tão alegre.

Ela sorriu ao dizer isso. Sempre achei que Natalie irritava Elise. Uma era tão reservada, e a outra, espaçosa demais. Talvez as duas mantivessem uma amizade do tipo "os opostos se atraem".

— Às vezes ela ria das coisas mais simples — Kriss acrescentou. — Era contagiante.

— Exatamente — a rainha comentou. — Já estive no lugar de vocês. Sei como é difícil. Vocês procuram segundas intenções em tudo o que as outras fazem; e também procuram segundas intenções em tudo o que Maxon faz.

Cismam com qualquer conversa, na tentativa de interpretar cada suspiro entre uma frase e outra. É exaustivo.

Aquelas palavras tiraram um pouco do peso das costas de todas nós. Alguém nos compreendia.

— No entanto, tenham a certeza disto: por mais tensões que haja entre vocês, a saída de cada uma vai doer muito. Ninguém jamais entenderá esta experiência a não ser quem passou por ela; pela Elite, principalmente. Vocês podem brigar, mas isso é comum entre irmãs. É para estas meninas — disse, apontando o dedo para cada uma de nós — que uma de vocês vai ligar quase diariamente durante o primeiro ano, sempre que estiver morrendo de medo de cometer um erro e precisar de apoio. Nas festas, vai pôr seus nomes no topo da lista de convidados, logo abaixo de sua família. Porque é isso que vocês são agora. Nunca vão perder o vínculo que construíram aqui.

Trocamos olhares novamente. Se eu fosse princesa e precisasse de alguém com uma perspectiva racional em relação a algum problema, ligaria primeiro para Elise. Se brigasse com Maxon, Kriss poderia me lembrar de tudo o que ele tem de bom. E Celeste… bom, não tinha tanta certeza, mas se havia alguém que poderia me dizer para ser mais dura em relação a alguma coisa, esse alguém seria ela.

— Então reflitam — aconselhou a rainha. — Adaptem-se a essa nova situação e deixem o resto fluir. Não são vocês que o escolhem; ele é quem escolhe vocês. Não faz sentido odiar as outras por isso.

— A senhora sabe quem ele mais deseja? — Celeste perguntou. Pela primeira vez, percebi uma preocupação em sua voz.

— Não — a rainha Amberly confessou. — Às vezes desconfio, mas não tenho a pretensão de compreender todos os sentimentos de Maxon. Sei quem o rei escolheria. E só.

— Quem a senhora escolheria? — perguntei, e logo me repreendi mentalmente por fazer uma pergunta tão descarada.

A rainha abriu um sorriso gentil.

— Sinceramente, não pensei no assunto. Ficaria de coração partido se começasse a amar uma de vocês como filha e depois a perdesse. Não suportaria.

Baixei os olhos. Não sabia ao certo se aquelas eram palavras de consolo ou não.

— Posso dizer que ficaria feliz por ter qualquer uma de vocês na minha família — Levantei a cabeça, e a rainha demorou o olhar em cada uma de nós. — Agora temos trabalho a fazer.

Permanecemos ali caladas, assimilando sua sabedoria. Nunca havia procurado saber sobre as concorrentes da última Seleção, ido atrás de suas fotos ou algo assim. Conhecia alguns nomes, a maioria deles mencionados por mulheres mais velhas nas festas em que ia cantar. Nunca tinha dado importância a isso. Já tínhamos uma rainha e, mesmo quando eu era criança, a ideia de me tornar princesa nunca me passara pela cabeça. Naquele momento, porém, comecei a pensar nas mulheres que visitavam a rainha ou que tinham aparecido no Halloween. Quantas delas tinham sido suas concorrentes antes de se tornarem suas amigas mais íntimas?

Celeste foi a primeira a se retirar e voltar para o conforto do sofá. As palavras da rainha Amberly pareceram não significar muito para ela. Por algum motivo, aquela foi a gota d'água para mim. Todos os acontecimentos dos últimos dias de repente começaram a pesar no meu peito e me senti a ponto de desabar.

— Com licença — balbuciei ao fazer uma reverência, antes de seguir rapidamente para a porta.

Não tinha um plano. Talvez pudesse me trancar no banheiro por uns minutos ou me esconder em uma das inúmeras saletas do primeiro andar. Talvez simplesmente fosse até o quarto e chorasse até desidratar.

Infelizmente, o universo parecia conspirar contra mim. Logo na saída do Salão das Mulheres dei com Maxon, que andava em círculos como se tentasse resolver um quebra-cabeça. Ele me viu antes que eu pudesse me esconder.

De todas as coisas que eu tinha pensado em fazer, aquela era a última da lista.

— Estava cogitando chamar você aqui fora.

— O que você deseja? — perguntei, seca.

Maxon permaneceu imóvel, juntando coragem para dizer algo que claramente o incomodava muito.

— Então há uma garota completamente apaixonada por mim?

Cruzei os braços. Depois dos últimos dias, eu deveria ter previsto essa mudança em seus sentimentos.

— Sim.

— Não são duas?

Elevei o olhar para ele, quase irritada por ter que explicar. *Você já não sabe o que sinto?*, pensei, com vontade de gritar. *Você não se lembra do abrigo?*

Mas, sinceramente, eu também estava precisando de uma confirmação. O que tinha acontecido para me deixar tão insegura?

O rei. Suas insinuações sobre o que as outras já tinham feito, seus elogios aos méritos delas: tudo isso me fazia sentir diminuída. E ainda havia todos os passos em falso que eu tinha dado com Maxon ao longo da semana. Se não fosse a Seleção, jamais teríamos nos aproximado, mas parecia que, enquanto ela não terminasse, não haveria como ter qualquer certeza.

— Você disse que não confiava em mim — acusei. — Outro dia, fez questão de me humilhar, e ontem disse basicamente que eu tinha muito do que me envergonhar. E, há algumas horas, a simples sugestão de se casar comigo fez você explodir de raiva. Me perdoe por não estar tão segura quanto à nossa relação no momento.

— Você se esquece de que nunca fiz isso antes, America — ele argumentou com a voz carregada de sentimentos, mas sem raiva. — Você tem alguém com quem me comparar. Eu nem sei como manter uma relação normal e tenho só uma chance. Você teve pelo menos duas. Eu vou cometer erros.

— Eu não me importo com os erros — repliquei. — É a insegurança que me preocupa. Eu não faço ideia do que está acontecendo na maior parte do tempo.

Ele se calou por um instante, e me dei conta de que estávamos em um momento decisivo. Tínhamos deixado muitas coisas implícitas, mas não daria para continuar assim por muito tempo. Ainda que acabássemos juntos, esses momentos de insegurança voltariam a nos assombrar.

— Sempre fazemos a mesma coisa — murmurei, cansada daquele jogo. — Ficamos próximos, mas então acontece algo que nos afasta. E você nunca parece capaz de tomar uma decisão. Se você me quer tanto quanto diz, por que isso aqui ainda não acabou?

Apesar de eu tê-lo acusado de não se importar comigo, sua frustração se diluiu em tristeza.

— Porque em metade do tempo eu tinha certeza de que você amava outra pessoa e, na outra, duvidava que você fosse me amar um dia — ele respondeu, o que me fez sentir absolutamente péssima.

— E eu? Não tenho meus próprios motivos para duvidar? Você trata Kriss como se ela fosse o céu na terra, e depois flagro você com Celeste…

— Já expliquei isso.

— Sim, mas ainda dói.

— Bom, também me dói ver como você se fecha tão rápido. Por que você faz isso?

— Não sei, mas talvez você devesse parar de pensar em mim um pouco.

Imediatamente, um silêncio caiu entre nós.

— O que isso quer dizer?

Dei de ombros.

— Há outras garotas aqui. Se você está tão preocupado com a sua única chance, talvez devesse garantir que não vai desperdiçá-la comigo.

Fui embora, furiosa com Maxon por me fazer sentir daquele jeito… E furiosa comigo mesma por piorar tanto as coisas.

8

ASSISTI A UMA VERDADEIRA TRANSFORMAÇÃO NO PALÁCIO. Do dia para a noite, suntuosas árvores de Natal surgiram nos corredores do primeiro andar; guirlandas pendiam das escadarias; todos os arranjos de flores foram substituídos por ramos de azevinho ou visco. O estranho era que eu ainda podia sentir um pouco de verão se abrisse a janela. Fiquei pensando se o palácio conseguiria fabricar neve. Talvez, se eu pedisse, Maxon cuidaria disso.

Ou talvez não.

Passaram-se dias. Tentava não me irritar ao ver Maxon fazer exatamente o que eu tinha aconselhado. À medida que as coisas esfriavam entre nós, mais eu me arrependia do meu orgulho. E ficava me perguntando se aquilo teria acontecido de um jeito ou de outro. Será que eu estava destinada a falar a coisa errada, a fazer a escolha errada? Por mais que eu quisesse Maxon, nunca seria capaz de me controlar o suficiente para termos uma relação de verdade.

Toda essa história me deixava cansada. Era o mesmo problema que me rondava desde que Aspen chegara ao palácio. Eu sofria; dividida, confusa.

Passei a dar voltas pelo palácio durante as tardes. Com o jardim interditado, o Salão das Mulheres ficava sufocante demais.

Foi numa dessas caminhadas que senti a mudança. Era como se um botão invisível tivesse sido acionado em todo mundo no palácio. Os soldados estavam mais rígidos, as criadas se moviam mais depressa. Até eu me senti

estranha, como se já não fosse tão bem-vinda como antes. Antes de entender o que estava sentindo, vi o rei dobrar a esquina com um pequeno séquito atrás de si.

Tudo fez sentido. Sua ausência tinha deixado o palácio mais acolhedor. Com o seu retorno, estávamos mais uma vez sujeitos aos seus caprichos. Não era à toa que os rebeldes nortistas se entusiasmavam com Maxon.

Fiz uma reverência quando o rei se aproximou. Enquanto caminhava, ele ergueu a mão e os homens que o seguiam pararam, abrindo espaço para nossa conversa.

— Senhorita America. Vejo que ainda está aqui — comentou. Seu sorriso amarelo demonstrava exatamente o contrário de suas palavras.

— Sim, Majestade.

— E o que fez na minha ausência?

— Fiquei em silêncio — respondi, com um sorriso.

— Boa garota. — Ele retomou a caminhada, mas então se lembrou de algo e voltou. — Fui informado de que, entre as garotas remanescentes, você é a única que ainda recebe dinheiro pela participação. Elise abriu mão voluntariamente de sua pensão assim que os pagamentos foram suspensos para quem era Dois ou Três.

Não fiquei surpresa. Elise era Quatro, mas sua família possuía uma rede de hotéis de luxo. Não precisavam de dinheiro como os comerciantes de Carolina.

— Acho que é hora de pôr um fim a isso — o rei anunciou, afastando minhas divagações.

Meu queixo caiu.

— A não ser, claro, que você esteja aqui pela pensão e não por amar meu filho — completou; seus olhos me desafiavam a contrariar sua decisão.

— O senhor tem razão — eu disse, com ódio do que eu mesma dizia. — É justo.

Pude notar a frustração do rei por não conseguir arranjar uma briga.

— Cuidarei disso imediatamente.

Ele foi embora e eu fiquei lá, parada, tentando não sentir pena de mim mesma. De fato, era justo. O que as pessoas iam pensar se soubessem que eu era a única a receber o pagamento? E, afinal, ele ia acabar cedo ou tarde. Respirei fundo e fui para o quarto. O mínimo que podia fazer era escrever para casa e avisar que o dinheiro não chegaria mais.

Abri a porta e, pela primeira vez, minhas criadas me ignoraram completamente. Anne, Mary e Lucy estavam num canto distante, reunidas em volta de um vestido em que pareciam trabalhar. E discutiam sobre o andamento da costura.

— Lucy, você disse que terminaria a bainha ontem à noite — Anne falou. — Saiu até mais cedo para isso.

— Eu sei, eu sei. Tive que fazer outra coisa. Posso terminar agora — ela disse, com olhos suplicantes. Lucy já era um pouco sensível, e eu sabia que o jeito rígido de Anne às vezes a magoava.

— Pois é, você precisou fazer outras coisas várias vezes nos últimos dias — Anne comentou.

Mary estendeu as mãos.

— Acalmem-se. Deem o vestido para mim, antes que estraguem tudo.

— Sinto muito — Lucy se desculpou. — Termino agora se você deixar.

— O que há de errado com você? — Anne questionou. — Tem estado tão estranha.

Lucy levantou a cabeça, com olhos arregalados. Qualquer que fosse seu segredo, dava para ver que ela estava apavorada diante da perspectiva de revelá-lo.

Tossi de leve.

As três imediatamente se viraram para mim e fizeram uma reverência.

— Não sei o que está acontecendo — eu disse, me aproximando —, mas duvido que as criadas da rainha discutam desse jeito. Além disso, estamos perdendo tempo aqui se há trabalho a ser feito.

Anne, ainda zangada, apontou o dedo para Lucy e começou:

— Mas ela…

Fiz um gesto sutil com a mão, e ela voltou a ficar em silêncio. Funcionou tão bem que até me surpreendi.

— Sem discussão. Lucy, por que você não vai terminar o trabalho no ateliê? Assim todas teremos tempo de pensar um pouco.

Contente, Lucy pegou o vestido e quase saiu correndo de tão agradecida que estava com a chance de escapar. Anne, de cara fechada, apenas a observou partir. Mary parecia preocupada, mas prontamente voltou ao trabalho sem dizer mais uma palavra.

Levei alguns minutos para perceber que o clima no meu quarto estava pesado demais para me concentrar. Peguei papel e caneta e resolvi voltar para o andar de baixo. Fiquei me perguntando se havia feito a coisa certa ao poupar Lucy. Talvez tudo acabasse bem se eu as deixasse resolver o problema entre elas. Talvez minha intromissão abalasse a boa vontade que tinham para me ajudar. Nunca tinha sido mandona daquele jeito com elas.

Parei na porta do Salão das Mulheres. Talvez lá também não fosse o melhor lugar para ficar. Segui pelo corredor principal até topar com um cantinho discreto, onde havia um banco. Pareceu bom. Corri até a biblioteca para apanhar um livro e voltei para lá. Estava praticamente escondida atrás de um vaso enorme de plantas. A ampla janela dava para o jardim e, por uns instantes, o palácio já não parecia tão pequeno. Contemplava os pássaros do lado de fora enquanto tentava pensar na melhor maneira de avisar meus pais que eles não receberiam mais os cheques.

— Maxon, nós não podemos ter um encontro de verdade? Em algum lugar fora do palácio? — Reconheci no ato a voz de Kriss. Humm. Talvez o Salão das Mulheres não estivesse tão cheio.

Pude perceber que Maxon sorria quando respondeu:

— Eu bem que gostaria, querida, mas seria complicado mesmo que as coisas estivessem tranquilas.

— Queria vê-lo em um lugar onde você não fosse o príncipe — ela resmungou, fazendo charme.

— Mas eu sou o príncipe em todo lugar.

— Você sabe o que quero dizer.

— Sei. Sinto muito, mas não posso conceder isso a você. Seria ótimo vê-la em outro lugar, onde você não fizesse parte da Elite. Mas esta é a minha vida.

Seu tom de voz ficou mais triste.

— Você se arrependeria? — ele perguntou. — Porque a realidade seria esta, pelo resto de sua vida. Os muros são bonitos, mas são muros. Minha mãe raramente sai do palácio mais do que uma ou duas vezes por ano. — Atrás das folhas grossas da planta, pude observar os dois passarem, sem que notassem minha presença. — E se você acha o público invasivo agora, saiba que será muito pior quando você for a única garota que terão para acompanhar. Sei que seus sentimentos por mim são profundos. Sinto todos os dias. Mas e todos esses inconvenientes da minha vida? É isso mesmo que você quer?

Os dois pareciam ter parado em algum lugar do corredor, pois a voz de Maxon continuava no mesmo volume. Então Kriss respondeu:

— Maxon Schreave, do jeito que você fala parece que para mim é um sacrifício estar aqui. Mas eu *agradeço* todos os dias por ter sido escolhida. Às vezes, tento imaginar como seria minha vida se não tivéssemos nos conhecido… Prefiro perder você agora do que nunca ter passado pela Seleção.

Sua voz começou a ficar embargada. Não estava chorando, mas quase. Não consegui ver.

— Queria que soubesse que amaria você sem roupas bonitas ou salas maravilhosas. Quero você sem a coroa, Maxon. Só quero você.

Maxon ficou sem palavras por um momento. Imaginei que ele a estivesse abraçando ou limpando suas lágrimas.

— Não consigo dizer o quanto significa para mim ouvir isso. Estava desesperado por ouvir alguém dizer que se importava apenas comigo — ele confessou, baixinho.

— Você é muito importante para mim, Maxon.

Outro momento de silêncio entre os dois.

— Maxon?

— Sim?

— Eu… eu acho que não quero esperar mais.

Quando ouvi tudo isso, deixei o papel e a caneta de lado em silêncio, tirei os sapatos e fui cautelosamente até a ponta do corredor, mesmo sabendo que me arrependeria depois. Espiei por trás da parede e vi Kriss passar delicadamente a mão pela nuca de Maxon, até parar na altura da gola de seu paletó. Os cabelos dela caíram de lado enquanto eles se beijavam. Para sua primeira vez, ela parecia se sair muito bem. Melhor que a primeira vez de Maxon, isso com certeza.

Grudei novamente atrás da parede e ouvi Kriss dar uma risadinha. Maxon deixou escapar um suspiro, meio de triunfo, meio de alívio. Voltei rapidamente para o banquinho e sentei virada para a janela, só para não levantar suspeitas.

— Quando faremos isso de novo? — ela perguntou baixinho.

— Humm. Que tal assim que chegarmos ao seu quarto?

A risada de Kriss foi sumindo à medida que os dois seguiam pelo corredor. Permaneci imóvel por um momento e, em seguida, peguei o papel e a caneta. As palavras vieram com facilidade.

Mãe e pai,

Há tanto o que fazer que preciso ser breve. Na tentativa de provar meu afeto por Maxon e não pelos luxos da Elite, tive que abrir mão da pensão dada às participantes. Sei que estou avisando de última hora, mas tenho certeza de que, com tudo o que recebemos até agora, não poderíamos esperar muito mais.

Espero que não fiquem decepcionados com a notícia. Estou com muita saudade e espero vê-los logo.

Amo todos vocês.

America



9

O *JORNAL OFICIAL* ESTAVA PRECISANDO DE CONTEÚDO depois de uma semana que o público com certeza tinha achado monótona. Depois de breves comentários sobre a visita do rei à França, o comando do programa passou para Gavril, que entrevistava as remanescentes da Elite de um jeito bem informal, com perguntas sobre assuntos que importavam bem pouco àquela altura da competição.

O que era justificável, considerando que da última vez que nos perguntaram sobre coisas que *realmente* importavam, sugeri a dissolução das castas e quase fui expulsa da disputa.

— Senhorita Celeste, você já viu a suíte da princesa? — Gavril perguntou em um tom jovial.

Sorri comigo mesma, grata por ele não ter feito aquela pergunta para mim. Celeste abriu ainda mais seu sorriso perfeito e jogou os cabelos para trás despreocupadamente antes de responder.

— Bem, Gavril, ainda não. Mas com certeza espero merecer esse privilégio. Claro, o rei Clarkson nos ofereceu os melhores aposentos, e sou incapaz de imaginar algo melhor do que já temos. As… hum… camas são tão…

Celeste gaguejou um pouco ao notar que dois guardas tinham entrado correndo no estúdio. Nossos assentos estavam dispostos de tal forma que podíamos vê-los seguir diretamente até o rei. Kriss e Elise estavam de costas

para o que acontecia. As duas tentaram olhar para trás discretamente, mas não conseguiram ver nada.

— … luxuosas. E seria mais do que eu poderia sonhar… — Celeste continuou, ainda sem se concentrar totalmente na resposta.

No entanto, ela nem precisou. O rei se levantou, chegou mais perto e cortou a entrevista.

— Perdoem-me a interrupção, senhoras e senhores, mas é urgente. — Com uma das mãos, ele segurava uma folha de papel; com a outra, ajeitava a gravata. Ereto, começou a falar: — Desde o nascimento de nosso país, forças rebeldes têm sido a maldição de nossa sociedade. Ao longo dos anos, os ataques a este palácio, para não mencionar ao cidadão comum, tornaram-se extremamente agressivos.

"Tudo indica que eles atingiram um nível inédito de baixeza. Como é de conhecimento geral, as quatro jovens remanescentes da Seleção representam uma ampla amostra de castas: Dois, Três, Quatro e Cinco. Sentimo-nos honrados de hospedar um grupo tão variado, mas este fato tem servido como um estranho incentivo para os rebeldes."

O rei olhou em nossa direção por cima do ombro antes de continuar:

— Estamos preparados para ataques ao palácio e, quando os rebeldes atacam o povo, intercedemos da melhor maneira possível. Certamente eu não preocuparia a todos se pensasse que, como rei, seria capaz de protegê-los, mas… os rebeldes estão atacando de acordo com as castas.

Suas palavras ficaram suspensas no ar. Celeste e eu, de maneira quase amistosa, trocamos olhares confusos.

— Há muito tempo eles desejam acabar com a monarquia. Os recentes ataques às famílias destas jovens demonstraram até onde são capazes de chegar, e enviamos soldados para a proteção de seus entes queridos. Só que agora isso não é o bastante. Se você é Dois, Três, Quatro ou Cinco, ou seja, da mesma casta que uma destas senhoritas, pode estar sujeito a um ataque rebelde apenas por esse motivo.

Cobri a boca com a mão e ouvi Celeste respirar fundo.

— A partir de hoje, os rebeldes pretendem atacar membros da segunda casta e seguir pelas castas inferiores — o rei acrescentou em tom solene.

Era sinistro. Como não tinham conseguido que abandonássemos a Seleção por nossas famílias, fariam boa parte do país nos odiar. Quanto mais tempo permanecêssemos na competição, mais as pessoas iriam nos odiar, por colocarmos a vida *delas* em risco.

— São notícias tristes, Majestade — Gavril disse, quebrando o silêncio.

O rei concordou.

— Buscaremos uma solução, claro. Fomos informados, porém, de oito ataques em cinco províncias diferentes. Todos contra Dois e todos resultando em pelo menos uma morte.

A mão que estava paralisada na minha boca caiu sobre o meu peito. Pessoas tinham morrido naquele dia por nossa causa.

— Neste momento — prosseguiu o rei Clarkson —, encorajamos todos a permanecer em casa e tomar todas as medidas de segurança possíveis.

— Excelente conselho, Majestade — Gavril comentou, e em seguida voltou-se para nós. — Senhoritas, há algo que queiram acrescentar?

Elise simplesmente balançou a cabeça.

Kriss respirou fundo.

— Sei que Dois e Três são os alvos agora, mas suas casas são mais seguras que as da maioria das castas inferiores. Se vocês puderem abrigar uma família Quatro ou Cinco de confiança, seria uma boa ideia.

Celeste concordou com a cabeça.

— Cuidem-se. Façam o que o rei está pedindo.

Ela olhou para mim, e percebi que precisava dizer algo. Sempre que me sentia um pouco perdida no *Jornal Oficial*, costumava olhar para Maxon, na esperança de receber algum conselho silencioso. Pela força do hábito, busquei seus olhos. Naquele momento, porém, Maxon estava cabisbaixo; eu via apenas seus cabelos loiros e sua testa franzida.

Era óbvio que estava preocupado com seu povo, mas a questão ia um pouco além de proteger os cidadãos. Ele sabia que poderíamos partir.

E não deveríamos? Quantos Cinco perderiam a vida por eu estar ali sentada, iluminada pelos refletores do estúdio do palácio?

Por outro lado, por que eu ou qualquer uma das garotas deveríamos suportar esse fardo? *Nós* não estávamos na rua matando as pessoas. Me lembrei de tudo que August e Georgia nos disseram e percebi que só havia uma coisa a fazer.

— Lutem — eu disse, sem me dirigir a ninguém em particular. Então, tomando consciência de onde estava, olhei para uma câmera. — Lutem. O que os rebeldes querem é intimidar. Estão tentando assustá-los e forçá-los a fazer o que eles querem. E se vocês obedecerem? Que tipo de futuro eles têm a oferecer? Essas pessoas, esses tiranos, não vão parar com a violência de uma hora para outra. Se vocês derem poder a eles, ficarão mil vezes pior. Então lutem. Lutem como puderem.

Senti o sangue e a adrenalina pulsarem dentro de mim, como se eu mesma estivesse pronta para atacar. Não aguentava mais. Eles nos mantinham aterrorizados, assassinavam nossas famílias. Se um rebelde sulista estivesse diante de mim naquele momento, eu não fugiria.

Gavril recomeçou a falar, mas eu estava sentindo tanto ódio que ouvia apenas meu coração bater. Quando consegui me acalmar, as câmeras estavam desligadas e os refletores, apagados.

Maxon se aproximou do pai e cochichou alguma coisa de que o rei discordou, balançando a cabeça.

As garotas se levantaram para sair.

— Vão direto para os seus quartos — Maxon disse educadamente. — O jantar será levado até vocês, e logo irei falar com cada uma.

Fui até a porta. Quando passei diante do príncipe e de seu pai, o rei me tocou com a ponta do dedo. O pequeno gesto era um sinal para que eu parasse.

— Suas palavras não foram muito inteligentes — comentou.

Dei de ombros.

— A estratégia atual não está funcionando. Se continuar assim, logo não terá mais súditos para comandar.

Ele acenou com a mão, me dispensando. Mais uma vez, estava irritado comigo.

Maxon bateu de leve na porta e entrou. Eu já estava de camisola e lia na cama. Até cheguei a pensar se ele de fato viria.

— Está tão tarde — falei baixinho, apesar de não haver mais ninguém no quarto.

— Eu sei. Tive que falar com todas as outras e foi muito desgastante. Elise ficou muito abalada. É quem está se sentindo mais culpada. Não ficaria surpreso se ela desistisse em um ou dois dias.

Embora ele já tivesse admitido sua falta de entusiasmo por Elise mais de uma vez, dava para ver como era doloroso para ele. Encolhi as pernas contra o peito para que ele pudesse sentar.

— E Kriss e Celeste?

— Kriss está quase otimista demais. Tem certeza de que as pessoas serão cuidadosas e conseguirão se proteger. Não sei como isso é possível, já que não há como prever onde ou quando será o próximo ataque rebelde. Eles estão espalhados pelo país inteiro. Mas ela está esperançosa. Você sabe como ela é.

— Sei.

Maxon respirou fundo e continuou:

— Celeste está bem. Está preocupada, claro. Mas, como Kriss notou, quem é Dois provavelmente está mais seguro. E ela é sempre tão determinada — Maxon riu e olhou para o chão. — Aparentemente, o que mais a preocupa é a possibilidade de eu ficar chateado por ela ficar. Como se eu pudesse culpá-la por preferir estar aqui em vez de voltar para casa.

Soltei um suspiro.

— É uma questão interessante. Você quer uma esposa que não se preocupe com ameaças aos seus súditos?

Maxon me encarou.

— Você está preocupada. Só que é esperta demais para se preocupar do mesmo jeito que os outros. — Ele balançou a cabeça e sorriu. — Não acredito que você disse para as pessoas lutarem.

Dei de ombros.

— Parece que temos sido bastante covardes.

— Você tem toda a razão. Não sei se isso vai assustar os rebeldes ou deixá-los mais determinados, mas sem dúvida você mudou o jogo.

— Não sei se chamaria de jogo um grupo de pessoas que tenta matar a população aleatoriamente — falei de cabeça erguida.

— Não, não! — Maxon reagiu rápido. — Eu nem consigo pensar numa palavra para definir essa situação horrível. Eu estava falando sobre a Seleção.

Olhei bem em seus olhos. O príncipe continuou:

— Para o bem ou para o mal, o público conseguiu captar um pouco do seu verdadeiro caráter esta noite. Agora eles enxergam a garota que protege suas criadas, que levanta a voz até para o rei quando acha que está certa. Aposto que todos verão com outros olhos o dia em que você correu para ajudar Marlee. Antes, você era apenas a garota que gritou comigo no nosso primeiro encontro. Esta noite, você virou a garota que não tem medo dos rebeldes. As pessoas vão pensar em você de um jeito diferente agora.

— Não era essa a minha intenção — respondi, sacudindo a cabeça.

— Eu sei. Eu tinha um plano para mostrar às pessoas quem você é. E, no fim, você fez isso por impulso. É a sua cara. — Seu rosto revelava certo espanto, como se ele devesse ter esperado algo assim desde o começo. — Em todo caso — retomou —, acho que você disse a coisa certa. Já passou da hora de fazermos mais do que nos esconder.

Baixei os olhos para o edredom, correndo o dedo pelas costuras. Fiquei feliz por ele ter aprovado, mas o jeito como falava — como se aquilo tudo fosse

mais uma das minhas peculiaridades — parecia íntimo demais para aquele momento.

— Estou cansado de brigar com você, America — Maxon desabafou baixinho. Levantei a cabeça e percebi que estava sendo sincero. — Acho bom discordarmos; na verdade, essa é uma das coisas de que mais gosto na nossa relação. Mas não quero mais discutir. Às vezes tenho um pouco do temperamento do meu pai. Luto contra isso, mas é verdade. E você… — disse, com um sorriso nos lábios. — Você fica impossível quando está nervosa!

Ele balançou a cabeça, provavelmente lembrando das mesmas coisas que eu. A joelhada. Toda a história das castas. O tapa que dei em Celeste quando ela falou de Marlee. Nunca tinha me achado temperamental, mas, aparentemente, eu era. Ele sorriu, e eu também. Era engraçado relembrar tudo que eu tinha feito de uma só vez.

— Eu observo as outras e sou justo. Fico angustiado com algumas coisas que sinto. Mas quero que saiba: continuo observando você. Acho que você já percebeu que, a esta altura, não consigo evitar. — Maxon deu de ombros; parecia um garoto naquele momento.

Queria dizer a coisa certa, dizer que ainda desejava que ele me observasse. Mas não me sentia tão segura, então coloquei a mão sobre a dele. Permanecemos quietos, olhando para nossas mãos. Ele brincava com as minhas pulseiras, muito concentrado nelas, e depois acariciou as costas da minha mão com o polegar. Foi bom ter um momento de calma a sós.

— Por que não passamos o dia juntos amanhã?

— Eu iria gostar — respondi, com um sorriso no rosto.



10

— ENTÃO, RESUMINDO A HISTÓRIA, MAIS GUARDAS?

— Sim, pai. Muito mais. — Eu ria ao telefone apesar de a situação estar longe de ser engraçada. Meu pai tinha um jeito de tornar leves mesmo os assuntos mais difíceis.

— Continuaremos aqui. Por enquanto, pelo menos — confirmei. — E apesar de eles estarem começando pelos Dois, não deixe ninguém se descuidar. Avise aos Turner e aos Canvass para se protegerem.

— Ora, gatinha. Todo mundo sabe se cuidar. E depois do que você disse no *Jornal Oficial*, acho que as pessoas serão mais corajosas do que você pensa.

— Tomara.

Baixei os olhos para os pés e senti uma sensação engraçada. Naquele momento, eu usava um sapato de salto decorado com joias. Cinco meses antes, usava sapatilhas surradas.

— Você me deixou orgulhoso, America. Às vezes fico surpreso com as coisas que você diz, mas não sei por quê. Você sempre foi mais forte do que se dava conta.

Sua voz tinha um tom tão verdadeiro que fiquei emocionada. Nenhuma opinião me importava mais do que a dele.

— Obrigada, pai.

— Estou falando sério. Nem toda princesa diria algo assim.

Revirei os olhos quando ouvi aquele comentário.

— Pai, eu não sou uma princesa.

— É só uma questão de tempo — ele rebateu, em tom brincalhão. — Por falar nisso, como vai Maxon?

— Bem — respondi, brincando com as dobras do vestido. Fez-se um silêncio. — Eu gosto mesmo dele, pai.

— É?

— É.

— Por quê, exatamente?

Pensei por uns instantes.

— Não sei direito. Acho que, em parte, porque ele me faz sentir eu mesma.

— Você já sentiu que não era você mesma? — ele brincou.

— Não, não é isso… Eu sempre fui muito consciente do meu número. Mesmo depois de vir para o palácio, continuei obcecada com isso por um tempo. Eu era Cinco ou Três? Queria ser Um? Mas agora não penso mais nisso. E acho que é por causa dele. Mas Maxon também faz muita besteira, não tenha dúvida. — Meu pai achou graça. — É só que, quando estamos juntos, sinto que sou America. Não uma casta ou parte de um plano. Também não o vejo como alguém distante. Ele é apenas ele, e eu sou apenas eu.

Meu pai ficou calado por um momento.

— Isso parece muito bom, gatinha.

Era meio estranho conversar com meu pai sobre garotos, mas ele era a única pessoa em casa que via Maxon mais como pessoa do que como celebridade. Ninguém me entenderia como ele.

— É. Mas não é perfeito — acrescentei, enquanto Silvia aparecia na porta. — Sinto que sempre há alguma coisa dando errado.

Silvia lançou um olhar afiado para mim e moveu os lábios, dizendo "café da manhã". Concordei com a cabeça.

— Bem, isso não é tão ruim. Os erros indicam que é verdadeiro.

— Vou me lembrar disso. Pai, preciso desligar agora. Estou atrasada.

— Tudo bem. Cuide-se, gatinha. E escreva logo para sua irmã.

— Vou escrever. Te amo, pai.

— Te amo.

Depois do café da manhã, Maxon e eu continuamos na sala de jantar enquanto as garotas se retiravam. A rainha passou e piscou para mim; minhas bochechas coraram na hora. O rei veio logo atrás, e seu olhar bastou para fazer desaparecer qualquer vestígio de cor em meu rosto.

Quando finalmente ficamos a sós, Maxon se aproximou e me deu a mão, passando seus dedos entre os meus.

— Ia perguntar o que você quer fazer hoje, mas nossas opções estão bastante limitadas. Nada de tiro ao alvo, nada de caça, nada de montaria, nada lá fora.

— Nem se levássemos um monte de soldados? — perguntei, com um suspiro de frustração.

Maxon abriu um sorriso triste.

— Sinto muito, America. Mas o que acha de um filme? Podemos assistir algo com um cenário espetacular.

— Não é a mesma coisa — respondi, puxando-lhe pelo braço. — Mas venha. Vamos aproveitar ao máximo.

— Esse é o espírito — ele disse.

Alguma coisa naquela situação me fez sentir bem melhor, como se estivéssemos naquilo juntos. Fazia tempo que as coisas não eram assim.

Seguíamos pelo corredor em direção à escadaria para a sala de projeção quando ouvi o tilintar na janela. Virei a cabeça na direção do som e exclamei, maravilhada:

— Está chovendo!

Soltei o braço de Maxon e pressionei a mão contra o vidro. Em todos aqueles meses no palácio, nunca tinha chovido, e eu até me perguntava se de fato isso aconteceria algum dia. Ao ver que chovia, me dei conta do quanto

sentia falta daquilo. Sentia falta do ir e vir das estações, da maneira como as coisas mudavam.

— É tão lindo — sussurrei.

Maxon permaneceu atrás de mim, com o braço em volta da minha cintura.

— Só você mesmo para achar beleza numa coisa que acaba com o dia das pessoas.

— Queria poder sentir essa chuva.

Ele soltou um suspiro.

— Sei que você quer, mas não…

Olhei para Maxon para saber por que ele tinha interrompido a frase no meio. O príncipe olhou para os lados, e eu fiz o mesmo. Com exceção de alguns guardas, estávamos sozinhos.

— Venha — ele disse, pegando minha mão. — Tomara que não nos vejam.

Abri um sorriso, pronta para qualquer aventura que ele tivesse em mente. Adorava quando Maxon ficava assim. Corremos pelas escadas até o quarto andar. Por um minuto, fiquei nervosa com a possibilidade de ele me mostrar algo parecido com a biblioteca secreta. Aquela experiência não tinha acabado muito bem para mim.

Caminhamos até a metade do corredor. Só encontramos um soldado fazendo a ronda e mais ninguém. Maxon me empurrou para dentro de uma sala enorme e me levou até uma lareira ampla e desativada. Então enfiou o braço pela boca da lareira e encontrou uma trava secreta. Ao acioná-la, parte da parede se abriu, revelando mais uma escadaria secreta.

— Segure a minha mão — ele disse, estendendo o braço para mim.

Foi o que fiz. Seguimos por um corredor mal iluminado até encontrarmos uma porta. Maxon destravou a tranca simples e abriu a porta. Atrás dela, a chuva caía com força.

— Aqui é o telhado? — perguntei em meio ao barulho da água.

Ele assentiu. Havia muros ao redor da passagem, deixando um espaço aberto mais ou menos do tamanho do meu quarto. Não me importava de ver apenas

paredes e o céu. Pelo menos estava do lado de fora.

Completamente deslumbrada, dei um passo à frente para tocar a água. As gotas, gordas e mornas, se acumulavam no meu braço e corriam pelo meu vestido. Ouvi a gargalhada de Maxon antes de ele me empurrar para debaixo da chuva.

Em segundos, eu já estava ensopada e arfante. Virei para trás e agarrei o braço dele, que apenas ria, fingindo tentar escapar. As mechas de seu cabelo cobriram-lhe os olhos, e nós dois ficamos completamente encharcados. Ainda sorrindo, ele me levou até a beirada do muro.

— Olhe — me disse ao pé do ouvido.

Olhei e, pela primeira vez, me dei conta da vista daquele lugar. Em êxtase, contemplei a cidade estendida diante de mim. A teia de ruas, a geometria dos prédios, a matiz de cores: mesmo atenuada pelo cinza da chuva, a paisagem era estonteante.

Naquele momento, me senti ligada a tudo aquilo, como se a cidade me pertencesse de algum modo.

— Não quero que os rebeldes tomem este lugar, America — Maxon disse sob a chuva, como se tivesse lido meus pensamentos. — Não sei quantas mortes já ocorreram, mas aposto que meu pai esconde as informações de mim. Ele tem medo que eu interrompa a Seleção.

— Há algum jeito de descobrir a verdade?

Maxon refletiu por um tempo.

— Acho que se conseguisse entrar em contato com August, ele saberia dizer. Poderia enviar uma carta, mas tenho receio de escrever demais. E não sei se conseguiria trazê-lo ao palácio.

Pensei na possibilidade.

— E se nós fôssemos até ele?

Maxon riu.

— E como você acha que conseguiríamos isso?

Dei de ombros, achando graça.

— Vou pensar a respeito — respondi.

Maxon me encarou em silêncio por um momento.

— É bom poder falar em voz alta. Preciso sempre tomar cuidado com o que digo. Tenho a sensação de que ninguém pode me escutar aqui em cima. Só você.

— Então vá em frente e diga qualquer coisa.

Ele abriu um sorriso malicioso.

— Só se você disser.

— Muito bem — respondi, feliz por entrar no jogo.

— Bom, o que você quer saber?

Tirei o cabelo molhado da testa e comecei com uma pergunta importante, mas impessoal.

— Você realmente não sabia dos diários?

— Não. Mas já estou a par. Meu pai me obrigou a ler todos. Se August tivesse vindo duas semanas atrás, acharia que ele estava mentindo sobre tudo. Agora não. É chocante, America. Aquilo que você leu é só o começo. Quero contar tudo a você, mas ainda não posso.

— Tudo bem.

Então Maxon olhou fixamente para mim, com ar determinado.

— Como as garotas descobriram que você tirou minha camisa?

Baixei a cabeça, um pouco hesitante.

— Estávamos vendo os guardas fazendo exercícios. Eu disse que você ficava tão bem quanto qualquer um deles sem camisa. Escapou.

Maxon gargalhou tanto que até se inclinou para trás.

— Não dá para ficar bravo com isso.

Sorri.

— Você já trouxe outra pessoa aqui? — perguntei na minha vez.

— Olivia. Uma vez e foi só — revelou, parecendo triste.

De fato, parando para pensar, eu me lembrava daquilo. Ela contara a todas as garotas que ele a havia beijado ali.

— Eu beijei Kriss — Maxon confessou, sem me encarar. — Há pouco tempo. Pela primeira vez. Acho que é justo você saber.

Ele baixou os olhos, e assenti com a cabeça. Se eu não tivesse presenciado e descobrisse naquele momento, teria ficado arrasada. Mas, ainda assim, doeu ouvir da boca dele.

— Odeio ter que me encontrar com você desse jeito — falei, inquieta, com o vestido já pesado com a água.

— Eu sei. Mas as coisas são assim.

— Nem por isso são justas.

Ele riu.

— Quando alguma coisa em nossas vidas foi justa?

Ele tinha razão.

— Eu não devia contar… e, se você deixar escapar que sabe, ele vai se irritar ainda mais, com certeza, mas… seu pai tem me falado algumas coisas. E também cortou o pagamento da minha família. As outras já não recebiam mais, então acho que pegava mal de qualquer jeito.

— Sinto muito — Maxon se desculpou. Ele voltou o olhar para a cidade. A maneira como sua camisa grudava em seu corpo me distraiu por um instante. — Acho que não dá para reverter isso, America — completou.

— Não precisa. Só queria que você soubesse o que está acontecendo. Posso lidar com isso.

— Você é durona demais para ele. Ele não entende você.

Maxon buscou minha mão, e eu a ofereci de bom grado. Tentei pensar em mais alguma coisa que quisesse saber, mas quase tudo tinha a ver com as outras garotas. Não queria incomodá-lo com isso. Àquela altura, eu já conseguia adivinhar quase com certeza a verdade e, se estivesse errada, não queria estragar aquele momento.

Maxon baixou o olhar para o meu pulso.

— Você… — Ele me olhou nos olhos, aparentemente mudando a pergunta. — Você quer dançar?

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas sou péssima.

— Nós vamos devagar.

Maxon me puxou para perto dele e pôs a mão em volta da minha cintura. Levei uma mão ao seu peito e segurei meu vestido encharcado com a outra. Balançamos, quase sem nos mexer. Descansei o rosto em seu peito, e ele apoiou o queixo sobre a minha cabeça. E, assim, giramos ao som da chuva.

Quando ele me apertou um pouco mais forte, senti que todos os erros haviam sido apagados e restara apenas a essência da nossa relação. Éramos amigos que tinham percebido que não queriam fica longe um do outro. Éramos diferentes em diversos sentidos, mas, ao mesmo tempo, muito parecidos. Não dava para dizer que nossa relação era obra do destino, mas ela parecia mais forte do que qualquer coisa que eu já tinha vivido antes.

Ergui a cabeça na direção do rosto dele. Pus a mão em sua bochecha e o trouxe para perto para beijá-lo. Seus lábios, molhados, encontraram os meus, queimando. Senti suas mãos se agarrarem às minhas costas, como se ele fosse desmoronar se nos afastássemos. Apesar do barulho da chuva, o mundo todo parecia em silêncio. Eu sentia que não havia Maxon suficiente, não havia pele, espaço, tempo suficiente.

Depois de tantos meses tentando conciliar o que eu queria com o que esperava, percebi — naquele momento que Maxon criara só para nós — que nunca faria sentido. Tudo que eu podia fazer era seguir em frente e ter a esperança de que, sempre que desviássemos do caminho, ainda conseguiríamos voltar um para o outro.

Tínhamos que voltar. Porque… porque…

Apesar de todo o tempo que demorou para aquele momento chegar, quando ele finalmente aconteceu, foi rápido.

Eu amava Maxon. Pela primeira vez, meu sentimento era sólido. Não tentava me distanciar, apegada a Aspen e a todas as dúvidas que vinham junto. Não estava me envolvendo com Maxon e, ao mesmo tempo, mantendo um

pé na porta para o caso de ser rejeitada. Simplesmente deixei as coisas acontecerem.

Eu o amava.

Era incapaz de apontar precisamente o motivo de tanta certeza, mas soube na hora, com a mesma certeza com que sabia meu nome ou a cor do céu ou qualquer coisa escrita em um livro.

Será que ele também sentia isso?

Maxon interrompeu o beijo e me olhou nos olhos.

— Você fica linda quando está desarrumada.

Soltei uma risada nervosa.

— Obrigada. Por isso, pela chuva e por não desistir.

Ele correu os dedos pela minha bochecha, meu nariz e meu queixo.

— Você vale a pena. Acho que não tem noção disso. Para mim, você vale a pena.

Meu coração parecia prestes a explodir. Só queria que tudo acabasse naquele dia. Meu mundo girava em torno de um novo eixo, e eu sentia que o único meio de não ficar zonza era acreditar que aquilo realmente poderia acontecer. Eu tinha certeza agora de que ia acontecer. Tinha que acontecer. Logo.

Maxon me deu um beijo na ponta do nariz.

— Vamos nos secar e assistir a um filme.

— Parece bom.

Cuidadosamente, resolvi manter meu amor por Maxon guardado só para mim, pelo menos por um tempo, porque ainda tinha um pouco de medo daquele sentimento. Cedo ou tarde, precisaria demonstrar o que eu sentia — mas depois. Por enquanto, seria meu segredo.

Tentei torcer o vestido perto da porta, mas não adiantou. Eu deixaria um pequeno rastro de água até o quarto.

— Voto por uma comédia — anunciei enquanto deixávamos o telhado e descíamos a escada, Maxon à frente.

— Voto por ação.

— Bem, você acabou de dizer que valho a pena, então acho que vou ganhar essa.

Maxon riu.

— Bem pensado.

Ele continuava rindo quando abriu a porta que dava na sala da lareira, mas ficou paralisado em seguida.

Espiei por cima de seu ombro e vi o rei Clarkson ali parado, irritado como sempre.

— Suponho que a ideia tenha sido sua — o rei disse a Maxon.

— Sim.

— Você tem noção do perigo a que se expôs? — ele indagou.

— Pai, não há rebeldes à espreita no telhado — Maxon rebateu, tentando soar razoável, mas parecendo um pouco ridículo com a roupa encharcada.

— Um tiro bem mirado é o bastante, Maxon.

O rei deixou suas palavras no ar para depois emendar:

— Você sabe que ficamos com poucos guardas depois que mandamos soldados para as casas das garotas da Elite. E dezenas dos enviados desapareceram. Estamos vulneráveis. — Então, dirigiu seu olhar a mim. — E por que essa menina está sempre metida em tudo o que acontece ultimamente?

Permanecemos em silêncio. Sabíamos que não havia o que dizer.

— Apronte-se — ordenou o rei. — Você tem trabalho a fazer.

— Mas eu…

Com apenas um olhar, o pai deu a entender que todos os planos do filho para o dia estavam cancelados.

— Certo — o príncipe assentiu, cedendo.

O rei Clarkson pegou Maxon pelo braço e o levou embora. Fiquei para trás, sozinha. Maxon virou a cabeça e me pediu desculpas em silêncio. Retribuí com um breve sorriso.

Eu não tinha medo do rei. Nem dos rebeldes. Sabia o quanto Maxon

significava para mim, e estava certa de que tudo acabaria bem, de algum jeito.

11

DEPOIS DE AGUENTAR O SORRISINHO MALICIOSO de Mary enquanto me ajudava a me trocar, fui ao Salão das Mulheres, feliz com a chuva que continuava a cair. Agora ela sempre significaria algo especial para mim.

No entanto, apesar de Maxon e eu termos escapado por uns instantes, quando saímos da nossa bolha, o clima entre as garotas da Elite estava ainda mais pesado por conta do ultimato dos rebeldes. Todas estavam desatentas e nervosas.

Sem dizer uma palavra, Celeste pintava as unhas em uma mesa, e dava para notar que suas mãos tremiam levemente de vez em quando. Fiquei um tempo observando enquanto ela arrumava o que tinha borrado e tentava continuar o trabalho. Elise tinha um livro nas mãos, mas seus olhos estavam fixos nas janelas, perdidos na chuva que caía. Nenhuma de nós dava conta de concluir nem a mais simples das tarefas.

— Como acha que estão as coisas lá fora? — Kriss me perguntou, interrompendo o bordado que fazia em uma almofada.

— Não sei — respondi baixinho. — Não acho que eles fariam tamanha ameaça em vão.

Eu rabiscava uma melodia que tinha na cabeça em uma partitura em branco. Fazia quase seis meses que não compunha nada original. Não fazia muito sentido. As pessoas preferiam os clássicos nas festas.

— Você acha que estão escondendo o número de mortos de nós? — Kriss especulou.

— É possível. Se desistirmos, os rebeldes ganham.

Kriss fez outro ponto na almofada.

— Vou ficar custe o que custar.

A maneira como ela falou aquilo deu a impressão de que se dirigia especificamente a mim. Como se eu precisasse saber que ela nunca abriria mão de Maxon.

— Digo o mesmo.

O dia seguinte foi bem parecido, embora pela primeira vez eu tivesse ficado desapontada ao ver o sol brilhar. A preocupação pesava tanto sobre nós que a única coisa que podíamos fazer era permanecer quietas. Eu morria de vontade de correr, de usar a energia para alguma coisa.

Depois do almoço, nos arrastamos de volta ao Salão das Mulheres. Elise estava lendo, e eu, trabalhando na partitura, mas Kriss e Celeste não haviam voltado ainda. Talvez uns dez minutos mais tarde, Kriss chegou carregada de coisas. Sentou com papel e uma caixa de lápis de cor.

— O que você está desenhando?

— Qualquer coisa que ocupe minha cabeça — respondeu, dando de ombros.

Ela permaneceu ali por um bom tempo com o lápis vermelho na mão, sem conseguir riscar o papel.

— Não sei o que estou fazendo — ela desabafou. — Sei que as pessoas estão em perigo, mas eu o amo e não quero sair!

— O rei não deixará ninguém morrer — Elise a confortou.

— Mas algumas pessoas já morreram. — Kriss não parecia querer discutir. Estava apenas preocupada. — Só queria poder pensar em outra coisa.

— Aposto que Silvia nos arrumaria trabalho — propus.

Kriss soltou uma risada nervosa.

— Não estou tão desesperada. — Em seguida, encostou a ponta do lápis na folha e traçou uma leve curva. Era um começo. — Tudo vai ficar bem. Tenho certeza.

Esfreguei os olhos e encarei a partitura. Eu precisava espairecer.

— Vou dar um pulo em uma das bibliotecas. Já volto.

Elise e Kriss acenaram com a cabeça, tentando manter a concentração. Levantei e saí.

Perambulei pelo corredor até uma das últimas saletas do andar. Havia alguns livros naquelas estantes que eu queria ler. Uma porta se abriu devagar, e então me dei conta de que não estava sozinha. Alguém estava chorando.

Procurei de onde vinha o som e encontrei Celeste, abraçando os joelhos contra o peito, sentada no amplo parapeito da janela. A cena me fez sentir desconfortável imediatamente. Celeste não *chorava*. Até aquele momento, eu duvidava inclusive de que ela fosse capaz.

A única coisa a fazer era sair, mas ela me viu enquanto enxugava as lágrimas.

— Argh! — resmungou. — O que você quer?

— Nada. Desculpe. Vim atrás de um livro.

— Pegue e vá embora. Você consegue tudo o que quer mesmo.

Permaneci imóvel por um instante, confusa com suas palavras. Ela soltou um suspiro e levantou bruscamente. Em seguida, pegou uma de suas muitas revistas e atirou-a contra mim, que agarrei um pouco sem jeito.

— Veja com os próprios olhos. Seu discursinho no *Jornal Oficial* a levou para o topo. Eles amam você! — sua voz tinha um tom de raiva e acusação, como se eu tivesse planejado aquilo desde o começo.

Endireitei a revista e vi, em metade da página, fotos das quatro remanescentes. A outra metade trazia um gráfico e, acima dele, a manchete perguntava: *Quem VOCÊ quer que seja a rainha?* Ao lado do meu rosto, uma coluna comprida mostrava que 39% das pessoas torciam por mim. Não era a porcentagem que eu julgava necessária para quem quisesse ganhar, mas era

bem maior que a das outras!

Ao redor do gráfico, havia algumas opiniões dos entrevistados. Celeste era considerada verdadeiramente nobre, embora estivesse em terceiro lugar. Elise, diziam, era muito equilibrada, mas apenas 8% da população a apoiava. Ao lado da minha foto, algumas opiniões me deram vontade de chorar.

"A senhorita America é igual à rainha: uma guerreira. Não só desejamos sua vitória; precisamos dela!"

Olhei bem para aquelas palavras.

— Isso… é verdade?

Celeste tirou a revista da minha mão.

— Claro que é. Então vá em frente. Case-se com ele, faça o que quiser. Seja princesa. Todos vão amar. A coitadinha da Cinco leva a coroa.

Ela se preparou para deixar a sala; seu temperamento azedo tinha arruinado a notícia mais incrível que eu recebera durante toda a Seleção.

— Não entendo por que você se importa tanto com isso. Algum Dois vai ficar muito feliz em se casar com você. E você vai continuar famosa no final das contas — acusei.

— Vou ser uma subcelebridade, America.

— Céus! Você é modelo! — berrei. — Você tem tudo!

— Mas por quanto tempo? — ela rebateu. — Por quanto tempo? — repetiu baixinho.

— O que você quer dizer? — perguntei, em um tom mais ameno. — Celeste, você é linda. E você será Dois pelo resto da vida.

Ela sacudia a cabeça antes mesmo de eu concluir.

— Você acha que é a única a se sentir presa por sua casta? Sim, sou modelo. Não sei cantar. Não sei atuar. Então, quando meu rosto já não servir, serei esquecida. Restam-me cinco anos. Dez, com sorte.

Ela me encarou.

— Você passou a vida inteira no anonimato. Sei que às vezes sente falta dele. Bom, eu passei a minha sob os holofotes. Talvez pareça um medo bobo para

você, mas é real para mim: não quero perder isso.

— Não parece bobo, na verdade.

— Não?

Celeste esfregava os olhos, voltada para a janela.

Cheguei mais perto e fiquei ao seu lado.

— Não, Celeste. Mas você já gostou dele?

Ela inclinou a cabeça para refletir.

— Ele é bonito. E beija muito bem — acrescentou, com um sorriso.

— Eu sei — respondi, também sorrindo.

— Sei que você sabe. Descobrir até que ponto vocês dois chegaram foi um golpe duro contra os meus planos. Achava que tinha Maxon na palma da mão ao fazê-lo sonhar com mais.

— Não é assim que se conquista o coração de alguém.

— Eu não precisava do coração dele — confessou. — Só precisava que ele me desejasse o suficiente para ficar comigo. Tudo bem, não é amor. Preciso mais de fama do que de amor.

Pela primeira vez, ela não era minha inimiga. Entendi naquele momento. Sim, ela era uma competidora calculista, mas por desespero. Achava que tinha de nos intimidar em nome de algo que a maior parte de nós *queria*, mas ela sentia que *precisava*.

— Em primeiro lugar, você precisa de amor, sim. Todo mundo precisa. E não há problema em querer que a fama venha junto.

Ela fez uma careta, mas não interrompeu.

— Em segundo lugar, a Celeste Newsome que eu conheço não precisa de um homem para ser famosa.

Ela gargalhou ao ouvir isso.

— Tenho sido um pouco cruel — admitiu, de um jeito mais brincalhão que envergonhado.

— Você rasgou meu vestido!

— Bom, era necessário na hora!

E, de repente, tudo era engraçado. Todas as discussões, os olhares de ódio, os truquezinhos: tudo parecia uma grande piada. Ficamos ali por um tempo, rindo dos últimos meses. De repente, senti vontade de cuidar dela como cuidava de Marlee.

Do nada, o riso de Celeste sumiu.

— Fiz tantas coisas, America — reconheceu, evitando olhar para mim. — Coisas horríveis, vergonhosas. Um pouco por não saber reagir bem à pressão de estar aqui, mas quase sempre por estar preparada para fazer qualquer coisa para conquistar a coroa, para conquistar Maxon.

Fiquei surpresa comigo mesma quando pus a mão no ombro de Celeste para confortá-la.

— Sinceramente — comecei —, acho que você não precisa de Maxon para conquistar nada na vida. Você tem garra, tem talento. Mais importante: tem capacidade. Metade das pessoas deste país daria qualquer coisa para ter o que você tem.

— Eu sei — ela disse. — Não é que eu não tenha noção de como sou sortuda. Só é difícil aceitar a possibilidade de… sei lá, ser menos do que isso.

— Então não aceite.

Ela sacudiu a cabeça.

— Nunca tive chance mesmo, tive? Sempre foi você, desde o início.

— Não só eu — admiti. — Kriss. Ela também está no páreo.

— Quer que eu quebre a perna dela? Posso dar um jeito de fazer isso acontecer — propôs, rindo sozinha. — É brincadeira.

— Quer voltar pra lá comigo? Esses últimos dias têm demorado para passar. E você sempre dá uma sacudida no ambiente.

— Não agora. Não quero que as outras saibam que chorei — ela disse, e me lançou um olhar de súplica.

— Nem uma palavra. Prometo.

— Obrigada.

Um silêncio tenso caiu entre nós, como se uma das duas tivesse algo mais a

dizer. Aquele momento foi importante para mim. Pude enxergar a verdadeira Celeste. Ainda não sabia se conseguiria deixar de lado tudo o que ela tinha feito contra mim, mas ao menos passei a entender. Não havia o que acrescentar, então me despedi e saí.

Só depois de fechar a porta me lembrei de que não tinha pegado o livro. Então pensei naquela página brilhante da revista com o gráfico e meu rosto sorridente ao lado de um número imenso. Eu precisava cutucar a orelha no jantar. Maxon precisava saber daquilo. Tinha a esperança de que, se ele soubesse do sentimento das pessoas por mim, revelaria um pouco mais dos seus próprios sentimentos.

Quando estava quase dobrando o corredor que dava no Salão das Mulheres, um rosto familiar me fez lembrar de que eu tinha planos ainda mais importantes em que pensar. Dissera a Maxon que encontraria um jeito de chegar até August, e estava certa de que a nossa única chance de fazer isso vinha em minha direção no corredor.

Aspen fazia sua ronda pelo andar. Parecia maior e mais forte do que na última vez em que o vira.

Olhei para os lados a fim de checar se estávamos sozinhos. Havia um punhado de guardas na outra ponta do corredor, mas eles não conseguiriam escutar nossa conversa.

— Ei — eu disse, chamando sua atenção. Mordi os lábios com nervosismo, desejando que Aspen fosse tão esperto quanto eu imaginava. — Preciso da sua ajuda.

Sem piscar, ele respondeu:

— É só dizer.

12

EU ESTAVA CERTA. Aspen conhecia de cor cada canto do palácio e sabia exatamente como Maxon e eu poderíamos sair de lá.

— Você tem certeza disso? — Maxon perguntou enquanto nos trocávamos em meu quarto na noite seguinte.

— Precisamos saber o que está acontecendo. Não tenho dúvida de que estaremos seguros.

A porta do banheiro estava entreaberta e conversávamos por uma frestinha enquanto ele atirava o terno no chão e vestia jeans e camiseta próprios de um Seis. As roupas de Aspen eram um pouco grandes para Maxon, mas serviam. Felizmente, para mim ele tinha conseguido arranjar umas roupas menores com outro soldado. Mesmo assim, tive que dobrar várias vezes a barra da calça para encontrar meus pés.

— Você parece confiar muito nesse guarda — Maxon comentou. Não consegui identificar nada no seu tom de voz. Talvez estivesse ansioso.

— Minhas criadas dizem que é um dos melhores à sua disposição. E foi ele quem me levou até o abrigo quando os sulistas vieram daquela vez. Ele sempre pareceu pronto para tudo, mesmo em momentos tranquilos. Tenho uma boa impressão dele. Confie em mim.

Em meio ao barulho das roupas, Maxon continuou com as perguntas:

— Como você sabia que ele seria capaz de nos tirar do palácio?

— Não sabia. Apenas perguntei.

— E ele simplesmente disse que sim?

— Bem, eu disse que era um favor para você.

Então ele emitiu um som que parecia um suspiro.

— Ainda acho que você não deveria vir.

— Eu vou, Maxon. Já está pronto?

— Sim, só preciso calçar os sapatos.

Abri a porta e, depois de uma olhada rápida, Maxon caiu na gargalhada.

— Desculpe. Estou acostumado a vê-la de vestido.

— Você também fica diferente quando não está de terno.

De fato ele ficava, mas não de um jeito cômico. Embora as roupas de Aspen fossem grandes demais, Maxon ficava bem de jeans surrado. A camiseta mostrava os braços fortes que eu só tinha visto no abrigo.

— Esta calça é muito pesada. Por que você é tão fã de jeans? — perguntou, lembrando do pedido que eu tinha feito ainda em meu primeiro dia no palácio.

— Apenas gosto — respondi, dando de ombros.

Ele achou graça e balançou um pouco a cabeça. Depois foi até o meu armário, sem sequer perguntar se podia abri-lo.

— Precisamos de algo para segurar sua calça, ou a noite será bem escandalosa. Bom, mais do que já é.

Maxon pegou uma faixa vermelho-escura, se aproximou e a passou pelas alças no cós da calça.

Não conseguiria dizer por quê, mas aquele gesto significou muito para mim. Meu coração disparou de tal maneira que cheguei a me perguntar se Maxon não o ouvia gritando o quanto eu o amava. Se ouviu, achou melhor ignorar por causa das circunstâncias em que estávamos.

— Ouça — ele disse enquanto amarrava a faixa —, o que vamos fazer é muito perigoso. Se acontecer alguma coisa, quero que corra. Nem tente voltar ao palácio. Encontre uma família que te hospede durante a noite.

Maxon deu um passo para trás e encarou meu rosto aflito. Inclinei a cabeça.

— Ficar na casa de alguém agora pode ser quase tão perigoso quanto enfrentar os rebeldes. As pessoas podem estar com raiva por não termos abandonado a competição.

— Se o artigo que Celeste mostrou estiver correto, as pessoas talvez estejam orgulhosas de você.

Quis discordar de Maxon, mas uma batida na porta nos interrompeu. O príncipe abriu, e logo Aspen e outro soldado entraram no quarto pouco iluminado.

— Alteza — saudou Aspen com uma pequena reverência. — A senhorita America nos informou que o senhor precisa ir além das muralhas do palácio.

Maxon respirou fundo.

— Sim. E ouvi dizer que você é o homem que pode me ajudar, soldado… — ele buscou o distintivo de Aspen — Leger.

Aspen confirmou com a cabeça.

— Não será muito difícil, na verdade. Manter a discrição talvez seja mais difícil do que conseguir sair.

— Como assim?

— Bom, presumo que exista algum motivo para o senhor fazer isto à noite, sem o conhecimento do rei. Se fôssemos interrogados diretamente — Aspen falou, lançando um olhar para o outro soldado também —, acho que não poderíamos mentir para ele.

— E eu não pediria isso a vocês. Espero poder revelar isso a meu pai em breve. Esta noite, porém, a discrição é fundamental.

— Não será problema — Aspen respondeu, um pouco hesitante. — Acho que a senhorita não deveria ir.

Como se tivesse vencido a discussão, Maxon me olhou com uma cara que dizia *não falei?*

Endireitei minha postura ao máximo e anunciei:

— Não vou ficar aqui sentada esperando. Já fui perseguida por rebeldes uma

vez e fiquei bem.

— Mas não eram sulistas — Maxon rebateu.

— Eu vou. E estamos perdendo tempo.

— Vamos ser claros: ninguém concorda com você.

— Vamos ser claros: eu não ligo.

Bufando, Maxon ajeitou a touca na cabeça.

— Então, o que devemos fazer?

— O plano é bem simples — Aspen disse, em um tom decidido. — Duas vezes por semana, o palácio despacha um caminhão para comprar mantimentos. Às vezes, a cozinha fica sem provisões no meio da semana, então o caminhão sai de novo para buscar o que estiver em falta. Geralmente, quem vai são empregados da cozinha e alguns guardas.

— E ninguém vai suspeitar? — perguntei.

Aspen negou com a cabeça.

— Essas saídas são quase sempre à noite. Se o cozinheiro diz que precisamos de mais ovos para o café da manhã, bom, é melhor ir antes do amanhecer.

Maxon pegou a calça do terno no chão e vasculhou os bolsos.

— Consegui enviar um bilhete a August. Ele disse para nos encontrarmos neste endereço.

Maxon entregou o papel para Aspen, que leu com o outro soldado.

— Sabe onde fica?

O soldado, um jovem de pele escura cujo distintivo eu finalmente tinha conseguido ler — AVERY — fez que sim com a cabeça.

— Não é a melhor parte da cidade, mas perto o bastante dos armazéns para não levantar suspeitas.

— Certo — Aspen disse. Depois olhou para mim e ordenou: — Esconda o cabelo embaixo da touca.

Torci o cabelo e fiz um coque no alto da cabeça, na esperança de que ficasse completamente coberto. Depois de esconder os últimos fios, perguntei a Maxon:

— Que tal?

Ele desatou a rir.

— Está ótimo.

Dei um soquinho no braço dele antes de virar para ouvir as próximas instruções de Aspen.

Notei a dor em seus olhos ao notar minha intimidade com Maxon. Talvez fosse mais que isso. Nós tínhamos passado dois anos escondidos em uma casa da árvore, mas naquele momento eu estava prestes a circular pelas ruas após o toque de recolher com o homem que os rebeldes sulistas queriam ver morto.

Era um tapa na cara de tudo o que já tínhamos vivido.

E, mesmo que eu não o amasse mais, Aspen ainda era importante para mim. Não queria fazê-lo sofrer.

Antes que Maxon percebesse o que se passava, Aspen se recompôs e disse:

— Sigam-nos.

Esgueirando-se pelo corredor, Aspen e o soldado Avery nos conduziram pela escadaria que levava ao abrigo gigante reservado à família real. Em vez de seguir na direção das grandes portas de aço, atravessamos a extensão do palácio até subirmos por outra escada em espiral. Parecia que chegaríamos ao primeiro andar, mas saímos na cozinha.

Assim que entrei, senti o calor e o aroma doce de pão assando. Por uma fração de segundo, me senti em casa. Esperava algo mais frio, mais profissional, como as padarias chiques que havia na parte bonita da minha cidade. No entanto, encontrei grandes mesas de madeira cobertas de verduras e legumes prontos para ser preparados. Bilhetes por toda parte lembravam os funcionários do turno seguinte o que havia para fazer. No fim das contas, a cozinha era aconchegante, apesar do tamanho.

— Mantenham a cabeça baixa — o soldado Avery sussurrou para nós dois.

Estudávamos o ambiente quando Aspen gritou:

— Delilah?

— Um segundo, querido! — alguém respondeu. Sua voz era forte e

carregava um pouco do sotaque arrastado do sul que algumas vezes eu escutara em Carolina. Passos pesados se aproximaram de nós, mas evitei levantar os olhos para ver o rosto da mulher.

— Leger, docinho, como tem passado?

— Bem. Acabei de ouvir que havia uma encomenda para buscar e imaginei que você teria uma lista para mim.

— Encomenda? Não que eu saiba.

— Esquisito. Eu tinha certeza…

— É melhor ir lá conferir — ela disse, sem qualquer indício de suspeita ou preocupação na voz. — Não quero deixar de buscar nada para o palácio.

— O.k., não vou demorar — Aspen disse.

Ouvi o som ligeiro de sua mão ao pegar o molho de chaves.

— Vejo você mais tarde, Delilah. Se estiver dormindo, penduro as chaves no gancho.

— Certo, querido. Venha me visitar logo, faz tempo que você não vem.

— Pode deixar.

Aspen se pôs a caminho, e o seguimos sem dar um pio. Sorri internamente. A mulher, Delilah, tinha uma voz grave, madura. Mas mesmo ela não resistia ao charme de Aspen.

Dobramos o corredor e subimos uma rampa até um par de portas amplas. Aspen destrancou o cadeado e as abriu. À nossa espera, sob o doce ar de Angeles, estava um grande caminhão preto.

— Não tem onde segurar, mas acho que vocês dois deveriam ir na parte de trás — recomendou Avery.

Olhei para a carroceria enorme. Pelo menos não correríamos o risco de ser reconhecidos.

Fui até a traseira do veículo, onde Aspen já abria as portas.

— Senhorita — ele disse, estendendo a mão para me ajudar. — Alteza — ele acrescentou na vez de Maxon, que dispensou a ajuda.

Dentro do caminhão, havia alguns caixotes e uma espécie de estante na

lateral. De resto, era uma grande caixa de metal vazia. Maxon foi na frente para inspecionar a área.

— Aqui, America — ele disse, apontando para o canto. — Vamos nos apoiar contra a estante.

— Tentaremos dirigir sem muitos solavancos — Aspen disse.

Maxon assentiu. Aspen lançou um olhar solene em nossa direção antes de fechar as portas.

Em meio à escuridão, me apoiei em Maxon.

— Está com medo? — perguntou.

— Não.

— Nem eu.

Mas eu tinha certeza de que estávamos mentindo.

13

NÃO SABERIA DIZER POR QUANTO TEMPO VIAJAMOS, mas podia sentir cada solavanco do enorme caminhão. Maxon, na tentativa de nos manter firmes em pé, pressionou as costas contra a estante e me prendeu na lateral com uma das pernas. Mesmo assim, a cada curva, continuávamos escorregando um pouco no assoalho de metal.

— Não gosto de não saber onde estou — Maxon disse, enquanto tentava nos manter equilibrados mais uma vez.

— Você já passeou por Angeles antes?

— Apenas de carro — admitiu.

— É muito estranho eu me sentir mais à vontade indo a um covil de rebeldes do que recebendo aquelas mulheres da família real italiana?

Maxon riu.

— Só você mesmo.

Era difícil conversar com o barulho do motor e o chiado das rodas. Ficamos calados por um tempo. No escuro, os sons pareciam mais fortes. Respirei fundo, na tentativa de me concentrar, e senti um cheiro de café no ar. Não dava para dizer se aquele aroma era um resquício no caminhão ou se estávamos passando por uma lanchonete na estrada. Depois de um tempo que pareceu muito longo, Maxon se aproximou e falou no meu ouvido:

— Gostaria que você estivesse segura em casa, mas estou muito feliz por

estar aqui.

Ri baixinho. Provavelmente ele não ouviu, mas deve ter conseguido sentir, de tão próximos que estávamos.

— Só me prometa que vai correr — ele pediu.

Cheguei à conclusão de que, no final das contas, eu não seria uma grande ajuda para Maxon caso alguma coisa de muito ruim acontecesse. Procurei seu ouvido e disse:

— Prometo.

O caminhão deu outro solavanco forte e Maxon me agarrou. Senti nossos narizes se tocarem na escuridão. A vontade de beijá-lo veio rápida e inesperada. Apesar de terem passado apenas alguns dias desde nosso beijo no telhado, para mim parecia uma eternidade. Ele me puxou para perto. Eu podia sentir na pele sua respiração. Ia acontecer. Com certeza.

Maxon deslizou o nariz pela minha bochecha até nossos lábios ficarem próximos. Assim como pude sentir o aroma do café e ouvir cada rangido no escuro, a falta de luz me deixava mais concentrada no leve aroma que envolvia Maxon, no toque de seus dedos pelo meu pescoço até chegar às mechas de cabelo que despontavam sob a touca.

Um segundo antes de nossos lábios se tocarem, o caminhão parou bruscamente, nos jogando para a frente. Bati a cabeça na parede e tive certeza de que os dentes de Maxon foram parar na minha orelha.

— Ai! — ele exclamou. Percebi que ele tentava se endireitar no escuro. — Você se machucou?

— Não. Meu cabelo e a touca absorveram a maior parte do impacto. — Se eu não quisesse tanto beijá-lo, teria caído na gargalhada.

Assim que paramos, o caminhão começou a dar ré. Segundos depois, já estava estacionado, e os motores, desligados. Maxon trocou de posição; parecia estar agachado e encolhido, olhando para a porta. Achei melhor me abaixar também, e Maxon estendeu uma mão para me proteger, se fosse necessário.

A luz do poste invadiu a carroceria, me deixando um pouco zonza. Tentava

proteger os olhos quando alguém subiu no compartimento.

— Chegamos — disse o soldado Avery. — Me sigam de perto.

Maxon se levantou e logo me ajudou a fazer o mesmo. Em seguida, saltou para fora do caminhão e ergueu os braços para me segurar. Assim que toquei o chão, ele tomou minha mão. De imediato, reparei no grande muro de tijolos que nos cercava em um beco e senti o cheiro muito forte de algo podre. Aspen estava diante de nós, inspecionando todos os lados com a arma na mão, na altura de sua cintura.

Ele e Avery foram na direção da entrada dos fundos do prédio, comigo e Maxon logo atrás. Os muros ao nosso redor eram altos e me lembravam dos prédios da minha cidade, com suas escadas de incêndio serpenteando na lateral da construção. No entanto, ninguém parecia morar naquela área. Aspen bateu na porta encardida e esperou. Uma fresta se abriu, e dava para ver uma pequena corrente que protegia quem estava dentro. Vi os olhos de August antes de a porta ser fechada rapidamente e reaberta em seguida, dessa vez por inteiro. August nos apressou para entrar.

— Rápido — ele murmurou.

No corredor sombrio estavam um garoto mais novo e Georgia. Era óbvio que ela estava tão ansiosa quanto a gente. Não consegui me conter e corri para abraçá-la. Ela me abraçou de volta, e fiquei feliz por descobrir que, inesperadamente, tinha feito uma amiga.

— Vocês foram seguidos? — ela perguntou.

— Não, mas vocês precisam ser rápidos — Aspen respondeu.

Georgia me levou até uma mesinha, e Maxon sentou ao meu lado. August e o garoto mais novo ficaram do outro.

— Quão grave é a situação? — Maxon perguntou. — Tenho a sensação de que meu pai esconde a verdade de mim.

August deu de ombros, um pouco surpreso.

— Pelo que sabemos, os números são baixos. Estão causando a destruição de sempre, mas, por ora, nos ataques direcionados aos Dois, parece que foram

menos de trezentas pessoas.

Fiquei sem ar. Trezentas pessoas? Como aquilo podia ser considerado baixo?

— America, não é tão ruim se você considerar toda a situação — disse Maxon, mais uma vez segurando minha mão.

— Ele tem razão — comentou Georgia. — Podia ter sido bem pior.

— Já esperava isso deles: que atacassem de cima para baixo. Supomos que logo avançarão mais — interveio August. — Aparentemente, os ataques ainda estão concentrados nos Dois, mas estamos de olho e avisaremos se a situação piorar. Temos aliados em todas as províncias, e todos estão alertas. Mas não há muito que possam fazer sem se expor. Todos sabemos o que aconteceria se fossem descobertos.

Maxon, sério, concordou com a cabeça. Eles morreriam, claro.

— Devemos ceder? — Maxon perguntou. Olhei para ele, surpresa.

— Acredite em nós — Georgia disse. — Eles não vão melhorar se você desistir.

— Mas deve haver algo mais que possamos fazer — Maxon insistiu.

— Vocês já fizeram algo muito importante. Bem, ela fez — August disse, apontando para mim com a cabeça. — Pelo que sabemos, os fazendeiros têm levado um machado sempre que deixam as plantações, costureiras caminham pelas ruas com tesouras nas mãos e até quem é Dois anda com sprays de pimenta. Não importa a casta, todos parecem ter encontrado um jeito de se armar por precaução. Seu povo não quer mais viver com medo, e está tentando fazer isso. Está contra-atacando.

Senti vontade de chorar. Pela primeira vez em toda a Seleção, tinha feito uma coisa certa.

Maxon apertou minha mão, orgulhoso.

— É um consolo — ele disse. — Ainda assim, não me parece o bastante.

Concordei com a cabeça. Estava muito feliz por saber que as pessoas não estavam conformadas, mas devia haver um jeito de acabar com aquilo de uma vez.

August suspirou.

— Temos nos perguntado se há um jeito de atacá-los. Eles não têm qualquer treinamento de combate. Apenas se atiram sobre as pessoas. Nossos apoiadores têm medo de ser identificados, mas estão em toda parte. E podem ser nossa principal vantagem no caso de um ataque surpresa. De certa forma, já formamos uma espécie de exército, mas estamos praticamente desarmados. Não há chance de ganharmos dos sulistas se a maioria das nossas forças lutar com tijolos e rastelos.

— Vocês precisam de armas?

— Seriam bem-vindas.

Maxon considerou a hipótese.

— Há coisas que vocês podem fazer que são simplesmente impossíveis para nós do palácio. Só não gosto da ideia de enviar meus súditos em missão para eliminar aqueles selvagens. Seria morte certa.

— É possível — August reconheceu.

— Há também o detalhe de que não há garantias de que vocês não usarão essas armas contra mim no futuro.

August bufou ao ouvir essas palavras.

— Não sei como fazer você acreditar que estamos ao seu lado, mas é verdade. Tudo o que desejamos é ver o fim das castas, e estamos prontos para apoiá-lo nisso. Não pretendo feri-lo, Maxon, e acho que você sabe disso.

August e Maxon se entreolharam por algum tempo. Depois, o líder rebelde emendou:

— Se não soubesse, não estaria aqui agora.

— Alteza — Aspen disse. — Perdão por interromper, mas alguns de nós gostariam de acabar com os rebeldes do sul tanto quanto os senhores. Eu mesmo iria me voluntariar para treinar qualquer pessoa em combate corpo a corpo.

Meu peito se encheu de orgulho. Aquele era o meu Aspen: sempre tentando consertar as coisas.

Maxon acenou com a cabeça antes de se voltar novamente para August.

— Precisarei de um tempo para pensar sobre isso. Talvez possa oferecer algum treinamento, mas não poderia armá-los. Mesmo se estivesse certo de suas intenções, imagine o que meu pai faria se descobrisse uma ligação entre nós.

Sem pensar, Maxon contraiu os músculos das costas. Eu tinha a impressão de que ele já devia ter feito isso várias vezes desde que nos conhecemos, mas antes eu não reparava. Mesmo naquela situação tensa ele não conseguia esquecer seu segredo.

— Tem razão. Na verdade, é melhor vocês irem embora. Darei notícias assim que tiver mais informações, mas, por ora, tudo vai bem, na medida do possível. — August entregou um papel a Maxon. — Temos um telefone fixo. Você pode ligar em caso de urgência. Micah cuida dessas coisas.

August apontou para o garoto que tinha permanecido calado o tempo todo. Micah mordeu os próprios lábios e fez um breve aceno com a cabeça. Algo no jeito dele sugeria que se tratava de uma pessoa tímida e ansiosa ao mesmo tempo.

— Certo. Usarei com prudência — garantiu Maxon ao guardar o papel no bolso. — Entrarei em contato logo.

Ele levantou e eu fiz o mesmo, enquanto olhava para Georgia.

Ela contornou a mesa e veio em minha direção.

— Cuide-se no caminho de volta. E aquele número é para você também.

— Obrigada.

Abracei-a rapidamente e saí com Maxon, Aspen e o soldado Avery. Olhei uma última vez para nossos estranhos amigos antes de fecharem e trancarem a porta.

— Afastem-se do caminhão — Aspen ordenou.

Me virei para entender o que ele queria dizer, já que ainda estávamos um pouco longe. Então percebi que Aspen não estava falando comigo. Alguns homens rondavam o veículo. Um deles carregava uma chave-inglesa;

aparentemente, estava prestes a roubar os pneus. Outros dois estavam na traseira, tentando abrir as portas de metal.

— Só vamos embora se você nos der comida — disse um deles. Parecia mais jovem do que os outros; talvez tivesse a idade de Aspen. Sua voz era fria e desesperada.

No palácio, eu não tinha reparado que o caminhão exibia um brasão enorme de Illéa na lateral. Diante daquele grupo de maltrapilhos, isso me pareceu um descuido idiota. Mesmo que Maxon e eu estivéssemos disfarçados, não seria nada bom se eles se aproximassem. Embora eu não soubesse o que fazer com uma arma, desejei de ter uma.

— Não temos comida — Aspen respondeu calmamente. — E se houvesse, não seria para você.

— Como eles treinam bem suas marionetes — comentou outro homem, abrindo um sorriso admirado; dava para notar que não tinha alguns dentes. — O que você era antes de se transformar nisso?

— Afastem-se do caminhão — Aspen ordenou.

— Você não devia ser Dois ou Três, ou teria pagado para fugir do alistamento. Então diga, rapazinho, o que você era? — o banguela desafiou, se aproximando.

— Afaste-se. Agora.

Aspen já estava com uma mão estendida para proteger o corpo e outra próxima da cintura.

O homem parou, balançando a cabeça.

— Você não sabe com quem está mexendo, garoto.

— Esperem! — alguém interrompeu. — É ela! É uma das garotas.

Olhei na direção da pessoa que tinha dito aquilo, o que acabou por me entregar.

— Peguem-na! — gritou o mais jovem.

Antes de eu conseguir pensar, Maxon me jogou para trás. Vi os vultos de Aspen e Avery sacarem as armas enquanto meu corpo era levado pela força dos

braços musculosos de Maxon. Corri para o lado, me esforçando para não cair enquanto Aspen e Avery continham os homens. Logo Maxon e eu demos com o muro de tijolos. Estávamos encurralados.

— Não quero matar vocês — declarou Aspen. — Saiam. Agora!

O homem banguela abriu um sorriso maligno e ergueu as mãos, como se não quisesse brigar. De repente, em um movimento tão rápido que eu quase não percebi, abaixou as mãos e sacou uma arma. Aspen atirou e mais tiros vieram como resposta.

— Vamos, America! — Maxon disse, exasperado.

Vamos para onde?, pensei, com o coração disparado de terror.

Olhei para Maxon. Ele enlaçava os dedos para fazer um apoio para o meu pé. Então entendi: pisei em suas mãos e ele me impulsionou para o alto enquanto eu me equilibrava no muro. Alcancei o topo e senti uma coisa estranha no braço enquanto puxava o corpo para cima.

Ignorei a sensação e joguei o corpo para o outro lado, me esticando ao máximo antes de saltar sobre o chão de concreto. Acabei caindo de lado, com a certeza de ter machucado o quadril ou a perna. Mas Maxon tinha me pedido para correr se estivesse em perigo, e foi isso que fiz.

Não sei por quê, mas achava que ele estaria logo atrás de mim. Quando cheguei ao final da rua, porém, percebi que não estava. Só então me dei conta de que não haveria ninguém para ajudá-lo a escalar o muro. A sensação estranha no meu braço voltou e começou a queimar. Olhei para baixo, sob a fraca luz de um poste. A manga do casaco estava molhada.

Tinha levado um tiro.

Tinha levado um tiro?

Apesar de eu ter estado no meio do tiroteio, aquilo não parecia real. Ainda assim, não havia como negar a dor que queimava e aumentava a cada segundo. Cobri a ferida com a mão, mas isso só aumentou a dor.

Olhei para os lados. A cidade estava totalmente deserta.

Óbvio: já tínhamos passado do toque de recolher havia muito tempo. Estava

tão habituada à vida no palácio que me esquecera de que o mundo lá fora parava às onze.

Se um soldado aparecesse, eu seria levada para a prisão. Como explicaria isso ao rei? *Que desculpa você vai dar para um ferimento à bala, America?*, pensei.

Comecei a caminhar, sem sair das sombras. Não fazia ideia de onde ir. Não sabia se tentar voltar ao palácio era uma boa ideia. Mas, mesmo que fosse, não saberia o caminho.

Meu Deus, como queimava. Era difícil pensar. Cruzei uma rua estreita entre dois prédios. Isso já era sinal de que eu não estava na melhor parte da cidade. No geral, apenas os Seis e Sete precisavam se espremer em apartamentos.

Não havia para onde ir, então caminhei até um beco mal iluminado e me escondi atrás de umas latas de lixo. A noite estava fresca, mas aquele tinha sido um típico dia quente em Angeles; as lixeiras de metal cheiravam muito mal. Com aquele cheiro e a dor, senti que estava prestes a vomitar.

Desgrudei a manga da ferida, com cuidado para não a irritar mais do que o necessário. Minhas mãos tremiam, com o medo e a adrenalina. Dobrar o braço já me fazia querer gritar. Mordi os lábios na tentativa de abafar o som, mas mesmo assim meus gemidos ecoaram na noite.

— O que aconteceu? — uma voz fraca e aguda perguntou.

Levantei a cabeça bruscamente para descobrir quem tinha perguntado. Encontrei dois olhos brilhantes nas profundezas do beco.

— Quem está aí? — perguntei de volta, com a voz trêmula.

— Não vou machucá-la — ela respondeu. — Também estou tendo uma noite ruim.

A menina — eu lhe daria uns quinze anos — saiu das sombras e veio olhar meu braço. Ela perdeu o fôlego com o que viu.

— Deve estar doendo muito — ela comentou, solidária.

— Fui baleada — eu disse, quase chorando. Aquilo queimava tanto…

— Baleada?

Fiz que sim com a cabeça.

Ela me olhou hesitante, como se considerasse sair correndo.

— Não sei o que você fez nem quem você é, mas não mexa com os rebeldes, certo?

— Como é?

— Não faz muito tempo que cheguei aqui, mas sei que as únicas pessoas armadas são os rebeldes. Seja lá o que tenha feito para eles, não faça mais.

Eu nunca havia pensado nisso, apesar de todas as vezes que tínhamos sido atacados. Ninguém que não fosse soldado podia ter armas. Só um rebelde conseguiria driblar a proibição. O próprio August tinha acabado de dizer que os nortistas estavam *praticamente desarmados*. Fiquei me perguntando se eles estavam com alguma arma naquela noite.

— Qual o seu nome? — a menina perguntou. — Sei que é uma garota por baixo dessa roupa.

— Meri — eu respondi.

— Me chamo Paige. Parece que você é nova na oitava casta. Suas roupas estão bem limpas.

Ela virou meu braço com cuidado para olhar melhor o sangramento, como se fosse capaz de ajudar de alguma maneira. Mas nós duas sabíamos que não tinha como.

— É mais ou menos isso — desconversei.

— Você vai morrer de fome se ficar aqui sozinha. Tem algum lugar para ir?

— Não exatamente — respondi, me contorcendo de dor.

Ela inclinou a cabeça.

— Eu vivia sozinha com meu pai. Éramos Quatro. Tínhamos um restaurante, mas minha avó criou uma espécie de regra para quando meu pai morresse: o restaurante passaria para minha tia, não para mim. Acho que por medo de que minha tia ficasse sem nada, algo assim. Acontece que essa tia me odeia. Sempre odiou. Ela ficou com o restaurante, mas também comigo, e não gostou muito.

"Duas semanas após a morte do meu pai, ela começou a me bater. Eu tinha

que roubar comida, porque ela dizia que eu estava ficando gorda e não me daria nada. Pensei em ir para a casa de uma amiga, mas ela poderia ir lá atrás de mim. Então fugi. Peguei dinheiro, mas não o suficiente. Ainda que bastasse, fui roubada na minha segunda noite aqui."

Eu observava Paige falar. Dava para ver, sob a espessa camada de sujeira, uma menina que parecia ter sido sempre muito bem cuidada. Ela tentava ser durona, porém. Tinha que ser. O que mais ela podia fazer?

— Conheci umas garotas esta semana. Trabalhamos juntas e dividimos o lucro. Se você consegue ignorar o que está fazendo, até que não é ruim. Mas eu sempre choro depois. É por isso que me escondo aqui. Se as outras me veem chorando, fazem minha tia parecer uma santa. J. J. diz que elas só querem me deixar mais forte e que é melhor eu aprender rápido. Só que ainda dói… Enfim, você é bonita. Sei que elas ficariam felizes se você se juntasse a nós.

Meu estômago começou a se revirar enquanto eu tentava entender aquela proposta. Em pouco tempo, aquela menina tinha perdido a família, o lar e a si mesma.

No entanto, estava ali na minha frente, na frente de uma pessoa que fora perseguida por rebeldes, o que só podia significar perigo. Mesmo assim estava sendo legal comigo.

— Não dá para levar você ao médico, mas temos alguma coisa que pode aliviar a dor. E talvez consigam pedir a um conhecido para dar uns pontos na ferida. Só que você precisaria pagar depois…

Tentei me concentrar na minha respiração. Embora Paige me distraísse, aquela conversa não diminuía a minha dor.

— Você não é de falar muito, né? — perguntou.

— Não depois de levar um tiro.

Ela achou graça, e seu riso fácil me fez rir também, um pouco. Paige sentou ao meu lado por alguns instantes. Fiquei feliz por não estar só.

— Vou entender se você não quiser vir comigo. É perigoso e meio triste.

— Eu… Podemos ficar em silêncio por um minuto? — pedi.

— Claro. Quer que faça companhia?

— Por favor.

E ela fez. Sem hesitar, permaneceu ao meu lado, sem dar um pio. Tinha a sensação de que já se passara uma eternidade, mas na verdade não tinham sido nem vinte minutos. A dor ficava mais e mais intensa. O desespero começou a bater. Talvez pudesse ir ao médico. Claro, primeiro teria que encontrar um. O palácio pagaria as despesas, mas não tinha ideia de como fazer contato com Maxon.

Será que Maxon estava bem? E Aspen?

Estavam em menor número, mas armados. Se os rebeldes tinham me reconhecido tão rápido, será que reconheceram Maxon também? Se sim, o que teriam feito com ele?

Continuei quieta. Tentava desviar o foco das preocupações. Tudo o que podia fazer era me concentrar em mim mesma. Mas o que faria se Aspen morresse? Ou se Maxon…

— Shhh… — ordenei, embora Paige não tivesse feito qualquer ruído. — Está ouvindo?

Nós duas prestamos atenção na rua.

— … Max — alguém gritava. — Venha, Meri, é o Max.

Usar aqueles nomes tinha sido ideia de Aspen, com certeza.

Levantei com dificuldade e fui até a saída do beco; Paige vinha logo atrás. Vi o caminhão descer a rua em marcha lenta. Cabeças para fora das janelas, à minha procura.

Olhei para trás.

— Paige, quer vir comigo?

— Para onde?

— Prometo que terá emprego e comida de verdade, e ninguém vai bater em você.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Então não me importa para onde. Eu vou.

Ofereci a mão que não estava machucada para ela segurar. A manga do casaco ainda pendia do braço ferido. Caminhamos pela rua, perto dos prédios.

— Max! — gritei ao me aproximar. — Max!

O caminhão gigantesco freou, e Maxon, Aspen e Avery correram para fora.

Soltei a mão de Paige ao ver os braços abertos de Maxon. Ele me apertou e acabou por acertar a ferida. Soltei um grito.

— O que houve? — ele perguntou.

— Levei um tiro.

Aspen nos separou e agarrou meu braço para ver com os próprios olhos.

— Podia ter sido bem pior. Precisamos levá-la de volta e dar um jeito de tratá-la. Suponho que queremos o médico fora disso, certo? — ele questionou, olhando para Maxon.

— Não quero que ela sofra — Maxon disse.

— Alteza! — Paige saudou, pondo-se de joelhos. Seus ombros começaram a tremer, como se estivesse chorando.

— Esta é Paige — eu disse, sem acrescentar mais nada. — Vamos entrar.

Aspen estendeu a mão para Paige.

— Você está segura.

Maxon passou o braço pelas minhas costas e me acompanhou até a traseira do caminhão.

— Tinha certeza de que levaríamos a noite toda para encontrar você — comentou, preocupado.

— Eu também, mas estava com muita dor para conseguir ir muito longe. Paige me ajudou.

— Então cuidaremos dela. Prometo.

Maxon, Paige e eu entramos na traseira do caminhão. O assoalho de metal me pareceu estranhamente reconfortante durante a volta ao palácio.

14

FOI ASPEN QUEM ME TIROU DO CAMINHÃO e me carregou às pressas para um quarto. O lugar era menor que o meu banheiro e tinha duas camas minúsculas e uma cômoda. Alguns bilhetes e fotos na parede conferiam certa personalidade ao lugar. De resto, era bem vazio, apesar de estar lotado no momento: Aspen, o soldado Avery, Maxon, Paige e eu ocupávamos cada centímetro disponível.

Aspen me colocou deitada em uma das camas com a maior suavidade possível, mas meu braço ainda latejava.

— Precisamos chamar o médico — disse, mas dava para ver que não estava nem um pouco confiante para fazer aquilo.

De fato, chamar o dr. Ashlar implicava contar toda a verdade ou inventar uma mentira estapafúrdia, e não queríamos nada disso.

— Não chamem — supliquei com a voz fraca. — Não vou morrer por causa disso. Só ficarei com uma cicatriz grande. Precisamos apenas limpar — falei, já com uma careta de dor.

— Você vai precisar tomar algo para a dor — Maxon disse.

— Ela pode pegar uma infecção. O beco era muito sujo, e eu a toquei — Paige confessou, com a consciência pesada.

Uma pontada de dor queimou em meu braço.

— Anne. Chamem Anne — falei por entre os dentes.

— Quem? — Maxon perguntou.

— Uma das criadas — explicou Aspen. — Avery, traga Anne e uma caixa de primeiros socorros. Temos que dar um jeito nisso. E nela também — completou, indicando Paige.

Maxon finalmente desviou os olhos do meu braço ferido e se virou para Paige, que estava apreensiva.

— Você é uma criminosa? Uma fugitiva? — inquiriu ele.

— Não esse tipo de criminosa. Fugitiva, sim, mas ninguém está à minha procura.

Maxon ponderou suas palavras.

— Bem-vinda a bordo. Siga Avery até a cozinha e diga à sra. Woodard que vai trabalhar com ela por ordens do príncipe. Peça para ela vir até a ala dos soldados imediatamente.

— Woodard. Sim, Alteza.

Paige fez uma reverência e seguiu o oficial Avery para fora do quartinho, deixando-me a sós com Maxon e Aspen. Tinha passado quase a noite inteira com os dois, mas era a primeira vez que estávamos apenas nós três. Dava para sentir o peso dos nossos segredos naquele ambiente já bastante constrito.

— Como vocês escaparam? — perguntei.

— August, Georgia e Micah ouviram os tiros e correram para ajudar — contou Maxon. — Ele não estava brincando quando disse que nunca nos machucaria.

Maxon fez uma pausa. De repente, ficou triste e distante.

— Micah não conseguiu escapar.

Balancei a cabeça. Não sabia nada sobre Micah, mas ele tinha morrido para nos salvar naquela noite. Me senti culpada como se eu mesma tivesse tirado sua vida.

Quis limpar as lágrimas do rosto e usei o braço esquerdo, esquecendo que estava machucado. Gritei de dor.

— Acalme-se, America — Aspen disse, deixando de lado as formalidades.

— Vai dar tudo certo — Maxon prometeu.

Assenti com a cabeça, apertando os lábios para não chorar mais. Que desperdício.

Ficamos em silêncio pelo que me pareceu um longo tempo, mas talvez a dor tenha esticado os minutos.

— Deve ser muito bom contar com uma devoção assim — Maxon falou de repente.

Na hora, pensei que estivesse falando de Micah outra vez. Mas Aspen e eu levantamos o olhar e vimos que ele observava a parede atrás de mim.

Virei a cabeça, feliz por poder prestar atenção em alguma coisa que não fosse a dor excruciante em meu braço. Ao lado de um desenho feito por um de seus irmãos e de uma foto de seu pai quando tinha mais ou menos sua idade, havia um bilhete escrito para Aspen.

Sempre vou te amar. Esperarei por você para sempre. Estou do seu lado, aconteça o que acontecer.

Minha caligrafia era mais desleixada um ano antes, quando deixara aquele papel em minha janela para Aspen. O bilhete estava repleto de coraçõezinhos bregas que eu já não usaria em uma carta de amor, mas ainda dava para entender a importância daquelas palavras. Era a primeira vez que eu tinha declarado meus sentimentos por escrito, receosa de que ganhassem ainda mais força por estarem registrados no papel. Também lembrei que o medo de que minha mãe achasse o bilhete era maior do que o choque de saber, com absoluta certeza, que amava Aspen.

Naquele instante, porém, meu medo era de que Maxon reconhecesse minha letra.

— Deve ser bom ter alguém a quem escrever. Nunca tive o luxo de poder escrever ou receber cartas de amor — Maxon comentou, com um sorriso triste no rosto. — Ela manteve a palavra?

Aspen ajeitava os travesseiros sob a minha cabeça, evitando olhar para Maxon ou para mim diretamente.

— Ficou mais difícil escrever — ele disse. — Mas sei que ela está do meu lado, aconteça o que acontecer. Não tenho dúvida.

Observei o cabelo curto e escuro de Aspen — a única parte dele que eu conseguia ver — e senti uma nova dor. De certa forma, ele tinha razão. Nunca nos separaríamos de verdade. Mas… e as palavras no papel? Aquele amor imenso que me dominava por inteiro? Já não existia mais.

Será que Aspen ainda contava com ele?

Voltei o olhar para o rosto de Maxon, e sua tristeza revelava uma ponta de ciúmes. Não me surpreendi. Me lembrava de quando contara a ele que já tinha amado alguém antes; ele se sentira um pouco em desvantagem, sem saber ao certo, naquele momento, se chegaria a amar alguém um dia.

Se ele soubesse que o homem que eu tinha amado e Aspen eram a mesma pessoa, com certeza ficaria arrasado.

— Escreva logo para ela — Maxon aconselhou. — Não deixe que ela se esqueça.

— Por que estão demorando tanto? — Aspen resmungou, saindo do quarto, sem se dar ao trabalho de responder.

Maxon o observou sair e se voltou para mim.

— Sou tão inútil. Não faço ideia de como ajudar você. Pensei que ao menos poderia tentar ajudá-lo. Ele salvou nossas vidas esta noite — comentou, balançando a cabeça. — Pelo jeito apenas o deixei chateado.

— Todos estamos nervosos. Está tudo bem — eu disse, para confortá-lo.

Ele soltou um riso nervoso e se ajoelhou ao lado da cama.

— Você está aí deitada, com uma ferida aberta no braço, e ainda tenta me consolar. Você é incrível.

— Se um dia você resolver me escrever uma carta de amor, pode começar assim — brinquei.

Maxon sorriu.

— Não há nada que eu possa fazer por você?

— Segura minha mão? Só não com muita força.

Maxon enlaçou os dedos na minha mão já bem fraca. Apesar de aquilo não ter mudado nada, era bom sentir que ele estava por perto.

— Provavelmente não vou. Escrever uma carta de amor, quero dizer. Procuro evitar constrangimentos sempre que possível.

— Você não consegue planejar guerras, não sabe cozinhar e se recusa a escrever cartas de amor… — provoquei.

— Exato. Minha lista de defeitos não para de crescer — ele disse, brincando com os dedos na minha mão. Eu estava feliz por me distrair um pouco.

— Tudo bem, então. Vou ter que continuar adivinhando seus sentimentos, já que você se recusa a escrever uma carta. Com caneta roxa. E coraçõezinhos no lugar dos pingos nos *is*.

— Que é exatamente como eu faria — ele disse, fingindo seriedade.

Comecei a rir baixinho, mas logo parei porque só aumentava a dor.

— Mas não acho que você precise adivinhar meus sentimentos… — continuou Maxon.

— Bom — eu disse, e foi ficando cada vez mais difícil respirar —, você nunca falou de fato, em voz alta.

Maxon abriu a boca para argumentar, mas se calou. Seus olhos se cravaram no teto enquanto ele repassava mentalmente nossa história, à procura do momento em que tinha declarado seu amor por mim.

No abrigo, ele havia insinuado isso de diversas maneiras. Tinha deixado transparecer em dezenas de gestos românticos ou entre as palavras que dizia… mas falar de fato ele nunca tinha feito. Eu lembraria e teria um motivo para nunca mais questionar seus sentimentos. Também teria sido um ótimo motivo para eu dizer como me sentia em relação a ele também.

— Senhorita? — A voz de Anne entrou pela porta e um segundo depois ela mesma apareceu, preocupada.

Maxon se afastou, soltando minha mão para abrir espaço para ela.

Anne se concentrou na ferida, que tocou com cuidado para verificar a gravidade da situação.

— Você precisa de pontos. Não sei se temos algo para anestesiá-la completamente — ela avaliou.

— Tudo bem. Apenas faça o melhor que puder — eu disse. Só a presença dela já me acalmava.

Ela concordou com a cabeça e pediu:

— Alguém traga água fervente. A bolsa de primeiros socorros deve ter antisséptico, mas quero água também.

— Eu pego — disse Marlee, que estava ao pé da porta com o rosto contorcido de preocupação.

— Marlee — murmurei, voltando a chorar baixinho.

Só então juntei os pontos daquela história de sra. Woodard. Claro que Marlee e Carter não poderiam continuar com o sobrenome Woodwork. Estavam escondidos bem debaixo do nariz do rei.

— Já volto, America. Aguente firme. — Ela saiu apressada, mas era um alívio saber que a teria por perto.

Anne logo absorveu o choque da presença de Marlee, sem perder o equilíbrio. Observei quando ela tirou agulha e linha da caixa. Era um consolo saber que ela havia costurado quase todas as minhas roupas. Meu braço não seria um problema.

Incrivelmente rápida, Marlee voltou com uma jarra de água fervente, uma pilha de toalhas e uma garrafa com um líquido amarelado. Colocou a jarra e as toalhas sobre a cômoda, abriu a garrafa e se aproximou de mim.

— É para a dor — disse.

Ela ergueu minha cabeça para que eu pudesse beber.

O líquido da garrafa desceu queimando e tossi algumas vezes depois de engolir. Marlee insistiu para que eu tomasse mais um gole. Bebi, odiando cada gota.

— Estou tão feliz por você estar aqui — sussurrei.

— Sempre estarei ao seu lado, America. Você sabe disso — falou, com um sorriso. Pela primeira vez, ela parecia mais velha do que eu, calma e segura de si. — Que diabos vocês estavam fazendo?

— Parecia uma boa ideia — respondi com uma careta.

— America, sua cabeça está cheia de más ideias. Ótimas intenções, péssimas ideias — ela comentou, compreensiva.

Obviamente ela tinha razão. Eu já devia ser mais esperta a essa altura. No entanto, o fato de ela estar ali, mesmo que para dizer como eu era idiota, deixava tudo menos horrível.

— Essas paredes abafam bem o som? — Anne perguntou.

— Muito bem — Aspen respondeu. — Não escuto muita coisa neste canto do palácio.

— Ótimo — ela disse. — Pois bem, todos para o corredor. Senhorita Marlee, preciso de mais espaço, mas você pode ficar.

Marlee assentiu.

— Não vou atrapalhar, Anne.

Avery saiu primeiro, seguido de perto por Aspen; Maxon foi o último. Seu olhar era o mesmo de quando contei ter passado fome: triste por saber, mas arrasado por não poder fazer nada a respeito.

A porta se fechou, e Anne começou a trabalhar imediatamente. Já tinha preparado tudo de que precisaria e estendeu a mão para Marlee, pedindo a garrafa.

— Tome um gole — ordenou, levantando minha cabeça.

Várias vezes tirei a boca do gargalo e engasguei, mas consegui tomar uma boa parte do líquido. Pelo menos o que Anne considerou suficiente.

— Segure — ela disse ao me entregar uma toalhinha. — Morda quando doer.

Concordei com a cabeça.

— Os pontos não vão doer tanto quanto a desinfecção. Posso ver que está bem sujo daqui, de modo que precisarei limpar muito bem — ela disse, e

depois deu um suspiro ao olhar para a ferida. — A senhorita vai ficar com uma cicatriz, mas vou tentar deixá-la o menor possível. Vamos costurar mangas folgadas nos seus vestidos para cobri-la enquanto sara. Ninguém vai descobrir. E como a senhorita estava com o príncipe, não farei perguntas. Seja lá o que fizeram, deve ter sido importante.

— Acho que sim — respondi, já sem muita certeza.

Anne molhou uma toalha e a segurou a alguns centímetros do ferimento.

— Pronta?

Fiz que sim com a cabeça.

Mordi a toalha na esperança de abafar os gritos. Com certeza todos no corredor podiam escutar, mas provavelmente eram os únicos. Eu sentia como se Anne cutucasse cada nervo do meu braço. Marlee teve de me segurar para conter minha agitação.

— Vai acabar logo, America — ela prometeu. — Pense em algo feliz. Pense em sua família.

Tentei. Lutei para trazer à mente a risada de May ou o sorriso sabichão de meu pai, mas eles não duravam — desapareciam com uma nova onda de dor.

Como Marlee conseguira sair viva dos açoites?

Uma vez limpa a ferida, Anne começou a dar os pontos. Ela tinha razão: não doíam tanto. Não sei se de fato eram menos dolorosos ou se a bebida tinha começado a fazer mais efeito. De fato, tive a sensação de que as paredes do quarto já não estavam tão retas.

Então as pessoas voltaram. Conversavam sobre o acontecido, sobre mim. Quem ficava, quem saía, o que dizer de manhã… Detalhes com os quais eu era incapaz de contribuir naquele momento.

No fim das contas, foi Maxon quem me carregou até o quarto. Foi difícil manter a cabeça ereta, mas era mais fácil ouvi-lo assim.

— Como se sente?

— Seus olhos parecem chocolate — balbuciei.

Ele sorriu.

— E os seus parecem o céu da manhã.

— Posso tomar água?

— Sim. Litros — prometeu. — Vamos levá-la para cima — ele disse a alguém. E eu adormeci com o balanço de seus passos.

15

ACORDEI COM DOR DE CABEÇA. Um pouco chorosa, levei a mão à testa, mas dei um grito quando senti a dor aguda no braço por causa do movimento.

— Aqui — disse Mary, sentando na beira da cama para me dar dois comprimidos e um copo d'água.

Sentei devagar para tomar, ainda com a cabeça latejando.

— Que horas são?

— Quase onze — disse Mary. — Avisamos que a senhorita não estava bem e por isso não desceria para o café. Se nos apressarmos, podemos aprontá-la para almoçar com o resto da Elite.

A ideia de me apressar ou mesmo de comer não pareciam atraentes, mas talvez fosse melhor voltar à rotina. O risco que tínhamos corrido na noite anterior ficava cada vez mais claro, e eu não queria dar motivos para ninguém suspeitar que algo tinha acontecido.

Concordei com a cabeça e levantei. Minhas pernas não estavam tão firmes quanto eu desejava, mas mesmo assim andei até o banheiro. Anne fazia a limpeza em frente à porta, do lado de fora, ao passo que Lucy estava sentada em uma poltrona, costurando mangas no que provavelmente era um vestido de alça. Ela levantou os olhos para mim e perguntou:

— A senhorita está bem? Tomamos um susto enorme.

— Sinto muito. Acho que estou bem, na medida do possível.

Lucy sorriu.

— Estamos prontas para ajudá-la no que precisar. É só pedir.

Não entendi muito bem o que ela quis dizer, mas aceitaria qualquer oferta de ajuda nos próximos dias.

— Ah, o soldado Leger passou por aqui, e o príncipe também. Os dois pediram que a senhorita os avisasse quando estiver melhor.

— Faço isso depois do almoço — afirmei.

Sem que me desse conta, meu braço já estava sendo examinado por outra pessoa. Anne olhava a ferida de perto, levantando cuidadosamente as bandagens para analisar a situação.

— Não está infeccionado. Vai sarar logo se continuarmos limpando bem. Gostaria de ter feito um trabalho melhor. Sei que vai deixar uma marca — lamentou.

— Não se preocupe. As melhores pessoas sempre carregam alguma cicatriz.

Pensei nas mãos de Marlee e nas costas de Maxon. Os dois possuíam marcas permanentes de sua coragem. Era uma honra me juntar a eles.

— Senhorita America, a banheira está pronta — Mary avisou do banheiro.

Olhei seu rosto, depois o de Lucy e, por fim, o de Anne. Sempre fora próxima de minhas criadas, sempre confiara nelas. No entanto, algo tinha mudado depois da noite anterior. Pela primeira vez, nossos laços tinham sido testados. E, na manhã seguinte, à luz do dia, ainda estavam lá, firmes e fortes.

Eu não sabia como provar que minha lealdade a elas era recíproca, mas esperava que uma oportunidade aparecesse.

Se me concentrasse, era capaz de levar o garfo à boca sem fazer caretas. Tinha de fazer um esforço extraordinário, a ponto de começar a suar no meio da refeição. Decidi me concentrar no pão; não precisava do braço direito para arrancar alguns pedaços.

Kriss me perguntou sobre a enxaqueca — imaginei que era a história que

circulava — e, apesar de ser impossível ignorar meu braço e minha cabeça, disse a ela que estava melhor. Foi a única menção ao assunto. Aparentemente, ninguém tinha percebido que havia algo fora do comum.

Enquanto mastigava um pedaço de pão, imaginava como as outras garotas teriam se saído se estivessem em meu lugar. Concluí que a única a se sair melhor seria Celeste. Sem dúvida ela teria dado um jeito de contra-atacar. Por um segundo, fiquei com um pouco de inveja por não ser mais parecida com ela.

Assim que levaram nossas bandejas para fora do Salão das Mulheres, Silvia entrou e nos pediu atenção.

— Garotas, chegou a hora de vocês brilharem de novo. Daqui a uma semana, haverá uma pequena recepção na hora do chá, e vocês evidentemente estão convidadas.

Respirei fundo, me perguntando para quem iríamos fazer sala daquela vez.

— Vocês não serão responsáveis por preparar nada, mas devem se comportar da melhor maneira possível, pois tudo será filmado — continuou Silvia.

Até me animei um pouco. Dava para encarar.

— Cada uma de vocês convidará duas pessoas para a recepção; esta será sua única responsabilidade. Escolham bem e me avisem até sexta.

Silvia se retirou, e todas nós ficamos ruminando ideias. Sabíamos que se tratava de um teste. Quem ali possuía os contatos mais incríveis, mais valiosos?

Talvez fosse paranoia minha, mas senti que eu era o alvo da tarefa. O rei devia estar buscando maneiras de recordar a todos que eu era inútil.

— Quem você vai chamar, Celeste? — perguntou Kriss.

Ela deu de ombros.

— Ainda não sei, mas garanto que serão fantásticos.

Se eu tivesse a lista de amigos de Celeste à disposição, também não estaria nervosa. Quem eu convidaria? Minha mãe?

Celeste voltou-se para mim, de um jeito até carinhoso.

— Quem você pensa em trazer, America?

Tentei esconder o choque. Mesmo depois daquele momento de sinceridade na biblioteca, era a primeira vez que ela se dirigia a mim como amiga. Limpei a garganta e respondi:

— Não faço ideia. Acho que não conheço ninguém que valha a pena convidar. Melhor não trazer ninguém.

Talvez eu não devesse ter sido tão franca sobre a minha desvantagem, mas, em todo caso, as outras já estavam cientes dela.

— Bom, se você não conseguir encontrar ninguém, me avise — disse Celeste. — Tenho mais de dois amigos que gostariam de visitar o palácio, e posso garantir que você pelo menos faça uma ideia de quem são. Se quiser, é claro.

Olhei para ela, prestes perguntar qual era o truque. Mas seu olhar me dizia que não havia truque. E tive certeza quando ela piscou para mim, assim que Elise e Kriss se distraíram. Celeste, a lutadora incansável, estava torcendo por mim.

— Obrigada — agradeci, me sentindo realmente honrada.

Ela deu de ombros.

— Sem problemas. Se vamos fazer uma festa, melhor que seja boa.

Ela se reclinou na cadeira mais uma vez, sorrindo. Tive a certeza de que ela encarava esse evento como sua despedida do palácio. Parte de mim queria dizer a ela para não desistir, mas não dava. Apenas uma de nós ficaria com Maxon no final.

À tarde, eu já tinha esboçado um plano. Dependia de uma coisa, porém: da ajuda de Maxon.

Estava certa de que nos encontraríamos antes do final do dia, então não me preocupei muito com isso. Por ora, precisava descansar. Voltei para o quarto.

Anne estava lá, me esperando com mais pílulas e água. Sua calma diante da situação era incrível.

— Estou em dívida com você — disse ao tomar o remédio.

— Não — Anne protestou.

— Sim! As coisas teriam sido bem piores se você não estivesse lá.

Ela tomou o copo da minha mão com delicadeza e falou:

— Fico feliz por vê-la bem.

Ela seguiu para o banheiro para jogar o resto da água fora. Fui atrás.

— Não há nada que eu possa fazer por você? Nada mesmo?

Anne deteve-se em frente à pia. Estava claro que tinha algo em mente.

— De verdade, Anne. Isso me deixaria muito feliz.

Ela soltou um suspiro e começou:

— Bem, há uma coisa…

— Por favor, fale.

Anne levantou os olhos.

— Mas a senhorita não pode deixar ninguém saber. Mary e Lucy jamais me deixariam em paz.

— Como assim? — perguntei, com a testa franzida.

— É… é muito pessoal.

Suas mãos tremiam de nervoso, algo que nunca tinha acontecido. Pude ver como aquilo era importante para ela.

— Muito bem, vamos conversar sobre isso — incentivei-a, e depois passei meu braço bom sobre seu ombro para levá-la até a mesa.

Ela sentou de pernas cruzadas e descansou as mãos sobre o colo.

— Então… é que a senhorita parece se dar tão bem com ele. Ele parece tê-la em tanta consideração.

— Maxon?

— Não — sussurrou, com as bochechas completamente vermelhas.

— Não entendo.

Anne respirou fundo.

— O soldado Leger.

— Aaaah — foi minha reação; tinha ficado mais chocada do que era possível

expressar.

— A senhorita acha que não tenho chance, não é?

— Não é que você não tenha chances — insisti. Só não sabia como dizer ao homem que prometeu lutar por mim até o fim que ele deveria ir atrás de outra pessoa.

— Ele sempre fala tão bem da senhorita. Sei que se falasse de mim para ele ou se descobrisse se ele tem uma namorada à sua espera…

Dei um suspiro.

— Vou tentar, mas não posso prometer nada.

— Eu sei. Não se preocupe. Tenho repetido para mim mesma que não vai dar certo, mas não consigo parar de pensar nele.

— Sei como é — eu disse, com a cabeça baixa.

Anne então pôs uma mão sobre a mesa.

— E não é por ele ser Dois. Mesmo se fosse Oito, ainda gostaria de alguém como ele.

— Muita gente gostaria — confirmei.

Era verdade. Celeste reparara em Aspen, Kriss o considerava divertido e mesmo aquela tal Delilah parecia ter uma queda por ele. Isso sem contar as garotas de Carolina que tinham ido atrás dele. Ouvir isso já não me incomodava muito, mesmo que fosse de uma pessoa próxima como Anne.

Era mais um sinal de que o que eu sentia por Aspen tinha acabado. Se eu me alegrava com a ideia de que alguém assumisse meu lugar, então já não era para ficarmos juntos.

Ainda assim, não sabia como lidar com o assunto.

Estendi o braço sobre a mesa e segurei a mão de Anne.

— Vou tentar. Juro.

Ela sorriu, mas mordia os lábios de ansiedade.

— Mas, por favor, não conte às outras.

Apertei sua mão e lhe assegurei:

— Você sempre guardou meus segredos. Sempre guardarei os seus.



16

ALGUMAS HORAS DEPOIS, Aspen bateu à porta. Minhas criadas apenas fizeram uma reverência e saíram; sabiam que a conversa, sobre o que quer que fosse, precisava ser particular. Estranhei esse novo acordo tácito entre nós, mas de algum modo já contava com ele.

— Como você está?

— Não estou mal — respondi. — Meu braço ainda lateja um pouco, e tenho dor de cabeça. De resto, tudo bem.

Aspen balançou a cabeça.

— Não devia ter deixado você ir.

Apontei para um espaço vazio ao meu lado na cama e convidei:

— Sente aqui.

Ele hesitou um pouco. Na minha opinião, já estava acima de qualquer suspeita. Maxon e minhas criadas sabiam que conversávamos, e ele tinha nos levado para fora do palácio na noite anterior. Qual era o risco? Ele devia ter pensado o mesmo, porque finalmente sentou, mantendo uma distância respeitosa para garantir.

— Faço parte disso, Aspen. Não podia ficar. E não há nada de errado comigo. Graças a você. Você salvou minha vida ontem.

— Se eu não tivesse sido rápido, ou se Maxon não tivesse ajudado você a pular o muro, você seria prisioneira em algum lugar agora. Quase deixei você

morrer. Quase deixei *Maxon* morrer. — Ele balançou a cabeça e olhou para o chão. — Você sabe o que aconteceria comigo e com Avery se vocês dois não voltassem? Você sabe… — Aspen fez outra pausa, se segurando para não chorar. — Você sabe o que me aconteceria se não tivéssemos encontrado você?

Ele olhou nos meus olhos, com o rosto cheio de dor.

— Mas você me encontrou, me protegeu. Conseguiu ajuda. Você foi ótimo.

Passei a mão pelas costas de Aspen, na tentativa de confortá-lo.

— Agora eu sei, Meri, que não importa o que aconteça… sempre vai existir uma ligação entre nós. Nunca deixarei de me preocupar com você. Nunca deixarei de me importar com o que você faz. Você sempre vai significar muito para mim.

Enlacei a mão no braço dele e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Sei o que você quer dizer.

Ficamos assim por um tempo. Imaginava que Aspen fazia o mesmo que eu naquele momento: repassava toda a nossa história em sua cabeça. Como nos evitávamos quando éramos crianças; os olhares que trocávamos quando ficamos mais velhos; os milhares de instantes roubados na casa da árvore. Tudo que ajudou a construir nossa identidade.

— America, preciso falar uma coisa.

Levantei a cabeça. Aspen se virou para mim e segurou carinhosamente meus braços.

— Quando eu disse que sempre amaria você, estava falando sério. E eu… eu…

Ele era incapaz de dizer as palavras. Para ser sincera, agradeci aos céus por isso. Sim, eu estava ligada a ele, mas já não éramos mais aquele casal da casa da árvore.

Ele deu uma risada leve.

— Acho que preciso dormir. Não consigo pensar direito.

— Nós dois precisamos. E há tanto para pensar.

Aspen fez que sim com a cabeça e disse:

— Ouça, Meri, não podemos fazer isso de novo. Não diga a Maxon que o ajudarei com outra ideia arriscada. E não espere que os leve às escondidas para qualquer lugar.

— Nem tenho certeza de que valeu a pena. Não acho que Maxon faria de novo.

— Ótimo.

Ele pôs o quepe na cabeça e levantou. Em seguida, beijou minha mão.

— Senhorita — despediu-se, irônico.

Sorri e apertei um pouco sua mão, gesto que ele retribuiu. Permanecemos de mãos dadas, e eu apertava a dele cada vez mais. Percebi então que em breve teria de acabar de vez com aquilo. De verdade.

Olhei nos olhos dele; podia sentir as lágrimas ameaçando sair. *Como digo adeus para você?*

Ele acariciou minha mão com o polegar e a pôs sobre meu colo. Beijou minha cabeça antes de sair.

— Fique calma. Amanhã virei visitá-la.

Cutuquei brevemente a orelha na hora do jantar para avisar Maxon que eu esperava por ele naquela noite. De volta ao quarto, me sentei diante do espelho desejando que os minutos passassem mais rápido. Mary escovava meus cabelos, cantarolando baixinho. Reconheci vagamente a melodia; parecia algo que eu já tinha tocado em algum casamento. Quando cheguei à Seleção, não via a hora de voltar para aquela vida. Queria de volta o mundo repleto de música que eu sempre amei.

Porém, aquilo nunca tinha sido algo a que eu devesse me apegar. Não importava o caminho que minha vida tomasse daquele momento em diante, a relação entre mim e a música seria apenas nas festas, para entreter algum convidado, ou uma maneira de relaxar nos finais de semana.

Olhei no espelho e percebi que essa perspectiva não me deixava amargurada, não como eu pensava que deixaria. Sentiria saudades, mas a música era apenas uma parte do que eu era, não mais *tudo* o que eu era. Havia uma série de possibilidades diante de mim, não importava como a Seleção evoluísse.

Eu realmente era mais que minha casta.

A batida leve de Maxon na porta interrompeu meus pensamentos, e Mary abriu.

— Boa noite — o príncipe saudou Mary ao entrar, e ela respondeu com uma reverência.

Seus olhos cruzaram com os meus por um instante e me perguntei se Maxon conseguia perceber como eu me sentia em relação a ele, se aquilo era tão real para ele quanto era para mim.

— Alteza — Mary despediu-se em voz baixa. Estava a ponto de deixar o quarto quando Maxon fez um gesto com a mão.

— Perdão, mas você poderia me dizer seu nome?

Ela o encarou por um momento, lançou um olhar para mim e depois focou em Maxon novamente.

— Mary, Alteza.

— Mary. E Anne, que conheci na noite passada.

Anne fez que sim com a cabeça. Maxon então prosseguiu, com os olhos em Lucy:

— E você?

— Lucy — ela respondeu baixinho, mas dava para sentir sua alegria por ter sido notada.

— Excelente. Anne, Mary e Lucy. É ótimo conhecê-las de fato. Estou certo de que Anne contou a vocês sobre a noite anterior, para que pudessem servir a senhorita America da melhor maneira possível. Agradeço a dedicação e a discrição.

Ele olhou para cada uma delas.

— Tenho consciência de que as coloquei em uma situação

comprometedora. Caso alguém pergunte sobre o acontecido, sintam-se à vontade para direcionar essa pessoa a mim. A decisão foi minha, então vocês não podem ser responsabilizadas por quaisquer consequências.

— Obrigada, Alteza — disse Lucy.

Sempre achei que minhas criadas nutriam profunda devoção por Maxon, mas, a partir daquela noite, a admiração parecia ultrapassar a simples obrigação. No passado, eu pensava que o maior nível de lealdade era reservado ao rei, mas agora me perguntava se isso era verdade. Cada vez mais, pequenas coisas me faziam pensar que as pessoas preferiam seu filho.

Talvez eu não fosse a única a julgar que os métodos do rei Clarkson eram selvagens e suas ideias, cruéis. Talvez os rebeldes não fossem os únicos a apoiar Maxon. Talvez houvesse outros por aí que também quisessem mais.

Minhas criadas fizeram uma reverência e saíram. Maxon ficou de pé ao meu lado.

— O que foi isso? Digo, querer saber seus nomes?

Ele suspirou.

— Na noite passada, quando o soldado Leger mencionou o nome de Anne e eu não sabia de quem se tratava… fiquei envergonhado. Por acaso eu não deveria conhecer as pessoas que cuidam de você melhor do que um guarda aleatório?

Ele não é tão aleatório, pensei. Mas disse:

— Para ser sincera, as criadas fofocam sobre os guardas o tempo todo. Não ficaria surpresa se os guardas fizessem o mesmo.

— Mesmo assim. Elas estão diariamente com você. Há meses que eu deveria saber seus nomes.

Seu raciocínio me fez sorrir. Resolvi me levantar, embora Maxon não parecesse gostar da ideia de que eu fizesse qualquer movimento.

— Estou bem, Maxon — garanti, ao tomar sua mão estendida.

— Você foi baleada na noite passada, se não estou enganado. Não pode me culpar por ficar preocupado.

— Não foi um buraco de bala de verdade. Foi só de raspão.

— Não importa, não vou me esquecer tão cedo dos seus gritos abafados enquanto Anne cuidava da ferida. Vamos, você devia estar descansando.

Maxon me levou até a cama, e deitei. Ele me cobriu com os edredons antes de se sentar e ficar olhando para mim. Eu esperava que dissesse algo sobre tudo o que aconteceu ou que me prevenisse sobre as prováveis consequências, mas não. Ele não disse nada. Permaneceu ali, acariciando meu cabelo, às vezes minha bochecha.

Minha sensação naquele momento era de que só nós dois existíamos no mundo.

— Se alguma coisa tivesse acontecido…

— Mas não aconteceu.

Maxon revirou os olhos. Sua voz era séria:

— É claro que aconteceu! Você voltou sangrando para casa. Quase perdemos você na rua.

— Veja, não estou chateada com a minha escolha — argumentei, na tentativa de acalmá-lo. — Quis ir, ouvir por mim mesma. Além disso, não podia deixar você ir sem mim.

— Não consigo acreditar no nosso despreparo. Sair do palácio de caminhão sem levar mais guardas, com rebeldes à solta nas ruas. Desde quando eles não se escondem mais? Onde conseguem armas? Estou perdido, impotente. Perco um pedaço do meu país todos os dias. E eu o amo. Quase perdi você, e eu…

Maxon se deteve; seu ar de frustração transformou-se em algo novo. Ele pôs a mão de volta na minha bochecha.

— Na noite passada, você falou algo… sobre amor.

Desviei o olhar.

— Falei — confirmei, enquanto tentava esconder meu rosto corado.

— É estranho quando você acha que disse algo mas na verdade nunca disse.

Abri um sorriso. Tinha a sensação de que as palavras sairiam na próxima vez em que ele abrisse a boca. Em vez disso, ele falou:

— Também é estranho quando você acha que ouviu algo mas na verdade nunca ouviu.

Toda a graça desapareceu de imediato.

— Sei o que quer dizer. — Engoli em seco. Ele parou de acariciar minha bochecha e segurou minha mão, consciente de que estávamos os dois assistindo a esses movimentos. — Talvez para algumas pessoas seja difícil declarar isso. Como se estivessem preocupadas que talvez não conseguissem chegar até o fim.

Ele soltou um suspiro.

— Ou pode ser difícil dizer quando você está preocupado que a pessoa talvez não *queira* ir até o fim… pois talvez nunca tenha desistido de outra pessoa.

— Isso não é… — comecei, balançando a cabeça.

— Tudo bem.

Apesar de tudo que dissemos no abrigo, de tudo que confessamos um ao outro, de tudo que estava decidido em meu coração, aquelas palavrinhas eram a coisa mais assustadora para nós. Pois, uma vez pronunciadas, não poderiam ser recuperadas.

Eu ainda não compreendia bem os motivos dele para hesitar, mas conhecia os meus. Se ele terminasse com Kriss depois de eu ter aberto meu coração, ficaria chateada com ele, mas *odiaria* a mim mesma. Era um risco que eu temia demais para assumir.

O silêncio me deixava desconfortável. Quando ficou insuportável, falei:

— E se falássemos sobre isso novamente quando eu estiver melhor?

— Claro. Que falta de noção a minha — Maxon respondeu, com um suspiro.

— Não, não. É que há outra coisa que queria pedir.

De fato, naquele momento havia coisas mais importantes em que pensar.

— Diga.

— Pensei sobre meus convidados para a recepção, mas preciso de sua

aprovação.

Ele me encarou, confuso.

— E gostaria que você soubesse de tudo que planejo discutir com eles. Talvez tenhamos que infringir várias leis, então não farei nada se você não topar.

Intrigado, Maxon se ajeitou para ouvir.

— Conte tudo.

17

O FUNDO DA NOSSA SESSÃO DE FOTOS era de tecido azul-claro. Minhas criadas costuraram um vestido lindo para mim, com um pouco de caimento nos ombros para cobrir a cicatriz. Por enquanto, meus dias de vestidos sem manga eram passado.

Ainda que eu estivesse muito bem-vestida, Nicoletta me ofuscava completamente, e até Georgia estava estonteante em seu traje.

— Senhorita America — chamou a moça ao lado da câmera. — Estamos lembrados da princesa Nicoletta, que visitou o palácio com outras damas da família real italiana, mas quem é sua outra convidada?

— Esta é Georgia, uma amiga muito querida — respondi com ar doce. — Uma das lições que aprendi na Seleção é que avançar significa conciliar sua vida antes do palácio com o futuro que aguarda adiante. Espero dar hoje um novo passo para a união desses mundos.

Algumas pessoas ao redor pareceram satisfeitas, enquanto as câmeras continuavam a captar imagens de nós três.

— Ótimo, senhoritas — disse o fotógrafo. — Podem aproveitar a festa. Tiraremos algumas fotos durante o evento mais tarde.

— Vai ser divertido — respondi, chamando minhas convidadas para virem comigo.

Maxon havia deixado claro que, naquele dia em particular, eu realmente

precisaria estar atenta. Eu tinha esperança de conseguir ser o exemplo de liderança que uma garota da Elite devia ser, mas para mim era difícil tentar ser tão perfeita.

— Menos, America, ou vai começar a soltar arco-íris pelos olhos.

Apesar de nossa amizade ser recente, eu adorava que Georgia conseguia perceber exatamente o que eu estava sentindo.

Dei uma risada, e Nicoletta entrou na conversa:

— Ela tem razão. Você está mesmo parecendo um pouco alegre demais.

Respirei fundo e sorri.

— Desculpem. É que hoje é um dia decisivo.

Georgia pôs um braço em volta do meu ombro no caminho para o salão.

— Depois de tudo que Maxon e você passaram juntos, duvido muito que ele mandaria você para casa por causa de uma festinha.

— Não é bem isso que eu quis dizer, mas conversaremos mais tarde. — Voltei a olhar para elas. — Por ora, seria ótimo se conseguíssemos nos misturar ao pessoal. Assim que as coisas se acalmarem, precisaremos ter uma conversa séria.

Nicoletta olhou para Georgia e depois para mim.

— Para que tipo de amiga você está me apresentando?

— Uma amiga valiosa. Juro. Explico mais tarde.

No que cabia a elas, Georgia e Nicoletta me fizeram brilhar. Como era uma princesa, Nicoletta talvez fosse a melhor convidada no salão, e vi nos olhos de Kriss o desejo de ter pensado nisso antes. Claro, ela não tinha uma linha direta com a família real como eu. A própria Nicoletta tinha me dado seu número de telefone para que eu entrasse em contato sempre que precisasse.

Ninguém sabia quem era Georgia, mas acharam espetacular minha explicação sobre conciliar passado e futuro — ideia de Maxon.

As escolhas de Elise eram previsíveis. Poderosas, mas previsíveis. Dois primos muito distantes da Nova Ásia, em seus trajes típicos, representavam seus laços com os líderes da nação. Kriss escolhera um professor da universidade onde o

pai trabalhava e sua mãe. Eu temia o momento em que minha família descobrisse o fato. Quando minha mãe ou May se dessem conta que podiam ter estado no palácio, com certeza me mandariam uma carta muito decepcionada.

Celeste, fazendo valer sua palavra, trouxe duas celebridades indiscutíveis. Tessa Tamble — que supostamente tinha feito um show na última festa de aniversário de Celeste — marcava presença com um vestido curtíssimo, mas glamoroso. A outra convidada era Kirstie Summer, outra cantora, conhecida por seus shows espalhafatosos; sua roupa estava mais para uma fantasia. Meu palpite era que se tratava de um traje usado em suas performances no palco, ou então uma experiência com couro pintado à mão. De qualquer jeito, fiquei surpresa pelo simples fato de ela ter passado pela porta, tanto pela maneira como estava vestida como pelo cheiro de álcool que dava para sentir a um metro de distância.

— Nicoletta — saudou a rainha Amberly ao se aproximar de nós. — Que prazer vê-la novamente.

Elas trocaram beijinhos antes de Nicoletta responder:

— O prazer é todo meu. Fiquei encantada quando recebi o convite de America. Nossa última visita foi tão agradável.

— Fico feliz em saber — comentou a rainha. — Hoje será um dia mais calmo.

— Isso já não sei — replicou Nicoletta, indicando Kirstie e Tessa, que conversavam quase aos gritos. — Aposto que aquelas duas vão render ao menos uma história para contar.

Todas nós rimos, mas reparei certa ansiedade nos olhos da rainha.

— Suponho que devo ir até elas me apresentar.

— Sempre um exemplo de coragem — brinquei.

A rainha sorriu.

— Por favor, fiquem à vontade e divirtam-se. Espero que façam novos contatos, mas, sinceramente, aproveitem a companhia de suas amigas.

Concordei com a cabeça, e a rainha Amberly se retirou para cumprimentar as convidadas de Celeste. Tessa se saiu bem, mas Kirstie parecia mais preocupada em cheirar todos os canapés em uma mesa próxima. Fiz uma nota mental de não comer nada que estivesse perto de onde ela tinha passado.

Inspecionei o salão. Todos pareciam ocupados, comendo e conversando. Decidi, então, que aquele era um bom momento.

— Venham comigo — eu disse antes de seguir em direção a uma mesinha no fundo.

Assim que nos sentamos, uma criada veio nos servir chá. Quando ficamos a sós, comecei a falar, torcendo para que as coisas dessem certo.

— Georgia… em primeiro lugar, gostaria de pedir desculpas por Micah.

Ela nem me esperou terminar e começou a negar com a cabeça.

— Ele sempre quis ser herói. Todos sabemos que essas coisas podem… acabar desse jeito. Acho que Micah estava orgulhoso de si mesmo.

— Ainda assim, sinto muito. De verdade. Há algo que possamos fazer?

— Não. Já cuidamos de tudo. Confie em mim. Ele não teria escolhido um final diferente — ela insistiu.

Pensei naquele garoto frágil no canto da sala, na noite em que saímos do palácio. Ele tinha entrado na briga para nos defender com muito gosto. A coragem podia mesmo se esconder em lugares incríveis.

Voltei ao assunto principal.

— Bem, Georgia, como você pode ver, Nicoletta é a princesa da Itália. Ela nos visitou algumas semanas atrás — eu disse, olhando para as duas. — Na ocasião, deixou claro que a Itália seria aliada de Illéa se certas coisas mudassem.

— America! — Nicoletta censurou.

Ergui a mão para pedir calma.

— Confie em mim. Georgia é uma grande amiga, mas não a conheci em Carolina. É uma das líderes dos rebeldes do norte.

Nicoletta endireitou-se na cadeira, ao passo que Georgia confirmou a informação timidamente com um aceno.

— Recentemente, ela nos ajudou muito e perdeu uma pessoa próxima na ocasião — expliquei.

Nicoletta tomou a mão de Georgia e lamentou:

— Sinto muito.

Em seguida, a princesa se voltou para mim, curiosa para entender onde eu queria chegar.

— Esta conversa deve ficar entre nós, mas julguei que poderíamos tratar de alguns assuntos que seriam úteis a todas aqui — esclareci.

— Vocês querem derrubar o rei? — perguntou Nicoletta.

— Não — Georgia garantiu. — Queremos nos alinhar ao reinado de Maxon e trabalhar no sentido de eliminar as castas. Talvez ainda sob seu governo. Ele parece sentir mais compaixão por seu povo.

— Ele sente — confirmei.

— Então por que atacam o palácio? E toda aquela gente? — Nicoletta acusou sem rodeios.

Discordei, sacudindo a cabeça.

— Eles não são como os rebeldes do sul. Não matam. Às vezes fazem justiça quando julgam necessário…

— Soltamos mães solteiras da cadeia, coisas assim — interveio Georgia.

— Eles já invadiram o palácio, mas nunca com o objetivo de matar — acrescentei.

Nicoletta deu um suspiro e emendou:

— Não me incomodo muito com isso. Só não compreendo bem por que você queria que a gente se conhecesse.

— Nem eu — Georgia confessou.

Respirei fundo.

— Os sulistas estão cada vez mais agressivos. Nos últimos meses, seus ataques aumentaram, não apenas contra o palácio, mas contra a população do país inteiro. Eles são cruéis. Assim como Maxon, receio que estejam prestes a armar uma ofensiva de que não conseguiremos nos recuperar. O plano de

matar de acordo com as castas da Elite é muito drástico, e tememos que a situação piore ainda mais.

— Já piorou — Georgia disse, mais para mim do que para Nicoletta. — Também fiquei feliz com o convite porque poderia trazer mais notícias. Os rebeldes do sul já passaram a atacar a casta Três.

Levei a mão à boca, chocada com o progresso tão rápido.

— Tem certeza?

— Absoluta — confirmou Georgia. — Os números mudaram ontem.

Após um instante de aflição silenciosa, Nicoletta perguntou:

— Por que fazem isso?

Georgia voltou-se para ela.

— Para forçar a Elite a abandonar o palácio por medo. Para assustar a família real como um todo. Aparentemente, eles acham que, se conseguirem impedir a Seleção, vão isolar Maxon e só precisarão se livrar dele para tomar o poder.

— Essa é a verdadeira preocupação. Se eles assumirem o controle, Maxon não poderá oferecer nada a você como rei. Os sulistas apenas oprimiriam ainda mais o povo — expliquei a Nicoletta.

— E o que você propõe, então? — quis saber Nicoletta.

Tentei adentrar com cuidado o território criminoso que se abria diante de mim.

— Georgia e os outros nortistas têm mais chances de parar os rebeldes do sul do que qualquer um aqui do palácio. Eles conseguem se informar melhor sobre seus passos e já os combateram algumas vezes… Porém, não têm treinamento nem armas.

Ambas aguardaram. Ainda não entendiam aonde eu queria chegar.

Baixei a voz e prossegui:

— Maxon não pode desviar dinheiro do palácio para ajudá-los a comprar armas.

— Entendo — Nicoletta disse, enfim.

— Firmamos a condição inegociável de que essas armas seriam usadas apenas

para deter os sulistas. Nunca contra um soldado ou membro do governo — complementei, olhando para Georgia.

— Isso não seria um problema — ela garantiu. Pude ver em seus olhos que ela estava sendo sincera. Tinha certeza disso. Se quisesse, ela poderia ter me raptado quando me encontrou na floresta, ou não ter nos socorrido no beco naquela noite. Seu objetivo nunca tinha sido nos matar.

Nicoletta batucava os dedos nos lábios, pensando. Eu sabia que estávamos pedindo muito, mas não conseguia pensar em outra saída.

— Se alguém descobrisse… — ela comentou.

— Eu sei. Já pensei nisso.

De fato, se algum dia o rei soubesse, minha punição não seria apenas algumas chibatadas.

— Se pudéssemos garantir que não deixaríamos rastros… — ponderou Nicoletta, ainda batucando os dedos na boca.

— Teria que ser dinheiro vivo, que é mais difícil de rastrear — Georgia comentou.

Nicoletta concordou com a cabeça e soltou a mão sobre a mesa.

— Eu disse que, se pudesse fazer qualquer coisa por você, faria. Sempre é bom ter aliados poderosos. E, se seu país for dominado, receio que ganharemos apenas mais um inimigo.

Dei um sorriso triste.

Então ela se virou para Georgia e continuou:

— Posso arranjar o dinheiro hoje, mas vocês teriam que converter.

— Temos nossos meios — Georgia disse, radiante.

Olhei para trás e vi um fotógrafo se aproximar. Levantei minha xícara e sussurrei:

— Câmera.

— E sempre pensei que America era mesmo uma dama. Às vezes acho que deixamos de ver essas características nas pessoas pois só enxergamos os Cinco como artistas e os Seis como faxineiros. Mas vejam a rainha Amberly. Ela é

muito mais do que uma Quatro — Georgia disse com simpatia, ao que Nicoletta e eu concordamos.

— É uma mulher incrível. É um privilégio conviver com ela — comentei.

— Quem sabe você não continua convivendo com ela! — Nicoletta disse, com uma piscadela.

— Sorriam, senhoritas! — pediu o fotógrafo, e todas abrimos nossos melhores sorrisos, na esperança de disfarçar aquele perigoso segredo.

18

NO DIA SEGUINTE À PARTIDA DE NICOLETTA E GEORGIA, me peguei olhando para trás, desconfiada, várias vezes. Tinha certeza de que alguém tinha ouvido nossa conversa e descoberto o que eu tinha entregado aos rebeldes naquela tarde. Precisava repetir a mim mesma que, se alguém tivesse ouvido, já estaria presa. Como eu ainda podia desfrutar de um café da manhã maravilhoso com as outras garotas e a família real, precisava acreditar que tudo corria bem. Além disso, Maxon sairia em minha defesa caso necessário.

Depois do café, voltei ao quarto para retocar a maquiagem. Quando ainda estava no banheiro, passando mais uma camada de batom, alguém bateu à minha porta. Estávamos apenas Lucy e eu, e ela foi ver quem era enquanto eu terminava. Um instante depois, Lucy enfiou a cabeça pela porta e sussurrou:

— É o príncipe Maxon.

Olhei para trás um pouco surpresa.

— Ele está aqui?

Ela fez que sim com a cabeça, toda contente.

— Ele se lembrou do meu nome.

— Claro que lembrou — respondi, sorrindo.

Guardei todos os produtos e ajeitei os cabelos com a mão.

— Diga que já vou e depois pode sair discretamente.

— Como quiser, senhorita.

Maxon permanecia na porta; de maneira atípica, estava esperando meu convite para entrar. Em suas mãos, havia uma pequena caixa, em que ele batucava com os dedos, hesitante.

— Desculpe interromper. Gostaria de saber se podemos conversar um pouco.

— Claro — eu disse ao me aproximar. — Entre, por favor.

Sentamos à beira da cama.

— Quis vê-la primeiro — ele começou. — Achei melhor explicar antes que as outras viessem contar vantagem.

Explicar? Por algum motivo, aquelas palavras me deixaram preocupada. Se as outras teriam motivos para contar vantagem, eu seria excluída de algo.

— O que você quer dizer? — perguntei, tão nervosa que mordia os lábios, apesar de ter acabado de passar batom.

Maxon me entregou a caixa que segurava.

— Já esclareço, prometo. Antes, isto é para você.

Peguei a caixa e soltei um ganchinho para abri-la. Acho que respirei tão fundo que quase acabei com o ar do quarto.

Dentro da caixa havia um par de brincos e uma pulseira incríveis. Eles combinavam perfeitamente um com o outro, com pedras verdes e azuis entrelaçadas em um delicado desenho floral.

— Maxon, eu amei, mas não posso aceitar. É muito… muito…

— Pelo contrário, você *precisa* aceitar. É um presente, e é tradição que você os use na Condenação.

— O quê?

Ele balançou a cabeça.

— Silvia vai explicar tudo. A questão é: o príncipe tradicionalmente presenteia as garotas da Elite com as joias que usarão na cerimônia. Haverá muitos membros do governo presentes, e vocês precisam estar maravilhosas. E, diferentemente das coisas que você ganhou até agora, estas joias são reais e ficam para você.

Abri um sorriso. Claro que eles não nos dariam joias de verdade. Imaginei quantas garotas teriam voltado para casa pensando que, se não tinham conquistado Maxon, pelo menos possuíam algumas joias.

— São maravilhosas, Maxon. Bem do jeito que eu gosto. Obrigada.

Maxon levantou a mão e começou a falar.

— De nada, e isso é parte da conversa que eu vim ter. Escolhi pessoalmente os presentes de cada uma de vocês. Minha intenção era que todos fossem iguais. Contudo, você prefere usar o colar que seu pai fez, e tenho certeza de que ele seria uma segurança para você durante um evento tão grande como a Condenação. Então, enquanto as outras ganharam colares, você ganhou uma pulseira.

Ele tomou minha mão e a levantou antes de continuar.

— Sei que você é apegada ao seu botãozinho e me alegra ver que ainda gosta da pulseira que eu trouxe da Nova Ásia, mas nenhum deles é adequado à ocasião. Experimente o bracelete novo para vermos como fica.

Tirei a pulseira de Maxon e coloquei sobre o criado-mudo. Tirei também o botão de Aspen e pus dentro do jarro com a moeda de um centavo. Aquele parecia ser seu lugar por enquanto.

Virei para trás e vi Maxon com os olhos cravados no jarro, com o rosto tenso. A tensão logo sumiu, porém, e ele tirou a pulseira da caixa. Seus dedos faziam cócegas em minha pele. Quanto ele se afastou, quase perdi o fôlego mais uma vez diante da beleza daquela joia.

— É perfeita, Maxon.

— Tinha esperança de que você pensasse isso. E é exatamente por isso que precisava falar com você. Estava determinado a gastar o mesmo com todas as quatro. Queria ser justo.

Concordei com a cabeça. Parecia razoável.

— O problema é que você tem um gosto muito mais simples que o das outras. Além disso, seu presente é uma pulseira em vez de um colar. Assim, acabei gastando com você metade do que gastei com as outras, e queria que

você soubesse antes de ver o que dei a elas. Também queria que você soubesse que fiz isso porque queria escolher algo que realmente agradasse você. Não teve nada a ver com a sua condição ou algo assim — Maxon explicou, com a expressão mais sincera do mundo.

— Obrigada, Maxon. É perfeita de qualquer jeito — eu disse, pondo a mão em seu braço.

Como sempre, ele ficou feliz ao ser tocado.

— Era o que suspeitava. Mesmo assim, obrigado por dizer. Tinha receio de magoá-la.

— De jeito nenhum.

O sorriso de Maxon se abriu ainda mais.

— Como ainda quero ser justo, tive uma ideia.

Ele então tirou do bolso um pequeno envelope.

— Pensei que talvez você quisesse enviar a diferença para sua família.

Fixei os olhos no envelope.

— É sério?

— Claro. Queria ser imparcial, e pensei que esse seria o melhor jeito de lidar com a diferença de valores. E também tinha a esperança de que isso deixasse você feliz.

Maxon passou o envelope para mim, e eu o segurei, ainda em choque.

— Você não precisava fazer isso.

— Eu sei. Mas às vezes a questão é o que você quer fazer, não o que você precisa fazer.

Olhamos um para o outro, e percebi o quanto ele já tinha feito por mim apenas por desejar. Trouxe calças quando eu não podia usá-las, uma pulseira do outro lado do mundo…

Com certeza ele me amava. Certo? Por que não dizia logo?

Estamos a sós, Maxon. Se você disser, eu digo também.

Nada.

— Não sei como agradecer, Maxon.

Ele sorriu.

— Só de ouvir você dizer isso já é bom — falou. — Estou sempre interessado em saber como você se sente.

Ah, não. Sem chance. Eu não ia dizer primeiro.

— Bem, me sinto muito grata. Como sempre.

Maxon deixou escapar um suspiro.

— Fico feliz que você tenha gostado.

Sem parecer tão feliz assim, ele começou a olhar para o tapete.

— Preciso ir. Ainda tenho que dar o presente das outras.

Levantamos juntos, e o acompanhei até a porta. Ao sair, beijou minha mão. E, depois de acenar com a cabeça rapidamente, desapareceu no fim do corredor e foi visitar as outras.

Voltei para a cama e olhei de novo os presentes. Não conseguia acreditar que algo tão lindo seria meu, para sempre. Jurei a mim mesma que — ainda que voltasse para casa, que todo o meu dinheiro acabasse, que minha família ficasse completamente arruinada — nunca venderia ou me desfaria daquelas joias ou da pulseira que ele tinha trazido da Nova Ásia. Eu ia guardá-las de qualquer jeito.

— A Condenação é bem simples — Silvia nos explicou na tarde seguinte, enquanto a seguíamos até o Grande Salão. — É daquelas coisas que parecem mais desafiadoras do que realmente são. Acima de tudo, é um evento simbólico.

Ela continuou a despejar informações, virando a cabeça para trás:

— Será um grande evento. Vários magistrados marcarão presença, isso sem falar nos parentes da família real. Haverá tantas câmeras que vocês vão ficar tontas.

Até o momento, a coisa parecia tudo, menos simples. Dobramos o corredor e Silvia escancarou as portas do Grande Salão. No centro, a rainha Amberly

em pessoa dava instruções a alguns homens que erguiam fileiras de arquibancadas. Em um dos cantos, alguém argumentava sobre o tapete que deveria ser usado. Duas floristas discutiam quais arranjos seriam mais adequados. Aparentemente, ninguém achava que as decorações natalinas deveriam ficar. Aliás, tanta coisa estava acontecendo que quase me esquecera de que o Natal estava chegando.

Um palco com degraus na frente e nas laterais havia sido montado no fundo do salão; três tronos enormes estavam no centro da plataforma. À nossa direita, havia quatro palquinhos com apenas um assento; eram bonitos, mas um tanto isolados. Aquilo já bastava para decorar o ambiente, e eu era incapaz de imaginar qual seria o resultado quando tudo estivesse em ordem.

— Majestade — Silvia disse com uma reverência, que todas imitamos.

A rainha se aproximou de nós com o rosto iluminado por um sorriso.

— Olá, senhoritas — cumprimentou. — Silvia, o que você já explicou?

— Pouca coisa, Majestade.

— Pois bem, senhoritas. Deixem-me esclarecer sua próxima tarefa na Seleção.

A rainha nos convidou a segui-la pelo Grande Salão antes de continuar.

— A Condenação é um símbolo da nossa submissão à lei. Uma de vocês será a nova princesa e, um dia, rainha. Vivemos sob a lei, e será seu dever não apenas segui-la, mas também fazê-la valer.

Nesse momento, a rainha fez uma pausa e olhou para cada uma de nós.

— Isso começa com a Condenação — continuou. — Um criminoso, geralmente um ladrão, será trazido à presença de vocês. São casos em que a pena é geralmente o açoite, mas em vez disso os homens passarão um tempo na cadeia. E vocês irão condená-los.

A rainha achou graça de nossos rostos perplexos.

— Sei que parece cruel, mas não é. Esses homens cometeram crimes, e, em vez de encarar um castigo físico, pagarão sua dívida com tempo. Vocês testemunharam o quão doloroso pode ser apanhar com varas. Chibatas não são

muito melhores. Vocês prestarão um favor a eles — ela nos encorajou.

Eu ainda não me sentia muito bem com aquilo.

Quem roubava normalmente eram pessoas pobres. Dois e Três que desrespeitavam as leis pagavam sua dívida com a sociedade em dinheiro. Os pobres eram açoitados ou presos. Lembrei-me de Jemmy, o irmão mais novo de Aspen, debruçado sobre um bloco de pedra enquanto homens arrancavam carne das suas costas com o chicote. Embora eu tenha odiado aquilo, tinha sido melhor do que se o trancafiassem na prisão. Como era jovem, os Leger precisavam que ele trabalhasse. As pessoas pareciam se esquecer desse tipo de coisa quando eram mais que Cinco.

Silvia e a rainha Amberly repassaram o cerimonial conosco algumas vezes, até nossas falas estarem perfeitas. Tentei pronunciar minhas palavras com a graça de Elise e Kriss, mas o resultado era sempre monótono.

Eu não queria pôr um homem na cadeia.

Assim que fomos dispensadas, as outras garotas caminharam juntas em direção à porta enquanto fui até a rainha. Ela estava terminando de falar com Silvia. Eu devia ter aproveitado aquele tempo para pensar em uma maneira mais elegante de me dirigir a ela. Em vez disso, quando Silvia se retirou, simplesmente desembuchei:

— Por favor, não me obrigue a fazer isso — supliquei.

— Perdão?

— Eu posso me submeter à lei, juro. Não quero bancar a difícil, mas sou incapaz de pôr um homem na cadeia. Ele não me fez nada.

Com uma expressão bondosa, ela tocou meu rosto.

— Ele fez, querida. Se você se tornar princesa, será a personificação da lei. Quando alguém viola a menor das regras, é como se você recebesse uma facada. A única forma de prevenir isso é tomar uma medida contra aqueles que agem dessa maneira, para que outros não sigam seu mau exemplo.

— Mas eu não sou princesa! — implorei. — Ninguém está me ferindo.

Ela sorriu e se aproximou do meu ouvido.

— Você não é princesa hoje, mas eu não ficaria surpresa se fosse apenas uma questão de tempo — cochichou. Em seguida, endireitou-se e piscou para mim.

Dei um suspiro. Já estava desesperada.

— Por favor, tragam outra pessoa até mim. Não alguém que roubou apenas por estar faminto.

A rainha endureceu sua expressão ao ouvir essas palavras. Continuei:

— Não quero dizer que roubar seja aceitável. Sei que não é. Mas, por favor, tragam alguém que fez algo ruim de verdade. Tragam a pessoa que matou aquele soldado que levou Maxon e eu ao abrigo na última vez que os rebeldes atacaram. Uma pessoa que devia ficar trancafiada para sempre. Então darei a sentença com alegria. Só não posso fazer isso com um Sete faminto. Não posso.

Percebi que a rainha queria ser gentil comigo, mas não toleraria aquilo.

— Permita-me ser bastante franca com você, senhorita America. De todas as garotas, você é quem precisa se esforçar mais. As pessoas já viram você correr para impedir que sua amiga fosse açoitada, sugerir o fim das castas em cadeia nacional e encorajar o povo a lutar quando a vida deles corre sério perigo — ela me lembrou, e sua expressão gentil estava séria. — Não digo que foram coisas ruins, mas você deu à maioria das pessoas a impressão de que perde o controle facilmente.

Retorci as mãos. Sabia que acabaria tendo que pronunciar a sentença, não importava o que fizesse.

— Se você quer ficar… Se Maxon é importante para você… — ela fez uma pausa, dando-me tempo para refletir —, então terá que fazer isso. Precisa mostrar que é capaz de ser obediente.

— Eu sou. Só não quero pôr ninguém na cadeia. Isso não é função de princesa. Os juízes fazem isso.

A rainha Amberly me deu um tapinha no ombro.

— Você consegue fazer isso. E vai. Se quer Maxon, precisa ser perfeita.

Estou certa de que sabe que nem todos estão a seu favor.

Fiz que sim com a cabeça.

— Então faça isso.

A rainha se retirou, me deixando sozinha no Grande Salão. Subi no palco onde estava meu assento — quase um trono — e repeti minha fala mais uma vez. Tentei me convencer de que aquilo não era grande coisa. As pessoas desrespeitavam a lei e iam para a cadeia o tempo todo. Seria uma pessoa entre milhares. E eu precisava ser perfeita.

A perfeição era minha única escolha.



19

NO DIA DA CONDENAÇÃO, eu estava uma pilha de nervos. Tinha medo de tropeçar, de esquecer a fala. Pior, tinha medo de falhar. A única coisa com que não precisava me preocupar era minha roupa. Minhas criadas tiveram de consultar a chefe das costureiras para criar um traje apropriado para mim, embora eu não pudesse usar um termo tão simples quanto *apropriado* para descrevê-lo.

Mais uma vez, de acordo com a tradição, todos os vestidos seriam brancos e dourados. O meu era de cintura alta e um ombro só; a alça no lado direito cobria minha cicatriz sem deixar de ser linda. A parte de cima do vestido era justa, e a saia, fina e esvoaçante, com apliques de renda dourada que tocavam o chão de leve. Também era pregueado atrás, formando uma pequena cauda. Quando me olhei no espelho, pela primeira vez achei que parecia mesmo uma princesa.

Anne pegou o ramo de oliveira que eu deveria levar e o pôs em meu braço. Nós deveríamos colocar os ramos aos pés do rei para simbolizar a paz em relação a nosso soberano e nossa intenção de respeitar a lei.

— A senhorita está linda — disse Lucy.

Sorri para ela. Já tinha notado como ela andava calma e confiante ultimamente.

— Obrigada. Gostaria que todas vocês estivessem lá — falei.

— Eu também — Mary suspirou.

Sempre formal, Anne voltou a atenção para mim novamente.

— Não se preocupe, senhorita; tudo será perfeito. E nós assistiremos com as outras criadas.

— Mesmo?

Era encorajador, mesmo que não estivessem entre o público.

— Não perderíamos por nada — garantiu Lucy.

Uma batida seca à porta interrompeu a conversa. Mary a abriu, e fiquei feliz quando vi que era Aspen.

— Estou aqui para acompanhá-la até a Condenação, senhorita America — ele disse.

— O que achou do nosso trabalho de costura, soldado Leger? — perguntou Lucy.

— Vocês se superaram — Aspen respondeu, com um sorriso malicioso no rosto.

Lucy deu uma risadinha, que Anne logo cortou enquanto fazia os ajustes finais em meu cabelo. Desde que eu descobrira seus sentimentos por Aspen, tinha ficado óbvio o esforço que ela fazia para parecer perfeita diante dele.

Respirei fundo, me lembrando da multidão à minha espera no primeiro andar.

— Preparada? — ele perguntou.

Fiz que sim com a cabeça, ajeitei de novo o ramo e segui em direção à porta, olhando para trás uma só vez para ver os rostos felizes de minhas criadas. Dei o braço a Aspen, e seguimos pelo corredor.

— Como você está? — perguntei despreocupadamente.

— Não acredito que você vai levar isso adiante — ele rebateu.

Engoli em seco. O nervosismo voltou no ato.

— Não tenho escolha.

— Você sempre tem escolha, Meri.

— Aspen, você sabe que não gosto disso. Mas, no fim das contas, é uma

pessoa só. E uma pessoa culpada.

— Culpada como os simpatizantes dos rebeldes que o rei rebaixou de casta. Culpada como Marlee e Carter.

Eu nem precisava levantar os olhos para perceber que ele estava enojado com tudo aquilo.

— Não é a mesma coisa — balbuciei, sem soar nem um pouco convincente.

Aspen parou de repente e me forçou a encará-lo.

— É sempre a mesma coisa com ele.

Seu tom de voz era muito sério. Aspen tinha mais informações do que a maioria das pessoas porque fazia a segurança durante reuniões ou entregava pessoalmente ordens do rei. Naquele momento, era evidente que escondia um segredo.

— Eles são mesmo ladrões? — perguntei discretamente, assim que voltamos a caminhar.

— São, mas não do tipo que merece os anos de cadeia que receberão hoje. E serão exemplos bem eloquentes para seus amigos.

— O que você quer dizer?

— São pessoas que cruzaram o caminho do rei, Meri. Simpatizantes de rebeldes, homens que falam demais sobre as tiranias cometidas por ele. A condenação vai ser transmitida para todos. As pessoas que esses homens tentaram influenciar assistirão a tudo isso e contarão aos outros o que acontece com quem tenta contrariar o rei. É tudo de propósito.

Soltei meu braço e disse, com os dentes cerrados de raiva:

— Você está aqui há quase tanto tempo quanto eu. Alguma vez deixou de entregar uma sentença?

— Não, mas…

— Então não me julgue. Se ele não vê problema em encarcerar seus inimigos sem uma causa justa para isso, o que acha que fará comigo? Ele me odeia!

— Meri, sei que é assustador, mas você… — Aspen tentou argumentar, com

uma expressão de súplica.

Fiz um gesto para que ele parasse de falar.

— Faça o seu trabalho e me leve ao primeiro andar.

Ele engoliu em seco, virou para a frente e me ofereceu o braço novamente. Voltamos a andar, agora em silêncio.

No meio da escadaria, quando já ouvíamos o barulho das conversas, ele falou:

— Sempre me perguntei se eles seriam capazes de mudar você.

Não respondi. O que eu poderia dizer?

No vestíbulo, as outras garotas olhavam para o nada, movendo discretamente os lábios como se recitassem suas falas. Deixei Aspen e fui me juntar a elas.

Elise tinha falado tanto de seu vestido que senti como se já o tivesse visto antes. O dourado e o creme se entrelaçavam formando um modelo justo e sem mangas, com luvas douradas um tanto dramáticas. O presente que havia recebido de Maxon era feito de pedras escuras e opacas que ressaltavam seus cabelos lisos e seus olhos escuros.

Kriss mais uma vez tinha dado um jeito de personificar todos os ideais da nobreza. E de maneira tão natural que ela sequer parecia se esforçar. Seu vestido era acinturado, com uma saia rodada que parecia feita de pétalas. O colar e os brincos que Maxon lhe dera eram cintilantes, um pouco arredondados. Por um momento, fiquei triste por minhas joias serem tão simples.

O vestido de Celeste… Bom, certamente era inesquecível. Seu decote ousado parecia um pouco inadequado para a ocasião. Ela me flagrou observando, então apertou os lábios e deu de ombros.

Dei uma risada e levei a mão à testa, me sentindo um pouco enjoada. Respirei fundo na tentativa de me acalmar.

Celeste veio até mim, balançando seu ramo de oliveira a cada passo.

— O que houve?

— Nada. Só não estou me sentindo muito bem, acho.

— Não vomite — ela ordenou. — Não em mim, pelo menos.

— Não vou vomitar — garanti.

— Quem vomitou? — Kriss perguntou, entrando na conversa com Elise logo atrás.

— Ninguém — respondi. — Só estou cansada ou algo assim.

— Não vai demorar — Kriss disse para me consolar.

Vai demorar uma eternidade, pensei. Olhei para cada uma delas à minha volta. Será que eu faria o mesmo por elas? Talvez…

— Sejam sinceras: alguma de vocês se sente *bem* fazendo isso? — quis saber.

Elas se entreolharam ou fixaram os olhos no chão. Nenhuma respondeu.

— Então não vamos fazer — propus.

— Como assim? — Kriss questionou. — America, é uma tradição. *Temos* que fazer.

— Não, não temos. Não se todas decidirmos pelo contrário.

— O que poderíamos fazer? Não entrar no Grande Salão?

— É uma opção — comentei.

— Você quer que fiquemos lá sentadas e não façamos nada? — Elise perguntou, horrorizada.

— Não pensei ainda. Só sei que a Condenação não é uma boa ideia.

Notei que Kriss estava realmente considerando a questão.

— É um truque! — Elise acusou.

— O quê? — perguntei, chocada. De onde ela tinha tirado aquilo?

— Ela é a última. Se não fizermos nada antes, mas ela sim, vai parecer a obediente enquanto nós passaremos por idiotas — explicou Elise, com o ramo apontado para a minha cara.

— America?! — Kriss falou, com os olhos cheios de decepção.

— Não, eu juro. Não ia fazer isso!

— Senhoritas!

Nos viramos ao som da voz reprovadora de Silvia.

— Compreendo que estejam nervosas, mas não há motivo para gritar.

Ela encarou uma por uma, enquanto as três se entreolhavam e decidiam se iam ou não me acompanhar.

— Pois bem — Silvia começou. — Elise, você será a primeira, como ensaiamos. Celeste e Kriss vão em seguida. America, você será a última. Uma por vez, carreguem o ramo pelo tapete vermelho e o coloquem aos pés do rei. Depois, voltem e assumam seus lugares. O rei dirá algumas palavras e, então, a cerimônia terá início.

Ela se aproximou de um móvel sobre o qual havia uma pequena caixa, que mostrou a nós em seguida. Era um monitor de televisão que exibia tudo o que se passava dentro do Grande Salão. Estava magnífico. O tapete vermelho dividia o salão em dois: uma metade para a imprensa, outra para os convidados. Quatro assentos estavam reservados para nós. Ao fundo, os tronos esperavam a família real.

Enquanto assistíamos, a porta lateral do Grande Salão se abriu. O rei, a rainha e Maxon entraram ao som de aplausos e trombetas. Uma vez sentados, uma melodia mais lenta e solene começou a tocar.

— A hora é agora. Cabeça erguida — Silvia orientou.

Elise lançou-me um olhar afiado e avançou pelo corredor.

A música era salpicada pelo som de centenas de máquinas fotográficas. O resultado era um ritmo bem estranho. No entanto, Elise se saiu muito bem pelo que vimos no monitor de Silvia. Celeste foi em seguida, ajeitando o cabelo antes de sair. O sorriso de Kriss parecia absolutamente genuíno e natural durante seu desfile pelo tapete vermelho.

— America — sussurrou Silvia —, sua vez.

Tentei não me preocupar e ver o lado positivo, mas percebi que não havia lado positivo. Estava prestes a passar por cima de algo em que acreditava ao punir alguém injustamente e atender a um desejo do rei de maneira simples e rápida.

O clique das câmeras, o brilho dos flashes, o burburinho da plateia: pude perceber tudo enquanto caminhava silenciosamente até a família real. Troquei

um breve olhar com Maxon, que era um exemplo de calma. Seria pelos anos de disciplina ou por estar verdadeiramente feliz com aquilo? Sua expressão era reconfortante, mas tive certeza de que ele pôde notar minha ansiedade. Procurei um lugar vago para meu ramo de oliveira e fiz uma reverência antes de depositá-lo aos pés do rei. Mas não consegui encará-lo.

Logo que assumi meu lugar, a música parou, como era previsto. O rei Clarkson avançou até a beira do palco, cercado pelos ramos de oliveira.

— Senhoras e senhores de Illéa, hoje as últimas quatro belas jovens da Seleção estão aqui para se apresentar diante da lei. Nossas leis são a base de nossa nação, o fundamento da paz de que desfrutamos há tanto tempo.

Paz?, pensei. *Só pode estar de brincadeira!*

— Uma dessas jovens em breve estará diante de vocês não mais como plebeia, mas como princesa. E, uma vez parte da família real, será sua tarefa defender o que é direito, não para benefício próprio, mas para benefício do povo.

… e desde quando é isso que estamos fazendo agora?

— Por favor, aplaudam comigo a humildade que todas demonstram ao se submeter às leis e a coragem para fazê-las prevalecer.

O rei começou a bater palmas e a plateia se juntou a ele. O aplauso continuou à medida que ele se afastava. Corri os olhos pelos assentos das outras. O único rosto que pude ver bem foi o de Kriss. Ela deu de ombros e abriu um sorriso fraco antes de se virar mais uma vez para a frente e endireitar o corpo.

Um dos guardas à porta soou a trombeta.

— Chamamos o criminoso Jacob Digger à presença de Sua Majestade o rei Clarkson, de Sua Majestade a rainha Amberly e de Sua Alteza Real o príncipe Maxon.

Devagar, sem dúvida constrangido com o espetáculo, Jacob adentrou o Grande Salão. Com algemas nos pulsos, ele se escondia da luz das câmeras e fez uma reverência trêmula diante de Elise. Eu era incapaz de vê-la sem me

inclinar demais, então decidi virar a cabeça de modo a escutar sua fala, a mesma que cada uma de nós deveria dizer.

— Jacob, qual é seu crime? — ela perguntou. Sua voz saiu muito bem, muito acima do normal.

— Roubo, senhorita — ele respondeu, humilhado.

— E qual a duração de sua pena?

— Doze anos, senhorita.

Devagar, sem chamar a atenção, Kriss olhou para mim. Quase sem mudar sua expressão, questionou o que se passava. Assenti com a cabeça.

Pequenos roubos, era o que nos tinham dito. Se fosse verdade, aquele homem seria açoitado no paço de sua cidade; no caso de prisão, dois ou três anos no máximo. Com duas palavras, Jacob confirmara todos os meus medos.

Discretamente, desviei o olhar para o rei. Não havia como não perceber seu prazer. Quem quer que fosse aquele homem, não era um ladrão qualquer. O rei deleitava-se com sua ruína.

Elise se levantou, caminhou até Jacob e pôs a mão em seu ombro. Ele não a olhara nos olhos até aquele momento.

— Vá, súdito fiel, e pague a dívida que tem com o rei — sua voz ecoou no salão silencioso.

Jacob concordou com a cabeça. Depois, olhou para o rei. Era visível que queria fazer alguma coisa. Queria lutar ou acusá-lo, mas não podia. Sem dúvida, alguém pagaria por qualquer erro que ele cometesse naquele dia. Jacob se pôs de pé e saiu do salão, enquanto o público aplaudia.

O próximo homem movia-se com dificuldade. Chegou a tropeçar e cair em seu caminho até Celeste. Um lamento coletivo soou pelo salão, mas antes que o homem pudesse angariar simpatia demais, dois guardas o levaram até Celeste. Para ser justa com ela, é preciso dizer que sua voz não estava tão firme como de costume ao ordenar que o homem pagasse sua dívida.

Kriss parecia equilibrada como sempre até seu criminoso se aproximar. Era mais jovem, talvez tivesse a nossa idade, e seus passos eram fortes, quase

determinados. Quando se aproximou dela, pude ver uma tatuagem em seu pescoço. Lembrava uma cruz, embora aparentemente o tatuador tivesse errado um pouco a mão.

Kriss pronunciou bem sua fala. Quem não a conhecia seria incapaz de captar a ponta de arrependimento em sua voz. O salão aplaudiu, e ela voltou ao seu lugar, com o sorriso só um pouco menos radiante que o habitual.

Então o guarda berrou o nome de Adam Carver, e percebi que era minha vez. Adam, Adam, Adam: precisava gravar aquele nome. Eu precisava fazer aquilo, certo? As outras tinham feito. Maxon talvez perdoasse meu fracasso, e o rei nunca gostaria de mim de qualquer jeito. Porém, com certeza eu perderia o apoio da rainha, o que me deixava sem saída. Se eu queria ter alguma chance, precisava dar a sentença.

Adam era mais velho, talvez da idade do meu pai, e tinha algum problema na perna. Ele não caiu, mas levou tanto tempo para chegar até mim que tudo ficou bem pior. Eu queria acabar logo com aquilo.

Adam se ajoelhou diante de mim. Concentrei-me em minhas falas.

— Adam, qual é seu crime? — perguntei.

— Roubo, senhorita.

— E qual a duração de sua pena?

Adam limpou a garganta e disse:

— A vida inteira.

Cochichos tomaram conta do salão; as pessoas não estavam certas do que tinham acabado de ouvir. Eu também precisava de uma confirmação, embora odiasse ter que fugir do roteiro.

— Qual a duração?

— A vida inteira, senhorita — repetiu, quase chorando.

Lancei um olhar para Maxon. Ele parecia desconfortável. Sem palavras, pedi ajuda. Seu jeito de olhar para mim só confirmava sua tristeza por não poder me ajudar.

Antes de me voltar novamente para Adam, olhei para o rei, que rapidamente

mudou de posição. Ainda tive tempo de vê-lo esconder um sorriso com a mão.

Ele tinha me sabotado.

Talvez suspeitasse que eu odiaria essa parte da Seleção e tivesse planejado tudo para que eu parecesse desobediente. Porém, mesmo se eu conseguisse fazer aquilo, que tipo de pessoa mandaria um homem para a prisão para sempre? Ninguém me amaria depois disso.

— Adam — eu disse, com a voz suave.

O homem levantou os olhos, que ameaçavam derramar lágrimas a qualquer momento. O burburinho na sala cessou completamente.

— Quanto você roubou? — perguntei.

As pessoas tentavam ouvir, mas era impossível.

Ele engoliu em seco e cravou os olhos no rei.

— Algumas roupas para minhas filhas.

— Mas não deve estar aqui por isso, certo? — falei rapidamente.

Em um movimento tão rápido que quase não percebi, Adam balançou a cabeça apenas uma vez, negando.

Era isso. Eu não podia fazer aquilo. *Não podia fazer aquilo.* Mas precisava fazer alguma coisa.

A ideia me veio do nada. Tive certeza de que era a única saída. Não sabia se ia conseguir a liberdade de Adam, e tentei não pensar na tristeza que aquilo me causaria. Era justo, e eu tinha que fazer.

Levantei-me e fui até Adam, tocando-o no ombro. Seu corpo contraiu-se, esperando que eu o mandasse para a prisão.

— Levante-se — eu disse.

Adam olhou para mim, confuso.

— Por favor — insisti, e tentei ajudá-lo, puxando suas algemas.

Adam percorreu o corredor comigo até o palco onde a família real estava. Ao chegar perto das escadas, voltei-me para ele e respirei fundo.

Tirei um dos belos brincos que Maxon tinha me dado, depois o outro. Pus

os dois nas mãos de Adam, que permaneceu ali, perplexo, enquanto eu fazia o mesmo com minha linda pulseira. E depois — se era para valer, eu precisava dar tudo — levei as mãos à nuca e soltei meu colar de passarinho, que meu pai me dera. Esperava que ele estivesse vendo tudo e não me odiasse por me desfazer de seu presente. Depois de colocá-lo junto com a pulseira e os brincos, fechei as mãos de Adam sobre aquele pequeno tesouro. Então dei um passo para o lado, de modo que ele ficasse de frente para o rei Clarkson.

Apontei em direção aos tronos.

— Vá, súdito fiel, e pague a dívida que tem com o rei.

Houve sustos e murmúrios pelo salão, mas ignorei. Só conseguia ver a expressão amarga do rei. Se ele queria fazer um joguinho com meu caráter, eu estava pronta para dar o troco.

Adam lentamente subiu os degraus e pude perceber alegria e medo em seus olhos. Ao se aproximar do rei, ajoelhou-se e estendeu as mãos cheias de joias.

O rei Clarkson me fuzilou com os olhos; um aviso de que aquele não era o fim. No entanto, acabou por aceitar as joias.

A multidão foi ao delírio, e, quando me virei, notei que as outras garotas da Elite pareciam confusas. Adam se afastou do rei rapidamente, talvez com receio de que ele mudasse de ideia. Minha esperança era de que, com tantas câmeras filmando e tantos jornalistas escrevendo sobre o assunto, alguém o acompanharia para verificar se chegaria em casa.

Ao descer do palco, Adam tentou me abraçar, mesmo algemado. Chorou e me abençoou e, em seguida, saiu do salão parecendo o homem mais feliz da face da Terra.

20

A FAMÍLIA REAL SAIU PELA PORTA LATERAL e nós quatro, pelo mesmo lugar por onde tínhamos entrado, tudo sob as lentes das câmeras e as palmas dos convidados.

O olhar de Silvia assumiu um ar verdadeiramente assassino assim que cruzamos a porta. Ela parecia estar reunindo todas as forças para não me estrangular no caminho do corredor até uma saleta.

— Entrem — ela ordenou, como se estivesse a ponto de explodir.

Assim que entramos, Silvia nos deixou, batendo as portas.

— Você sempre tem que ser o centro das atenções? — atacou Elise.

— Não fiz nada além do que tentei convencê-las a fazer. Você foi a única que não acreditou em mim!

— Você age como se fosse santa. Eram criminosos. Não fizemos nada que um juiz não faria. A única diferença é que usávamos vestidos bonitos.

— Elise, você viu aqueles homens? Alguns estavam doentes. E as penas para seus crimes eram longas demais — argumentei.

— Ela tem razão — disse Kriss. — Prisão perpétua por roubo? A não ser que ele tivesse levado o palácio inteiro, o que teria feito para merecer isso?

— Nada — garanti. — Pegou roupas para a família. Vejam, vocês têm sorte. Nasceram em castas melhores. Quando uma família de casta inferior perde seu principal provedor… as coisas não ficam bem. Eu não poderia mandá-lo para

prisão perpétua e, ao mesmo tempo, condenar sua mulher e seus filhos a virarem Oito. Não podia.

— Onde está seu orgulho, America? — Elise perguntou. — Onde está seu senso de dever, de honra? Você é apenas uma garota; nem é a princesa. E, se fosse, não teria permissão para tomar decisões assim. Teria que seguir as regras do rei. Só que você nunca faz isso! Desde a primeira noite aqui!

— Talvez as regras estejam erradas! — gritei, provavelmente no pior momento possível.

As portas se abriram com força. O rei Clarkson entrou de repente, enquanto a rainha Amberly e Maxon esperavam no corredor. Ele agarrou meu braço — felizmente não o ferido — e me arrastou para fora da sala.

— Para onde está me levando? — perguntei, já sem fôlego de tanto medo.

Ele não respondeu.

Virei a cabeça para trás e olhei para as garotas enquanto o rei me puxava. Celeste levou os braços aos ombros, como se quisesse proteção. Elise agarrou a mão de Kriss. Apesar de sua raiva, não ficou feliz ao me ver sair.

— Clarkson, não aja sem pensar — a rainha aconselhou em voz baixa.

Ao dobrarmos o corredor, o rei me forçou a entrar em uma sala. A rainha e Maxon vieram logo atrás, a tempo de ver o rei me atirar sobre um pequeno sofá.

— Sente-se — ordenou, apesar de não ser necessário.

Ele andava em círculos, como um leão enjaulado. Depois parou e encarou Maxon.

— Você jurou! — o rei urrou. — Você disse que ela estava sob controle. Primeiro, aquela loucura no *Jornal Oficial*; depois, quase causou sua morte no telhado. Agora isso? Isso acaba hoje, Maxon.

— Pai, o senhor ouviu os aplausos? As pessoas gostaram da compaixão que ela demonstrou. Ela é seu principal recurso no momento.

— Como é? — sua voz soou como um iceberg, lento e mortal.

Maxon fez uma pausa diante daquela frieza, mas continuou:

— O público reagiu positivamente quando ela aconselhou as pessoas a se defenderem. Ouso dizer que ela é o motivo de não termos mais mortos. E hoje? Pai, eu mesmo não poderia mandar para a prisão perpétua um homem que cometeu um crime insignificante. Como o senhor podia esperar isso de alguém que já viu vários amigos serem flagelados por muito menos? Ela é autêntica. A maioria da população pertence às castas inferiores, e por isso se identifica com ela.

O rei balançou a cabeça e voltou a caminhar.

— Deixei-a ficar porque ela o manteve interessado. *Você* é meu principal recurso, não ela. Se perdemos você, perdemos tudo. E não me refiro apenas à morte. Se você não estiver comprometido com esta vida, se perder o foco, tudo isto vai desmoronar — o rei disse, gesticulando para o espaço à sua volta. O silêncio tomou conta da sala.

— Você está sofrendo uma lavagem cerebral! — acusou. — Você muda um pouco a cada dia. Essas garotas, esta mais do que as outras, são todas inúteis.

— Clarkson, talvez… — a rainha tentou opinar, em vão. O rei calou-a com apenas um olhar.

E então se voltou para Maxon.

— Tenho uma proposta para você.

— Não estou interessado — Maxon retrucou.

O rei Clarkson levantou os braços, para indicar que não oferecia ameaça.

— Escute primeiro.

Maxon soltou um suspiro.

— Essas garotas são um desastre. Mesmo os contatos da asiática não serviram para nada. A Dois só quer saber de fama, e a outra, bem, não é tão ruim, mas não é boa o suficiente se quer saber minha opinião. Esta — disse, com o dedo apontado para mim — perdeu qualquer valor que poderia ter por não saber se controlar. Tudo deu errado. E conheço você. Sei que teme perder alguma coisa, então escute o que eu tenho a dizer.

Apenas observei enquanto o rei rondava Maxon.

— Vamos cancelar tudo. Vamos nos livrar de todas essas garotas.

Maxon abriu a boca para protestar, mas o rei fez sinal para que se calasse.

— Minha intenção não é que você fique solteiro. Estou dizendo que ainda temos os registros de todas as garotas aptas no país. Não seria bom que você mesmo pudesse escolher um punhado de moças para virem ao palácio? Talvez encontre uma parecida com a filha do rei da França. Lembra-se de como gostava dela?

Baixei os olhos. Maxon nunca mencionara uma garota francesa.

Senti como se alguém tivesse usado um cinzel e um martelo para arrancar uma lasca do meu coração.

— Pai, não posso.

— Ah, pode. Você é o príncipe. E acho que já tivemos escândalos suficientes para saber que esse grupo não serve. Você poderia fazer a escolha de verdade dessa vez.

Ergui a cabeça. Maxon olhava para o chão. Seu conflito interior era evidente.

— Isso poderia até apaziguar os rebeldes por um tempo. Pense nisso! — acrescentou o rei. — Se enviarmos essas moças para casa, esperarmos uns meses e depois trouxermos um novo grupo de mulheres adoráveis, educadas, bonitas… Isso poderia mudar muita coisa.

Maxon tentou dizer algo, mas fechou a boca mais uma vez.

— Em todo caso, você devia se perguntar se essa aí — continuou, de novo apontando para mim — é alguém com quem deseja passar o resto da vida. Dramática, egoísta, gananciosa e, para ser bem honesto, muito simplória. Olhe para ela, filho.

Os olhos de Maxon cravaram-se nos meus. Sustentei o olhar por um segundo até não aguentar mais a humilhação.

— Você tem alguns dias. Por enquanto, é preciso lidar com a imprensa. Amberly.

A rainha acorreu a ele e tomou seu braço. Os dois saíram, nos deixando a sós

e sem palavras.

Depois de uma breve pausa, Maxon me ajudou a levantar.

— Obrigada.

Ele apenas acenou com a cabeça.

— Acho que devo acompanhá-los. Sem dúvida também haverá perguntas para mim.

— Foi uma proposta bem interessante — comentei.

— Talvez a mais generosa que ele já fez.

Não quis saber se ele estava realmente cogitando a possibilidade. Como não havia mais nada a dizer, passei por ele e segui para o meu quarto, onde esperava superar tudo o que estava sentindo.

Minhas criadas avisaram que o jantar seria no quarto naquela noite. Como fui incapaz de falar com elas, as três fizeram o favor de sair. Deitei na cama, perdida em pensamentos.

Tinha feito a coisa certa, não tinha? Eu acreditava na justiça, mas a Condenação não era justiça. Ainda assim, me perguntava se tinha de fato conseguido alguma coisa com aquilo. Se aquele homem era de algum modo inimigo do rei — e eu precisava crer que era —, então com certeza seria punido de outra maneira. Será que aquilo tudo não tinha servido para nada?

E, por mais insignificante que aquilo pudesse parecer diante de tudo que estava acontecendo, não conseguia parar de pensar na garota francesa. Por que Maxon nunca tinha falado sobre ela? Será que ela visitava muito o palácio? Por que ele a manteria em segredo?

Ouvi alguém bater à porta e pensei que fosse minha refeição, ainda que um pouco cedo demais.

— Pode entrar — eu disse, sem querer sair da cama.

A porta se abriu, e os cabelos escuros de Celeste apareceram.

— Está a fim de companhia? — perguntou. A cabeça de Kriss surgiu atrás

dela e pude ver parte do braço de Elise, escondida no fundo.

— Claro — disse, me sentando.

Elas entraram, deixando a porta aberta. Celeste, ainda me causando certo choque toda vez que sorria sinceramente, subiu em minha cama sem nem pedir, mas não me incomodei. Kriss veio depois e sentou perto dos meus pés. Elise ficou na ponta, sempre uma dama.

Kriss perguntou baixinho o que todas queriam saber.

— Ele machucou você?

— Não — respondi, mas logo me lembrei de que não tinha sido bem assim. — Ele não me bateu nem nada. Só me puxou com força.

— O que ele disse? — Elise perguntou, mexendo em seu vestido.

— Não está feliz com a minha atuação. Se dependesse do rei, eu já estaria fora há um bom tempo.

Celeste segurou meu braço.

— Mas não depende. Maxon gosta de você, e o povo também.

— Não sei se isso basta. — *Para qualquer uma de nós*, completei mentalmente.

— Desculpe gritar com você — Elise disse baixinho. — É frustrante. Faço tanto esforço para ser calma e confiante, mas sinto que nada disso adianta. Vocês aparecem bem mais do que eu.

— Isso não é verdade — argumentou Kriss. — A esta altura, todas significamos alguma coisa para Maxon. Do contrário, não estaríamos aqui.

— Ele só está com medo de reduzir para as três finalistas — Elise rebateu. — Precisa fazer a escolha dentro de quanto tempo? Quatro dias? Ele só me mantém para adiar essa decisão.

— Quem disse que ele não pensa em se livrar de mim? — sugeriu Celeste.

— Ouçam — eu falei. — Depois de hoje, provavelmente serei a próxima a voltar para casa. Aconteceria cedo ou tarde. Não sirvo para isso.

Kriss achou graça.

— Nenhuma de nós é uma Amberly, não é?

— Eu gosto demais de chocar as pessoas — Celeste confessou com um

sorriso.

— E eu prefiro me esconder a fazer metade das coisas que ela faz — Elise falou, baixando a cabeça.

— Eu sou impulsiva demais — admiti, dando de ombros.

— Nunca serei tão segura como ela — lamentou Kriss.

— Pois bem. Todas temos defeitos. Mas Maxon precisa escolher uma, então não há motivo para mais preocupação — Celeste declarou, brincando com o cobertor. — Pelo menos acho que concordamos que qualquer uma de vocês seria uma escolha melhor do que eu.

Depois de um silêncio carregado, Kriss se manifestou:

— O que você quer dizer?

Celeste olhou-a de canto.

— Você sabe. Todos sabem.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— Eu meio que já tive essa conversa com America, e também falei com minhas criadas outro dia, mas nunca cheguei a me desculpar com vocês duas.

Kriss e Elise se entreolharam brevemente antes de focar de novo em Celeste.

— Kriss, eu arruinei sua festa de aniversário — confessou. — Você foi a única que pôde comemorar no palácio, e eu tirei aquele momento de você. Sinto tanto.

Kriss deu de ombros.

— No final deu tudo certo. Maxon e eu tivemos uma ótima conversa por sua causa. Já a perdoei faz tempo.

Celeste parecia a ponto de chorar, mas apertou os lábios e abriu um sorriso tenso.

— É muita generosidade, considerando que eu ainda não fui capaz de perdoar a mim mesma — ela falou, enquanto tocava os cílios. — É que eu não sabia como chamar a atenção dele, então roubei um pouco de você.

Kriss respirou fundo.

— Me senti péssima na hora, mas agora está tudo certo. Mesmo. Estou bem.

Pelo menos não foi nada parecido com o que você fez para Anna.

Celeste fez uma careta de vergonha.

— Nem me lembre. Às vezes me pergunto até onde ela teria chegado se eu não tivesse… — ela chacoalhou a cabeça antes de olhar para Elise. — Não sei como você será capaz de perdoar tudo o que fiz contra você. Mesmo o que você não sabe que fui eu.

Elise, sempre equilibrada, não explodiu como eu teria feito em seu lugar.

— Você diz o vidro no meu sapato, as roupas arruinadas em meu armário e o cloro no xampu?

— Cloro?! — exclamei, e logo vi a confirmação no rosto cansado de Celeste.

Elise assentiu.

— Perdi uma manhã no Salão das Mulheres enquanto minhas criadas o tingiam de novo. — Depois, virou-se para Celeste. — Sabia que tinha sido você.

Celeste baixou a cabeça, completamente arrasada.

— Você não falava nem fazia nada. Para mim, era o alvo mais fácil. Fiquei impressionada por ter resistido.

— Jamais desonraria minha família com uma desistência — Elise falou.

Adorava sua convicção, embora não a compreendesse direito.

— Eles devem se sentir orgulhosos por tudo o que você enfrentou. Se meus pais descobrissem como me rebaixei… Nem sei o que diriam. Se os pais de Maxon descobrissem, com certeza eu já teria sido enxotada. Não nasci para isso — ela suspirou, com dificuldade em reconhecer.

Me aproximei e tomei sua mão.

— Acho que essa mudança prova o contrário, Celeste.

Ela levantou um pouco a cabeça e sorriu tristemente.

— Não faz diferença. Não acho que ele me queira. Mesmo se quisesse — ela acrescentou, soltando minha mão para consertar a maquiagem —, alguém recentemente me lembrou de que não preciso de um homem para conquistar

o que quero na vida.

Trocamos um sorriso antes de ela se virar mais uma vez para Elise.

— Nem sei por onde começar a pedir desculpas pelo que fiz contra você, mas queria que soubesse que me arrependo sinceramente. Sinto muito, Elise.

Elise permaneceu imóvel, com um olhar frio para ela. Me preparei para suas palavras venenosas agora que Celeste estava vulnerável.

— Eu poderia contar a ele. America e Kriss seriam minhas testemunhas. E Maxon teria que mandá-la para casa.

Celeste engoliu em seco. Como seria humilhante partir daquele jeito!

— Mas não vou — Elise disse afinal. — Nunca forçaria Maxon a nada. Quero perder ou ganhar com integridade. Então, vamos deixar isso para trás.

Não foi propriamente um perdão, mas foi mais do que Celeste esperava. Tudo o que ela conseguiu fazer sem desmoronar foi acenar com a cabeça e murmurar um agradecimento a Elise.

— Nossa — disse Kriss, na tentativa de mudar de assunto. — Eu também não ia dedurar você, Celeste, mas… nunca pensei que honra teria algo a ver com essa decisão — e olhou de novo para Elise enquanto refletia sobre aquilo.

— É o que sempre levo em conta — declarou Elise. — Preciso aguentar firme de qualquer jeito, principalmente porque serei uma vergonha para minha família se não vencer.

— Mas como podem culpar você se é ele quem faz a escolha? — Kriss perguntou enquanto se ajeitava na cama. — Por que isso envergonharia sua família?

Elise continuou sua explicação, revelando uma preocupação atrás da outra.

— Por causa da história dos casamentos arranjados. As melhores mulheres conseguem os melhores homens, e vice-versa. Maxon é o auge da perfeição. Minha derrota significaria que não sou boa o bastante. Minha família não vai levar em conta os sentimentos por trás da escolha dele, e acho que ele vai decidir seguindo justamente o que sente. Minha família vai pensar logicamente. Minha linhagem, meus talentos: fui criada para ser digna dos

melhores. Então, se não for, quem vai me querer quando eu sair?

Eu já tinha pensado um milhão de vezes em como minha vida mudaria se perdesse ou ganhasse, mas nunca tinha levado em conta como isso afetaria os outros. Depois de toda aquela história com Celeste, eu realmente deveria ter pensado no assunto.

Kriss tocou a mão de Elise.

— Quase todas as meninas que voltaram para casa já estão noivas de homens maravilhosos. O simples fato de fazer parte da Seleção já transforma você em um prêmio. E você ainda chegou a ser uma das quatro finalistas da Elite. Confie em mim, Elise, os homens farão uma fila de dobrar o quarteirão atrás de você.

Elise achou graça.

— Não preciso de uma fila. Preciso de um só.

— Bom, eu preciso de uma fila — Celeste comentou e todas rimos, inclusive Elise.

— Eu gostaria de alguns — disse Kriss. — Uma fila parece um pouco assustadora.

As três olharam para mim.

— Só um.

— Você é louca — concluiu Celeste.

Conversamos um pouco sobre Maxon, sobre nossos lares, nossas famílias, nossas esperanças. Nunca havíamos conversado assim, sem barreiras entre nós. Kriss e eu tínhamos nos esforçado um pouco nesse sentido, tentando ser francas e honestas em relação à competição. Mas naquele momento podíamos falar da vida, e eu soube que nossa relação sobreviveria ao palácio. Elise foi uma surpresa, mas o fato de sua perspectiva vir de um lugar tão diferente do meu me fez pensar mais, abrir a mente.

E a maior revelação: Celeste. Se alguém me dissesse, no primeiro dia no aeroporto, que aquela morena de salto alto que caminhava de maneira tão intimidadora seria a garota que, no final, me deixaria mais contente de ter ao

meu lado, eu teria gargalhado. A ideia era tão inacreditável como o fato de eu ainda estar ali, ser uma das últimas e sentir um aperto no coração diante da possibilidade real de perder Maxon.

À medida que a conversa avançava, ela passou a ser aceita pelas outras como já era por mim. Ela ficava de fato diferente sem o fardo de tantos segredos nas costas. Celeste tinha sido criada para ser linda de uma maneira específica, que dependia de esconder certas coisas, buscar o melhor ângulo e a perfeição o tempo inteiro. Havia, porém, outro tipo de beleza, que vinha com a humildade e a honestidade, e era essa beleza que ela irradiava naquele momento.

Maxon devia ter chegado bem de mansinho, pois eu não tinha ideia de há quanto tempo ele estava parado na porta, nos observando. Elise foi a primeira a ver sua silhueta no canto do quarto e logo se endireitou.

— Alteza — saudou, inclinando a cabeça.

Todas olhamos na mesma direção, na certeza de que não tínhamos ouvido bem.

— Senhoritas — ele disse, acenando a cabeça para nós. — Não tive intenção de interromper. Acho que acabei de estragar algo.

Nos entreolhamos, e tive certeza de que não era a única a pensar: *Não, você fez uma coisa maravilhosa acontecer.*

— Sem problemas — eu disse.

— Mais uma vez, sinto muito por interromper, mas preciso falar com America. A sós.

Celeste deixou escapar um suspiro e começou a se mexer, piscando para mim antes de levantar. Elise ergueu-se rapidamente, e Kriss fez o mesmo, afagando levemente minha perna ao sair da cama. Elise fez uma reverência ao passar por Maxon, enquanto Kriss parou para arrumar sua lapela. Celeste se aproximou mais firme do que nunca e cochichou algo no ouvido dele.

Quando ela terminou, o príncipe sorriu.

— Não acho que vai ser preciso — foi sua resposta.

— Ótimo.

Celeste saiu e fechou a porta. Permaneci imóvel, me preparando para o que viria.

— O que foi isso? — perguntei, apontando a cabeça para a porta.

— Ah, Celeste quis deixar claro que, se eu machucar você, ela vai me fazer chorar — Maxon respondeu com um sorriso.

Achei graça.

— Já provei daquelas unhas, então tome cuidado.

— Sim, senhora.

Respirei fundo. Meu sorriso se desfez.

— Então?

— Então?

— Você vai aceitar?

Maxon abriu um sorriso e balançou a cabeça, negando.

— Não. Foi uma ideia intrigante por alguns segundos, mas não quero recomeçar. Gosto das minhas garotas imperfeitas.

Ele deu de ombros, aparentemente satisfeito.

— Além disso — continuou —, meu pai não conhece August nem os objetivos dos rebeldes do norte nem nada disso. Suas decisões são precipitadas. Abandonar o barco agora seria não enxergar o que temos adiante.

Respirei aliviada. Tinha esperança de que Maxon se preocupasse comigo o suficiente para não me deixar sair. No entanto, depois da conversa com as garotas, também não queria que elas fossem embora.

— Além disso — ele acrescentou, com ar de felicidade —, você tinha que ter visto a imprensa.

— Por quê? O que houve?

— Mais uma vez ficaram impressionados com você. Nem mesmo eu entendo bem o clima do país agora. É como se… é como se eles soubessem que as coisas poderiam ser diferentes. Ele governa este país do mesmo jeito que me governa. Acha que só ele é capaz de tomar as decisões certas, por isso

obriga os outros a seguirem suas ordens. E, depois de ler os diários de Gregory, parece que as coisas são assim há muito tempo.

Maxon sacudiu a cabeça.

— Mas ninguém mais quer isso. As pessoas querem uma escolha. Você o deixa aterrorizado, mas ele não pode expulsá-la. O povo *adora* você, America.

Engoli sem seco.

— Adora?

Ele assentiu.

— E… eu sinto algo parecido. Então não importa o que ele diga ou faça, não se desespere. Ainda não acabou.

Levei a mão à boca, espantada com as notícias. A Seleção continuaria, as outras garotas e eu ainda teríamos nossa chance e, de acordo com Maxon, as pessoas gostavam cada vez mais de mim.

Apesar das boas notícias, porém, uma coisa ainda me incomodava.

Olhei para o cobertor, quase com medo de perguntar.

— Sei que vai parecer idiota… mas quem é a filha do rei da França?

Maxon se calou por alguns instantes e depois sentou na cama.

— O nome dela é Daphne. Antes da Seleção, foi a única garota que conheci de verdade.

— E?

Ele abafou o riso.

— E depois descobri que o que ela sentia por mim ia além da amizade, mas não correspondi. Não pude.

— Havia algo de errado com ela ou…

Maxon segurou minha mão e me fez olhar para ele.

— America, não. Daphne é minha amiga. Nunca passará disso. Passei a vida à sua espera, à espera de todas vocês. Esta era minha chance de encontrar uma esposa, e sei disso desde que me entendo por gente. No quesito romance, meu vínculo com Daphne é zero. Nunca sequer pensei em mencioná-la a você, e com certeza meu pai falou dela com o único objetivo de fazê-la duvidar de si

mesma outra vez.

Mordi os lábios. O rei conhecia minhas fraquezas muito bem.

— Vejo você fazer isso o tempo todo, America. Compara-se com a minha mãe, com as outras da Elite, com uma versão de si mesma que julga ser melhor, e agora está quase fazendo o mesmo com uma pessoa cuja existência você ignorava poucas horas atrás.

Era verdade. Eu já imaginava se ela era mais bonita do que eu, mais inteligente, ou se pronunciava o nome de Maxon com um sotaque sedutor.

— America — ele disse, com as mãos em minhas bochechas —, se ela tivesse sido importante, eu teria contado. Assim como você faria comigo.

Meu estômago se contorceu. Eu não tinha sido completamente honesta com Maxon. Mas, com ele ali olhando para mim daquele jeito, tão fixamente, era fácil deixar tudo aquilo de lado. Eu conseguia esquecer tudo ao nosso redor quando ele me olhava daquele jeito.

Então me joguei em seus braços e o apertei bem forte. Não queria estar em nenhum outro lugar do mundo.

21

CELESTE SE TORNOU A GRANDE PROTAGONISTA da irmandade que se estabeleceu entre nós quatro. Foi dela a ideia de levar todas as nossas criadas e alguns espelhos grandes até o Salão das Mulheres para passarmos praticamente o dia inteiro fazendo maquiagem umas nas outras. Não fazia muito sentido, já que nunca faríamos um trabalho melhor que a equipe do palácio, mas foi divertido mesmo assim.

Kriss segurou as pontas do meu cabelo sobre a minha testa e perguntou:

— Você já pensou em usar franja?

— Algumas vezes — admiti, enquanto soprava a mecha que cobria o meu olho. — Mas como minha irmã geralmente se irrita com a dela, nunca levei a ideia adiante.

— Acho que você ia ficar fofa — Kriss disse, entusiasmada. — Já fiz esse corte na minha prima uma vez. Posso fazer em você se quiser.

— Isso — intrometeu-se Celeste. — Deixe ela ficar com uma tesoura perto do seu rosto, America. Ótima ideia.

Todas caímos na gargalhada. Cheguei até a escutar uma risada bem baixinha na outra ponta do salão. Procurei e vi a rainha apertar os lábios enquanto tentava se concentrar na leitura de um documento. Fiquei preocupada com a possibilidade de ela achar tudo aquilo um pouco inadequado, mas não me lembrava de tê-la visto tão feliz.

— Deveríamos tirar fotos! — Elise disse.

— Alguém tem uma câmera? — Celeste perguntou. — Sou profissional nesse assunto.

— Maxon tem! — Kriss gritou. — Venha aqui um minuto, por favor — ela disse a uma das criadas, agitando o braço para incentivá-la a chegar mais perto.

— Um momento — falei, pegando um pedaço de papel. — Muito bem, muito bem. "Alteza das Altezas, as damas da Elite requisitam, imediatamente, a menos sofisticada de suas câmeras para…"

Kriss riu ao passo que Celeste sacudiu a cabeça.

— Ah! Um estudo sobre diplomacia feminina — acrescentou Elise.

— Isso existe? — Kriss perguntou.

Celeste balançou os cabelos.

— Quem se importa?

Talvez vinte minutos mais tarde, Maxon bateu na porta e abriu uma fresta.

— Posso entrar?

Kriss correu até ele.

— Não. Só queremos a câmera. — Ela arrancou a máquina de sua mão e bateu a porta na cara dele.

Celeste caiu no chão de tanto rir.

— O que vocês estão fazendo aí? — ele quis saber, do lado de fora. Contudo, estávamos muito ocupadas nos contorcendo de tanto rir para responder.

Não faltaram poses atrás dos vasos de planta e beijos para o ar. E Celeste ensinou todas nós a "encontrar a luz certa".

Enquanto Kriss e Elise se estiravam no sofá e Celeste se equilibrava no braço do móvel para fotografá-las, olhei para trás e vi um sorriso satisfeito no rosto da rainha. Achei uma injustiça que ela não pudesse fazer parte daquilo. Peguei uma das escovas e fui até ela.

— Olá, senhorita America — foi sua saudação.

— Posso escovar seus cabelos?

Notei que várias emoções passaram pelo seu rosto, mas ela apenas fez que sim com a cabeça e disse em voz baixa:

— Claro.

Fui para trás dela e segurei algumas mechas de seu cabelo absolutamente maravilhoso. Passei a escova de cima para baixo várias vezes enquanto observava as outras garotas.

— Fico feliz vê-las se dando tão bem — comentou.

— Eu também. Gosto delas. — Fiz uma pausa. — Peço desculpas pelo dia da Condenação. Sei que não devia ter feito aquilo. É que…

— Eu sei, querida. Você já tinha me explicado tudo antes da prova. É uma tarefa difícil. E vocês deram azar com os condenados.

Naquele momento, percebi como ela estava por fora. Ou talvez apenas tenha escolhido acreditar na boa-fé do marido a todo custo.

— Sei que você acha Clarkson duro, mas é um bom homem — a rainha começou, como se pudesse ler meus pensamentos. — Você não faz ideia de como seria estar no lugar dele. Todos nós lidamos com o estresse de uma maneira diferente. Ele perde a cabeça; eu procuro descansar o máximo possível; Maxon faz piada sobre o assunto.

— Ele faz mesmo — comentei, rindo.

— A questão é: como *você* lidaria com isso? — Ela virou para trás. — Penso que o entusiasmo com que defende o que acredita é uma de suas melhores qualidades. Se pudesse aprender a controlar um pouco sua impulsividade, seria uma princesa maravilhosa.

Fiz que sim com a cabeça e lamentei:

— Sinto muito por tê-la desapontado.

— Não, não, querida — ela disse, virando para a frente de novo. — Vejo potencial em você. Trabalhei em uma fábrica quando tinha a sua idade. Ficava sempre suja, com fome e, às vezes, com raiva, mas tinha uma queda permanente pelo príncipe de Illéa. Quando tive a oportunidade de conquistá-lo, aprendi a controlar meus sentimentos. Há muito a ser feito, mas talvez as

coisas não aconteçam como você deseja. Você precisa aprender a aceitar isso, o.k.?

— Pode deixar, mãe — brinquei.

Ela olhou para trás, o rosto parecendo uma pedra.

— Quer dizer, pode deixar, Alteza.

Seus olhos começaram a lacrimejar, e ela precisou piscar algumas vezes antes de se virar para a frente.

— Se tudo isso acabar como imagino, acho que "mãe" estaria ótimo.

Foi a minha vez de conter as lágrimas. Não que ela fosse algum dia substituir minha mãe, mas era muito bom ser aceita, com todos os meus defeitos, pela mãe do homem que talvez viesse a ser meu marido.

Foi quando Celeste nos viu e se aproximou correndo.

— Tão lindas! Sorriam.

Me inclinei para a frente e passei os braços em torno do pescoço da rainha, que segurou minhas mãos. Depois nos revezamos para tirar fotos com ela e até conseguimos que fizesse uma careta para a câmera. As criadas bateram algumas das fotos para que aparecêssemos todas juntas. No fim, concluí que aquele tinha sido de longe meu dia mais feliz no palácio, embora não soubesse se continuaria lá. O Natal estava chegando.

Minhas criadas consertavam meu cabelo, após a última tentativa de Elise de fazer um coque alto, quando alguém bateu à porta.

Mary correu para ver quem era. Um guarda cujo nome eu não sabia entrou ali. Já o tinha visto várias vezes, quase sempre ao lado do rei.

Minhas criadas o cumprimentaram com uma reverência quando ele se aproximou, e eu estava levemente nervosa quando ele parou à minha frente.

— Senhorita America, o rei solicita sua presença imediatamente — foram suas frias palavras.

— Há algo de errado? — perguntei para ganhar tempo.

— O rei responderá suas perguntas.

Engoli em seco. Tudo de mais horrível me passou pela cabeça. Minha família corria perigo. O rei arranjara um jeito de me punir discretamente por todas as vezes que o contrariei. Ou descobrira que tínhamos saído do palácio. Ou talvez pior: alguém denunciara minha relação com Aspen e pagaríamos por isso.

Tentei espantar o medo. Não queria demonstrar ao rei Clarkson que era isso que eu estava sentindo.

— Vou com você, então.

Levantei e segui o guarda, não sem antes olhar uma última vez para as garotas. Assim que percebi como pareciam preocupadas, me arrependi.

Atravessamos o corredor e subimos a escadaria para o terceiro andar. Eu não sabia direito o que fazer com as mãos; ficava mexendo no cabelo, ou no vestido, ou esfregava uma na outra.

Quando estávamos mais ou menos na metade do corredor, vi Maxon, o que me tranquilizou. Ele estava parado em frente a uma sala, à minha espera. Não havia preocupação em seu rosto, mas ele conseguia esconder seus sentimentos melhor do que eu.

— O que aconteceu? — cochichei.

— Eu sei tanto quanto você.

O soldado assumiu seu posto do lado de fora, e Maxon me acompanhou para dentro. A ampla sala tinha uma parede coberta de prateleiras de livros. Havia também vários mapas sobre cavaletes. Pelo menos três eram de Illéa, marcados com alfinetes de diferentes cores. Sentado a uma mesa enorme, o rei segurava um pedaço de papel.

Assim que percebeu nossa presença, endireitou a postura.

— O que exatamente você fez com a princesa italiana? — o rei Clarkson exigiu saber, sem rodeios e com os olhos cravados em mim.

Gelei. O dinheiro. Tinha me esquecido daquilo. Confessar que conspirei a favor da venda de armas para gente que ele considerava inimiga era pior do

que qualquer uma das hipóteses que eu levantara.

— Não sei se compreendo o que o senhor quer dizer — menti, olhando para Maxon, que permanecia calmo apesar de saber de tudo.

— Há décadas tentamos fazer uma aliança com os italianos e, de repente, a família real está bastante interessada em receber uma visita nossa. Entretanto… — O rei pegou a carta para procurar um trecho em especial. — Ah, aqui está: "Embora seja mais que uma honra receber a graça de vossa companhia e de vossa família, esperamos também que a senhorita America possa vir nos visitar. Após conhecer toda a Elite, somos incapazes de imaginar alguém capaz de seguir os passos da rainha tão bem como ela".

O rei me encarou novamente.

— O que você fez?

Percebendo que tinha escapado de um problema enorme, relaxei um pouco.

— Tudo o que fiz foi tentar ser educada com a princesa e sua mãe durante sua visita. Não sabia que tinham gostado tanto de mim.

O rei Clarkson bufou.

— Você é subversiva. Tenho observado seus passos. Você está aqui por algum motivo que, tenho certeza, não é ele.

Maxon se virou para mim ao ouvir essas palavras. Gostaria de não ter notado o lampejo de dúvida em seus olhos. Sacudi a cabeça.

— Não é verdade! — falei.

— Então como uma garota sem dinheiro, sem contatos e sem poder é capaz de conseguir algo para este país que faz anos que tentamos alcançar? Como?

No fundo, eu sabia que existiam fatores que ele ignorava. Mas a própria Nicoletta tinha oferecido ajuda, tinha se colocado à disposição para fazer qualquer coisa em favor de uma causa que apoiava. Se a acusação do rei fosse contra algo que eu tivesse feito, seus gritos teriam me assustado. Naquela situação, porém, ele parecia mais uma criança.

Respondi calmamente:

— Foi o palácio que nos encarregou de entreter os convidados estrangeiros.

Do contrário, eu jamais teria conhecido qualquer uma dessas mulheres. E foi ela quem escreveu, me convidando para ir. Não pedi por uma viagem à Itália. Talvez se o senhor tivesse sido mais acolhedor, teria conseguido uma aliança com a Itália anos atrás.

O rei levantou bruscamente.

— Cuidado com o que fala.

Maxon pôs o braço sobre meu ombro.

— Talvez seja melhor você sair, America.

Comecei me levantar, ansiosa para me afastar do rei. Só que não era isso que ele tinha em mente.

— Pare. Tem mais — o rei insistiu. — Isso muda as coisas. Não podemos recomeçar a Seleção e nos arriscar a desagradar os italianos. Eles possuem uma grande influência. Se nos aliarmos a eles, várias portas poderão se abrir para nós.

Maxon assentiu, nem um pouco incomodado. Ele já tinha tomado a decisão de nos manter no palácio, mas tínhamos que fingir que o rei estava no controle.

— Precisaremos simplesmente prolongar a Seleção — concluiu o monarca, fazendo meu coração bater mais forte. — Temos que dar um tempo aos italianos para que julguem as outras opções viáveis sem se ofender. Talvez devêssemos marcar uma viagem para lá em breve e dar a todas uma chance de mostrar suas qualidades.

Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo, muito orgulhoso de sua solução. Comecei a imaginar até onde ele iria. Favoreceria Celeste, talvez. Ou conseguir um encontro particular entre Kriss e Nicoletta. Eu não duvidava que ele tentaria me fazer parecer má de propósito, como na Condenação. Se conseguisse me prejudicar a valer sem parecer culpado, não sabia se teria alguma chance.

E isso não tinha nada a ver com a questão política. Mais tempo, para ele, significava mais oportunidades para me fazer passar vergonha.

— Pai, não sei ao certo se isso pode ajudar — interveio Maxon. — As italianas já conheceram todas as candidatas. Se preferem America, é porque viram algo nela que não havia nas outras. O senhor não pode fabricar isso.

O rei encarou Maxon com veneno nos olhos.

— Você está declarando sua escolha agora, então? A Seleção acabou?

Meu coração parou de bater.

— Não — Maxon respondeu, como se a ideia fosse ridícula. — Só não sei se sua sugestão é a mais acertada.

O rei Clarkson apoiou o queixo na mão, olhando ora para Maxon, ora para mim, como se nós dois fôssemos uma equação que ele não conseguia resolver.

— Ela ainda precisa provar que é digna de confiança. Enquanto isso não acontecer, você não poderá escolhê-la — o rei disse, inflexível.

— E como o senhor espera que ela faça isso? — rebateu Maxon. — Do que o senhor precisa exatamente para ficar satisfeito?

O rei ergueu a sobrancelha, aparentemente intrigado com as perguntas do filho. Após uma breve reflexão, tirou uma pequena pasta de uma gaveta.

— Mesmo se ignorarmos as consequências do seu último showzinho no *Jornal Oficial*, parece haver um descontentamento entre as castas ultimamente. Tenho tentado encontrar um jeito de… apaziguar as opiniões no momento. Contudo, ocorreu-me que alguém tão jovem, bela e, ouso dizer, popular como você pode se sair melhor do que eu nessa tarefa.

Depois de me passar a pasta pela mesa, ele continuou:

— As pessoas parecem ouvir seu canto. Talvez você possa cantar uma canção minha para elas.

Abri a pasta e li os documentos.

— O que é isso?

— Apenas alguns informes públicos que faremos em breve. Conhecemos, obviamente, a composição das castas nas províncias e nas comunidades dentro delas, de modo que enviaremos informes específicos para cada região. Para encorajar essas pessoas.

Confuso com a explicação do pai, Maxon me perguntou:

— O que é isso, America?

— São como… anúncios — respondi. — Anúncios para que as pessoas sejam felizes em suas castas e não mantenham contato com quem for de outra.

— Pai, o que significa isso?

O rei recostou-se em sua cadeira, relaxado.

— Nada de mais. Só quero sufocar o descontentamento. Se não fizer isso, você terá de lidar com uma rebelião quando eu lhe passar a coroa.

— Como assim?

— As castas inferiores tendem a ficar agitadas de tempos em tempos. É natural. No entanto, precisamos subjugar seu ódio rapidamente e acabar com suas ideias de assumir o poder, antes que se unam e destruam nossa grande nação.

Maxon encarou o pai, ainda sem compreender totalmente suas palavras. Se Aspen não tivesse comentado sobre os simpatizantes dos rebeldes, eu também não entenderia. O rei planejava dividir e conquistar: tornar as castas incrivelmente gratas pelo que tinham — mesmo que fossem maltratadas — e impedir que se juntassem a outras castas, já que ninguém de fora entenderia seus problemas.

— Isso é propaganda — afirmei, lembrando de uma palavra que lera em um antigo livro de história do meu pai.

— Não, não. É uma sugestão. Um reforço. Uma visão de mundo que manterá nosso país feliz — tentou me acalmar o rei.

— Feliz? Então o senhor quer que eu diga a um Sete que… — Procurei as palavras na folha. — "Sua tarefa talvez seja a mais importante de nossa nação. Você trabalha duro para erguer os edifícios e estradas que formam nossa terra."

Continuei:

— "Nenhum Dois ou Três poderia igualar seu talento, então não olhe para eles na rua. Não é preciso se dirigir àqueles que podem até ser superiores na ordem das castas, mas são inferiores na contribuição que dão a nosso país."

Maxon se voltou para o pai.

— Com certeza isso vai alienar as pessoas.

— Pelo contrário. Vai mantê-las em seus devidos lugares e fazê-las perceber que o palácio sempre age incondicionalmente a seu favor.

— Age mesmo? — disparei.

— Claro que sim! — o rei berrou, fazendo-me recuar alguns passos.

— As pessoas precisam ser levadas no cabresto, com antolhos, como cavalos. Se ninguém guia seus passos, elas se perdem e vão buscar exatamente o que é pior para elas. Você pode não gostar desses discursos, mas eles farão mais, *salvarão* mais do que você imagina.

Meu coração só começou a desacelerar quando ele terminou de falar. Permaneci em pé, segurando os papéis.

Eu sabia que ele estava preocupado. Toda vez que o rei recebia um relatório sobre alguma coisa que tinha saído de seu controle, ele o amassava. Para ele, todas as mudanças eram consideradas traição antes mesmo de saber do que se tratava. Sua solução no momento era me colocar para fazer o mesmo que Gregory tinha feito e isolar seu povo.

— Não posso fazer isso — murmurei.

Ele respondeu calmamente:

— Então não pode se casar com meu filho.

— Pai!

O rei ergueu a mão.

— Chegamos ao limite, Maxon. Deixei você fazer tudo do seu jeito até aqui. Agora precisamos negociar. Se você quer que essa garota fique, ela precisa ser obediente. Se é incapaz de realizar as tarefas mais simples, minha única conclusão é que ela não ama você. Se esse é o caso, não entendo como você pode querer ficar com ela para começo de conversa.

Olhei para o rei com ódio por ele ter posto aquela ideia na cabeça de Maxon.

— Você o ama? Você ama Maxon, afinal?

Não era assim que eu diria aquilo. Não por causa de um ultimato, não numa negociação.

O rei balançou a cabeça.

— Que triste, Maxon. Ela precisa pensar no assunto.

Não chore. Não chore.

— Vou lhe dar um tempo para se posicionar. Se decidir que não vai fazer isso, danem-se as regras: *eu* a enxotarei no Natal. Que presente especial sua família irá receber.

Três dias.

Ele sorriu. Coloquei a pasta sobre a mesa e saí, me esforçando para não correr. Eu não precisava de outro motivo para ele me criticar.

— America! — Maxon gritou. — Pare!

Continuei a andar até ele me agarrar pelo pulso e me forçar a parar.

— O que foi aquilo?! — indagou.

— Ele é louco!

Eu estava a ponto de chorar, mas segurei as lágrimas. Se o rei saísse e me visse daquele jeito, seria o fim.

Maxon sacudiu a cabeça.

— Não me refiro a ele, mas a você. Por que não concordou em fazer aquilo?

Olhei para ele, arrasada.

— É um truque, Maxon. Tudo o que ele faz é um truque.

— Se você tivesse concordado, eu já teria acabado com isso.

Incrédula, repliquei:

— Dois segundos antes você teve a chance de acabar com a Seleção e não o fez. Por que a culpa é minha?

— Porque — ele começou a responder, completamente desesperado — você me nega seu amor. É a única coisa que sempre quis ao longo dessa competição, e você ainda me nega. Fico esperando você dizer, mas nada. Se não conseguiu dizer na frente dele, tudo bem. Mas bastava ter concordado. Já

seria o suficiente para mim.

— E por que eu faria isso se, por mais longe que a gente tenha chegado, ele ainda é capaz de me expulsar? Se sou humilhada uma vez atrás da outra enquanto você só assiste? Isso não é amor, Maxon. Você nem sabe o que é amor.

— Não sei uma ova! Você faz alguma ideia do que passei…

— Maxon, foi você quem disse que não queria mais discutir. Então pare de arrumar motivos para eu discutir com você!

Saí pisando forte. O que eu ainda estava fazendo naquele palácio? Ficava me torturando por alguém que não fazia ideia do que significava ser fiel a outra pessoa. E nunca faria, porque toda a sua noção de romance girava em torno da Seleção. Maxon nunca entenderia.

Estava quase nas escadas quando fui puxada novamente. Maxon me segurava com força, com as duas mãos em meus braços. Com certeza ele percebia como eu ainda estava furiosa, mas nos segundos que se passaram, sua atitude tinha mudado completamente.

— Eu não sou ele — disse.

— O quê? — perguntei, enquanto tentava me soltar.

— America, pare.

Suspirei desapontada e parei de me mexer. Sem alternativa, olhei nos olhos de Maxon.

— Não sou ele, está bem? — repetiu.

— Não sei o que você quer dizer.

Ele respirou fundo.

— Sei que você passou anos se dedicando a outra pessoa porque pensava que ele a amaria para sempre. Só que, quando teve que enfrentar algumas dificuldades da vida, ele te abandonou.

Fiquei paralisada, absorvendo aquelas palavras. Maxon prosseguiu:

— Não sou ele, America. Não pretendo desistir de você.

Balancei a cabeça.

— Você não percebe, Maxon. Ele pode ter me decepcionado, mas pelo menos eu o conhecia. Depois de todo esse tempo, ainda sinto que há um abismo entre nós. A Seleção o obrigou a entregar seu afeto em pedaços. Nunca terei você por completo. Nenhuma de nós terá.

Novamente, me esforcei para escapar de suas mãos, mas dessa vez ele não tentou me segurar.

22

NÃO ME LEMBRO MUITO daquela edição do *Jornal Oficial*. Sentei em meu pedestal, pensando que a cada segundo eu estava mais perto de ser expulsa. Então comecei a perceber que ficar não seria muito melhor. Recuar e ler aquelas mensagens horríveis seria dar a vitória ao rei. Talvez Maxon me amasse, mas se não era homem o suficiente para dizê-lo em voz alta, como seria capaz de me proteger da coisa mais assustadora da minha vida, que era o pai dele?

Eu sempre teria que ceder à vontade do rei Clarkson e, por mais apoio que desse aos rebeldes nortistas, Maxon estaria sempre sozinho no palácio.

Estava com raiva de Maxon, com raiva de seu pai, com raiva da Seleção e de tudo que vinha junto. Uma imensa frustração apertava meu peito, nada mais parecia fazer sentido e eu queria muito falar com as garotas sobre o que estava acontecendo.

Mas era impossível. Não melhoraria nem um pouco minha situação, e só pioraria a delas. Cedo ou tarde, eu teria que enfrentar essas preocupações sozinha.

Desviei o olhar para a esquerda, onde estavam os outros assentos da Elite. Percebi então que, quem quer que ficasse, teria de encarar aquilo sem as outras. A pressão do público, querendo saber de nossas vidas e fazer parte delas, assim como os desmandos do rei, sempre pronto para manipular todos

ao seu redor, tudo pesaria sobre os ombros de uma só garota.

Aos poucos, estendi a mão para Celeste e toquei a dela com os dedos. Assim que ela percebeu, segurou minha mão firme e olhou para mim, preocupada.

— O que houve? — perguntou, quase sem emitir som algum.

Dei de ombros.

Ela continuou segurando minha mão.

Depois de um minuto, ela também se entristeceu um pouco. Enquanto os homens engravatados tagarelavam, ela estendeu a mão até Kriss, que a apertou sem hesitar. Segundos depois, já tinha dado a outra mão a Elise.

E ali estávamos nós, nos bastidores, nos apoiando. A perfeccionista, a queridinha, a diva… e eu.

Passei a manhã seguinte no Salão das Mulheres sendo o mais obediente possível. Vários parentes da família real tinham chegado à cidade, prontos para celebrar o Natal em grande estilo. Naquela noite, teríamos um excelente jantar acompanhado de músicas natalinas. Geralmente a noite de Natal era uma das minhas datas preferidas, mas estava transtornada demais para me empolgar.

Tivemos uma refeição incrível que mal saboreei e recebemos presentes do público que nem vi direito. Estava arrasada.

Quando os visitantes começaram a ficar "alegres" com as bebidas, dei um jeito de escapar; não estava a fim de fingir animação. Até o fim da noite, tinha que decidir se aceitava fazer os comerciais ridículos do rei Clarkson ou se deixava que ele me expulsasse. Precisava pensar.

De volta ao quarto, dispensei as criadas e fui até a escrivaninha, perdida em pensamentos. Não queria fazer aquilo, não queria dizer às pessoas para ficarem satisfeitas com o que tinham, mesmo que não tivessem nada. Não queria desencorajar as pessoas a ajudar umas às outras. Não queria eliminar a possibilidade de que conseguissem algo melhor nem queria ser o rosto e a voz de uma campanha que pregava: "Fique quieto. Deixe o rei cuidar da sua vida.

É o melhor que você pode esperar".

Mas… eu não amava Maxon?

Um segundo depois, alguém bateu na porta. Relutante, fui atender, temendo que fosse o rei Clarkson para executar seu ultimato.

Abri a porta e dei com Maxon. Ele permaneceu ali, calado.

Toda a minha raiva fez sentido. Queria *tudo* dele, tudo *para* ele, porque queria *cada parte* dele. Estava furiosa porque tinha muita gente metida naquilo: as garotas, os pais de Maxon, até Aspen. Milhares de condições, opiniões e obrigações nos rodeavam e se colocavam entre nós, e eu odiava Maxon porque ele vinha acompanhado de todos esses problemas.

E eu o amava mesmo assim.

Estava a ponto de aceitar fazer aqueles pronunciamentos horríveis quando ele estendeu a mão calmamente.

— Vem comigo?

— Vou.

Fechei a porta e segui Maxon pelo corredor.

— Você tem razão — ele começou. — Tenho medo de me revelar por inteiro a vocês. Você vê algumas partes, Kriss vê outras, e assim por diante. Fiz isso de acordo com o que parecia mais apropriado para cada uma. Com você, sempre gosto de vir a seu encontro, ao seu quarto. É como se eu entrasse um pouco em seu mundo e, se fizer isso o bastante, posso ter você por inteiro. Faz sentido?

— Um pouco — respondi quando começamos a subir a escadaria.

— Mas não é justo nem muito exato. Você me explicou uma vez que os quartos não são de vocês, são nossos. Em todo caso, pensei que era hora de mostrar a você outra parte do meu mundo, talvez a última que você ainda não conheça.

— O quê?

Ele fez um sinal para pararmos diante de uma porta.

— Meu quarto.

— Sério?

— Apenas Kriss esteve aqui, e mostrei um pouco por impulso. Não lamento, mas acho que precipitei demais as coisas. Você sabe como sou reservado.

— Sei.

Ele segurou a maçaneta.

— Quero dividir isso com você, e acho que já não era sem tempo. Não é nada muito especial, mas é meu. Então, sei lá, só quero que você veja.

— Tudo bem.

Era óbvio que ele estava um pouco envergonhado. Talvez por ter esperado uma reação mais empolgada da minha parte, talvez por já estar arrependido.

Maxon respirou fundo, abriu a porta e fez um gesto para que eu entrasse na frente.

Era enorme. As paredes eram revestidas de um tipo de madeira escura que eu não conhecia. Na parede ao fundo, havia uma grande lareira esperando para ser usada. Devia ser apenas decoração, já que em Angeles nunca fazia frio suficiente para justificar que ela fosse acesa.

A porta do banheiro estava entreaberta; era possível ver uma banheira de porcelana sobre o piso elaborado de azulejos. Maxon possuía uma biblioteca particular, e a mesa perto da lareira parecia mais de jantar do que de trabalho. Imaginei quantas refeições ele não teria feito ali sozinho. Perto das portas que davam para a sacada, havia um armário com portas de vidro cheio de pistolas perfeitamente enfileiradas. Tinha me esquecido de sua paixão pela caça.

Sua cama, também de madeira escura, era gigante. Quis chegar perto e tocá-la para ver se era tão boa quanto parecia.

— Maxon, cabe um time de futebol aqui dentro.

— Já tentei uma vez. Não é tão confortável quanto você imagina.

Virei para ele para lhe dar um cutucão, feliz por vê-lo de bom humor. Foi então que vi, atrás de seu rosto sorridente, as fotos. Soltei um suspiro quando descobri aquela coleção incrível.

Na parede da porta havia um enorme mural com fotografias, grande o

suficiente para cobrir a parede do meu quarto na casa dos meus pais. Aparentemente não havia qualquer ordem; ele apenas tinha colocado uma ao lado da outra aleatoriamente, para apreciá-las.

Muitas daquelas fotos com certeza tinham sido tiradas por ele, pois eram do palácio, onde passava quase todo o seu tempo. Havia imagens de tapeçarias, fotos do teto que ele provavelmente tinha tirado deitado no carpete e várias fotos dos jardins. Havia outras, talvez de lugares que ele desejava conhecer ou que já tinha visitado alguma vez. Havia ainda algumas pontes e uma estrutura parecida com um muro que se estendia por quilômetros.

Mas, além de tudo isso, havia mais de uma dúzia de fotos minhas. Uma delas era a do formulário da Seleção; em outra, tirada para uma revista, eu estava ao lado de Maxon, usando aquela echarpe. Parecíamos felizes, como se tudo aquilo não passasse de um jogo. Nunca tinha visto aquela foto, nem a que tinha saído no artigo sobre o Halloween. Lembrava de Maxon atrás de mim quando fui ver os esboços para minha fantasia: enquanto eu observava os desenhos, Maxon olhava de canto para mim.

Então, havia as fotos que ele tinha tirado de mim. Uma de quando o rei e a rainha da Noruécia haviam visitado o palácio; eu estava com cara de susto porque Maxon apareceu do nada dizendo "sorria!". Havia outra em que eu estava sentada no estúdio do *Jornal Oficial*, rindo de Marlee. Ele devia ter se escondido por trás dos holofotes, tirando retratos espontâneos. Por fim, vi também uma fotografia em que eu estava sozinha na sacada do meu quarto, olhando a lua.

As outras garotas também estavam lá; as remanescentes mais do que as outras. Ainda assim, era possível ver Anna com uma paisagem ao fundo ou Marlee em um canto, sorrindo. E, embora fossem recentes, também estavam lá as fotos de Kriss e Celeste posando no Salão das Mulheres, de Elise fingindo estar desmaiada no sofá e de mim abraçada com sua mãe.

— Maxon — falei, extasiada —, são lindas.

— Você gosta?

— Estou impressionada. Quantas foi você quem tirou?

— Quase todas, mas tive que pedir algumas, como esta — ele disse, apontando para uma das fotos de revista. — Esta aqui eu tirei na região sul de Hondurágua — continuou, mostrando outra imagem. — Costumava achar interessante, mas hoje fico triste ao vê-la.

A foto mostrava chaminés despejando fumaça no céu.

— Eu gostava de ver a fumaça ser jogada no ar — continuou —, mas agora me lembro de como odiava aquele cheiro. E as pessoas vivem em meio àquilo. Eu era tão alienado.

— Onde é esse lugar? — perguntei sobre o grande muro de tijolos.

— Nova Ásia. Antigamente era a fronteira norte da China. Chamavam de Grande Muralha. Já foi espetacular, mas agora está praticamente destruída. Corta quase metade da Nova Ásia. Eles tinham se expandido até esse ponto.

— Uau.

Maxon pôs as mãos atrás das costas.

— Eu esperava que você fosse gostar.

— Gostei. Muito. Quero que você faça um mural desse para mim.

— Quer?

— Sim. Ou apenas me ensine a fazer um. Já perdi a conta de quantas vezes quis registrar momentos da minha vida e guardá-los assim. Eu trouxe algumas fotos da minha família e recebi uma com o bebê da minha irmã, mas é só. Jamais cheguei a pensar em escrever um diário ou anotar as coisas… E, vendo essas fotos agora, consigo entender você bem melhor.

Aquilo era a essência de Maxon. Pude intuir o que era permanente — como seu constante confinamento no palácio e as poucas viagens — e o que mudava. Por exemplo, as garotas e eu estávamos no mural porque tínhamos invadido seu mundo. Mesmo à medida que fôssemos saindo, não deixávamos o lugar completamente.

Cheguei perto e pus o braço em volta de suas costas. Ele fez o mesmo comigo. Permanecemos ali calados por um tempo, contemplando aquilo tudo.

E então me ocorreu uma coisa que deveria ser óbvia desde o princípio.

— Maxon?

— Sim?

— Se as coisas fossem diferentes, se você não fosse o príncipe e pudesse escolher sua profissão, escolheria isso? — perguntei, apontando para o mural.

— Você diz fotografar?

— Sim.

— Com certeza — respondeu sem pestanejar. — Fotos artísticas ou até retratos de família. Faria fotos para publicidade. Tudo o que fosse possível. Sou apaixonado por isso. Acho que dá para notar.

— Dá.

Abri um sorriso, feliz por saber disso.

— Por que a pergunta?

— É que… — virei para ele — você seria Cinco.

Maxon refletiu sobre minhas palavras.

— Fico feliz.

— Eu também.

De súbito, Maxon me encarou, segurando minhas mãos.

— Diga, America. Por favor. Diga que me ama, que quer ser só minha.

— Não posso ser só sua com as outras garotas aqui.

— E não posso mandá-las de volta sem ter certeza dos seus sentimentos.

— E não tenho como dar certeza sabendo que amanhã você pode fazer a mesma coisa com Kriss.

— Fazer o que com Kriss? Ela já viu meu quarto, já disse.

— Não isso. Dar esperanças a ela. Fazê-la ter a sensação de que…

— De que…? — ele quis saber depois de esperar um segundo.

— De que é a única que importa. Ela é louca por você. Já me disse. E acho que ela é correspondida.

Maxon suspirou em busca de palavras.

— Não posso dizer que ela não significa nada para mim. Mas posso dizer

que você significa mais.

— Como vou ter certeza disso se você é incapaz de mandá-la embora?

Um sorriso malicioso se abriu em seu rosto. Ele encostou os lábios em meu ouvido.

— Posso pensar em outras maneiras de mostrar o que você me faz sentir — sussurrou.

Engoli em seco, assustada e ansiosa para que ele dissesse mais. Seu corpo veio de encontro ao meu. Sua mão desceu pelas minhas costas e me puxou contra si. A outra mão tirou o cabelo do meu pescoço. Eu tremia enquanto ele encostava os lábios sobre minha pele. Sua respiração era tão tentadora.

Era como se eu tivesse me esquecido de como controlar meu corpo. Não conseguia abraçá-lo nem me mexer, mas Maxon deu um jeito nisso. Me empurrou devagar para trás, até me encostar contra suas fotos.

— Quero você, America — ele sussurrou em meu ouvido. — Quero que você seja só minha. E quero dar tudo a você.

Seus lábios vieram beijando minha bochecha até pararem no canto da minha boca.

— Quero dar a você coisas que nem sabia que queria. Quero — ele disse, e senti sua respiração em meu rosto — desesperadamente…

Uma batida forte soou à porta.

Estava tão perdida nas carícias, nas palavras e no cheiro de Maxon que o som me deixou estonteada. Viramos para a porta, mas Maxon logo encostou seus lábios nos meus mais uma vez.

— Não se mexa. Faço questão de continuar essa conversa.

Ele me beijou devagar e foi abrir a porta.

Permaneci imóvel e ofegante. Disse a mim mesma que talvez fosse uma má ideia deixá-lo me beijar até eu confessar. Mas ponderei que aquele seria o único jeito de eu ceder.

Maxon abriu a porta, mantendo-me escondida do visitante. Passei a mão pelos cabelos para me recompor.

— Perdão, alteza — alguém disse. — Procuramos a senhorita America, e as criadas disseram que ela estaria com o senhor.

Fiquei me perguntando como minhas criadas teriam adivinhado, mas contente por estarem tão afinadas comigo. Maxon franziu a testa e olhou para mim antes de abrir a porta por completo e permitir a entrada do soldado. Ele cruzou a soleira e olhou para mim como se me inspecionasse, como se quisesse ter certeza de que aquela era eu. Uma vez satisfeito, inclinou-se para Maxon e murmurou algo em seu ouvido.

O príncipe soltou os ombros e levou a mão aos olhos; parecia incapaz de lidar com a notícia.

— Você está bem? — perguntei. Não queria que ele sofresse sozinho.

Ele se virou para mim, comovido.

— Sinto muitíssimo, America. Odeio ter de contar isso a você. Seu pai faleceu.

Não compreendi as palavras de imediato. Porém, não importava como as organizasse na minha cabeça, a impensável conclusão era sempre a mesma.

E então o quarto começou a balançar e vi Maxon com uma expressão assustada. A última coisa que senti foram os braços dele me segurando para que eu desabasse no chão.

23

— … ENTENDER. Ela vai querer visitar a família.

— Se for, será por apenas um dia. Não gosto dela, mas o povo gosta, sem falar nos italianos. Sua morte seria um grande inconveniente.

Abri os olhos. Estava na cama, mas não debaixo dos cobertores. Pelo canto dos olhos, via que Mary estava comigo no quarto.

O barulho das vozes estava abafado. Percebi que era porque eles estavam do lado de fora do quarto, em frente à porta.

— Não será o bastante. Ela amava muito o pai. Vai querer mais tempo — Maxon argumentou.

Ouvi um punho socar a parede. O som fez Mary e eu pularmos de susto.

— Está bem — bufou o rei. — Quatro dias. E só.

— E se ela decidir não voltar? Apesar de não ser culpa dos rebeldes, ela pode querer ficar.

— Se for burra o bastante para isso, azar o dela. Aliás, ela tinha que me dar uma resposta sobre os pronunciamentos. Se não quiser fazê-los, pode ficar em casa.

— Ela disse que faria. Me contou no início da noite — Maxon mentiu. Mas ele sabia, não sabia?

— Já não era sem tempo. Assim que retornar, ela vai para o estúdio. Quero isso pronto antes do Ano-Novo — o rei falou, irritado, apesar de ter

conseguido o que queria.

Após uma pausa, Maxon ousou dizer:

— Quero ir com ela.

— Nem pensar! — berrou o rei Clarkson.

— Só restam quatro, pai. Essa garota pode se tornar minha esposa. Como posso deixá-la ir sozinha?

— Deixando! Se ela morrer, é uma coisa. Se você morrer, a história é completamente diferente. Você fica!

Outro soco na parede. Dessa vez, pareceu ser de Maxon.

— Não sou sua propriedade. Nem elas. Gostaria que o senhor alguma vez olhasse para mim como uma pessoa.

A porta se abriu violentamente, e Maxon entrou.

— Sinto muito — disse, aproximando-se para sentar na cama. — Não queria acordá-la.

— É verdade?

— Sim, querida. Ele partiu.

Com o rosto condoído, Maxon tomou minha mão e continuou:

— Teve um problema no coração.

Sentei e me joguei nos braços de Maxon. Ele me abraçou com força e me deixou chorar em seu ombro.

— Papai… papai… — chorei.

— Calma, querida. Vai ficar tudo bem — Maxon me tranquilizava. — Amanhã você vai pegar um voo até lá.

— Não me despedi. Não…

— America, ouça: seu pai amava você. Estava orgulhoso por você estar se saindo tão bem. Jamais cobraria isso.

Concordei com a cabeça. Ele tinha razão. Praticamente em todas as vezes que nos falamos desde que eu fora para o palácio, meu pai me dizia como estava orgulhoso.

— Agora preste atenção no que você precisa fazer, certo? — Maxon

começou a me orientar enquanto secava minhas lágrimas. — Precisa dormir o melhor que puder. Você partirá amanhã e ficará com a sua família por quatro dias. Tentei conseguir mais tempo, mas meu pai é muito teimoso.

— Tudo bem.

— Suas criadas estão costurando um vestido adequado para o funeral. Depois, vão preparar as malas com o que for necessário. Uma delas vai com você, e também alguns guardas. A propósito — ele disse, levantando para cumprimentar alguém que tinha aparecido na porta —, soldado Leger, obrigado por vir.

— Sem problemas, Alteza. Peço desculpas por não estar de uniforme, senhor.

Maxon apertou a mão de Aspen.

— Esta é a menor das minhas preocupações no momento. Certamente você sabe o motivo de sua presença aqui.

— Sim — Aspen confirmou, voltando-se para mim. — Sinto muito pela perda, senhorita.

— Obrigada — balbuciei.

— A crescente atividade rebelde nos deixa preocupados com a segurança da senhorita America — explicou Maxon. — Já destacamos um grupo de soldados locais para a casa dela e para os demais locais por onde ela passará nos próximos dias. Ainda há soldados treinados aqui no palácio por lá, claro. Mas como ela vai de fato ficar na casa, acho necessário enviar mais.

— Com certeza, Alteza.

— Você conhece a região?

— Muito, senhor.

— Ótimo. Você comandará o grupo que deve acompanhá-la. Escolha quem quiser, entre seis e oito guardas.

Aspen levantou as sobrancelhas.

— Eu sei — Maxon concordou. — Estamos apertados no momento, mas pelo menos três dos soldados que enviamos à casa dela já desertaram. E quero

que ela esteja tão segura lá quanto estaria aqui. Senão mais.

— Cuidarei disso, senhor.

— Excelente. Uma criada irá junto. Cuide dela também.

Depois, virando-se para mim, Maxon perguntou:

— Já sabe quem você quer levar?

Balancei os ombros, incapaz de pensar direito.

Aspen falou por mim.

— Se me permitem, sei que Anne é a chefe de suas criadas, mas lembro que Lucy se deu bem com sua mãe e sua irmã. Talvez fosse bom para elas ver um rosto amigo.

— Lucy — concordei.

— Ótimo — disse Maxon. — Soldado Leger, não há muito tempo. Vocês partem ao amanhecer.

— Vou cuidar de tudo imediatamente, senhor. Vejo a senhorita pela manhã — disse Aspen.

Dava para notar que era difícil para ele ficar longe de mim. E, naquele momento, eu não desejava nada além de seu conforto. Aspen conheceu bem meu pai, e eu queria alguém que o entendesse como eu para chorar comigo.

Assim que Aspen saiu, Maxon sentou ao meu lado.

— Uma última coisa antes de você partir — ele disse, segurando carinhosamente as minhas mãos. — Às vezes você tende a ser impulsiva em momentos delicados.

Ele me encarou antes de continuar. Achei um pouco de graça em seu olhar acusador.

— Tente ser razoável enquanto estiver fora. Preciso que você tome cuidado.

Afaguei a mão dele com a minha.

— Tomarei. Prometo.

— Obrigado.

Uma sensação de paz pairava sobre nós, como em outras vezes. Embora eu soubesse que meu mundo nunca mais voltaria a ser o mesmo, durante um

instante, nos braços de Maxon, a dor da perda não parecia tão forte.

Ele se inclinou em minha direção até nossas testas se tocarem. Ele inspirou, como se fosse dizer algo, mas desistiu. Alguns momentos depois, fez isso de novo.

Por fim, Maxon se endireitou, balançou a cabeça e me deu um beijo na bochecha.

— Cuide-se.

E então saiu, me deixando sozinha com a minha tristeza.

Fazia frio em Carolina; a umidade do mar deixava a friagem levemente molhada. Em meu coração, desejei que nevasse, mas não aconteceu. Depois, me senti culpada por ter desejado o que quer que fosse naquela situação.

Natal. Tinha passado três semanas imaginando como seria. Pensei que talvez estaria em casa, eliminada. Ficaríamos todos ao redor da árvore, tristes por eu não ser princesa, mas eufóricos de alegria por estarmos juntos. Também considerei a possibilidade de abrir presentes debaixo da enorme árvore do palácio, me entupindo de comida e rindo com as outras garotas e Maxon, todos de folga da competição.

Nunca teria imaginado que eu estaria me preparando para enterrar meu pai.

Comecei a ver a multidão quando o carro entrou na rua da minha casa. Embora as pessoas devessem estar em casa com suas famílias, preferiram se juntar sob o frio. Então percebi que elas queriam me ver, e me senti muito mal. As pessoas apontavam quando passávamos, e uma rede de televisão local gravava tudo.

O carro parou diante da minha casa, e fui ovacionada pelo público. Eu não conseguia entender. Eles não sabiam por que eu havia voltado? Caminhei pela calçada rachada ao lado de Lucy e seis guardas. Não assumiríamos nenhum risco.

— Senhorita America! — gritavam as pessoas na rua.

— Um autógrafo, por favor! — berrou alguém, e outros pediram o mesmo.

Passei reto, olhando para a frente. Uma vez que fosse, achei que podia me dar ao luxo de ignorá-los. Ergui os olhos para as luzes de Natal que pendiam do telhado. Meu pai as colocara lá. Quem as tiraria?

Aspen, à frente do grupo, bateu na porta e esperou. Um guarda abriu, e os dois conversaram brevemente antes de todos poderem entrar. Foi difícil passarmos todos pelo corredor, mas logo que chegamos à sala de estar senti algo… estranho.

Aquela não era mais minha casa.

Disse a mim mesma que estava louca. Claro que era a minha casa. As circunstâncias do meu retorno é que eram incomuns. Todos estavam presentes, até Kota. Mas meu pai tinha nos deixado, então era natural que as coisas parecessem fora de lugar. E Kenna trazia nos braços um bebê que eu nunca tinha visto pessoalmente. Precisava me acostumar com aquilo.

E, enquanto minha mãe vestia um avental e Gerad, seu pijama, eu estava preparada para um jantar no palácio: cabelo arrumado, brincos de safira e diversas camadas de tecido sofisticado me cobriam dos pés à cabeça. Por um instante, senti que não era bem-vinda.

Contudo, May levantou com um pulo e correu para me abraçar e chorar em meu ombro. Abracei-a forte. O contraste podia ser difícil de superar a princípio, mas tive certeza de que ali era o único lugar em que eu deveria estar naquele momento. Eu precisava ficar com a minha família.

— America — Kenna disse, com a filha nos braços —, você está tão linda.

— Obrigada — murmurei, encabulada.

Ela me abraçou com um braço só, e pude ver minha sobrinha dormindo entre os cobertores. O rostinho de Astra revelava um sono sereno, e de vez em quando ela mexia um pouco os dedos. Era impressionante.

Aspen limpou a garganta.

— Senhora Singer, meus pêsames por sua perda.

Minha mãe abriu um sorriso cansado.

— Obrigada.

— Sinto muito por não estarmos aqui em circunstâncias melhores, mas com a senhorita America em casa teremos de ser bastante cautelosos com a segurança — disse ele, com um quê de autoridade na voz. — Pedimos a todos que permaneçam aqui. Sei que vai ser apertado, mas é por apenas alguns dias. E os guardas dispõem de um apartamento nas imediações, de modo que podemos nos revezar com facilidade. Tentaremos ao máximo não atrapalhar.

"James, Kenna, Kota: quando quiserem podemos ir às casas de vocês para pegar o que for necessário. Se precisarem de tempo para fazer uma lista, não há problemas. Estamos a seu dispor."

Sorri, feliz por ver Aspen daquele jeito. Ele tinha amadurecido tanto.

— Não posso ficar longe do meu estúdio — reclamou Kota. — Tenho prazos. Há peças para terminar.

Aspen apontou para a garagem de casa e, ainda em tom de voz profissional, respondeu:

— Todo o material de que você precisar poderá ser trazido para o estúdio daqui. Faremos quantas viagens forem necessárias.

Kota cruzou os braços e resmungou:

— Este lugar é um lixo.

— Pois bem — Aspen replicou com firmeza. — A escolha é sua. Pode trabalhar no lixo ou arriscar a vida em seu apartamento.

Uma tensão constrangedora e bastante desnecessária naquele momento pesou no ar. Resolvi quebrá-la:

— May, você pode dormir comigo. Kenna e James ficam no seu quarto.

Eles concordaram.

— Lucy — cochichei —, quero você perto da gente. Talvez você tenha que dormir no chão, mas queria que ficasse ao meu lado.

Lucy aprumou o corpo.

— Eu não ficaria em nenhum outro lugar, senhorita.

— Onde eu vou dormir? — Kota quis saber.

— Comigo — propôs Gerad, sem qualquer empolgação.

— De jeito nenhum! — desprezou Kota. — Não vou dormir com uma criança no beliche.

— Kota! — protestei, dando um passo à frente de Lucy e de minhas irmãs. — Por mim, você pode dormir no sofá, na garagem ou na casa da árvore; mas se não se controlar, vou mandá-lo de volta para o seu apartamento imediatamente! Agradeça um pouco a segurança que estão lhe oferecendo. Por acaso preciso lembrar que amanhã enterraremos nosso pai? Então pare de reclamar ou volte para a sua casa.

Dei meia-volta e saí pisando forte. Não precisei olhar para trás para saber que Lucy me acompanhava com a mala na mão.

Entrei no quarto e esperei que ela fizesse o mesmo. Assim que sua saia cruzou o batente, bati a porta e soltei um suspiro pesado.

— Foi demais? — perguntei.

— Foi perfeito! — ela respondeu, empolgada. — A senhorita já pode ser princesa. Está pronta.

24

O DIA SEGUINTE PASSOU EM UM BORRÃO de trajes negros e abraços. Muitas pessoas que eu nunca tinha visto compareceram ao funeral do meu pai. Fiquei em dúvida se eram todos amigos dele que eu não conhecia ou se tinham aparecido por minha causa.

O pároco da região presidiu a celebração, mas, por motivos de segurança, pediram que nossa família não se levantasse para fazer discursos. Depois veio o funeral, bem mais sofisticado do que eu esperava. Embora ninguém tivesse me contado, eu tinha certeza de que Silvia ou outro funcionário do palácio tinha dado uma ajuda para que a homenagem fosse bonita e as coisas ficassem mais fáceis para nós. Também por motivos de segurança, o funeral foi curto, mas para mim não tinha problema. Queria que aquele momento fosse o menos doloroso possível.

Aspen permaneceu perto de mim o tempo todo. Me sentia grata por sua presença; não confiaria minha vida a ninguém além dele.

— Não chorei desde que saí do palácio — comentei. — Pensei que ficaria arrasada.

— A dor vem em momentos esquisitos — ele disse. — Fiquei desolado por alguns dias depois da morte do meu pai, até me dar conta de que precisava juntar os cacos para o bem de todos. Mas de vez em quando acontecia algo que eu queria contar a ele, e então a dor voltava e eu desmoronava.

— Então… eu sou normal?

Ele sorriu.

— Você é normal.

— Não conheço a maioria dessas pessoas.

— São todas da região. Verificamos as identidades. Talvez a quantidade seja um pouco mais alta por sua causa, mas acho que seu pai pintou um quadro para os Hampshire, e já o tinha visto mais de uma vez conversando com o sr. Clippings e com Albert Hammers no centro da cidade. É difícil saber tudo sobre as pessoas próximas, mesmo aquelas que você mais ama.

Senti que havia algo mais naquela frase, algo que ele queria que eu respondesse. Mas eu era incapaz naquele momento.

— Temos que nos acostumar — ele disse.

— Com o quê? Com a sensação de que tudo é horrível?

— Não — ele respondeu, negando com a cabeça. — O normal já não é normal. Tudo que fazia sentido está mudando.

Dei uma risada forçada.

— Está mesmo, não é?

— Precisamos parar de temer a mudança.

Ele me encarou com olhos de súplica. Não pude deixar de imaginar a qual mudança ele se referia.

— Vou enfrentar a mudança. Mas não hoje — eu disse, antes de sair para abraçar mais estranhos. Ainda tentava me conformar com a ideia de que não tinha mais meu pai para conversar sobre meus sentimentos confusos.

Após o funeral, tentamos nos animar um pouco. Havia alguns presentes de Natal sem abrir, já que ninguém estava muito no clima de festa. Gerad recebeu autorização especial para jogar bola em casa, e minha mãe passou a maior parte do tempo ao lado de Kenna, com Astra nos braços. Kota estava intragável, então o deixamos ficar no estúdio sem nos dar ao trabalho de ver se estava

bem. May era quem mais me preocupava. Ela não parava de dizer que tinha vontade de trabalhar, mas não queria entrar no estúdio e não encontrar papai lá.

Foi então que tive uma luz. Arrastei ela e Lucy para o quarto para uns momentos de descontração. Lucy não reclamou enquanto May escovava seu cabelo, e chegou até a rir das cócegas que o pincel de maquiagem fazia em sua bochecha.

— Você faz isso em mim todo dia! — reclamei de brincadeira.

May tinha um verdadeiro talento para ajeitar cabelos; seus olhos de artista estavam prontos para trabalhar em qualquer meio. Ainda que ficasse grande demais, ela colocou um dos uniformes de Lucy, que por sua vez experimentava um vestido atrás do outro a nosso pedido. No final, decidimos por um azul, longo e delicado, o qual ajustamos na parte de trás com alguns alfinetes.

— Sapatos! — May gritou antes de correr para procurar um par que combinasse.

— Meus pés são grandes demais — Lucy resmungou.

— Besteira — May insistiu, e Lucy ficou sentada obediente na cama enquanto minha irmã fazia a prova de sapatos mais bizarra do planeta.

De fato, os pés de Lucy eram bem grandes, mas ela ria quase até chorar a cada tentativa por causa das estripulias de May. Eu cheguei a sentir dores no abdome de tanto gargalhar. Fizemos tanto barulho que foi apenas questão de tempo até alguém vir conferir o que estava acontecendo.

Após três batidas rápidas, a voz de Aspen soou de trás da porta.

— Tudo bem por aí, senhorita?

Corri e escancarei a porta.

— Soldado Leger, veja nossa obra de arte — convidei, estendendo o braço na direção de Lucy; a pobrezinha ainda estava descalça e escondia os pés sob a saia do vestido.

Aspen viu primeiro May naquele uniforme folgado antes de olhar para Lucy,

que parecia uma princesa.

— Que transformação impressionante — comentou, com um sorriso de orelha a orelha.

— Muito bem! Agora acho que devemos prender seu cabelo — May propôs.

Lucy revirou os olhos para Aspen e para mim e deixou May levá-la de volta ao espelho.

— Foi ideia sua? — ele perguntou em voz baixa.

— Sim. May estava tão perdida. Precisava distraí-la um pouco.

— Ela parece melhor. E Lucy também parece feliz.

— Faz tão bem para mim como para elas. Tenho a impressão de que, se conseguirmos fazer coisas bobas ou simples, vou ficar bem.

— Você vai. Vai levar um tempo, mas vai ficar tudo certo.

Assenti, mas logo voltei a pensar em meu pai. Não queria chorar naquela hora. Respirei fundo e segui em frente.

— Acho muito errado eu ser a garota de casta mais baixa a continuar na Seleção — falei baixinho para Aspen. — Veja Lucy. É tão linda, doce e inteligente quanto pelo menos metade das trinta e cinco garotas que começaram, mas isso é o melhor que terá. Umas poucas horas com um vestido emprestado. Não é certo.

Aspen balançou a cabeça.

— Pude conhecer suas criadas muito bem ao longo dos últimos meses. Lucy é mesmo uma moça especial.

De repente, me lembrei de uma promessa que tinha feito.

— Por falar nas minhas criadas, preciso ter uma conversa com você — disse, com a voz ainda mais baixa.

Aspen ficou sério.

— Sei que é constrangedor, mas preciso falar mesmo assim.

— Tudo bem — ele disse, engolindo em seco.

Olhei para ele, um pouco encabulada.

— O que você acha de Anne?

Seu rosto assumiu uma expressão estranha, como se estivesse aliviado e impressionado ao mesmo tempo.

— Anne? — ele murmurou, incrédulo. — Por que ela?

— Acho que ela gosta de você. E é uma garota muito doce — eu disse, com a intenção de não revelar completamente os sentimentos de Anne e, ao mesmo tempo, valorizá-la.

Ele sacudiu a cabeça.

— Sei que você quer que eu comece a pensar em outras pessoas, mas ela está longe de ser o tipo de garota que quero para mim. Ela é muito… rígida.

Dei de ombros.

— Eu também pensava isso de Maxon até conhecê-lo melhor. Além disso, acho que ela sofreu muito na vida.

— E daí? Lucy também sofreu, e olhe para ela — argumentou, apontando a cabeça na direção dela, que ria diante do espelho.

— Ela já contou a você como veio parar no palácio? — especulei.

Ele confirmou com a cabeça.

— Sempre odiei as castas, Meri. Você sabe. Mas não sabia que podiam ser manipuladas dessa maneira, a ponto de existir escravidão.

Deixei escapar um suspiro ao olhar para Lucy e May naquele momento de alegria em meio à dor.

— Prepare-se para ouvir algo que jamais pensou que fosse escutar — Aspen me alertou, e olhei para ele com curiosidade. — Estou muito feliz por Maxon ter conhecido você.

Tossi na tentativa de esconder uma risada.

— Eu sei, eu sei — ele continuou, revirando os olhos mas sorrindo. — É que ele nunca olharia para as castas inferiores se não fosse por você. Acho que o simples fato de você estar lá já mudou as coisas.

Trocamos olhares por um momento. Me lembrei da nossa conversa na casa da árvore, quando ele insistiu para eu me inscrever na Seleção na esperança de

que eu tivesse um futuro melhor. Ainda não sabia se tinha conquistado algo melhor para mim — era difícil dizer —, mas só de pensar na possibilidade de conseguir um futuro melhor para todos de Illéa… Isso significava mais do que eu podia expressar.

— Estou orgulhoso de você, America — Aspen disse, desviando os olhos para focar nas garotas em frente ao espelho. — Muito orgulhoso.

Então ele voltou ao corredor para retomar sua patrulha.

— E seu pai também estaria.

25

A PRISÃO DOMICILIAR CONTINUOU NO DIA SEGUINTE. De tempos em tempos, ouvia o chão estalar e olhava na direção da garagem, na expectativa de ver meu pai sair de lá com tinta no cabelo, como sempre acontecia. Mas a certeza de que aquilo nunca mais ia acontecer não parecia tão ruim quando eu ouvia a voz de May ou sentia o cheiro do talco de Astra. A casa parecia cheia, e isso bastava no momento. Era um tipo diferente de consolo.

Decidi que Lucy não precisava usar uniforme enquanto estivesse lá. Com algum protesto da parte dela, consegui fazê-la vestir algumas das minhas roupas antigas, que eram pequenas para ela, mas grandes demais para May. Como a distração de minha mãe era cozinhar e servir a todos, e eu tinha adotado um visual mais casual para ficar em casa, a tarefa de Lucy passou a ser brincar com May e Gerad, o que ela fez com alegria.

Estávamos todos reunidos na sala de estar, cada qual ocupado à sua maneira. Eu lia um livro enquanto Kota assistia à TV. Isso me fez lembrar de Celeste, e esbocei um sorriso. Apostava que ela estava fazendo o mesmo que meu irmão naquele momento.

Lucy, May e Gerad jogavam baralho no chão, rindo cada vez que um deles ganhava uma rodada. No sofá, Kenna abraçava as costas de James, e a pequena Astra terminava sua mamadeira nos braços do pai. O cansaço era evidente em seu rosto, mas também dava para perceber o orgulho enorme que tinha da

esposa e da filha linda.

Era quase como se nada tivesse mudado. Então vi pelo canto dos olhos Aspen montando guarda e me lembrei: na verdade, nada mais seria como antes.

Ouvi minha mãe suspirar no corredor. Vi enquanto ela se aproximava de nós com a mão cheia de envelopes.

— Como você está, mãe? — perguntei.

— Bem. Não consigo acreditar que ele se foi — ela soluçou, segurando-se para não chorar de novo.

Estranho. Muitas vezes eu duvidava do amor da minha mãe pelo meu pai. Nunca tinha flagrado um momento de carinho entre eles como nos outros casais. Até Aspen, quando mantínhamos nosso relacionamento em segredo, parecia me amar mais do que minha mãe amava meu pai.

No entanto, percebi que seu sofrimento ia além da preocupação por ter que criar May e Gerad sozinha ou pela falta de dinheiro. Seu marido tinha partido, e nada jamais consertaria isso.

— Kota, você pode desligar a TV um minuto? E Lucy, querida, você poderia levar May e Gerad para o quarto de America? Tenho um assunto para discutir com os outros — ela disse sem elevar a voz.

— Claro, senhora — Lucy respondeu, e em seguida chamou May e Gerad. — Vamos lá.

May não pareceu feliz por ser excluída do que quer que fosse acontecer, mas optou por não brigar. Não sei se pelo estado de minha mãe ou por gostar de Lucy. Qualquer que tenha sido o motivo, fiquei feliz.

Assim que eles se retiraram, minha mãe se dirigiu a nós:

— Vocês sabem que o problema de coração do seu pai era de família. Acho até que ele adivinhava que tinha pouco tempo, porque há uns três anos escreveu estas cartas para vocês, para todos vocês.

Nesse momento, minha mãe baixou os olhos para os envelopes que trazia nas mãos.

— Ele me fez prometer que entregaria a vocês caso alguma coisa acontecesse. Tenho cartas para Gerad e May, mas acho que são muito novos para isso. Nunca li nenhuma delas. Era para vocês, então… pensei que este seria um bom momento para lerem. Esta é para Kenna — ela disse antes de entregar a carta para minha irmã. — Kota — ele se endireitou no sofá ao receber a sua. — E America.

Peguei a carta, mas não tinha certeza se queria abri-la imediatamente. Eram as últimas palavras do meu pai, o adeus que pensara ter perdido. Passei a mão sobre meu nome no envelope e imaginei meu pai escrevendo. Ele tinha feito o pingo do *i* meio rabiscado. Abri um sorriso, tentando imaginar o motivo para ele fazer aquilo, mas não me preocupei muito. Talvez ele soubesse que eu estaria precisando de um sorriso quando fosse ler.

Só que então observei melhor o envelope. Aquela marquinha tinha sido feita depois. A tinta do meu nome já tinha desbotado, mas a do rabisco ainda estava escura e fresca.

Virei o envelope. O lacre havia sido rompido e colado novamente com fita.

Olhei para Kenna e Kota: os dois estavam mergulhados na leitura. Pareciam fascinados, o que provava que as cartas eram desconhecidas também para eles até aquele momento. Isso só podia significar duas coisas: ou minha mãe mentira e já tinha lido minha carta, ou meu pai reabrira o envelope.

Aquilo bastou para que eu resolvesse ler o que ele tinha escrito para mim. Puxei cuidadosamente o lacre remendado e abri o envelope.

Dentro havia uma carta em papel já amarelado e um bilhete em papel ainda branco. Quis começar pelo bilhete, mas receei que não o entenderia se não lesse a carta antes. Desdobrei a carta e comecei a ler sob a luz do sol que entrava pela janela.

America,

Minha doce menina. É difícil começar a escrever esta carta porque sinto que há muito a dizer para você. Embora eu ame todos os meus filhos

igualmente, você tem um lugar especial em meu coração. Kenna e May se apoiam mais em sua mãe; Kota é tão independente que Gerad fica fascinado por ele; mas você sempre recorreu a mim. Quando arranhava o joelho ou sofria na mão dos mais velhos, sempre buscava os meus braços. Era a coisa mais importante do mundo saber que pelo menos um dos meus filhos tinha em mim seu porto seguro.

Contudo, mesmo que você não me amasse do jeito que ama, sem qualquer preocupação ou comedimento, ainda seria incrivelmente orgulhoso de você. Você está se tornando uma artista talentosa por mérito próprio, e o som de seu violino ou da sua voz ecoando pela casa são os mais adoráveis e tranquilizantes do mundo. Gostaria de poder lhe dar um palco melhor, America. Você merece muito mais do que ficar se apresentando em festinhas. Fico sempre na esperança de que você seja uma das sortudas, um dos pontos fora da curva. Acho que Kota também tem essa chance. Ele tem talento para o que faz. Mas tenho a impressão de que Kota lutaria por isso, e não sei se você tem esse instinto. Você nunca foi uma menina agressiva, como alguns membros das castas inferiores podem ser. E esse é um dos motivos que me fazem amar você.

Você é boa, America. E ficaria surpresa de saber como isso é raro neste mundo. Não digo que seja perfeita; como já testemunhei seus acessos de raiva, sei que isso está longe de ser verdade! Mas você é bondosa, e sofre quando as coisas não são justas. Você tenta agir assim com seus irmãos às vezes, e não aceita o segundo lugar simplesmente por ser mais jovem. E luta para que May e Gerad fiquem bem quando poderia simplesmente não fazer nada. Você é boa. Suspeito que enxergue o mundo de um jeito que ninguém mais vê, nem mesmo eu.

Eu gostaria de dizer a você o que eu enxergo.

Ao escrever para seus irmãos e irmãs, senti a necessidade de incutir um pouco de sabedoria. Percebo neles, mesmo no pequeno Gerad, traços de personalidade que podem fazer cada ano ficar mais difícil se eles não se esforçarem para combater as dificuldades da vida. Não sinto essa mesma necessidade ao escrever para você.

Sinto que você não deixará o mundo empurrá-la para uma vida que não deseja. Talvez esteja errado, então me deixe ao menos dizer uma coisa: lute, America. Você talvez não queira lutar pelas mesmas coisas que a maioria deseja, como dinheiro e sucesso. Ainda assim, lute. Não importa o que você deseja, America, vá atrás com todas as suas forças.

Se for capaz disso, se for capaz de evitar uma segunda opção por medo, então não lhe peço mais nada como pai. Viva sua vida. Seja o mais feliz que puder, deixe de lado as coisas que não importam e lute.

Amo você, gatinha. Tanto que não consigo encontrar as palavras para expressar. Talvez pudesse pintar, mas a tela não caberia no envelope. Ainda assim, nunca lhe faria justiça. Meu amor por você está além da tinta, das melodias e das palavras. E espero que você o sinta sempre. Mesmo quando eu não estiver por perto para dizer.

Com amor,

Papai

Não sei bem em que ponto tinha começado a chorar, mas foi difícil terminar a leitura da carta. Queria muito poder dizer a ele que o amava da mesma maneira. E, por um minuto, fui capaz de sentir a ternura que só a aceitação absoluta seria capaz de proporcionar.

Levantei os olhos e vi Kenna chorando também enquanto terminava sua carta. Kota parecia confuso e folheava as páginas como se quisesse reler alguns pontos.

Voltei ao envelope e peguei o bilhete, na esperança de que não fosse tão comovente como a carta. Não tinha certeza se estava pronta para ler mais daquilo.

America,

Sinto muito. Durante nossa visita, fui ao seu quarto e encontrei o diário de Illéa. Você não me contou que estava lá, apenas imaginei que estaria. Se isso causar algum problema, a culpa é minha. E estou certo de que haverá repercussões, por eu ser quem sou e ter contado a quem contei. Odeio trai-la desse jeito, mas acredite que o fiz na esperança de que seu futuro e o de todos sejam melhores.

Olhe para a Estrela do Norte,
Sua guia permanente.
Que a honra, a verdade e tudo o que é certo
Estejam com você eternamente.

Amo você,
Shalom

Fiquei imóvel por vários minutos na tentativa de decifrar aquele enigma. Repercussões? Para quem ele tinha contado? E o que era aquele poeminha?

Ao poucos, me lembrei das palavras de August: ele não tinha confirmado a existência dos diários pela minha apresentação no *Jornal Oficial*… Ele sabia mais do que se passava no palácio do que eu havia exposto…

Quem sou… a quem contei… olhe para a Estrela do Norte…

Observei a assinatura do meu pai e me lembrei de como ele assinava as cartas que me enviava no palácio. Sempre achei estranho seu jeito de escrever a letra *L*. Eram estrelas de oito pontas — Estrelas do Norte.

E o rabisco sobre o *i* do meu nome… Será que também significava alguma coisa? Será que significava alguma coisa porque tínhamos conversado com August e Georgia?

August e Georgia! A bússola deles tinha oito pontas. Os desenhos na jaqueta dela definitivamente não eram flores. Eram estrelas; diferentes, mas ainda assim estrelas. O garoto que foi sentenciado por Kriss na Condenação. A tatuagem em seu pescoço não era uma cruz.

Era assim que eles identificavam uns aos outros.

Meu pai era um rebelde nortista.

Tive a impressão de já ter visto a estrela em outros lugares. Talvez no mercado ou mesmo no palácio. Será que durante anos ela esteve bem na minha cara?

Atônita, levantei os olhos. Aspen permanecia de guarda; seus olhos faziam perguntas que eu não podia responder em voz alta.

Meu pai era um rebelde. Um antigo livro de história em seu quarto, amigos sobre os quais eu nada sabia em seu funeral… uma filha chamada America. Se tivesse prestado atenção, teria descoberto anos antes.

— É isso? — Kota perguntou, meio ofendido. — Que diabos vou fazer com isso?

Desviei o olhar de Aspen e olhei para ele.

— O que houve? — minha mãe perguntou ao voltar para a sala trazendo chá.

— A carta do papai. Ele me deixou esta casa. O que vou fazer com esse lixo?

Ele se levantou, apertando os papéis da carta com força.

— Kota, nosso pai escreveu essas cartas antes de você sair de casa — Kenna explicou, ainda abalada. — Queria garantir seu futuro.

— Bom, ele fracassou, não é? Quando foi que não passamos fome? Com certeza essa casa não teria mudado nada. Eu mesmo tive que garantir meu futuro.

Kota atirou as folhas, que se espalharam pelo chão da sala.

Ele passava a mão no cabelo, bufando.

— Tem alguma bebida nesta casa? Aspen, traga-me alguma coisa para beber — Kota exigiu, sem olhar para ele.

Olhei para Aspen. Milhares de emoções misturavam-se em seu rosto: irritação, pena, orgulho, aceitação. Ele foi em direção à cozinha.

— Pare! — ordenei a Aspen, que se deteve.

Kota me olhou, frustrado.

— É o que ele faz, America!

— Não, não é — rebati. — Talvez você tenha esquecido, mas Aspen é um Dois agora. O certo seria *você* trazer uma bebida para ele. Não apenas por seu status, mas por tudo o que ele tem feito por nós.

Um sorriso maldoso surgiu no rosto de Kota.

— Humm. Maxon sabe disso? Sabe que isso continua? — ele perguntou, gesticulando com o dedo preguiçosamente em nossa direção.

Meu coração parou de bater.

— O que vocês acham que ele faria? Teve aquele açoite, e muitas pessoas disseram que aquela menina merecia mais pelo que tinha feito. — Kota, com as mãos na cintura, nos encarava com ar de superioridade.

Eu não conseguia falar; Aspen tampouco. Não sabia se o silêncio nos ajudava ou condenava.

Por fim, minha mãe não se aguentou.

— Isso é verdade?

Eu precisava pensar. Precisava encontrar o jeito certo de explicar. Ou um jeito de negar, porque não era verdade… não mais.

— Aspen, vá ver como Lucy está — eu disse.

Ele seguiu rumo ao quarto até Kota protestar.

— Não! Ele fica!

Perdi a paciência.

— Eu digo que ele vai! Agora sente!

O tom da minha voz impressionou a todos de uma forma que eu nunca

tinha visto antes. Minha mãe desabou sobre a cadeira imediatamente, chocada. Aspen sumiu pelo corredor, e Kota, devagar e a contragosto, também sentou.

Tentei me concentrar.

— Sim, antes da Seleção, eu namorava Aspen. Planejávamos contar a todos assim que juntássemos dinheiro suficiente para casar. Antes de eu partir, terminamos o namoro. E então conheci Maxon. Maxon é muito importante para mim, e embora Aspen muitas vezes esteja ao meu lado, nada acontece lá.

Não mais, acrescentei mentalmente.

Então me virei para Kota.

— Se você pensou, mesmo que por um segundo, que pode distorcer meu passado e tentar me chantagear, pensou errado. Você uma vez me perguntou se falei de você para Maxon. Falei, sim. Ele sabe exatamente o babaca ingrato e sem caráter que você é.

Kota apertou os lábios; estava prestes a explodir. Continuei rápido.

— E saiba que ele me adora — eu disse, enchendo a boca para falar. — Se você acha que ele acreditaria mais na sua palavra do que na minha, ficaria surpreso ao ver como minha sugestão de descer a vara na sua mão seria bem aceita, se eu quisesse. Quer arriscar?

Ele cerrou os punhos, em claro conflito interno. Se eu estivesse certa e suas mãos fossem feridas, seria o fim de sua carreira.

— Ótimo — falei. — Se eu ouvir mais uma palavra desrespeitosa sobre nosso pai, faço valer o que disse. Você teve muita sorte de ter um pai que o amava tanto. Ele deixou a casa para você. Podia ter desistido da ideia depois que você saiu, mas não. Ele ainda tinha esperança em você, o que é inconcebível para mim.

Saí da sala furiosa. Entrei em meu quarto e bati a porta. Tinha esquecido que Gerad, May, Lucy e Aspen estariam à minha espera.

— Você namorava Aspen? — May perguntou.

Perdi o fôlego.

— Você falou um pouco alto — Aspen comentou.

Olhei para Lucy. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Não queria obrigá-la a manter outro segredo. Era óbvio que aquilo a fazia sofrer. Ela era tão honesta e leal; como poderia pedir que escolhesse entre mim e a família a que jurou servir?

— Contarei a Maxon quando voltarmos — eu disse para Aspen. — Pensei que assim protegeria você, que protegeria a mim mesma. Mas tudo o que fiz foi mentir o tempo todo. E se Kota sabe, talvez outras pessoas saibam também. Quero que ele saiba pela minha boca.

26

PASSEI O RESTO DO DIA ESCONDIDA NO QUARTO. Não queria ver o rosto acusador de Kota nem lidar com as perguntas de minha mãe. O pior era Lucy. Ela parecia tão triste por eu ter guardado aquele segredo dela. Eu nem queria que me servisse, e ela parecia satisfeita em ajudar minha mãe como podia ou brincar com May.

De qualquer forma, eu tinha muito em que pensar, então era melhor não tê-la por perto. Não parava de ensaiar o que diria para Maxon. Tentei imaginar um modo de contar que não fosse tão ruim. Omitiria o que Aspen e eu tínhamos feito no palácio? Se sim, e Maxon perguntasse sobre isso, seria pior do que admitir logo no início?

Então me distraí pensando em meu pai, imaginando o que ele teria dito ou feito ao longo dos anos. Será que todas aquelas pessoas que eu não conhecia em seu funeral eram rebeldes mesmo? Seriam tantos assim?

Será que eu deveria contar isso a Maxon? Será que ele ainda ia me querer se soubesse que minha família tinha ligações com os rebeldes? Aparentemente, as outras da Elite estavam lá por causa dos seus contatos. E se os meus contatos fossem motivo para eu ser desligada? Pouco provável, já que estávamos tão próximos de August, mas ainda assim…

Comecei a pensar no que Maxon estaria fazendo. Trabalhando, talvez. Ou arranjando um jeito de escapar do trabalho. Eu não estava lá para passear ou

conversar com ele. Fiquei imaginando se Kriss teria tomado meu lugar.

Cobri os olhos e tentei pensar. Como enfrentaria tudo aquilo?

Então alguém bateu na porta. Não sabia se o visitante melhoraria ou pioraria as coisas, mas pedi que entrasse mesmo assim.

Era Kenna. Pela primeira vez desde a minha chegada, estava sem Astra.

— Você está bem?

Sacudi a cabeça e comecei a chorar. Ela se aproximou e sentou ao meu lado na cama, passando o braço pelas minhas costas.

— Sinto saudades do papai. A carta dele foi tão…

— Eu sei — ela disse. — Ele quase nunca falava quando estava aqui. E escreveu todas aquelas palavras. Por um lado, fico feliz; não sei se me lembraria de tudo aquilo se ele não tivesse escrito.

— Sim.

As palavras de Kenna me deram a resposta para a pergunta que eu temia fazer. Ninguém mais sabia que nosso pai tinha sido um rebelde.

— Então… você e Aspen?

— Acabou, eu juro.

— Acredito em você. Você devia ver o jeito que olha para ele quando aparece na TV. Nem aquela outra… Celeste? — ela falou com uma cara de nojo.

Abri um sorriso.

— Ela tenta fingir que está apaixonada por ele, mas dá para ver que não é verdade. Pelo menos, não tão verdade quanto ela gostaria.

Dei risada.

— Você não faz ideia de como está certa.

— Queria saber quanto tempo durou. Digo, entre você e Aspen.

— Dois anos. Começamos depois de você casar e Kota sair de casa. Nos encontrávamos na casa da árvore uma vez por semana. Estávamos juntando dinheiro para casar.

— Você estava apaixonada?

Eu não deveria ser capaz de responder aquela pergunta sem hesitar? Não deveria ser capaz de dizer que com certeza tinha amado Aspen? Mas agora não parecia tão fácil. Talvez estivesse apaixonada na época, mas o tempo e a distância faziam tudo parecer diferente.

— Acho que sim, mas não era…

— Não era como é com Maxon? — ela especulou.

Balancei a cabeça.

— É tão estranho agora. Por muito tempo, Aspen era a única pessoa com quem eu conseguia me imaginar. Estava pronta para ser Seis. E agora?

— Agora você está prestes a se tornar a próxima princesa. — Seu tom de voz monótono fez a situação parecer mais engraçada. Rimos juntas da minha mudança drástica de vida.

— Obrigada.

— Para que servem as irmãs, afinal?

Olhei para ela e senti que de alguma forma aquilo a fazia sofrer.

— Desculpe não ter contado antes.

— Você me contou agora.

— Não era por falta de confiança em você. Acho que o segredo deixava toda a relação mais especial.

Dizer aquelas palavras em voz alta me fez perceber que era verdade. Sim, eu tinha carinho por ele. Só que as coisas ao nosso redor deixavam o namoro mais gostoso: o segredo, as carícias apressadas, o fato de termos um ideal pelo qual valia a pena batalhar.

— Eu entendo, America. De verdade. Só espero que você nunca tenha sentido que *precisava* guardar esse segredo, porque eu sempre estive ao seu lado.

Respirei aliviada e algumas preocupações pareceram diminuir. Pelo menos por um instante. Deitei a cabeça no ombro de Kenna. Era bom ser capaz de pensar.

— E então, Aspen ainda sente algo por você?

Soltei um suspiro e endireitei o corpo.

— Ele vive tentando me dizer como sempre me amou. E eu sei que deveria dizer a ele que acabou, que amo Maxon, mas…

— Mas?

— E se Maxon escolher outra? Não posso sair de lá sozinha. Se Aspen achar que ainda há chance, talvez pudéssemos tentar de novo quando a Seleção acabar.

Ela me encarou, indignada.

— Você está usando Aspen como plano B?

Enterrei a cabeça nas mãos.

— Eu sei, eu sei. É horrível, não é?

— America, você é melhor do que isso. E se algum dia já gostou dele, Aspen tem tanto direito de saber a verdade quanto Maxon.

Foi quando outra pessoa bateu na porta.

— Entre.

Corei um pouco ao ver Aspen entrar, seguido por Lucy, que ainda estava desanimada.

— Você precisa se vestir e fazer as malas — ele avisou.

— Há algo errado? — Levantei, já tensa.

— Só sei que Maxon quer você de volta ao palácio imediatamente.

Respirei fundo; estava confusa. Era para eu ter mais um dia. Kenna me deu um abraço forte antes de voltar para a sala de estar. Aspen saiu, e Lucy simplesmente pegou seu uniforme e foi se trocar no banheiro, fechando a porta atrás dela.

Mais uma vez sozinha, repassei tudo na cabeça. Kenna tinha razão. Eu já sabia o que sentia por Maxon, e era hora de fazer o que meu pai pedira, o que eu deveria ter feito desde o início: lutar.

Como a tarefa mais difícil seria falar com Maxon, achei melhor começar por ela. Depois que tivesse resolvido isso, não importava o resultado, pensaria no que dizer a Aspen.

Tudo tinha acontecido tão devagar que demorei para perceber como nossa relação tinha mudado. Só que fazia semanas que eu já sabia o que queria e não tinha dito nada a ninguém. Precisava fazer a coisa certa e falar com ele. Tinha que abrir mão de Aspen.

Fui até a minha mala em busca do embrulho embaixo das roupas. Assim que o encontrei, desfiz o invólucro de tecido e tirei meu jarro. A moedinha estava lá com a pulseira, mas não importava.

Pus o jarro no parapeito da janela, no lugar onde deveria ter ficado muito tempo atrás.

Passei a maior parte do voo ensaiando minha conversa com Maxon. Lamentava aquilo, mas só conseguiríamos seguir em frente se ele soubesse a verdade.

Do meu assento, olhei para a parte traseira do avião. Aspen e Lucy estavam virados para a frente, lado a lado, em poltronas separadas pelo corredor. Conversavam seriamente. Lucy ainda parecia chateada e acho que estava dando orientações. Ele permanecia calado, apenas concordando com as sugestões da minha criada. Mais tarde, quando ela se endireitou no assento e Aspen se levantou, voltei a olhar para a frente, torcendo para não ter sido flagrada.

Tentei fingir que estava muito interessada em meu livro quando ele se aproximou.

— O piloto informa que temos mais ou menos meia hora pela frente — Aspen me avisou.

— Ótimo, sem problemas.

Ele hesitou.

— Desculpe a história com Kota.

— Você não precisa pedir desculpas. Ele é que é mesquinho.

— Preciso, sim. Há uns anos, ele me provocou dizendo que eu tinha uma

queda por você. Desconversei, mas acho que ele notou. E deve ter ficado de olho desde então. Eu deveria ter sido mais cuidadoso, sei lá, deveria…

— Aspen.

— O quê?

— Vai dar tudo certo. Vou contar a verdade a Maxon e assumir a responsabilidade. Você tem pessoas em casa que dependem de você. Se algo acontecer…

— Meri, você tentou evitar, e eu teimei em não ouvir. A culpa é minha.

— Não, não é.

Ele respirou fundo.

— Ouça… preciso falar uma coisa. Sei que vai ser difícil, mas você precisa saber. Quando disse que sempre amaria você, estava falando sério. E eu…

— Pare — pedi.

Eu sabia que precisava contar a verdade, mas só dava conta de uma confissão por vez.

— Não vou aguentar isso agora. Meu mundo acabou de virar de ponta-cabeça; estou prestes a fazer uma coisa que me deixa apavorada. Preciso de espaço para respirar no momento.

Aspen não pareceu feliz com a minha decisão, mas aceitou mesmo assim.

— Como quiser, senhorita.

Ele se retirou, e fiquei me sentindo ainda pior do que já estava.

27

CRUZAR NOVAMENTE AS PORTAS DO PALÁCIO PARECEU, inacreditavelmente, a coisa mais certa a fazer. Uma criada que eu nunca tinha visto apareceu para tirar meu casaco, e Aspen estava com outro soldado, explicando tranquilamente que entregaria um relatório completo de nossa viagem pela manhã. Fui em direção à escada, mas outra criada me deteve.

— A senhorita não quer participar da recepção?

— Perdão?

Por acaso eu ia receber uma grandiosa festa de boas-vindas ou algo assim?

— No Salão das Mulheres, senhorita. Certamente estarão à sua espera.

Não era bem a explicação que eu esperava. Mesmo assim, desci os degraus e segui pelo corredor até o Salão das Mulheres. Percorrer aqueles corredores familiares era mais reconfortante do que eu tinha imaginado. Claro, ainda sentia a perda do meu pai, mas era bom não estar em um ambiente que me lembrava dele o tempo todo. A única coisa que teria deixado meu retorno ainda melhor seria a presença de Maxon ao meu lado.

Pensava em mandar chamá-lo até ouvir a barulheira que vinha do Salão das Mulheres. Aquele som me deixou confusa. Pelo volume, metade de Illéa estava lá dentro.

Hesitante, abri a porta. Assim que Tiny — o que ela fazia ali? — vislumbrou meu cabelo, gritou para todo o salão:

— Ela chegou! America voltou!

O salão explodiu em aplausos e vivas, aumentando minha confusão. Emmica, Ashley, Bariel… todas estavam ali. Procurei, mas era inútil: Marlee não teria sido convidada.

Celeste quase me derrubou ao vir me dar um abraço:

— Ah, sua safada! *Sabia* que você ia conseguir!

— O quê? — perguntei.

Antes que ela pudesse responder, Kriss me agarrou e, a julgar por seu hálito, percebi que tinha bebido, e a taça na mão confirmava que não pretendia parar. Então, ela anunciou, quase berrando no meu ouvido:

— Somos nós! — gritou. — Maxon vai anunciar o noivado amanhã! Será uma de nós duas!

— Tem certeza?

— Elise e eu levamos um pé ontem à noite, mas ele chamou todas as meninas para comemorar, então ainda estamos aqui — Celeste confirmou. — Elise não aceitou bem; você sabe como é a família dela. Ela acha que fracassou.

— E você? — perguntei, um pouco tensa.

Ela deu de ombros e sorriu.

— Ah…

Achei graça em sua atitude. Um segundo depois, já havia uma taça em minha mão.

— A Kriss e America, as últimas garotas na disputa! — alguém gritou.

Fiquei atordoada com a notícia. Ele tinha decidido terminar aquilo, mandar todas para casa. E fez isso enquanto eu estava fora. Seria um sinal de que sentia saudades? Ou de que tinha ficado muito bem sem mim?

— Beba! — Celeste insistiu, erguendo sua taça para mim.

Tomei o champanhe e acabei tendo um ataque de tosse. Com a diferença de fuso horário, o desgaste emocional dos últimos dias e a repentina ingestão de álcool, fiquei zonza imediatamente.

As garotas dançavam sobre os sofás, comemoravam apesar de ter perdido.

Celeste estava em um canto com Anna e, aparentemente, pedia repetidas desculpas por suas atitudes. Elise entrou escondida no salão e me deu um abraço antes de se retirar novamente. Era uma explosão de entusiasmo por toda a parte. Quando dei por mim, já estava contente, embora não tivesse certeza absoluta do que viria pela frente.

Quando virei para o lado, encontrei Kriss que, do nada, vinha me abraçar.

— Muito bem — ela disse. — Vamos prometer que amanhã, não importa o resultado, ficaremos felizes uma pela outra.

— Acho um bom plano — tive que gritar para ser ouvida em meio àquela barulheira. Depois baixei os olhos e comecei a rir.

Então, em uma fração de segundo, percebi algo muito grave. Aquele brilho de prata no pescoço de Kriss de repente adquiriu um significado que não tinha alguns dias antes.

Perdi a respiração, e ela me encarou, confusa. Apesar de ser uma atitude grosseira e abrupta, puxei-a para fora do salão e a conduzi pelo corredor.

— Aonde vamos? — perguntou. — America, o que há de errado?

Arrastei-a pelo corredor até o banheiro feminino. Assim que entramos, verifiquei se estávamos a sós antes de falar.

— Você é uma rebelde — acusei.

— O quê? — ela disse, um pouco ensaiada demais. — Você é louca.

No entanto, a rapidez com que levou a mão ao pescoço a entregou.

— Eu sei o que a estrela significa, Kriss, então não minta para mim — falei com tranquilidade.

Após uma pausa calculada, ela deixou escapar um suspiro.

— Não fiz nada de errado. Não organizo protestos em lugar nenhum. Só apoio a causa.

— Ótimo — disparei. — Mas quanto do seu esforço na Seleção é por causa de seu amor por Maxon e quanto é um plano para ter alguém de vocês no trono?

Ela se calou por alguns instantes, como se escolhesse as palavras. Seu rosto

ficou tenso. Após trancar a porta, começou a falar:

— Se quer saber, sim, eu fui… *apresentada* ao rei como uma opção. Tenho certeza de que a esta altura você já sabe que a história de sorteio é piada.

Confirmei com a cabeça.

— O rei não sabia, e ainda não sabe, quantas nortistas foram favorecidas durante a escolha das candidatas. Fui a única entre as cotadas a entrar na Seleção e, no começo, me dediquei somente à causa. Não compreendia Maxon e, aparentemente, ele não me queria mesmo. Só que então comecei a conhecê-lo, e fiquei muito triste com sua falta de interesse por mim. Quando Marlee saiu e você perdeu a força, passei a vê-lo sob uma luz completamente nova.

"Talvez você ache que meus motivos para vir para cá estivessem errados, e talvez tenha razão. Mas meus motivos para estar aqui *agora* são completamente diferentes. Amo Maxon e ainda luto por ele. E podemos fazer grandes coisas juntos. Então, se você acha que pode me chantagear ou me entregar, esqueça. Não vou recuar. Entendeu?"

Não sabia se era por causa do champanhe ou da fé absoluta em seus ideais, mas Kriss nunca tinha falado com tamanha firmeza. Ela parecia tão destemida na hora que eu não tinha certeza do que responder.

Quis dizer a ela que Maxon e eu também podíamos fazer grandes coisas juntos, e que provavelmente já tínhamos feito mais do que ela podia imaginar. Mas aquele não era o momento para me gabar. Nós duas tínhamos muito em comum. Eu tinha ido parar no palácio por causa da minha família, e ela também, de certa forma. Era isso que tinha nos levado até ali e por isso tínhamos conquistado o coração de Maxon. De que adiantaria uma tentar prejudicar a outra agora?

Ela tomou meu silêncio como um acordo de paz e relaxou um pouco.

— Ótimo. Agora, se me permite, vou voltar para a festa.

Ela me lançou um olhar frio e saiu do banheiro. Fiquei arrasada. Será que devia ficar quieta? Ou contar a alguém? Por acaso era errado o que ela tinha

feito?

Soltei um suspiro e saí do banheiro. Não estava mais no clima de comemorar, então retomei o caminho para o quarto.

Embora quisesse ver Anne e Mary, fiquei feliz por ninguém estar lá. Caí na cama, tentando pensar. Então Kriss era uma rebelde. Nada perigoso, segundo ela. Ainda assim, fiquei tentando entender o que ela quis dizer exatamente com aquilo. Era dela que Georgia tinha falado. Como era possível eu ter desconfiado de Elise?

Será que Kriss tinha ajudado os nortistas a entrar no palácio? Será que os ajudava a procurar as coisas que queriam? Eu tinha meus segredos, mas nunca havia parado para pensar nos segredos das outras. Deveria ter pensado, aparentemente.

Afinal, o que eu poderia dizer agora? Se havia algo verdadeiro entre Maxon e Kriss, qualquer tentativa de entregá-la pareceria um esforço desesperado pela vitória. E, mesmo se funcionasse, não era assim que eu queria conquistar Maxon.

Queria que ele soubesse que eu o amava.

Alguém bateu na porta, e pensei seriamente em não atender. Podia ser Kriss com mais explicações ou alguma das meninas querendo me arrastar de volta para o salão: não queria lidar com isso. Fui ver quem era, por fim.

Lá estava Maxon, com um envelope recheado e um pacotinho embrulhado para presente.

Um segundo se passou até nos darmos conta de que estávamos perto um do outro novamente, e o ar pareceu se carregar de uma espécie de eletricidade mágica, o que me deu a dimensão exata da saudade que sentira dele.

— Oi — ele disse, um pouco atônito, como se não conseguisse pensar em mais nada para dizer.

— Oi.

Trocamos um olhar.

— Quer entrar? — convidei.

— Ah, sim, claro.

Algo estava fora do normal. Ele estava diferente, talvez nervoso.

Abri caminho para ele passar. Maxon olhou ao redor como se o quarto tivesse mudado desde a última vez em que o vira.

Virando-se para mim, perguntou:

— Como você está?

Provavelmente ele se referia a meu pai, então me lembrei de que o fim da Seleção não era a única mudança em minha vida no momento.

— Bem. Nem parece que ele partiu, principalmente agora que estou de volta. Tenho a sensação de que posso escrever uma carta e ele ainda receberá.

Ele abriu um sorriso reconfortante.

— E sua família?

— Minha mãe está aguentando firme, e Kenna é uma rocha. Fico mais preocupada com May e Gerad. Kota não poderia ter sido mais mesquinho com tudo. É como se não o amasse nem um pouco; eu não entendo — confessei. — Você conheceu meu pai. Ele era tão doce.

— Era mesmo — concordou Maxon. — Fico feliz por tê-lo conhecido. Vejo traços dele em você.

— Sério?

— Com certeza!

Antes de prosseguir, ele passou o pacote para a outra mão e me abraçou com a que estava livre. Andamos assim até a cama e sentamos lado a lado.

— Seu senso de humor, para começar. E sua tenacidade. Quando conversamos durante a visita dele, ele não me deu folga. Era de dar nos nervos, mas divertido ao mesmo tempo. E você também nunca me deixa em paz.

"Além disso, você tem os olhos e o nariz dele. E consigo ver seu otimismo brilhar de vez em quando. Ele também me passou essa impressão."

Absorvi cada uma de suas palavras, pensando em cada traço de meu pai em mim. E eu pensando que Maxon não o tinha conhecido bem…

— Só quero dizer que é normal ficar triste, mas pode ter certeza de que o melhor dele continua vivo — Maxon concluiu.

Joguei os braços em volta dele, que fez o mesmo com sua mão livre.

— Obrigada.

— Mas é verdade.

— Sei que é. Obrigada.

Voltei à posição anterior, ao lado dele, e decidi mudar de assunto antes de ficar muito emocionada.

— O que é tudo isso? — perguntei, olhando para o presente.

— Ah — Maxon se afundou em pensamentos por um momento. — São para você. Um presente de Natal atrasado.

Ele me estendeu o envelope, cheio de papéis dobrados.

— Não acredito que estou lhe entregando isso, e você só pode abrir quando eu não estiver mais aqui, mas… é seu.

— O.k. — eu disse, um pouco desconfiada, enquanto ele punha o envelope sobre meu criado-mudo.

— Este é um pouco menos vergonhoso — ele acrescentou em tom de brincadeira ao entregar o presente. — Perdão pelo embrulho tosco.

— Tudo bem — menti, tentando não rir das partes amassadas e do rasgo na parte de trás.

Dentro do pacote havia um quadro com a foto de uma casa. Não era uma casa qualquer; era linda, de fachada amarela e gramado fofo, onde me dava vontade de pisar descalça só de ver pela foto. As janelas eram grandes e amplas nos dois andares, e algumas árvores faziam sombra sobre o quintal. Uma delas tinha até um balanço pendendo de um dos galhos.

Tentei não reparar tanto na casa e mais na fotografia em si. Tinha certeza de que o próprio Maxon havia tirado, embora não fizesse ideia de quando ele teria saído do palácio para fotografá-la.

— É linda! — elogiei. — Foi você quem tirou?

— Ah, não — ele negou, rindo. — O presente não é a foto; é a casa.

Tentei digerir a informação.

— O quê?

— Pensei que você gostaria de ter sua família por perto. É bem perto daqui de carro. Também é espaçosa. Acho que até sua irmã, com o marido e a filha, caberiam confortavelmente.

— O que…? Eu… — encarei-o aguardando mais esclarecimentos.

Paciente como sempre, Maxon me explicou, embora pensasse que eu já tivesse entendido.

— Você pediu para eu mandar todas as garotas para casa. Fiz isso. Tive que manter outra; é a regra. Mas você me disse que se eu provasse meu amor por você…

— Sou… Sou eu?

— Claro que é você.

Fiquei sem palavras. Eu ria, em estado de choque, beijava-o e ria mais um pouco. Maxon, feliz com aquele carinho, aceitou todos os beijos e riu comigo.

— Nós vamos nos casar? — berrei, para depois beijá-lo de novo.

— Sim, vamos nos casar.

Ele riu mais uma vez e se deixou ser atacado por meu entusiasmo. Logo percebi que estava em seu colo. Nem percebi como fui parar lá.

Continuei a cobri-lo de beijos… as risadas foram diminuindo até parar. Depois de um tempo, até os sorrisos desapareceram. Os beijos passaram da brincadeira para algo muito mais intenso. Me afastei e olhei fixamente em seus olhos, que estavam muito vivos, concentrados.

Maxon me abraçou forte, e pude sentir seu coração acelerar contra meu peito. Levada por um desejo profundo, comecei a arrancar seu paletó, e ele me ajudou como pôde sem me soltar. Deixei meus sapatos caírem no chão com um baque seco. Senti que Maxon também se descalçava.

Sem interromper o beijo, ele me ergueu e me colocou deitada no meio da cama. Ele beijava delicadamente meu pescoço enquanto eu desfazia sua gravata, que depois joguei em algum lugar próximo de nossos sapatos.

— Você está quebrando várias regras, srta. Singer.

— Você é o príncipe. Pode me perdoar agora mesmo.

Ele abriu um sorriso malicioso e beijou de novo meu pescoço, minha orelha, minha bochecha. Arranquei sua camisa de dentro da calça e tentei abrir os botões. Ele me ajudou com os últimos e sentou para jogá-la de lado. Na última vez em que o tinha visto sem camisa, não pude admirar seu corpo por causa das circunstâncias. Mas naquele momento…

Corri os dedos por seu abdome, impressionada com sua força. Quando minha mão chegou ao seu cinto, agarrei forte e o puxei de volta para baixo. Ele se aproximou cheio de vontade e, sob as camadas do vestido, deslizou a mão pela minha perna, parando confortavelmente sobre a minha coxa.

Eu estava ficando louca: queria muito mais e não aguentava de ansiedade para saber se ele deixaria. Sem pensar, passei o braço por trás dele e pressionei os dedos contra suas costas.

Maxon parou com os beijos no ato e se afastou, olhando para mim.

— O que foi? — sussurrei, assustada por ter estragado o momento.

— Você… não sente repulsa? — ele perguntou, hesitante.

— O que você quer dizer?

— Minhas costas.

Acariciei seu rosto e olhei bem fundo em seus olhos, para não deixar dúvidas sobre meus sentimentos.

— Maxon, algumas dessas cicatrizes estão nas suas costas para que não estivessem nas minhas, e eu amo você por isso.

Ele parou de respirar por um segundo.

— O que você disse?

— Que eu amo você — falei, sorrindo.

— Mais uma vez, por favor? É que…

Segurei sua cabeça com as duas mãos.

— Maxon Schreave, eu amo você. Eu amo você.

— E eu amo você, America Singer. Amo você com todo o meu coração.

Ele me beijou novamente, e desci as mãos por suas costas. Dessa vez, ele não parou. Suas mãos também estavam nas minhas costas, e senti seus dedos brincarem com a parte de trás do meu vestido.

— Quantos malditos botões essa coisa tem? — reclamou.

— Eu sei! É…

Maxon sentou e agarrou a linha do meu decote. Com um puxão firme, rasgou a parte da frente do vestido, deixando minha camisola à mostra.

Houve um silêncio carregado enquanto Maxon contemplava a visão. Devagar, ele cravou novamente os olhos nos meus. Sem desviar o olhar, sentei e deslizei as mangas do vestido pelas costas. Demorou um pouco para me livrar de tudo. Quando terminei, Maxon e eu estávamos ajoelhados na cama, o peito dele pressionado contra o meu, já quase descoberto. Nos beijamos bem devagar.

Queria ficar com ele a noite inteira, explorar aquele novo sentimento que descobríramos. Era como se não houvesse mais nada no mundo… até ouvirmos um barulho forte no corredor. Maxon virou rapidamente para a porta, como se ela pudesse ser escancarada a qualquer momento. Estava tenso. Nunca o tinha visto tão assustado.

— Não é ele — sussurrei. — Provavelmente é uma das garotas cambaleando até o quarto, ou uma criada fazendo limpeza. Está tudo bem.

Ele finalmente voltou a respirar — sequer reparara que ele tinha prendido o ar — e se deixou cair na cama. Levou um braço dobrado à testa e parecia frustrado, cansado; talvez as duas coisas.

— Não posso, America. Não assim.

— Mas está tudo bem, Maxon. Estamos seguros aqui.

Deitei ao seu lado e me aconcheguei em seu ombro.

Ele negou com a cabeça.

— Quero ultrapassar todas as barreiras com você. Você merece, mas não posso agora.

Em seguida, virando-se para mim, completou:

— Sinto muito.

— Tudo bem — eu disse, mas não conseguia esconder minha decepção.

— Não fique triste. Quero que a gente tenha uma lua de mel de verdade. Algum lugar aconchegante e recluso. Sem deveres, sem câmeras, sem guardas — ele me abraçou. — É melhor assim. E então poderei mimá-la de verdade.

Falando daquele jeito, a ideia de esperar não me soava tão mal. Como sempre, porém, tinha que retrucar.

— Você não precisa me mimar, Maxon. Não quero nada.

Nossos narizes se tocavam.

— Ah, eu sei. Não pretendo lhe dar coisas. Bem — corrigiu —, de fato, pretendo lhe dar coisas, mas não é disso que falo. Vou amar você mais do que qualquer homem já amou uma mulher, mais do que você sonhou em ser amada. Prometo.

Os beijos que se seguiram foram ternos e esperançosos, como nosso primeiro. Podia sentir a promessa que ele acabara de fazer, já naquele instante. A possibilidade de tamanho amor me deixava assustada e empolgada.

— Maxon?

— Sim?

— Você passaria a noite comigo? — pedi.

Maxon ergueu uma sobrancelha e eu dei uma risadinha.

— Vou me comportar, prometo — esclareci. — Mas… dorme aqui comigo?

Ele olhou para o teto, pensando. Por fim, cedeu.

— Durmo. Mas precisarei sair cedo.

— O.k.

— O.k.

Maxon tirou a calça e as meias e dobrou as roupas perfeitamente para que não ficassem muito amassadas no dia seguinte. Depois, voltou a se deitar na cama, me abraçando de conchinha; passou um dos braços por baixo do meu pescoço, enquanto o outro envolvia meu corpo pelo outro lado.

Amava minha cama no palácio. Os travesseiros pareciam nuvens, e o colchão

ajustava-se ao meu corpo. Meus cobertores nunca eram quentes ou frios demais. E a camisola que eu usava me dava a sensação de estar vestida de ar.

No entanto, nunca me sentira tão bem ali como agora, com os braços de Maxon ao meu redor.

Ele me beijou delicadamente atrás do ouvido e sussurrou:

— Durma bem, America.

— Amo você — eu disse baixinho.

Ele me apertou um pouco mais forte.

— Amo você.

Imóvel, eu procurava absorver toda a felicidade daquele momento. Em poucos segundos, pude sentir a respiração de Maxon ficar mais devagar e espaçada. Ele já tinha dormido.

Maxon nunca dormia.

Devo ter feito ele se sentir mais seguro do que eu imaginava. E, depois de todas as preocupações em relação às atitudes de seu pai comigo, ele também tinha me deixado mais segura.

Suspirei. Prometi a mim mesma que falaríamos sobre Aspen no dia seguinte. Precisava ser antes da cerimônia, e estava certa de que encontraria a melhor maneira de explicar tudo. Por ora, tratei de aproveitar aquele raro momento de paz e descansar a salvo nos braços do homem que eu amava.



28

ACORDEI SENTINDO MAXON ME ENVOLVER com o braço. Em algum momento da noite, eu reclinara a cabeça em seu peito, e o ritmo pausado das batidas de seu coração ecoava em meus ouvidos.

Sem uma palavra, ele beijou minha cabeça e me abraçou mais forte. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo. Maxon e eu estávamos ali, juntos, acordando na minha cama. Naquela mesma manhã, ele me daria um anel…

— Podíamos acordar assim todos os dias… — ele murmurou.

Achei graça.

— Você lê meus pensamentos.

Ele suspirou, satisfeito.

— Como você está, minha querida?

— Neste momento, com vontade de dar um soco em você por me chamar de "minha querida" — respondi, enquanto cutucava sua barriga.

Com um sorriso no rosto, ele sentou ao meu lado.

— Pois bem, então. Minha linda? Minha amada? Meu amor?

— Qualquer um serve, desde que seja usado apenas comigo — eu disse. Minhas mãos passeavam pelo seu peito e seus braços. — Como devo chamá-lo?

— Meu Majestoso Marido. Receio que seja obrigatório por lei — ele

respondeu. Suas mãos também deslizavam pela minha pele, até encontrar uma parte sensível no meu pescoço.

— Não! — eu disse, fugindo das cócegas.

Ele deu um sorriso triunfante.

— Você sente cócegas!

Apesar dos meus protestos, ele começou a fazer cócegas pelo meu corpo inteiro, me fazendo gritar a cada toque de brincadeira.

Mal tinha começado a gritar e tive que parar. Um guarda entrou no quarto com a arma em punho.

Naquele momento, dei um grito de verdade e puxei o lençol para cobrir o corpo. Estava tão assustada que demorei um pouco para perceber que os olhos determinados daquele soldado eram de Aspen. Era como se meu rosto estivesse em chamas de tanta vergonha.

Aspen pareceu abalado. Não foi capaz de juntar palavras para formar uma frase enquanto seu olhar ia de Maxon, de cueca, para mim, que cobria a camisola com um lençol.

Por fim, meu choque foi quebrado por uma gargalhada.

Apesar de todo o meu terror, Maxon não podia estar mais relaxado. De fato, ele parecia feliz por ser flagrado, e sua voz soou até um pouco orgulhosa:

— Garanto, soldado Leger, que ela está perfeitamente segura.

Aspen limpou a garganta, incapaz de olhar diretamente para nós.

— Claro, Alteza.

Ele fez uma reverência, saiu e fechou a porta.

Desabei na cama e comecei a gemer no travesseiro. Me arrependeria para sempre. Devia ter falado sobre meus sentimentos para Aspen quando tive a chance no avião.

Maxon veio me abraçar.

— Não fique tão envergonhada. Não estávamos nus. E é provável que volte a acontecer no futuro.

— É tão humilhante — resmunguei.

— Ser pega na cama comigo? — a dor em sua voz era nítida.

Sentei e olhei para ele.

— Não! Não é você. É que, sei lá, isso deveria envolver alguma privacidade — tentei explicar, para depois enterrar a cabeça nos cobertores.

Maxon acariciou minha bochecha carinhosamente.

— Sinto muito.

Levantei os olhos. Sua voz era sincera demais para ser ignorada.

— Sei que vai ser difícil para você — ele continuou —, mas as pessoas vão sempre observar nossa vida a partir de agora. Nos primeiros anos, é provável que haja muitas interferências. Todos os reis e rainhas tiveram apenas um filho. Tenho certeza de que alguns o fizeram por opção. Contudo, depois das dificuldades da minha mãe, vão querer ter certeza de que podemos formar uma família.

Ele parou de falar. Seus olhos desviaram do meu rosto e se fixaram em um ponto da cama.

— Bom — eu disse, segurando seu rosto. — Eu sou Cinco, lembra? Tenho bons genes nesse departamento. Vai dar tudo certo.

Ele abriu um sorriso desanimado.

— Espero que sim. Em parte porque, de fato, temos a obrigação legal de produzir herdeiros. Mas também porque… quero tudo com você, America. Quero os feriados e os aniversários, as épocas corridas e os finais de semana preguiçosos. Quero manchas feitas por dedos sujos de creme de amendoim na minha mesa de trabalho. Quero piadas internas, brigas e todo o resto. Quero uma vida com você.

Imediatamente esqueci o que tinha acontecido poucos minutos antes. A crescente sensação de ternura em meu peito afastava todo o resto.

— Também quero — assegurei.

Ele sorriu.

— Que tal tornarmos tudo oficial em algumas horas?

Dei de ombros.

— Acho que não temos outros planos para hoje.

Maxon me empurrou para a cama e me cobriu de beijos. Eu o deixaria me beijar daquele jeito por horas, mas o flagra de Aspen fora suficiente. Não haveria como evitar a comoção das minhas criadas caso testemunhassem aquilo.

Ele se vestiu e eu pus meu roupão. Talvez aquele momento em que nos vestíamos devesse ter sido esquisito. Contudo, ao ver Maxon cobrir as cicatrizes com a camisa, só pude pensar em como a noite tinha sido incrível. Aquilo que eu nunca quis que acontecesse me deixava tão feliz.

Maxon me deu um último beijo antes de abrir a porta e seguir seu caminho. Foi mais difícil me separar dele do que eu tinha imaginado. Disse para mim mesma que depois de poucas horas tudo valeria a pena.

Antes de fechar a porta, ouvi Maxon falar em voz baixa:

— A senhorita agradeceria sua discrição, soldado.

A resposta não veio, mas pude imaginar Aspen curvando a cabeça solenemente. Permaneci atrás da porta fechada, me perguntando o que diria, ou se deveria dizer algo mesmo. Passaram-se alguns minutos, mas sabia que precisava encarar Aspen. Não podia seguir em frente com aquele dia sem antes conversar com ele. Respirei fundo e, nervosa, abri a porta. Ele virou a cabeça na direção do corredor para checar se estávamos sós. Por fim, lançou um olhar acusador tão pesado na minha direção que me deixou arrasada.

— Sinto muito — falei quase sem voz.

Ele balançou a cabeça.

— Sabia que isso aconteceria. Foi apenas o choque.

— Eu deveria ter contado — eu disse, saindo no corredor.

— Não importa. Só não acredito que você tenha dormido com ele.

Pus minhas mãos em seu peito.

— Não, Aspen, eu juro.

E então, no último momento possível, tudo desmoronou.

Maxon surgiu na esquina do corredor de mãos dadas com Kriss. Seus olhos

se cravaram em mim, em meu corpo colado em Aspen na tentativa desesperada de me justificar. Recuei, mas não rápido o bastante. Aspen se virou para encarar Maxon, preparado para dar uma desculpa, mas ainda atônito demais para falar.

O queixo de Kriss caiu, e ela logo levou a mão à boca. Ao ver os olhos chocados de Maxon, balancei a cabeça, como se quisesse explicar que tudo aquilo era um mal-entendido.

Não levou um segundo para Maxon retomar sua postura tranquila.

— Encontrei Kriss no corredor e vinha até aqui para explicar minha escolha a vocês duas antes de as câmeras aparecerem, mas parece que temos outros assuntos para discutir.

Olhei para Kriss e consegui pelo menos um consolo: ela não tinha qualquer ar de triunfo. Pelo contrário: parecia triste por mim.

— Kriss, você poderia, por favor, voltar ao seu quarto? Discretamente? — ordenou Maxon.

Ela fez uma reverência e sumiu pelo corredor, ansiosa para fugir daquela situação. Maxon respirou fundo antes de olhar de novo para nós.

— Eu sabia. Repetia para mim que estava louco, porque evidentemente você teria me dito se eu estivesse certo. Era para você ser honesta comigo — ele falou, com uma cara decepcionada. — Não acredito que não confiei em mim mesmo. Eu sabia desde aquele primeiro encontro. O modo como você o olhou, como você se distraiu. A maldita pulseira que usava, o bilhete na parede, todas aquelas vezes em que pensei que era minha para então, de repente, perdê-la novamente… era você — ele concluiu com os olhos em Aspen.

— Alteza, a culpa é minha — Aspen mentiu. — Eu fui atrás dela. Ela deixou perfeitamente claro que não tinha intenções de se relacionar com mais ninguém além do senhor, mas fui atrás dela mesmo assim.

Sem responder às justificativas de Aspen, Maxon caminhou até ficar bem diante dele, encarando-o fixamente.

— Qual o seu nome? Seu primeiro nome?

— Aspen — ele respondeu, engolindo em seco.

— Aspen Leger — o príncipe repetiu, como se testasse as palavras. — Desapareça da minha vista antes que eu mande você para morrer na Nova Ásia.

Aspen perdeu o ar.

— Alteza, eu…

— SUMA!

Aspen lançou um último olhar para mim, e então se retirou.

Permaneci ali, quieta e paralisada, com medo até de arriscar olhar para Maxon. Quando finalmente criei coragem, ele indicou meu quarto com o queixo. Entrei, e ele veio atrás. Observei-o fechar a porta e passar a mão pelo cabelo uma vez. Ao virar o rosto para me encarar, se deparou com a cama desfeita. Ele riu sozinho, de ódio.

— Por quanto tempo? — perguntou calmamente, ainda sob controle.

— Lembra daquela briga… — comecei.

Maxon explodiu.

— Nós brigamos desde o dia em que nos conhecemos, America! Seja mais específica.

Tremi de nervoso.

— Depois da festa de Kriss.

Ele arregalou os olhos.

— Então basicamente desde o dia em que ele chegou aqui — disse, com uma nota de sarcasmo na voz.

— Maxon, sinto muito. No começo, eu queria protegê-lo. Depois, proteger a mim mesma. E após o castigo de Marlee, fiquei com medo de contar a verdade. Não podia perder você — supliquei.

— Me perder? *Me* perder? — perguntou, espantado. — Você voltará para casa com uma pequena fortuna, uma nova casta e um homem que ainda a deseja! Eu sou o perdedor do dia, America!

Aquelas palavras me fizeram perder o fôlego.

— Vou para casa?

Maxon me olhou como se eu fosse uma idiota por perguntar.

— Quantas vezes devo permitir que você parta meu coração desse jeito, America? Você acha sinceramente que posso casar com você, fazer de você minha princesa, sendo que esteve mentindo para mim ao longo de quase toda a nossa relação? Me recuso a passar por essa tortura pelo resto da vida. Como você talvez tenha notado, já recebi mais do que a minha cota.

Desatei a chorar, soluçando.

— Maxon, por favor, me perdoa. Não era o que parecia. J-juro. Eu te amo!

Ele se aproximou, impassível.

— De todas as mentiras que você me contou, essa foi a que mais doeu.

— Não é… — Seu olhar me silenciou.

— Peça para suas criadas capricharem. Você deve partir com estilo.

Ele passou por mim e deixou o quarto e o futuro que eu tinha nas mãos poucos minutos antes. A sensação de dor era imensa; era como se o cerne do meu corpo fosse rachar. Caí sobre a cama e rolei para um canto. Era incapaz de ficar em pé.

Chorava na esperança de livrar meu corpo da dor antes da cerimônia. Como encarar aquilo? Olhei o relógio para ver quanto tempo faltava… e dei com o grosso envelope que Maxon tinha me dado na noite anterior.

Aquela era a última parte dele que seria minha, então abri o lacre, desesperada.

29

25 de dezembro, 16h30

Querida America,

Faz sete horas que você partiu. Já fui até seu quarto duas vezes para perguntar se tinha gostado dos presentes para depois lembrar que você não está aqui. Me acostumei tanto com você que é estranho não vê-la por perto, passeando pelos corredores. Estive algumas vezes a ponto de telefonar, mas não quero parecer possessivo. Não quero ser uma jaula para você. Lembro o que você disse sobre o palácio em sua primeira noite aqui. Acho que, com o passar do tempo, você começou a se sentir cada vez mais livre, e eu detestaria arruinar essa liberdade. Vou ter que arrumar uma distração até você voltar.

Decidi sentar e escrever, na esperança de que a sensação fosse a mesma de falar com você. Funciona um pouco. Posso imaginá-la sentada aqui, achando

graça da minha ideia, talvez balançando a cabeça diante da minha ingenuidade. Você faz isso às vezes, sabia? Gosto dessa sua expressão. Você é a única que faz isso sem me fazer parecer um caso perdido. Você ri das minhas idiossincrasias, aceita a existência delas e continua a ser minha amiga. E, em apenas sete horas, já comecei a sentir falta disso.

Fico imaginando o que você já terá feito nesse curto espaço de tempo. Aposto que a esta altura você já cruzou o país no avião e chegou em casa, a salvo. Espero que você esteja a salvo. Não consigo imaginar o conforto que a sua presença significa para sua família. A amada filha finalmente voltou!

Fico tentando visualizar a sua casa. Lembro que você me disse que era pequena, que tinha uma casa da árvore e que seu pai e sua irmã trabalhavam na garagem. O resto fica por conta da minha imaginação. Imagino você abraçando sua irmã ou jogando bola com seu irmãozinho. Eu me lembro disso, sabia? Você contou que seu irmão gostava de jogar bola.

Tentei imaginar como seria entrar na sua casa ao seu lado. Eu gostaria de ver o lugar onde você cresceu. Adoraria ver seu irmão correr por aí ou ganhar um abraço da sua mãe. Acho que seria reconfortante sentir a presença das pessoas ao redor: os estalos das tábuas dos pisos, o barulho das portas se fechando. Teria gostado de sentar em alguma parte da sua casa e talvez ainda assim sentir os aromas da cozinha. Sempre imaginei que as casas de verdade fossem repletas dos aromas do que se cozinhava. Não faria nada relacionado a trabalho. Nada de exércitos, orçamentos ou negociações. Ficaria sentado ao seu

lado, ou trataria de aperfeiçoar minhas fotos enquanto você tocava piano. Seríamos Cinco juntos, como você disse. Poderia jantar com a sua família e falar com um e outro em uma série de conversas, em vez de cochichar e ter que esperar minha vez. E talvez eu dormisse em uma cama extra ou no sofá. Dormiria no chão aos seus pés, se você deixasse.

Penso nisso às vezes. Adormecer com você, como no abrigo. Foi bom ouvir sua respiração, calma e tranquila, afastando minha solidão.

Esta carta ficou boba, e acho que você sabe como odeio fazer papel de bobo. Mas, ainda assim, faço. Por você.

Maxon

25 de dezembro, 22h35

Querida America,

É quase hora de dormir. Tento relaxar, mas não consigo. Só penso em você. Tenho pavor só de pensar que você pode ser ferida. Sei que alguém me informaria se você não estivesse bem, e isso até virou uma espécie de paranoia. Sempre que alguém vem me entregar uma mensagem, meu coração para por um instante, com medo do pior: você se foi. Você não vai voltar mais.

Queria que você estivesse aqui. Queria pelo menos vê-la.

Você não vai ler estas cartas. Seria muita humilhação.

Quero você aqui. Não paro de pensar no seu sorriso e de me preocupar com a ideia de nunca mais vê-lo.

Espero que volte para mim, America.

Feliz Natal,

Maxon

26 de dezembro, 10h

Querida America,

Consegui sobreviver à noite, o que é um grande milagre. Quando finalmente acordei, me convenci de que não havia motivo para preocupação. Jurei que hoje me concentraria no trabalho e não me afligiria por sua causa.

Passei o café da manhã e quase uma reunião inteira sem pensar em você, mas não consegui mais do que isso. Falei que estava me sentindo mal e saí. Agora estou escondido em meu quarto, escrevendo, na esperança de que isso me dê a sensação de que você está em casa de novo.

Sou tão egoísta. Hoje você vai enterrar seu pai, e tudo o que consigo pensar é em trazê-la de volta para cá. Agora que de fato escrevi isso e posso ver as palavras no papel, me sinto um completo idiota. Você está exatamente onde deveria estar. Acho que já disse isso, mas tenho certeza de que é um conforto para sua família.

Sabe, nunca lhe disse isto — e deveria —, mas você ficou muito mais forte desde que a conheci. Não sou arrogante o suficiente para achar que tive alguma influência nisso, mas acredito que essa experiência mudou você. Eu com certeza mudei. Desde o princípio, você demonstrou seu próprio tipo de coragem, que foi se transformando em algo mais forte. Eu costumava vê-la como uma menina com um saco cheio de pedras, pronta para atirá-las contra qualquer inimigo que cruzasse seu caminho. Agora, é como se você fosse a pedra. É firme e hábil. E aposto que sua família também percebe isso. Eu deveria ter dito isso a você. Espero que volte logo para que eu diga.

Maxon

26 de dezembro, 19h40

Querida America,

Andei pensando em nosso primeiro beijo. Acho que seria melhor dizer primeiros beijos, mas me refiro ao segundo — aquele que você me pediu. Já lhe contei como me senti naquela noite? A questão não é só que foi o primeiro beijo da minha vida; a questão é que meu primeiro beijo foi com você. Já vi muita coisa, America, já estive em diversos cantos do planeta. Mas nunca senti nada que fosse tão especial como aquele beijo. Gostaria que fosse algo que eu pudesse pegar com uma rede ou colocar em um livro. Gostaria que fosse algo

que eu pudesse guardar e, ao mesmo tempo, contar para todo mundo: é isso, é assim que você fica quando se apaixona.

Estas cartas são tão constrangedoras. Vou precisar queimá-las antes da sua volta.

Maxon

27 de dezembro, meio-dia

America,

Acho melhor contar logo eu mesmo, já que sua criada com certeza vai fazer isso. Tenho pensado nas pequenas coisas que você faz. Às vezes você assovia ou cantarola enquanto caminha pelo palácio. Às vezes, quando vou ao seu quarto, ouço as melodias guardadas em seu coração saindo pela porta. O palácio fica vazio sem elas.

Também sinto falta do seu cheiro. Do perfume que se desprende do seu cabelo quando você vira a cabeça para rir de mim, ou do aroma que sua pele exala quando caminhamos pelo jardim. É inebriante.

Então fui até seu quarto para borrifar seu perfume no meu lenço; outro truque bobo para ter a sensação de que você está aqui. Quando eu estava saindo do quarto, Mary me pegou no flagra. Não sei o que ela queria, já que você não estava. Mas ela me viu e soltou um grito agudo. Um guarda veio

correndo para ver o que tinha acontecido. Ele estava pronto para atirar e seus olhos brilhavam, ameaçadores. Quase fui atacado. Tudo porque senti falta do seu cheiro.

27 de dezembro, 23h

Minha querida America,

Nunca escrevi uma carta de amor, então me perdoe se eu fracassar.

O jeito simples seria dizer apenas que amo você. Mas, na verdade, é muito mais que isso. Quero você, America. Preciso de você.

Fui tão contido com você por medo. Tenho medo de mostrar tudo de uma vez e deixá-la perdida ou assustada. Tenho medo de que, no fundo de seu coração, seu amor por outra pessoa nunca vá acabar. Tenho medo de cometer um erro de novo, tão enorme que vai fazer você se recolher nesse seu mundo particular. Nenhuma bronca de um tutor, nenhuma chibatada de meu pai, nenhum isolamento durante minha infância chegou a me doer tanto quanto a possibilidade de perder você.

Sempre penso que essa possibilidade está à espreita, pronta para voltar e me atacar. Então me apeguei a todas as opções, temendo que quando as descartasse você apareceria, de braços cruzados, feliz por ser minha amiga, mas incapaz de ser minha parceira, minha rainha, minha esposa.

E o que mais quero no mundo é que você seja minha esposa .Amo você. Por muito tempo, tive medo de admitir, mas agora sei.

Nunca me alegraria com a morte de seu pai, com a tristeza que você está sentindo desde a partida dele ou com o vazio que me acomete desde que você saiu. Mas agradeço muito que você tenha ido. Não sei ao certo quanto tempo levaria para chegar a essa conclusão se não tivesse que imaginar como seria a minha vida sem você .Agora sei, com toda a certeza, que essa não é a vida que eu quero.

Eu queria ser um artista como você, para poder expressar o que você se tornou para mim .America, meu amor, você é luz do sol filtrada pelas árvores. É o riso num momento de tristeza. É a brisa em um dia de verão. É a clareza quando só há o caos.

Você não é o mundo, mas é tudo o que torna o mundo bom. Sem você, minha vida ainda existiria, mas só.

Você disse que, para acertar as coisas, um de nós teria que dar um salto de fé. Acho que encontrei o abismo que devo saltar, e espero encontrar você à minha espera do outro lado.

Eu te amo,America.

Seu para sempre,

Maxon

30

O GRANDE SALÃO ESTAVA ABARROTADO. Pela primeira vez, o rei e a rainha não eram o centro das atenções, e sim Maxon. Sobre uma plataforma levemente elevada, Maxon, Kriss e eu estávamos sentados a uma mesa decorada. Nossas posições eram enganosas. Eu estava à direita de Maxon. Sempre pensara que estar à direita de alguém era uma coisa boa, uma posição de honra. Mas, até então, ele tinha passado o tempo todo conversando com Kriss. Como se eu já não soubesse o que viria…

Tentei parecer feliz enquanto contemplava o salão. Estava lotado. Gavril, claro, narrava o evento diante de uma câmera.

Ashley, sorrindo, acenava para mim; ao seu lado, Anna deu uma piscadinha. Acenei de volta com a cabeça, ainda nervosa demais para falar. Ao fundo, em roupas limpas para preservar a aparência, August, Georgia e outros rebeldes nortistas ocupavam uma mesa inteira. Claro que Maxon gostaria que eles conhecessem sua futura esposa. Mal sabia ele que Kriss era parte do grupo.

Os rebeldes inspecionavam o salão, tensos, como se temessem que um soldado os reconhecesse e atacasse. Os guardas não pareciam prestar muita atenção, porém. De fato, aquela foi a primeira vez que os vi tão desconcentrados, com os olhos passeando pelo lugar. Cheguei até a notar que um ou dois não tinham feito a barba e pareciam meio toscos. Mas o evento era grande. Talvez fosse por causa da correria.

Então olhei fixamente para a rainha Amberly, que conversava com sua irmã, Adele, e sua penca de filhos. A rainha parecia radiante. Esperava por aquele dia havia muito tempo. Ela amaria Kriss como a uma filha. Por um instante, senti inveja.

Voltei a procurar pelas Selecionadas. Dessa vez, vi Celeste. Dava para perceber a pergunta em seu rosto: "Por que a preocupação?". Fiz um movimento com a cabeça, quase imperceptível, para que ela soubesse que eu tinha perdido. Ela abriu um sorriso discreto e disse, apenas mexendo os lábios, que tudo ficaria bem. Fiz que sim com a cabeça, tentando acreditar nela. Ela se virou para rir de algo que alguém dissera. Finalmente, olhei para a minha direita, prestando atenção no rosto do soldado mais próximo de nossa mesa.

Era Aspen, porém estava distraído. Ele olhava ao redor como os outros tantos homens de uniforme ali presentes, mas parecia pensar em alguma coisa. Era como se tentasse resolver um quebra-cabeça. Desejei que olhasse para mim, que talvez tentasse explicar sem palavras o que o afligia, mas não olhou.

— Tentando marcar um encontro para mais tarde? — Maxon perguntou, me fazendo olhar imediatamente em sua direção.

— Não, claro que não.

— Não importa. A família de Kriss virá aqui esta tarde para uma pequena comemoração, e a sua virá buscá-la. Não é bom que a última perdedora fique sozinha. Pode fazer algum drama.

Ele estava sendo tão frio, tão distante. Nem parecia Maxon.

— Você pode ficar com aquela casa se quiser. Está paga. Mas quero minhas cartas de volta.

— Eu li todas elas — sussurrei. — Adorei.

Ele bufou, como se fosse uma piada.

— Não sei onde estava com a cabeça.

— Por favor, não faça isso. Por favor. Eu amo você.

Comecei a fazer cara de choro.

— Não ouse — Maxon ordenou, com os dentes cerrados. — Sorria sem

parar até o último segundo.

Pisquei para segurar as lágrimas e abri um sorriso frágil.

— Serve. Fique assim até vocês duas saírem do salão, entendido?

Fiz que sim com a cabeça. Ele me olhou nos olhos e disse:

— Ficarei feliz com a sua partida.

Depois de praticamente cuspir essas palavras, ele voltou a sorrir e retomou a conversa com Kriss. Fiquei olhando para baixo por um tempo enquanto desacelerava a respiração e tentava melhorar minha cara.

Quando ergui a cabeça novamente, não ousei olhar diretamente para ninguém. Achei que não conseguiria honrar o último desejo de Maxon se o fizesse. Então me concentrei nas paredes do salão. Foi por isso que notei quando a maioria dos guardas se afastou seguindo algum sinal que não vi. Em seguida, eles tiraram lenços vermelhos do bolso e os amarram na testa.

Observei confusa quando um desses guardas de lenço vermelho chegou por trás de Celeste e lhe deu um tiro bem atrás da cabeça.

A gritaria e o barulho dos tiros explodiram ao mesmo tempo. Gritos excruciantes de dor e desespero tomaram conta do salão, somados ao alarido das cadeiras sendo empurradas com violência, dos corpos batendo contra as paredes e da multidão de homens de terno e mulheres de salto em fuga, tentando sair dali o mais rápido possível. Os falsos guardas berravam a cada tiro que disparavam, o que só deixava tudo ainda mais aterrador. Paralisada, presenciei mais mortes naqueles segundos do que em minha vida inteira. Procurei pelo rei e pela rainha, mas eles já tinham saído. Então fui tomada pelo medo; não sabia se tinham conseguido escapar ou se haviam sido capturados. Procurei por Adele, por seus filhos. Não conseguia vê-los em lugar nenhum, e isso foi ainda pior do que perder o rei e a rainha de vista.

Ao meu lado, Maxon tentava acalmar Kriss.

— Abaixe! — ele disse. — Ficaremos bem.

Olhei para a direita em busca de Aspen e fiquei atônita. Ele estava agachado, mirando e atirando conscientemente na direção daquela multidão em

polvorosa. Devia estar muito seguro de seus alvos para agir assim.

Pelo canto do olho, vi um lampejo vermelho. De repente, um guarda rebelde surgiu diante de nós. Ao pensar *guarda rebelde* tudo fez sentido. Anne havia contado que já acontecera antes de os rebeldes roubarem uniformes dos guardas e se infiltrarem no palácio. Mas como?

Quando ouvi outro grito agudo de Kriss, tomei consciência de que os soldados enviados para nossas casas não tinham abandonado seus postos de forma alguma. Estavam mortos e enterrados, enquanto seus uniformes roubados estavam bem diante de nossos olhos.

Não que a informação tivesse me ajudado de alguma forma na hora.

Sabia que precisava correr, que Maxon e Kriss também precisavam correr se quisessem sobreviver. Mas congelei quando aquela figura sinistra apontou seu revólver diretamente para o príncipe. Maxon e eu trocamos um olhar. Desejei tempo para dizer alguma coisa, mas resolvi desviar o olhar e encarar o homem.

Uma expressão de encantamento se formou no rosto dele. Era como se tivesse percebido que me matar seria muito mais prazeroso para ele e doloroso para Maxon, então deslocou a arma um pouco para a esquerda e mirou em mim.

Não consegui nem pensar em gritar. Era incapaz de me mover, mas vi o vulto de Maxon quando ele se jogou na minha direção.

Caí no chão, mas não na direção que esperava. Maxon não tinha me acertado; passara diante de mim. Quando bati no chão, levantei os olhos e vi Aspen. Ele tinha corrido até a mesa e se lançado contra minha cadeira pelo outro lado, caindo sobre mim.

— Eu o peguei! — alguém gritou. — Encontrem o rei!

Escutei vários urros de comemoração depois daquele anúncio. E também gritos. Tantos. Quando saí do meu estupor, ouvi o estardalhaço novamente. Outras cadeiras e corpos iam ao chão. Os soldados berravam ordens. Tiros eram disparados; estalos doentios que pareciam romper meus tímpanos. Um verdadeiro caos.

— Você se machucou? — Aspen perguntou.

Acho que neguei com a cabeça.

— Não se mexa.

Observei quando ele tomou posição e mirou. Disparou diversas vezes, com os olhos focados e o corpo relaxado. Pelo ângulo dos tiros, aparentemente mais rebeldes tentavam se aproximar de nós. Graças a Aspen, falharam.

Após uma rápida inspeção, ele se abaixou novamente.

— Vou tirá-la daqui antes que ela surte de vez.

Ele se arrastou sobre mim e agarrou Kriss, que cobria os ouvidos e chorava desesperadamente. Aspen ergueu seu rosto e bateu de leve, para fazê-la voltar a si. Chocada, ela fez o silêncio necessário para escutar suas ordens e segui-lo para fora do salão, protegendo a cabeça.

O barulho diminuía. As pessoas deviam estar saindo. Ou morrendo.

Então notei uma perna imóvel que despontava por debaixo da toalha de mesa. Não acreditei quando vi. Era Maxon!

Me esgueirei sob a mesa para encontrá-lo respirando com dificuldade; uma grande mancha vermelha se espalhava por sua camisa. A ferida de bala embaixo de seu ombro esquerdo parecia muito grave.

— Ah, Maxon — lamentei.

Sem saber ao certo o que fazer, arranquei um pedaço da saia do meu vestido e fiz pressão no ferimento. Ele se contraiu um pouco com a dor.

— Perdão — eu disse.

Ele colocou a mão sobre a minha.

— Não, eu que peço perdão — falou. — Estava prestes a arruinar a vida de nós dois.

— Agora não é hora de falar. Concentre-se, o.k.?

— Olhe para mim, America.

Pisquei algumas vezes e olhei para ele. Mesmo com a dor, ele abriu um sorriso.

— Pode partir meu coração. Mil vezes, se desejar. Sempre foi seu para

machucar como quiser.

— Shhh — implorei.

— Amarei você até meu último suspiro. Cada batida do meu coração é sua. Não quero morrer sem que você saiba disso.

— Não, por favor — eu disse, com o choro entalado na garganta.

Ele soltou a mão da minha e tocou meu cabelo. A pressão que ele fazia era pequena, mas suficiente para que eu soubesse o que queria. Me inclinei para beijá-lo. Como todos os nossos beijos, foi repleto de incerteza, repleto de esperança.

— Não desista, Maxon. Eu amo você. Por favor, não desista.

Ele resfolegava.

Nesse momento, Aspen se arrastou para debaixo da mesa. Gritei de medo antes de perceber quem era.

— Kriss está em um abrigo, Alteza — Aspen disse, em tom puramente formal. — Sua vez. Pode se levantar?

O príncipe balançou a cabeça.

— Perda de tempo. Leve-a.

— Mas, Alteza…

— É uma ordem — ele disse, com toda a força que pôde juntar.

Maxon e Aspen se encararam por um longo instante.

— Sim, senhor.

— Não! Eu não vou! — gritei.

— Você vai — Maxon disse, cansado.

— Vamos, Meri. Precisamos correr.

— Eu não saio daqui!

Foi então que Maxon, como se subitamente recuperado, agarrou o casaco do uniforme de Aspen com força.

— Ela tem que sobreviver. Você entendeu? Não importa o que aconteça, ela tem que sobreviver.

Aspen assentiu e me segurou pelo braço com mais força do que eu podia

imaginar.

— Não! — gritei. — Maxon, por favor!

— Seja feliz — ele sussurrou ao mesmo tempo em que apertava minha mão uma última vez.

Aspen me arrastou dali. Eu continuava gritando.

Ao chegarmos à porta, Aspen me colocou contra a parede.

— Fique quieta! Eles vão ouvir. Quanto mais rápido eu puser você em um abrigo, mais rápido posso voltar para salvá-lo. Você precisa fazer tudo o que eu disser, tudo bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Ótimo. Mantenha-se abaixada e quieta — ele disse. Com uma mão, sacou a arma; com a outra, me arrastou para fora.

Olhamos para os lados e vimos alguém fugir de nós na outra ponta do corredor. Assim que a pessoa sumiu, continuamos. Ao dobrarmos o corredor, tropeçamos em um soldado caído. Aspen checou seu pulso e balançou a cabeça. Depois, levou a mão ao coldre do soldado e me entregou sua arma.

— O que eu faço com isso? — sussurrei, aterrorizada.

— Atira. Mas, antes, verifique se é amigo ou inimigo. Está tudo um caos.

Seguiram-se alguns minutos tensos em que nos escondemos pelos cantos e procuramos por abrigos desocupados e destrancados. Aparentemente, a maior parte do quebra-quebra estava agora nos andares de cima ou do lado de fora, pois os tiros e os gritos eram abafados pelas paredes. Ainda assim, ao menor ruído fazíamos uma pausa antes de prosseguir.

Aspen espiou o corredor seguinte.

— Não tem saída, então fique atenta.

Concordei com a cabeça. Caminhamos rapidamente até o fim do curto corredor e a primeira coisa que notei foi a luz forte do sol entrando pela janela. Por acaso o céu não sabia que o mundo estava desabando? Como o sol podia brilhar?

— Por favor, por favor, por favor — Aspen murmurava à procura da trava.

Felizmente, a porta se abriu.

— Isso! — Ele suspirou aliviado ao puxar a porta, que bloqueava a visão de metade do corredor.

— Aspen, não quero fazer isso.

— Você precisa. Precisa ficar a salvo, por tanta gente. E… preciso que faça uma coisa por mim.

— O quê?

Ele hesitou.

— Se algo me acontecer, preciso que diga a…

Por cima de seu ombro, avistei um ponto vermelho na outra ponta do corredor se aproximando. Levantei a arma, mirei atrás de Aspen e disparei contra ele. Menos de um segundo depois, Aspen me empurrou para dentro do abrigo e bateu a porta, me deixando sozinha na escuridão.

31

NÃO SEI QUANTO TEMPO PASSEI ALI. O tempo todo tentava escutar através da porta o que acontecia do lado de fora, mas sabia que era em vão. Quando Maxon e eu estivemos trancados em um abrigo algumas semanas antes, não escutamos nenhum som do exterior. E muita destruição tinha ocorrido naquele dia.

Ainda assim, eu tinha esperança. Talvez Aspen estivesse bem e abriria a porta a qualquer segundo. Ele não podia estar morto. Não. Aspen era guerreiro, desde sempre. Quando a fome e a pobreza o ameaçaram, ele reagiu. Quando perdeu o pai, garantiu a sobrevivência da família. Quando a Seleção me levou, quando o recrutamento o levou, ele não perdeu a esperança. Comparada a tudo isso, uma bala era minúscula, insignificante. Nenhuma bala derrubaria Aspen Leger.

Grudei a orelha na porta, rezando para ouvir uma palavra, um suspiro, qualquer coisa. Aumentei a concentração, à espera de algo que soasse como a respiração difícil de Maxon embaixo daquela mesa.

Apertei os olhos, implorei a Deus para mantê-lo vivo. Com certeza, todos no palácio estavam à procura de Maxon e seus pais; eles seriam os primeiros socorridos. Não o deixariam morrer; não podiam.

Mas será que ainda havia esperança?

Ele estava tão pálido. Mesmo o último aperto que dera em minha mão tinha

sido fraco.

Seja feliz.

Ele me amava. Ele me amava de verdade. E eu o amava. Apesar de tudo que poderia ter nos afastado — nossas castas, nossos erros, o mundo à nossa volta —, éramos feitos um para o outro.

Eu devia estar com Maxon. Especialmente naquela hora, em que ele podia estar morrendo. Não deveria estar escondida.

Levantei e comecei a tatear as paredes em busca do interruptor. Bati no metal até encontrar. Dei uma olhada no lugar. Era menor do que o outro abrigo onde estivera. Tinha pia, mas não privada, apenas um balde no canto. Um banquinho ficava encostado à parede da porta; na parede oposta, havia uma estante com mantimentos e cobertores. Por fim, no chão, estava o revólver, frio.

Nem sabia se aquilo funcionaria, mas tinha que tentar. Empurrei o banco até o meio do abrigo e o deitei de modo que o assento ficasse na direção da porta. Me abaixei atrás dele e verifiquei a altura; aparentemente, não seria um bom escudo, mas teria que servir.

Quando fui levantar, tropecei no maldito vestido. Bufando, vasculhei a estante. Provavelmente, aquela faquinha era para abrir e cortar a comida, mas funcionou bem no tecido. Depois de cortar a saia do vestido na altura dos joelhos, usei o tecido para fazer um cinto improvisado e guardar a faca, por precaução.

Joguei os cobertores no chão na expectativa de encontrar mais alguma coisa útil. Olhei em volta uma última vez para ver se havia algo mais que pudesse levar, algo que pudesse ser adaptado. Não. Isso era tudo.

Agachada atrás do banco, mirei na trava da porta, prendi a respiração e disparei.

O som reverberou dentro daquele espaço diminuto. Mesmo que já estivesse esperando o barulho, me assustei mesmo assim. Quando tive certeza de que a bala não estava ricocheteando pelo abrigo, fui verificar a porta. Acima da trava,

havia uma pequena cratera que deixava expostas as espessas camadas de metal. Fiquei zangada por ter errado, mas pelo menos soube que daria certo. Se eu acertasse a trava algumas vezes, talvez pudesse sair.

Voltei para trás do banco e tentei novamente. Todos os tiros acertaram a porta, mas nunca no mesmo lugar. Depois de um tempo, frustrada, resolvi levantar para ver se assim teria um resultado melhor. Porém, só o que consegui foi cortar meu braço com os estilhaços de metal que voaram sobre mim.

Só quando ouvi o clique surdo do revólver percebi que as balas tinham acabado. Eu estava presa. Joguei a arma no chão e avancei contra a porta com toda a força.

— Abre!

Tentei de novo.

— ABRE!

Passei a desferir socos na porta, em vão.

— Não! Não, não, não! Eu tenho que sair!

A porta não se moveu, permaneceu calada e severa, ridicularizando minha dor com sua imobilidade.

Escorreguei até o chão encostada à porta, agora chorando porque não havia nada que pudesse fazer. Naquele momento, Aspen podia ser um corpo sem vida a apenas alguns metros de mim, e Maxon… com certeza já estaria morto àquela altura.

Apoiei a cabeça na porta e abracei as pernas.

— Se estiver vivo — murmurei —, deixo você me chamar de "querida". Não vou reclamar, prometo.

Só me restava esperar.

De vez em quando, tentava imaginar que horas seriam, embora não tivesse como saber se estava certa. Cada minuto arrastado me enlouquecia. Nunca me sentira tão impotente, e a preocupação me corroía.

Após uma eternidade, ouvi a trava se mover. Alguém viera à minha procura. Não sabia se era amigo ou inimigo, então apontei o revólver vazio para a porta. Queria ao menos intimidar caso fosse um rebelde. A porta se abriu devagar, e a luz da janela entrou pela fresta. Isso significava que ainda estávamos no mesmo dia? Ou já era o dia seguinte? Permaneci firme na mira, ainda que tivesse de cobrir um pouco os olhos.

— Não atire, senhorita America! — suplicou um guarda. — A senhorita está salva!

— Como posso ter certeza? Como vou saber que você não é um deles?

O soldado olhou para o corredor, onde alguém se aproximava. August passou sob a luz, seguido de perto por Gavril. Embora seu terno estivesse praticamente destruído, seu broche — só então percebi que lembrava muito uma Estrela do Norte — ainda pendia glorioso de sua lapela ensanguentada.

Não era à toa que os nortistas tinham tantas informações.

— Acabou, America! Acabamos com eles — August confirmou.

Respirei fundo, tomada por um alívio gigantesco, e soltei a arma.

— Onde está Maxon? Está vivo? Kriss sobreviveu? — perguntei a Gavril, antes de virar novamente para August. — Um soldado me trouxe até aqui. Seu nome é Leger, você o viu? — eu perguntava quase rápido demais para ser compreendida.

Comecei a me sentir estranha, com a cabeça leve.

— Acho que ela está em choque. Leve-a para a ala hospitalar — Gavril ordenou ao guarda, que facilmente me tomou nos braços.

— Maxon? — perguntei. Ninguém respondeu. Ou talvez eu já tivesse desmaiado.

Acordei em uma maca. Podia sentir os cortes ardendo. Olhei o braço de perto e vi que as feridas estavam limpas; as maiores estavam até enfaixadas. Estava salva.

Sentei e olhei ao redor. Estava em um pequeno consultório. A mesa e os diplomas na parede revelaram que se tratava da sala do dr. Ashlar. Eu não podia ficar ali. Precisava de respostas.

Quando abri a porta, descobri por que tinham me colocado lá dentro. A ala hospitalar estava lotada. Quem estava menos ferido dividia o leito com outra pessoa, enquanto outros esperavam no chão entre um leito e outro. Os pacientes mais graves estavam em camas no final do corredor. Apesar do número de pessoas, tudo estava incrivelmente quieto.

Corri os olhos pelo corredor à procura de rostos conhecidos. Seria bom encontrá-los ali? O que isso queria dizer?

Tuesday estava de mãos dadas com Emmica, e ambas choravam baixinho. Reconheci vagamente algumas criadas. Elas me saudavam com a cabeça ao me ver passar, como se eu merecesse tal gesto.

Comecei a perder as esperanças quando percebi que ele não estava ali. Se estivesse, haveria um bando de gente ao seu lado, correndo para satisfazer a menor de suas necessidades. No entanto, até eu tinha sido posta em uma sala à parte. Será que ele também, talvez?

Vi um guarda com uma ferida no rosto que não dava para imaginar como tinha sido causada.

— O príncipe está aqui em algum lugar? — perguntei em voz baixa.

Ele negou com a cabeça, com um ar solene.

— Ah.

Um ferimento à bala e um coração partido podiam parecer lesões distintas. Contudo, tive a certeza de que, naquele momento, eu sangrava como Maxon. Nem pressão nem pontos cicatrizariam a ferida. Nada jamais acabaria com a dor.

Não comecei a gritar, embora sentisse que algo similar estivesse acontecendo dentro de mim. Apenas deixei as lágrimas caírem. Elas não aliviavam em nada minha situação, mas eram como uma promessa.

Nada nunca vai tomar seu lugar, Maxon. E selei nosso amor para sempre.

— Meri?

Virei em direção à voz e vi um rapaz cheio de bandagens em um dos últimos leitos da ala. Aspen.

Fui até ele, com a respiração entrecortada. Sua cabeça estava enfaixada, e o sangue brotava por baixo das ataduras. Seu peito tinha arranhões e hematomas em diversos lugares. A pior parte, porém, era a perna: engessada até o joelho, enquanto vários curativos tentavam em vão cobrir os cortes em sua coxa. Aspen estava apenas de short, e um lençol cobria sua outra perna. Não era difícil perceber a gravidade de seus ferimentos.

— O que houve? — murmurei.

— Prefiro não contar os detalhes. Resisti bastante e derrubei uns seis ou sete antes de levar um tiro na perna. O médico diz que é provável que eu volte a apoiá-la no chão, mas terei que usar bengala. Pelo menos estou vivo.

Uma lágrima escorria silenciosa pelo meu rosto. Estava tão grata, tão assustada, tão desanimada. Não consegui evitar.

— Você salvou minha vida, Meri.

Meus olhos passaram de sua perna para seu rosto.

— O tiro que você disparou amedrontou aquele rebelde e me deu tempo para revidar. Se você não tivesse feito aquilo, ele teria me acertado nas costas e seria o fim. Obrigado.

Esfreguei os olhos.

— Foi você quem salvou minha vida. Sempre. Já era hora de eu começar a retribuir.

Ele achou graça.

— Realmente tenho uma tendência ao heroísmo, não é?

— Você sempre quis ser o cavaleiro de armadura brilhante de alguém — eu disse, balançando a cabeça e pensando em tudo o que ele já tinha feito pelas pessoas que amava.

— Meri, escute. Quando disse que sempre amaria você, eu falava sério. E acho que, se tivéssemos ficado em Carolina, já estaríamos casados e felizes.

Pobres, mas felizes — ele sorriu tristemente. — Mas não ficamos em Carolina. E você mudou. Eu mudei. Você estava certa quando dizia que eu nunca tinha dado chance a mais ninguém, e por que faria isso se não fosse por tudo o que aconteceu?

"É meu instinto lutar por você, Meri. Demorei para ver que você já não queria que eu fizesse isso. Mas, ao mesmo tempo, percebi que também não queria mais lutar por você."

Olhei para ele, pasma.

— Você sempre terá um pedaço do meu coração, Meri, mas já não sou mais apaixonado por você. Penso que às vezes você ainda precisa de mim ou me quer, mas não sei se isso é certo. Você merece mais do que me ver ao seu lado por obrigação.

Deixei escapar um suspiro.

— E você merece mais do que ser alguém com quem eu apenas me contentei em ficar.

Ele estendeu a mão, e eu a segurei.

— Não quero que você fique com raiva de mim.

— Não estou. É bom saber que você não está com raiva de mim. Apesar de ele ter morrido, eu ainda o amo.

Aspen arregalou os olhos.

— Quem morreu?

— Maxon — mal consegui falar, pronta para começar a chorar novamente.

Houve uma pausa.

— Maxon não morreu.

— O quê? Mas o guarda disse que ele não está aqui e…

— Claro que ele não está aqui. Ele é o rei. Está em recuperação em seu quarto.

Me joguei sobre Aspen para abraçá-lo. Ele gemeu sob o peso do meu corpo, mas eu estava feliz demais para tomar cuidado. Isso até eu perceber que não eram apenas boas notícias.

Recuei devagar.

— O rei morreu?

Aspen confirmou com a cabeça.

— A rainha também.

— Não! — estremeci, com os olhos novamente marejando. *Ela disse que eu podia chamá-la de mãe.* O que Maxon faria sem ela?

— Na verdade, se não fossem os rebeldes do norte, talvez nem Maxon tivesse sobrevivido. Eles fizeram muita diferença.

— Fizeram?

A admiração e a gratidão que ele sentia eram evidentes.

— Os rebeldes deveriam ter treinado os guardas. Eles lutam de um jeito diferente. Sabiam o que fazer. Reconheci August e Georgia no Grande Salão. Eles mantinham reforços do lado de fora do palácio. Assim que notaram algo de errado… bem, eles já sabiam como entrar rapidamente no palácio. Não sei onde arranjaram armas, mas estaríamos todos mortos sem eles.

Eu mal conseguia processar tudo aquilo. Ainda juntava as peças quando a porta se abriu, interrompendo os murmúrios na ala. Uma garota preocupada inspecionou o lugar. Apesar da roupa rasgada e do cabelo caído no rosto, reconheci-a no ato.

Antes que pudesse chamá-la, Aspen sentou em seu leito e gritou:

— Lucy!

Eu sabia que aquele movimento lhe causara dor, mas não vi qualquer traço de sofrimento em seu rosto.

— Aspen! — ela exclamou, e veio correndo em nossa direção, pulando sobre alguns pacientes quando necessário.

Lucy atirou-se nos braços dele e cobriu seu rosto de beijos. Embora ele tenha gemido com meu abraço, era óbvio que naquele momento Aspen não sentia nada além da mais pura felicidade.

— Onde você estava? — ele quis saber.

— No quarto andar. Só agora eles chegaram nos quartos de lá. Vim o mais

rápido que pude. O que aconteceu?

Quase sempre inconsolável após ataques rebeldes, Lucy parecia bastante focada agora, com toda a sua atenção voltada para Aspen.

— Eu estou bem. E você? Precisa de um médico? — Aspen perguntou, já olhando ao redor para pedir ajuda.

— Não, não tive nem um arranhão — ela assegurou. — Só estava preocupada com você.

Aspen e Lucy trocaram um olhar de total devoção.

— Agora que você está aqui — ele falou —, está tudo bem.

Ela acariciou seu rosto com cuidado para não estragar os curativos. Ele passou a mão por trás de seu pescoço, puxou-a delicadamente e a beijou com paixão.

Ninguém precisava mais de um cavaleiro do que Lucy. E ninguém a protegeria melhor do que Aspen.

Os dois estavam tão ocupados um com o outro que nem repararam quando saí. Fui em direção à única pessoa que realmente queria ver.

32

AO DEIXAR A ALA HOSPITALAR, vi a situação do palácio pela primeira vez. Era difícil processar tamanha destruição. Havia cacos de vidro espalhados por todo o chão, brilhando com a luz do sol. Pinturas arruinadas, buracos de bala nas paredes e horríveis manchas vermelhas no carpete só confirmaram o quanto estivemos perto da morte.

Segui pelas escadas, evitando contato visual com qualquer um. Ao passar do segundo andar para o terceiro, encontrei um brinco no chão. Não pude deixar de imaginar se a dona ainda estaria viva.

Continuei rumo ao quarto de Maxon e comecei a ver cada vez mais guardas pelo caminho. Era inevitável. Se fosse preciso, eu ia gritar para ele, avisando que estava lá. Talvez ele mandasse os guardas me deixarem passar… como na noite em que nos conhecemos.

A porta do quarto de Maxon estava aberta. Pessoas entravam e saíam, levando papéis ou retirando bandejas. Do lado de fora, seis guardas alinhavam-se à parede que dava para a porta, e já me preparei para ser barrada. Contudo, quando me aproximei, fui reconhecida por um dos soldados. Ele me olhou de canto, como se quisesse confirmar que eu era quem ele pensava. O guarda ao lado dele também me viu e, um por um, todos se curvaram em profunda reverência.

Um dos guardas estendeu o braço na direção da entrada e me informou:

— Ele está à sua espera, senhorita.

Tentei me portar à altura da honra com que eles me tratavam. Ainda que os arranhões no braço e meu vestido cortado não ajudassem, endireitei a postura ao passar por eles.

— Obrigada — eu disse, inclinando levemente a cabeça.

Uma criada entrou correndo antes de mim. Maxon estava em sua cama, com o lado direito do peito forrado com gazes por baixo de uma camiseta simples de algodão. Seu braço esquerdo estava em uma tipoia, e a mão direita era usada para segurar o documento que um conselheiro lhe explicava.

Ele parecia tão normal, vestido daquele jeito e com o cabelo bagunçado. Mas, ao mesmo tempo, parecia tão mais nobre do que antes. Será que estava mais imponente? Seu rosto estava mais sério?

Bem, ele era, muito claramente, o rei.

— Majestade — eu disse com a voz fraca, fazendo uma reverência. Ao me levantar, vi um sorriso calmo em seu rosto.

— Deixe o papel aqui, Stavros. Por favor, gostaria que todos se retirassem. Preciso falar com a senhorita.

Todos que estavam ali se despediram com uma reverência e seguiram rumo ao corredor. Stavros pousou discretamente os papéis sobre a mesa de cabeceira de Maxon e, ao passar por mim, deu uma piscadinha. Esperei a porta fechar antes de chegar mais perto.

Queria correr até ele, cair em seus braços e ficar ali para sempre. Mas avancei devagar, preocupada com a hipótese de ele ter se arrependido de nossa última conversa.

— Sinto muito por seus pais.

— Ainda não parece verdade — ele disse, indicando com a mão um lugar na cama para eu me sentar. — Ainda acho que meu pai está no escritório e minha mãe, no Salão das Mulheres, e que, a qualquer momento, entrarão por aquela porta com alguma tarefa para mim.

— Sei exatamente o que você quer dizer.

Ele abriu um sorriso compreensivo.

— Sei que sabe.

Em seguida, colocou sua mão sobre a minha. Tomei o gesto como um bom sinal e apertei a mão dele.

— Ela tentou salvá-lo — Maxon explicou. — Um soldado disse que um rebelde tinha meu pai na mira, mas ela se jogou na frente. Acertaram meu pai logo em seguida, porém.

Depois, balançando a cabeça, concluiu:

— Sempre pensando nos outros. Até o último momento.

— Não deveria estar surpreso. Você é muito parecido com ela.

A expressão de seu rosto mudou.

— Nunca serei tão bom quanto ela. Vou sentir muito a falta dela.

Acariciei sua mão. A rainha não era minha mãe, mas também sentiria sua falta.

— Pelo menos você está salva — ele disse, sem me olhar. — Pelo menos isso.

Houve um longuíssimo silêncio. Eu não sabia o que dizer. Relembrar suas últimas palavras? Perguntar sobre Kriss? Quem pensaria nesse tipo de coisa àquela altura?

— Há algo que quero mostrar — ele anunciou de repente. — Ainda é rudimentar, mas acho que vai agradá-la mesmo assim. Abra esta gaveta — pediu. — Deve estar logo em cima.

Abri a gaveta em sua mesa de cabeceira e dei com uma pilha de papeis datilografados. Olhei para Maxon confusa, mas ele apenas apontou o documento com o queixo.

Comecei a ler, tentando compreender cada palavra. Cheguei ao fim do primeiro parágrafo e depois li novamente. Devia estar enganada.

— Você… você vai dissolver as castas? — perguntei, levantando a cabeça para olhar para ele.

— É o plano — ele respondeu, sorrindo. — Não quero que você fique

animada demais. Vai levar muito tempo, mas acho que vai dar certo. Veja — ele disse ao folhear as várias páginas do arquivo e apontar para um parágrafo em especial —, quero começar por baixo. Meu plano é eliminar primeiro o rótulo dos Oito. Há muitas construções a fazer, e penso que, com um pouco de trabalho, eles podem se integrar aos Sete. Depois, complica. Mas deve haver um jeito de acabar com os estigmas que acompanham os números, e essa é minha meta.

Fiquei atônita. Conhecia apenas um mundo em que vestia minha casta como uma roupa. E lá estava eu, segurando um documento que dizia que as linhas invisíveis que separavam as pessoas poderiam, algum dia, ser apagadas.

A mão de Maxon tocou a minha.

— Quero que você saiba que é a responsável por isso. Tenho trabalhado nesse projeto desde o dia em que você me chamou no corredor e contou que já tinha passado fome. Esse foi um dos motivos que me deixaram tão irritado com a sua apresentação. Eu tinha um plano bem mais discreto para alcançar as mesmas metas. De qualquer maneira, de todas as coisas que desejava fazer pelo meu país, nunca teria pensado nessa se não tivesse conhecido você.

Recuperei o fôlego e voltei novamente àquelas páginas. Pensei nos anos da minha vida, tão breves e rápidos. Nunca tinha esperado muito mais do que cantar em festas e, talvez, casar algum dia. Pensei no que aquilo significaria para a vida de todo o povo de Illéa, e fiquei sem saber o que fazer. Estava me sentindo ao mesmo tempo emocionada e orgulhosa.

— Há algo mais — Maxon disse, com a voz um pouco vacilante; eu ainda tentava digerir aquelas palavras na minha frente.

Foi então que Maxon, repentinamente, escorregou por cima da pilha de papeis uma caixinha aberta. Dentro havia um anel, que brilhava sob a luz que entrava pelas janelas.

— Tenho dormido com essa droga debaixo do meu travesseiro — ele disse em tom brincalhão.

Olhei para ele, mas não falei nada; estava impressionada demais para isso.

Tinha certeza de que ele podia ler as perguntas em meus olhos. Mesmo assim, resolveu fazer a sua:

— Gostou?

A circunferência do anel tinha a forma de ramos dourados que, na parte superior, portavam duas pedras — uma verde, outra roxa. Eu sabia que a pedra associada ao meu aniversário era roxa, então a verde devia ser a dele. Nós dois éramos aqueles pontos de luz, inseparáveis.

Quis falar. Abri a boca diversas vezes para tentar. Tudo o que consegui fazer foi sorrir, piscar para conter as lágrimas e dizer que sim com a cabeça.

Maxon limpou a garganta.

— Tentei fazer isso de maneira grandiosa duas vezes, e falhei miseravelmente. Na minha atual situação, nem posso ajoelhar. Espero que você não se importe por eu falar assim tão diretamente.

Aprovei com a cabeça, incapaz de pronunciar uma só palavra.

Ele engoliu em seco e mexeu o ombro que não estava ferido.

— Eu amo você — ele disse simplesmente. — Deveria ter dito isso há muito tempo. Talvez tivesse evitado tantos erros idiotas. Por outro lado — acrescentou, esboçando um sorriso —, às vezes penso que foram todos esses obstáculos que me fizeram amá-la tanto assim.

As lágrimas se acumulavam nos cantos dos meus olhos e pendiam dos meus cílios.

— O que eu disse era verdade. Meu coração sempre foi seu para machucar como quiser. Como você já sabe, prefiro morrer a vê-la sofrer. Quando fui baleado, quando caí, certo de que aquele era o fim da minha vida, só conseguia pensar em você.

Maxon precisou parar. Engoliu em seco de novo, e vi que ele estava tão perto de chorar quanto eu. Depois de um tempo, continuou:

— Naqueles segundos, lamentei tudo o que tinha perdido. Nunca veria você caminhar a meu lado na igreja; nunca descobriria seu rosto em nossos filhos; nunca veria mechas grisalhas em seus cabelos. Só que, ao mesmo tempo, não

me incomodava. Se a minha morte — ele deu de ombros novamente — significava a sua vida, como poderia ser algo ruim?

Ao ouvir isso, perdi o controle, e as lágrimas desabaram copiosamente. Como pude pensar que sabia o que era me sentir amada até aquele instante? Nada jamais chegara perto daquele sentimento que transbordava, que enchia cada centímetro do meu corpo com um calor absoluto.

— America — Maxon disse com doçura, me obrigando a secar os olhos e encará-lo —, sei que você vê um rei aqui, mas me permita ser claro: isto não é uma ordem. É um pedido, uma súplica. Eu imploro: faça de mim o homem mais feliz do mundo. Por favor, me dê a honra de ser minha esposa.

Eu era incapaz de exprimir o quanto desejava aquilo. Mas, quando minha voz falhou, meu corpo agiu. Deitei nos braços de Maxon e o abracei com força, certa de que nada jamais nos separaria. Quando ele me beijou, senti minha vida se encaixar no lugar. Tinha encontrado tudo o que sempre quis — coisas que sequer suspeitava querer — ali, nos braços dele. E, se ele estivesse por perto para me guiar e me apoiar, eu seria capaz de conquistar o mundo.

Nosso beijo se desfez rápido demais. Maxon me afastou e olhou no fundo dos meus olhos. Via em seu rosto. Eu estava em casa. E finalmente encontrei minha voz:

— Sim.



EPÍLOGO

SEM SUCESSO, tento parar de tremer. Qualquer garota faria o mesmo. O dia é grandioso, o vestido é pesado e há milhares de olhos atentos. Corajosa que deveria ser, tremo.

Sei que assim que as portas se abrirem, verei Maxon à minha espera. Por isso, enquanto as pessoas ao meu redor correm para ajustar os últimos detalhes, me apego a essa expectativa e tento relaxar.

— Ah, é a nossa deixa — minha mãe diz ao notar a mudança de música.

Silvia faz um gesto para que minha família se aproxime. James e Kenna estão prontos para ir. Gerad corre para lá e para cá, amarrotando seu terno. May tenta fazê-lo ficar quieto por dois segundos na fila. Mesmo que ele fique um pouco desalinhado, todos estão com um ar de nobreza surpreendente hoje.

Apesar de estar feliz com a presença de todos que me amam, não consigo deixar de sentir a ausência de meu pai. Mas sei que ele está comigo, sussurrando como me ama, como está orgulhoso de mim, como estou linda. Eu o conhecia tão bem que sou capaz de imaginar as palavras exatas que ele me diria hoje. Espero que continue assim, que ele nunca vá embora de vez.

Estou tão perdida sonhando acordada que nem noto a chegada de May.

— Você está linda, Ames — ela diz, com o braço estendido para tocar a intrincada gola alta do meu vestido.

— Mary se superou, não é? — respondi, tocando algumas partes do vestido também. Mary é a única das minhas criadas originais que ainda está comigo. Quando a poeira baixou depois do ataque, descobrimos que tínhamos perdido muito mais vidas do que imagináramos no começo. Enquanto Lucy sobreviveu e resolveu se aposentar, Anne não resistiu.

Outro lugar que não deveria estar vazio.

— Nossa, você está tremendo.

Rindo do meu nervosismo, May segura as minhas mãos e tenta acalmá-las.

— Eu sei. Não consigo evitar.

— Marlee — May chama. — Me ajude a acalmar America.

Minha única e exclusiva madrinha se aproxima com os olhos mais brilhantes do que nunca. Com as duas ao meu lado, fico um pouco menos tensa.

— Não se preocupe, America. Tenho certeza de que ele vai aparecer — ela brinca.

May cai na risada, enquanto eu dou tapinhas nas duas.

— Minha preocupação não é que ele mude de ideia! Tenho medo de tropeçar ou errar o nome dele, algo assim. Tenho talento para estragar as coisas.

Marlee encosta sua testa na minha.

— Nada pode estragar o dia de hoje.

— May! — minha mãe chama entredentes.

— O.k., a mamãe está surtando. Vejo você lá em cima — ela manda um beijo de longe para não deixar marcas de batom na minha bochecha.

A música começa a tocar e eles entram juntos no corredor que me espera.

Marlee recua.

— Sou a próxima?

— Sim. Aliás, adorei essa cor em você.

Ela faz uma pose.

— Adoro seu bom gosto, Vossa Majestade.

Respirei fundo.

— Ninguém tinha me chamado assim ainda. E, meu Deus, agora esse vai ser meu nome para quase todo mundo.

Tento repassar as falas rapidamente. A coroação faz parte do casamento. Primeiro, os votos para Maxon; depois, para Illéa. Alianças, depois coroas.

— Não comece a ficar nervosa de novo! — ela insiste.

— Estou tentando! Quer dizer, eu já sabia que seria assim. É muita coisa para um dia só.

— Rá! — exclama Marlee enquanto mudam a música. — Espere até a noite.

— Marlee!

Antes que eu possa lhe dar uma bronca, ela sai aos pulinhos, não sem antes piscar para mim. Tive que rir daquilo. Estou tão feliz por tê-la novamente em minha vida. Fiz dela oficialmente uma das minhas assistentes, e Maxon fez o mesmo com Carter. Era um claro sinal ao público do que seria o reinado de Maxon, e fiquei feliz ao ver quanta gente aprovou a mudança.

Fico na escuta, esperando. Sei que logo a música vai começar, então aproveito o tempo para ajeitar o vestido pela última vez.

Ele é realmente magnífico. A saia branca se ajusta aos meus quadris e desce em ondas até o chão. As mangas rendadas são curtas e sobem junto à gola alta que me faz parecer uma princesa de verdade. Um véu esvoaçante tremula atrás de mim, fazendo o papel de cauda. Vou tirá-lo na festa, quando pretendo dançar com meu marido até não aguentar mais.

— Pronta, Meri?

Olho para Aspen.

— Sim, estou pronta.

Enlaçamos os braços.

— Você está incrível.

— Você também não está nada mal — comento, mas, apesar do meu sorriso, ele percebe que estou nervosa.

— Não há com que se preocupar — garante Aspen, com um sorriso confiante que me faz acreditar em tudo que ele diz. O mesmo de sempre.

Respiro fundo e faço um sinal com a cabeça.

— Certo. Só não me deixe cair, o.k.?

— Não se preocupe. Se perder o equilíbrio, pode pegar isso aqui — ele diz, mostrando a bengala azul-escura feita especialmente para combinar com seu uniforme de gala. Ri só de pensar na cena.

— Lá vamos nós — ele diz, feliz por me fazer rir de verdade.

— Majestade? Chegou a hora — Silvia avisa, com um quê de admiração na voz.

Confirmo com a cabeça, e Aspen e eu caminhamos em direção às portas.

— Acabe com eles — ele diz um pouco antes de o volume da música aumentar e as portas serem abertas.

O medo volta com força total. Apesar de termos tentado deixar a lista pequena, centenas de pessoas lotam o corredor que me leva até Maxon. Nem consigo vê-lo, pois todos se levantam para me ver passar.

Só preciso ver seu rosto. Se conseguir encontrar aqueles olhos firmes, sei que sou capaz de passar por isso.

Tentando manter a calma, sorrio e aceno graciosamente com a cabeça aos convidados para agradecer por sua presença. Mas Aspen sabe.

— Está tudo bem, Meri.

Olho para ele, e a motivação em seu rosto me ajuda.

Avanço.

Não é a mais graciosa das caminhadas até o altar, nem a mais rápida. Com a perna de Aspen tão machucada, precisamos nos arrastar até lá. Mas a quem mais eu poderia ter pedido para entrar comigo? A quem mais eu *teria* pedido? Aspen passara a ocupar um lugar desesperadamente vago em minha vida. Não de namorado nem de amigo, mas de *família*.

Tive medo de que ele ficasse ofendido e dissesse não. Mas respondeu que seria uma honra e me abraçou quando pedi.

Leal e sincero, até o fim. Esse era o meu Aspen.

Enfim, vejo um rosto familiar na multidão. Lucy está lá, com seu pai. Está

radiante de orgulho por mim, embora seja incapaz de desgrudar os olhos de Aspen. Ele estufa um pouco mais o peito quando passamos diante dela. Sei que logo será sua vez, e aguardo ansiosamente. Aspen não poderia ter feito escolha melhor.

Ao lado dela estão as outras Selecionadas, preenchendo as filas próximas. Foi corajoso da parte delas voltar por minha causa, considerando que nem todas que deveriam estar ali estão de fato. Ainda assim, elas sorriem, mesmo Kriss, embora eu pudesse ver tristeza em seu olhar. Fico impressionada com o quanto desejo que Celeste estivesse aqui. Posso imaginá-la fazendo uma careta e depois piscando, ou algo do tipo. Talvez fizesse uma piadinha meio arrogante, mas não muito. Eu sinto muita, muita saudade dela.

Também sinto falta da rainha Amberly. Só posso imaginar como ela estaria feliz hoje, ao conseguir finalmente uma filha. Sinto que me casar com Maxon me dá o direito de amá-la assim, como mãe. Com certeza, sempre amarei.

E então vejo minha mãe e May. Elas se abraçam com tanta força que parecem estar apoiadas uma na outra. Tantos sorrisos ao redor delas. Tenho a sensação inexplicavelmente boa de ser muito amada.

Estou tão distraída com seus rostos que nem noto que já estou muito perto do fim do corredor. Ao olhar para a frente… lá está ele.

E então parece não haver mais ninguém além de nós dois.

Nada de câmeras, nada de flashes. Apenas nós. Apenas Maxon e eu.

Ele usa sua coroa e o terno com a faixa azul e as medalhas. O que eu disse na primeira vez em que o vi vestido assim? Algo sobre andar por aí com um lustre no pescoço, acho. Sorrio ao lembrar a longa jornada que nos trouxe até o altar.

Os últimos passos de Aspen são lentos, mas firmes. Quando chegamos ao nosso destino, me viro para ele. Aspen abre um último sorriso, e eu me aproximo para beijá-lo na bochecha. Trocamos um olhar por alguns instantes. Por fim, ele toma minha mão e a põe sobre a de Maxon, me entregando a ele.

Ambos fazem um sinal afirmativo com a cabeça. Não há nada além de

respeito entre eles. Acho que jamais entenderei o que se passou entre os dois, mas tudo parecia estar em paz naquele momento. Aspen dá um passo para trás e eu, um para a frente, chegando ao lugar onde jamais pensei que estaria.

Maxon e eu caminhamos bem próximos. Começa a cerimônia.

— Olá, minha querida — ele sussurra.

— Nem comece — retruco, e nós dois sorrimos.

Ele segura minhas mãos como se fossem a única coisa que o mantinha em pé. Olho fixamente para essa cena enquanto me preparo para as palavras que estão por vir, para as promessas que jamais quebrarei. É realmente mágico o poder deste dia.

Mas, mesmo agora, sei que não se trata de um conto de fadas. Sei que teremos tempos difíceis, confusos. Sei que as coisas nem sempre acontecerão como desejamos e que precisaremos nos esforçar para nunca esquecer os motivos de nossa escolha. Não será perfeito, não o tempo todo.

Isto não é um "felizes para sempre".

É muito mais que isso.

AGRADECIMENTOS

COLOQUE A MÃO SOBRE ESTE LIVRO e finja que estou te cumprimentando. É sério. De que outra forma eu poderia agradecer você por ler meus livros? Espero que você tenha se divertido com a história de America tanto quanto eu. Não tenho palavras para agradecer pelo tempo que você dedicou passando por isso comigo. Você é demais. Muito obrigada!

Em primeiro lugar, agradeço muito a Callaway. Eu ganho o dia sempre que vejo a assinatura do seu e-mail: "Marido de Kiera Cass, primeiro lugar na lista de mais vendidos do *New York Times*". Fico muito feliz em saber que você se orgulha de mim. Obrigada por ser meu maior apoiador durante essa jornada. Amo você.

Agradeço a Guyden e a Zuzu por serem filhos tão maravilhosos e por permitirem que a mamãe desse várias fugidinhas ao escritório para trabalhar. Vocês são pessoinhas incríveis e eu os amo de montão!

A Mimoo, Poopa e tio Jody: obrigada por todo o incentivo. O mesmo vale para Mimi, Papa e tio Chris. Várias coisinhas não teriam sido possíveis sem a ajuda de vocês, então obrigada por estarem por perto — não só de mim, mas de toda a nossa pequena família.

À melhor agente de todas, Elana Roth Parker. Eu torcia muito para que você me escolhesse! Obrigada pelo trabalho duro, pela fé depositada em mim e por simplesmente ser tão legal. Se algum dia nós nos envolvêssemos em uma briga de rua, gostaria de tê-la lutando ao meu lado. Digo isso com a melhor

das intenções. ★ABRAÇO★

A Erica Sussman, minha fantástica editora. Muito dessa história só deu certo por sua causa. Muito obrigada por ter apostado em mim. Adoro você, suas canetas roxas e as carinhas felizes que desenha com elas! Eu me sinto mal pelos autores que precisam trabalhar com qualquer outro editor que não seja você. Simplesmente a melhor!

A todos da HarperTeen, por serem tão brilhantes e darem duro. Vocês se tornaram o lugar que por tanto tempo eu quis chamar de "segundo lar", e é incrível como vocês são bons comigo! Muito obrigada!

A Kathleen, que cuida de todos os direitos autorais estrangeiros. Obrigada por divulgar meus livros (e eu!) mundo afora! Isso continua sendo inacreditável para mim.

A Samantha Clark, por cuidar voluntariamente da página Kiera Cass no Facebook, sem se queixar de todo o trabalho que isso dá. Você é muito, muito legal! Obrigada!

A todos que possuem perfil no Twitter, no Facebook ou no Tumblr. Na maior parte do tempo não consigo entender as mensagens em outras línguas, e acho tudo isso uma loucura! Obrigada por serem esforçados, criativos e por falarem comigo. Sério mesmo: vocês são os melhores!

A Georgia Whitaker, por fazer um vídeo bem maneiro e, através dele, conquistar um espaço no livro. Obrigada por me emprestar seu nome!

Estou me esquecendo de alguém? Muita gente, eu sei…

Agradeço à NorthStar Church (que eu JURO que passei a frequentar alguns anos depois de *A Seleção* ter nascido), por fazer a família Cass se sentir em casa e pelo constante apoio.

À FTW… Nem sei o que dizer. Vocês são demais, e eu amo vocês.

The Fray, One Direction, Jack's Mannequin, Paramore, Elbown e muitas outras bandas: agradeço por me inspirarem durante todos esses anos. Vocês são o combustível destas histórias.

O mesmo vale para a Coca-Cola Zero e para o Wheat Thins de baixa

caloria. E para o Milk Duds também. Vocês foram essenciais para a minha sobrevivência, então, obrigada.

O último — e mais importante — agradecimento vai para Deus. Anos atrás, durante uma época difícil da minha vida, a escrita me salvou. Não estava nos meus planos, mas acabou se tornando meu salva-vidas. Acredito que a graça divina tenha sido a grande responsável por isso, pois mesmo nos dias mais estressantes meu trabalho me faz feliz. Eu me sinto mil vezes mais abençoada e, ainda que seja uma escritora, não consigo encontrar as palavras para expressar minha gratidão. Obrigada.



ROBBIE POFF

KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e publicou seu primeiro livro, *The Siren*, em 2009, em uma edição independente. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Copyright © 2014 by Kiera Cass
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The One
CAPA Erin Fitzsimmons
© 2014 by Gustavo Marx/ MergeLeft Reps, Inc.
PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz
ISBN 978-85-8086-991-0

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br